



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA CLÍNICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA-
LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL -
LACLIFEP

TÚLIO LUIZ SANTOS PEREIRA HENRIQUES

**OS FIOS QUE TECEM O CORAÇÃO PARTIDO: compreensão fenomenológica
hermenêutica da experiência de sofrimento em-situação de rompimento do par amoroso**

RECIFE

2022

TÚLIO LUIZ SANTOS PEREIRA HENRIQUES

**OS FIOS QUE TECEM O CORAÇÃO PARTIDO: compreensão fenomenológica
hermenêutica da experiência de sofrimento em-situação de rompimento do par amoroso**

Dissertação apresentada ao Mestrado de Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Práticas Psicológicas Clínicas e Demandas Contemporâneas

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Coorientadora: Prof^ª Dr^ª Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite

RECIFE

2022

H519f

Henriques, Túlio Luiz Santos Pereira

Os fios que tecem o coração partido: compreensão fenomenológica hermenêutica da experiência de sofrimento em-situação de rompimento do par amoroso / Túlio Luiz Santos Pereira Henriques, 2022

234 f.

Orientadora: Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto
Coorientadora: Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2022.

1. Sofrimento. 2. Amor. 3. Relações homem-mulher. 4. Fenomenologia existencial. 5. Heidegger, Martin, 1889-1976. I. Título.

CDU 159.942.6

Luciana Vidal - CRB-4/1338

TÚLIO LUIZ SANTOS PEREIRA HENRIQUES

**OS FIOS QUE TECEM O CORAÇÃO PARTIDO: compreensão fenomenológica
hermenêutica da experiência de sofrimento em-situação de rompimento do par
amoroso**

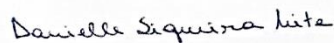
Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovado em 04 / 03 / 2022.

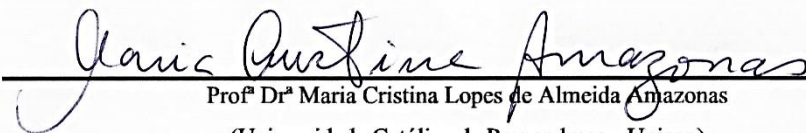
Banca examinadora



Prof^ª Dr^ª Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (Orientadora)
(Universidade Católica de Pernambuco – Unicap)



Prof^ª Dr^ª Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite (Coorientadora)
(Universidade Católica de Pernambuco – Unicap)



Prof^ª Dr^ª Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas
(Universidade Católica de Pernambuco - Unicap)


Cristine Monteiro Mattar

Prof^ª Dr^ª Cristine Monteiro Mattar
(Universidade Federal Fluminense - UFF)

Este trabalho é dedicado aos corações invisíveis que o tornaram possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Inteligência Suprema, Amor Infinito da criação, Causa Primária de todas as coisas, pela possibilidade de existir e por destinar-me, passo a passo, ao seu seio.

Agradeço ao guia e modelo da humanidade, Jesus, pelo amparo constante sem o qual eu não estaria hoje de pé.

Agradeço à espiritualidade amiga, que me intui constantemente ao bem e ao aperfeiçoamento.

Agradeço a minha querida e doce mãe por, junto a meu pai, ter me aceitado nesta encarnação e por tanto amor.

Agradeço a meu pai, pelo incentivo e confiança de todas as horas.

Agradeço à Rosangela Nascimento (minha Rosa), por ser essa eterna manhã em meu caminho.

Agradeço as minhas irmãs, Tuliane e Adriana, pelo carinho imenso a que me destinam.

Agradeço aos meus avós, Elizia e Luiz Henriques, por tudo o que me possibilitaram em meu percurso até chegar à graduação.

Agradeço aos queridos amigos e amiga, Jorge Vasconcelos, Edilson Laurentino e Marta Cristina, por terem me ajudado ainda no pré-projeto e pela solicitude imerecida com a qual me iluminaram no nascedouro deste sonho.

Agradeço ao meu querido irmão, Victor Eduardo, por ser o que é em meu viver.

Agradeço ao Grupo Lar de Jesus, por ter me ajudado a reencontrar possibilidades mais próprias de ser-si-mesmo.

Agradeço à União Espírita Jaboañoense, pela orientação e apoio espiritual nos momentos mais difíceis.

Agradeço às amigas, Ednea Rodrigues e Niedja Maria, por serem minhas mães espirituais nesta senda com a qual evoluo.

Agradeço à querida irmã, Rosângela Nunes, por todas as trocas e o incentivo.

Agradeço ao amigo e professor, Marcus Túlio, pela leitura cuidadosa do meu pré-projeto e pelas singelas palavras que me brindaram de confiança e respeito.

Agradeço de coração a minha estimada revisora textual, Ediane Souza, por ter sido muito mais que uma revisora. Agradeço-a por ter sido luz.

Agradeço às colegas de pós-graduação, Déborah Capozzoli, Alessandra Sawada, Dalva Chaves, Edilza Guimarães e Tatiany Melo, pela boa vontade e carinho.

Agradeço à querida amiga, Tânia, pela inconfundível doçura.

Agradeço aos companheiros da Ciretran-Moreno, por terem me acompanhado com paciência em algumas manhãs de angústia.

Agradeço à Joana, Bernardo, Maria e Rosa, pela confiança em me entregarem um tanto de suas experiências. Foi uma honra ter vocês comigo neste percurso. Sintam-se também autores desta pesquisa.

Agradeço às prezadas professoras e orientadoras, Carmem Barreto e Danielle Siqueira, por acreditarem no meu projeto e por terem me conduzido de modo solícito nesta difícil jornada.

Agradeço às professoras avaliadoras, Cristine Mattar e Cristina Amazonas, pelas contribuições valiosas e pelo olhar atento e respeitoso ao nosso trabalho.

Agradeço à professora Ana Lúcia Francisco pela consideração sempre carinhosa ao meu modo de ser.

Agradeço imensamente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa de estudos recebida.

Agradeço uma vez mais aos corações invisíveis que me fortaleceram nesta caminhada. Afinal, quem sustenta o mundo são aqueles que servem e não os triunfadores. Que neste trabalho, portanto, eu usufrua tão somente da possibilidade de servir.

No silêncio dos vossos pensamentos, eu, o Divino Agricultor, cultivo as vossas
almas.

Espírito de Verdade

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender a experiência de sofrimento que acompanha o rompimento do par amoroso à luz de pressupostos da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger. De início, contextualizei o fenômeno conceituado como *luto*, sendo esta a possibilidade compreensiva para a qual se dirigem as compreensões tradicionais relacionadas à perda significativa, a partir da interrogação do modo de ser deste ente que somos, o *Dasein*; problematizei a experiência do amor em suas determinações históricas, tendo em vista o caráter finito de todas as nossas possibilidades de ser; e, por fim, busquei compreender a relação entre a perda do par amoroso e o sofrimento existencial no diálogo com as experiências dos(as) colaboradores(as) que comigo teceram os fios do *coração partido*. A situação hermenêutica, como proposta por Heidegger, guiou este caminhar em torno de uma abordagem metódica para o método fenomenológico hermenêutico: na reconstrução dos *pontos de vista* na tradição que atravessam o fenômeno interrogado; na desconstrução destes sentidos como *perspectiva*, questionando as condições de possibilidade de suas aparições no tempo; e na construção de um novo olhar, cujo *horizonte* delinea-se em uma dimensão existencial. Foram entrevistados(as) quatro adultos(as) que experimentaram a dissolução da convivência amorosa e que declararam ter sido esta dissolução acompanhada de sofrimento. Cheguei a estes colaboradores(as) intencionalmente por meio da indicação de profissionais psicoterapeutas que os estavam atendendo há pelo menos três meses. Por três oportunidades, recori à entrevista sincrônica *on-line*, enquanto o último encontro fora realizado presencialmente. Utilizei como instrumentos de pesquisa a entrevista narrativa, enquanto recurso não estruturado para recolhimento das experiências, e o diário de campo compreendido fenomenologicamente como *diário de bordo*. As entrevistas com os colaboradores(as) foram analisadas à luz dos pressupostos heideggerianos e sob inspiração da hermenêutica filosófica de Gadamer. Foi possível compreender que tais sofrimentos constituem uma *passagem* como transição na qual os(as) colaboradores(as), diante dos rearranjos forçados e impostos pela irrupção do novo tecido existencial que se apresentam em torno do rompimento, são tomados por tonalidades afetivas muito específicas e que a situação hermenêutica ajuda a compreendê-las nas experiências narradas. *Passagem* essa em que modos de organização espaço-tempo-corporal dos(as) colaboradores(as) se apresentam também de modos muito específicos e que, por isso mesmo, fogem a qualquer pretensa tentativa de teorização ou universalização. Foi possível considerar, ainda, o horizonte de uma clínica que interpele e seja, a um só tempo, interpelada pela condição humana do paciente, tal como ela se mostra no dizer do seu sofrimento. Uma clínica em virtude da qual o clínico, ao sustentar uma disponibilidade radical à relação, acompanhe o desvelar da situação hermenêutica do(a) paciente como possibilidade de desenrijecimento dos impositivos da tradição que por ele são acolhidos e que, portanto, determinam os seus modos de ser e de sofrer. Portanto, não uma clínica previamente postulada especificamente para as situações de *luto*, mas uma clínica que, nascendo das condições de emergência do encontro terapêutico, se desvele no caminho mesmo que dele emana.

Palavras-chave: amor; sofrimento existencial; experiência; fenomenologia hermenêutica; Heidegger.

ABSTRACT

The overall objective of this research was to understand the experience of suffering that accompanies the breakup of the loving couple in the light of assumptions of Martin Heidegger's hermeneutic phenomenology. At first, I contextualized the phenomenon conceptualized as *mourning*, this being the comprehensive possibility for which traditional understandings related to significant loss are directed, based on the question of the way of being of this entity we are, the *Dasein*; I problematized the experience of the loving couple in their historical determinations, in view of the transience character of all our possibilities of being; and, finally, I tried to understand the relationship between the loss of the loving couple and existential suffering in the dialogue with the the experiences of the collaborators who weaved the threads of the broken heart with me. The hermeneutic situation, as proposed by Heidegger, guided the proposed path around a methodical approach to the hermeneutic phenomenological method: in the reconstruction of the *points of view* in the tradition that cross the phenomenon questioned, in the deconstruction of these senses as a *perspective*, questioning the conditions of possibility of their apparitions in time, and in the construction of a new look, whose *horizon* is outlined in an existential dimension. Four adults who experienced the dissolution of loving coexistence and who declared that this dissolution was accompanied by suffering were interviewed. I arrived at these collaborators intentionally by psychotherapists indication who had been attending them for at least three months. On three occasions, I resorted to the online synchronous interview, while the last meeting was held in person. I used narrative interview as a research instrument as an unstructured resource to collect narratives. Such narratives were understood in the manner of Walter Benjamin, inspired by the text *The Narrator*. The field diary, as a resource for the recording of the event, was also a resource used, based on a new designation that better corresponds to the historical-hermeneutic character and unpredictability of phenomenological research: the logbook. The narratives in the interviews with the collaborators were understood in the light of heideggerian assumptions and inspired by the hermeneutic possibilities of understanding in Gadamer. It was possible to understand that such sufferings constitute a *passage* as a transition in which the collaborators, in the face of the forced and imposed rearrangements by the irruption of the new existential fabric that are presented around the rupture, are taken by very specific affective tones and that the hermeneutic situation helps to understand them in the narrated experiences. This *passage* in which modes of space-time-body organization of employees also present themselves in very specific ways and, therefore, escape any alleged attempt at theorization or universalization. It was also possible to consider the horizon of a clinic that intervenes and is, at the same time, questioned by the human condition of the patient, as it is shown in the narrative of his suffering. A clinic by virtue of which the clinician, in sustaining a radical availability to the relationship, follows the hermeneutic situation of the patient as a possibility of desrijecimento of the propeties of tradition that are welcomed by him and which, therefore, determine his ways of being and suffering. Therefore, not a clinic previously postulated specifically for *mourning* situations, but a clinic that, born from the emergency conditions of the therapeutic encounter, is revealed in the same way that emanates from it.

Keywords: love; existential suffering; experience; hermeneutic phenomenology; Heidegger.

LISTA DE SIGLAS

CID	Classificação Internacional de Doenças
CNB	Colégio Nacional Brasil
DSM	Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais
IBDFAN	Instituto Brasileiro de Direito de Família
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	OS FIOS QUE TECEM O PRELÚDIO: um convite ao esperar.....	12
2	OS FIOS QUE TECEM A ESPERANÇA: o meu caminho até a interrogação	19
3	OS FIOS QUE TECEM A MEMÓRIA: o horizonte existencial do <i>luto</i> à luz de pressupostos da fenomenologia hermenêutica	28
4	OS FIOS QUE TECEM O AMOR: interrogando o enlaço da finitude aos modos de amar no horizonte histórico da técnica	55
5	OS FIOS QUE TECEM A PAISAGEM DO CAMINHO: a possibilidade metódica de um caminhar	79
6	OS FIOS QUE TECEM O CORAÇÃO PARTIDO: compreensão fenomenológica hermenêutica da experiência de sofrimento em-situação de rompimento do par amoroso	99
6.1	Coração-Joana: do castelo sem fim à <i>passagem</i>	99
6.2	Coração-Maria: a perda em-situação entre o desespero e a memória	112
6.3	Coração-Bernardo: da expulsão do paraíso à experiência do exílio	123
6.4	Coração-Rosa: a <i>queda</i> (no poço) em um conto de fadas	133
7	OS FIOS QUE TECEM COMPREENSÕES DA <i>PASSAGEM</i> : retecendo possibilidades	146
8	DESTECENDO OS FIOS: breves possibilidades para a clínica psicológica	156
	REFERÊNCIAS	159
	APÊNDICE A – ENTREVISTAS INDIVIDUAIS	166
	APÊNDICE B – DIÁRIOS DE BORDO	221
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	229
	NOTAS	232

1 OS FIOS QUE TECEM O PRELÚDIO: um convite ao esperar

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar. (Brecht, 1982, p. s/n).

Nessas páginas têm início os fios de um esperar que tecem uma pesquisa de campo. Busco como objetivo geral compreender a experiência de sofrimento que acompanha o rompimento do par amoroso à luz de pressupostos da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger. Para tanto, especificamente, pretendo contextualizar o fenômeno conceituado como *luto*, sendo esta a possibilidade compreensiva para a qual se dirigem as compreensões tradicionais relacionadas à perda significativa, a partir da interrogação do modo de ser deste ente que somos, o *Dasein*; problematizar a experiência do amor em suas determinações históricas, tendo em vista o caráter finito de todas as nossas possibilidades de ser; e, por fim, compreender a relação entre a perda do par amoroso e o sofrimento existencial no diálogo com as narrativas das experiências dos(as) colaboradores(as) que teceram comigo os fios do *coração partido* nesta pesquisa.

Este trabalho pretende, em suma, fazer uma fenomenologia do rompimento do par amoroso e do sofrimento possível que o acompanha. De um rompimento que se mostra na *dissolução* da convivência. De uma dissolução que, em última instância, é a experiência de uma morte possível. Por enredar aspectos movediços da experiência humana, quais sejam o amor e a perda, fazer a delimitação do que necessariamente constitui o contexto do que pretendo estudar se torna muito difícil. Portanto, importa afirmar que, ainda que vise deixar claro o objetivo geral deste caminho de pesquisa, naturalmente outras fronteiras podem turvá-lo. Aliás, como veremos mais adiante, o que intento neste trabalho é tão somente oferecer uma possibilidade compreensiva do sofrimento que acompanha a morte (dissolução) da convivência do par amoroso sob a luz da fenomenologia hermenêutica e não uma evidência na qual possa se amparar uma determinada e pretensa tentativa de universalidade sobre o fenômeno, conquanto se saiba que todo o fenômeno humano só é passível de compreensão situado em seu contexto histórico.

O estudo monumental de Caruso (1986), de sua vez, intitulado *A separação dos amantes: uma fenomenologia da morte*, a este respeito apresenta indicativos preciosos para

que possamos pensar a delimitação do fenômeno interrogado. Entretanto, o meu interesse aqui é a experiência, especificamente o sofrimento que acompanha uma perda significativa, assumindo-a no contexto da separação dos *amantes*. Amantes aqui no sentido estrito do termo, isto é, no sentido de pessoas que se amaram e tiveram uma relação significativa. Naturalmente que uma relação significativa tem variados sentidos, mas para que uma delimitação me seja neste prelúdio possível intento compreender a experiência de sofrimento do amante que é ou foi atravessado por afetos genuínos pelo(a) seu/sua ex-companheiro(a). Isto, evidentemente, excluirá as situações implicadas em casos de violência e os relacionamentos casuais. Mas trataremos disto mais tarde no capítulo metodológico, no qual se perfaz o meu caminhar metódico, especificamente no momento em que descrevo os critérios de inclusão e exclusão dos(as) colaboradores(as) da presente pesquisa.

Antes de prosseguirmos, importa salientar que a busca para a compreensão do fenômeno humano, como um todo, clama por uma alternativa ao saber hegemônico que devolva ao ser humano, em todos os seus aspectos, a sua condição de ente inobjetivável. Nesse sentido, enfatizo a possibilidade de se compreender a experiência de sofrimento nesta dissertação de modo outro, no que concerne ao rompimento do par amoroso, que não implique nas categorizações sancionadas pelas psicologias da modernidade, pela psicanálise e pela psiquiatria. Isto porque as teorias, de modo geral, ainda procuram evidenciar os rompimentos dos pares amorosos e as rupturas em geral, que são mortes possíveis em nosso horizonte finito e os sofreres que os acompanham, na órbita teórica-explicativa, lançando mão da entificação da condição humana em gráficos, números e representações. As mortes possíveis são sempre do outro, em virtude dessa distância traçada pelo projeto tecnocientífico da modernidade entre o humano e o que lhe é constitutivo. A compreensão das mortes possíveis é reduzida, portanto, ao reino da relação sujeito-objeto.

Entretanto, Heidegger não pensa a morte apenas como um acontecimento de ordem fáctica¹. Em uma compreensão heideggeriana, pensa-se a morte nos contornos da condição de finitude, de um sempre horizonte finito de possibilidades de ser do ente existente. A morte, por conseguinte, não é ausência de vida, mas a realização a cada vez de um poder-ser. Assim, pode-se dizer que o modo de ser do existente em Heidegger repousa constitutivamente na transitoriedade, como vai apontar Casanova (2021), afinal, “a morte é um modo de ser que a presença (*Dasein*) assume no momento em que é” (Heidegger, 2017, p. 320). As sombras da

¹ Chamamos de *facticidade* o caráter de fatualidade do fato da presença em que, como tal, cada presença sempre é. [...] O conceito de facticidade abriga em si o ser-no-mundo de um ente “intramundano”, de maneira que este ente possa ser compreendido como algo que, em seu “destino”, está ligado ao dos entes que lhe vêm ao encontro dentro de seu próprio mundo (Heidegger, 2006, p. 102).

transitoriedade, aliás, aqui compreendidas como possibilidade de um ser em-transição e que podem se desvelar originariamente em um estar-situado, isto é, na angústia perante a sua finitude e diante da impossibilidade de supressão radical de sua condição de indeterminação por modos identitários, historicamente constituídos, de organização espaço-tempo-corporal que normalizam e normatizam o existir Casanova (2021).

Em sendo, assim, a morte um mistério que remete à vida e a vida, de igual modo, um mistério que remete à morte, a lida com essas condições de existir não pode prescindir, a meu ver, de um olhar que as sustentem em suas possibilidades mais próprias. A perda como fenômeno que acompanha a condição de finitude do ente humano, nos contextos que envolvem dissoluções amorosas, não poderia, por sua vez, receber para a sua compreensão outro campo de consideração. Afinal de contas, a possibilidade da morte ou dissolução do par amoroso, no horizonte finito de possibilidades de ser do ente existente, já sempre se apresentou como possibilidade, o que parece colocar em questão os modos identitários de se relacionar no contexto de um par amoroso que se sedimentaram na história e que, de algum modo, ainda nos acompanham no contemporâneo com promessas de infinitude e segurança. Mas a essa questão voltaremos mais à frente.

Nessa direção, importa o salto para ver o que a ciência não vê, isto é, o sentido da experiência revelado na possibilidade mais própria da existência: a morte. Desse modo, penso ser de fundamental importância para a construção do conhecimento investigações que partam de outros pressupostos, que busquem reconhecer o humano, levando em consideração a dimensão ontológica do existir, conforme indica Heidegger (2012c) e que, para Nunes (2010), se tornou inafastável. Ou mesmo partindo de pressuposto algum, mas da própria experiência que se mostra. Por outro lado,

[...] a investigação ontológica é um modo possível de interpretação, caracterizada como elaboração e apropriação de um entendimento. Toda interpretação tem seu ter-prévio, seu ver-prévio e seu conceber-prévio. Se ela, como interpretação, assuma a expressa tarefa de uma pesquisa, então o todo dessas “pressuposições” por nós denominado a *situação hermenêutica* requer uma prévia elucidação e uma segurança, a partir do “objecto” e no interior de uma experiência fundamental desse “objecto” a ser aberto. (Heidegger, 2012c, p. 641).

Pensando a morte nessa dissertação enquanto *dissolução da convivência* de um par amoroso, antevejo a possibilidade de se pensar a perda e as possíveis correlações deste fenômeno com a experiência de sofrimento, a qual chamarei de *hermenêutica do coração partido*, numa perspectiva fenomenológica hermenêutica. Este cenário revela-se na

contemporaneidade de modo cada vez mais incisivo na clínica psicológica e tem me convocado a atenção para a experiência concreta e singular da existência que me procura, conquanto a separação signifique “a eclosão da morte na consciência humana, não de forma ‘figurada’, mas de modo concreto e literal” (Caruso, 1986, p. 19). Nesse sentido, penso que a desconsideração da situação hermenêutica da existência, bem como do seu caráter originariamente negativo, isto é, sem substância prévia que a determine, nas lides tradicionais dessa experiência, é um equívoco que aclara para mim a necessidade de aproximação à condição humana de modo outro que não os já explicitados na história pelas psicologias, pela psicanálise e a psiquiatria e que, portanto, procure compreender o sofrimento do existente como remissão à sua condição indeterminada e transitória sempre em tensão com um horizonte histórico significativo.

Estes campos do saber, ao que parece, procuram estabelecer relações de causa e efeito sobre o fenômeno em questão, definindo-o como *reação psíquica* ou *cognitiva* a se desdobram em um conjunto de acontecimentos previamente determinados. A essa *reação* chamam de *luto* e, com isso, embasam as práticas clínicas em geral, ao que se direcionam prescritivamente para o horizonte da universalização. Da necessidade de universalização, lógica que se mostra no campo das ciências naturais, ressoam elaborações nosológicas nos manuais e nos catálogos de doenças, como o DSM-V e o CID-10 (o *luto normal* e o *luto patológico*) e na atomização ou linearização do fenômeno, como no enquadre da referida experiência em *fases*. No entanto, a experiência com a perda, dado o seu caráter fundamentalmente singular, como todo fenômeno em si, remete, ao que parece, a uma condição mais originária da experiência, qual seja a *transitoriedade* das nossas possibilidades de ser que põe em realce, de saída e a cada vez, a finitude do existente.

Nesse caminho, é imperioso questionar aqui a naturalização e a psychologização dos sofreres relacionados à perda significativa, tendo como perspectiva o contexto histórico aos quais estão situados e são produzidos, como possibilidade de uma apropriação existencialmente fundada do que se interroga ao tentarmos compreendê-los em suas existencialidades. Eis uma das esperanças que regem esta dissertação: a possibilidade de inflexão no caminho do pensamento em relação aos modos puramente técnicos e naturalizantes de compreender os fenômenos humanos em relação as perdas significativas e, por sua vez, no que diz respeito às práticas clínicas que subjazem a estas compreensões.

Penso também ser de fundamental importância que esta pesquisa insurja como possibilidade de problematização dos processos de invisibilização dos sofrimentos, ainda que testemunhe a ação clínica dos profissionais de saúde determinados, dentro dos seus campos de

atuação, à legitimação ético-política da experiência humana de um modo geral. Nesse contexto, pesquise a perda significativa por esperar a possibilidade de dar visibilidade ao fim e atender ao apelo à dignidade de uma morte como *dissolução*. Pesquisar a perda, portanto, se manifesta aqui ético-politicamente, ao possibilitar a mim a busca solícita pela legitimação da dor dos semelhantes, manifesta perante uma separação. É também dessa esperança que se nutre esta dissertação. Dito isto, me destino agora a lançar luz sobre a síntese dos capítulos que se sucedem.

Para aclarar meu ponto de partida, inicio com uma narrativa que descreve o meu percurso até a interrogação de pesquisa. Relato neste momento a minha experiência na graduação e todas as inquietações que me tomaram no caminho do pensamento, desde as reverberações do que tacitamente como estudante de psicologia me vinha ao encontro, até a incursão no estágio supervisionado, no qual tive a oportunidade de atender uma paciente cuja a queixa se referia a perda do companheiro que havia posto fim a própria vida. Nesta ocasião, como veremos, o borbulhamento de interrogações me conduzia a uma *mudança de perspectiva* e me lançava a um modo de compreensão outra da experiência que se mostrava.

Procurando alargar as minhas concepções prévias na situação hermenêutica da pesquisa, teço os fios de outros dois momentos que compõem o meu *ponto de partida*. Demarco primeiramente o modo como vou olhar para a experiência dos meus colaboradores(as). Reflito aqui sobre a experiência com a perda em sua dimensão existencial. Para tanto, busco me aproximar da situação hermenêutica que determina a compreensão da experiência conceituada como *luto* na história, sendo essa a compreensão que as teorias vigentes relacionam às perdas em geral, a começar pelas elaborações freudianas e seus leitores, movimentando-me em diálogo com as possibilidades compreensivas no campo da psicologia tradicional e da psiquiatria, a fim de que, em torno de uma crítica desconstrutiva acerca destas compreensões, possibilidades compreensivas outras, como diferença fundamental, se apresentem à luz da fenomenologia hermenêutica. Ver-se-á, por fim, que os pressupostos que encaminham a possibilidade compreensiva do *luto* em uma dimensão existencial partem de uma concepção prévia de que existência é transitoriedade e que as perdas, por isso mesmo, fazem parte da condição vulnerável de ser-no-mundo-com-os-outros.

Depois, mergulho sobre as águas caudalosas do amor, onde me destino a pensar a crise do amor no contemporâneo, no bojo da investigação dos vestígios do amor romântico na nossa era, a Era da Técnica. O fio condutor deste capítulo é uma crônica da escritora Clarice Lispector, intitulada *Por não estarem distraídos*, por meio da qual ela nos conta sobre o trânsito desta determinada *crise*, na qual se vê realçada a relação originária entre amor e perda

e, por sua vez, a possível relação desta experiência, a perda, com o sofrimento existencial. Discuto neste capítulo, em diálogo com alguns autores, a proveniência da compreensão da experiência amorosa em suas determinações históricas, desde os gregos, passando pela insurgência do amor romântico na ocidentalidade, até emergir na ambiência contemporânea, na qual vislumbro horizontes compreensivos que ressoam dos vestígios da tradição. Neste capítulo, se afunila o que pretendo especificamente interrogar: a experiência de sofrimento que acompanha o rompimento do par amoroso.

A possibilidade de um caminhar metódico vem à presença no capítulo quarto. Aqui se anuncia o modo como teço os fios desta pesquisa e como a pesquisa em si mesma vai, no caminhar, destecendo e retecendo o que a torna possível. Cumpre ressaltar que é o pensamento de Heidegger, o modo como compreende a existência e propõe as condições de possibilidade da compreensão, que ilumina as possibilidades deste caminho. Refletindo sobre a importância da pesquisa qualitativa, vou no texto trançando os contornos fenomenológicos hermenêuticos que me guiam. Fenomenologicamente estes contornos vão me situando num modo de conceber a pesquisa como itinerário que se dá no *acontecimento* e prescindem do método tal como se convencionou na modernidade. Ainda neste capítulo discuto os pressupostos que determinarão o modo como abrigo na pesquisa os “instrumentos” que a desvelam. A entrevista narrativa como possibilidade do encontro com a experiência e o diário de campo, tal como apreendido fenomenologicamente por alguns autores, foram recursos meditados. Em seguida, teço as condições de possibilidade de compreensão das narrativas dos colaboradores(as) inspiradas na hermenêutica filosófica de Gadamer. A seu fim, descrevo, passo a passo, o salto no campo.

No capítulo quinto teço a analítica das entrevistas narrativas recolhidas na minha imersão no campo. Foram realizados quatro encontros, considerados “paragens”, em torno dos quais converso com os(as) meus/minhas colaboradores(as). Opto por um texto narrativo para caracterizar a minha incursão em cada paragem aludida. Tal opção objetiva reconciliar a cada vez esta pesquisa com a historicidade do existir revelada nas situações hermenêuticas as quais me destino a aproximação: os *pontos de vista*, as *perspectivas* e os *horizontes* de sentido desses que participam e tecem comigo no diálogo os fios de um caminho possível para a compreensão fenomenológica hermenêutica dos seus sofrimentos. A partir da experiência tal como ela se mostra, procuro compreender o que constitui existencialmente a dissolução de uma convivência amorosa e as suas repercussões na experiência de sofrimento dos colaboradores(as), reiterando que o sofrimento é uma possibilidade e não uma determinação do acontecimento da separação.

Convido agora, você leitor ou leitora, certos de que nada deve parecer impossível de mudar, a compartilhar comigo deste esperar. Afinal, é urgente ter esperança nestes tempos.

2 OS FIOS QUE TECEM A ESPERANÇA: o meu caminho até a interrogação

Quando pensei que tudo estava cumprido
havia outra surpresa: mais uma curva
do rio, mais riso e mais pranto.
Quando calculei que tudo estava pago,
anunciaram-me novas dívidas e juros,
o amor e o desafio.
Quando achei que estava serena,
os caminhos se espalmaram
como dedos de espanto
em cortinas aflitas. E eu espio,
ainda que o olhar seja grande
e a fresta pequena (Luft, 2005, p. 21).

A esperança como louvação à vida me conduziu à aproximação da dor humana. De fato, do verbo esperar ascende a existência. O caminho esperançado, de sua vez, não conduz de saltos. Antes, se desvela passo a passo no fluxo dos instantes. Aqui, conto um pouco sobre esse caminho esperançoso até a minha interrogação de pesquisa, desde as minhas inquietações com os pressupostos da psicologia tradicional, passando pelo que me convocava pré-reflexivamente ao pensar fenomenológico heideggeriano, até a minha incursão no estágio supervisionado da graduação, no qual pude ter a oportunidade de receber uma paciente em sofrimento, queixando-se das repercussões da morte do seu companheiro em sua existência, e questionar, assim, o que pensava até então sobre o fenômeno conhecido como *luto*.

Quisera antes de entrar na graduação de psicologia que o meu próprio ser-estudante fosse um deixar-se surpreender. Um surpreender-se como quando a morte ainda surpreende os espíritos distraídos. Pode-se dizer desse deixar-se surpreender como fundamento de um arrebatamento, o mesmo descrito em um poema por Hölderlin, no qual um deus o arrancava do tormento dos homens e ele podia ser-si-mesmo entre as flores e aprender a amar. No entanto, ao mesmo tempo eu sabia que a morte *é*, estava sendo em mim e, a partir de mim, enquanto existente, se dava o seu essencial desvelo. Tão doce e gentil sempre fora a morte em meu caminho. De modo que em todas as disciplinas da graduação, em certo sentido, procurava uma interior relação do que estava sendo discutido com ela, a morte, esta possibilidade de toda impossibilidade.

A morte, por outro lado, nunca para mim foi um mistério, visto que a reflexão por meio da qual dela eu me apropriava sempre perpassa e ilumina a minha compreensão da vida. A vida como o fatal sopro da morte que acende a vela da finitude. A morte que se mostrava e

se mostra a cada vez no curso inexorável da vida. A morte: o aceno tardio e ininterrupto da vida.

Todavia, o sofrimento que acompanha a finitude me inquieta, me reconcilia com a estranheza de ser solicitado por algo enigmático e que desaloja. E muito mais me inquietava o sofrimento intimamente ligado à perda de um alguém significativo, este que as psicologias, a psicanálise e a psiquiatria, no campo dos saberes que beberam e bebem da fonte do projeto tecnocientífico da modernidade, conceituam como *luto*. Esta atmosfera existencial sempre me pareceu algo inexplorado em sua existencialidade. E é justamente dessa concepção, do que permaneceu impensado, que vigorava para mim, inspirado em Heidegger, a possibilidade de sua compreensão. Olhava assim para este fenômeno, talvez, porque nesse tempo eu o associava, em verdade, ao abandono, sendo o modo de ser do abandono como eu transluzia a minha própria existência, a minha obra de ser. O fenômeno compreendido como *luto* era, sob o meu olhar, a minha quietude inquieta. Era como um poder-vislumbrar diante da dor dos outros a morte dos meus, dos meus projetos, dos meus sonhos, enfim, de tudo o que eu podia e não pude amar.

Posso dizer dessa minha perplexidade com este fenômeno, algo que viria a ser conjugado a minha curiosidade de pesquisa mais tarde, que eu sempre vi uma beleza oculta nele. Não uma beleza, em torno da qual eu pudesse atribuir-lhe um mero valor estético, mas uma beleza contemplada pelo que me tomava existencialmente. Uma beleza que era, recordando Han (2021b), a revelação mesma da dádiva que é a dor. Todavia, algo ainda precisa ser dito e ser junto à demarcação da posição prévia no caminho até a minha interrogação: o fato de que toda a dor é invisível. Repousava aí, na sua invisibilidade, a possibilidade de a minha pessoa, como graduando à época e futuro psicólogo, estar diante da dor dos outros.

Sobre este estar-diante, o ensaio de Susan Sontag (2003), *Diante da dor dos outros*, é revelador, ao evidenciar a dessensibilização da humanidade perante a desgraça do semelhante, transpassada por uma mescla de indiferença e prazer. Por isso, tal possibilidade era e ainda é uma convocação, um traço ético-político fundamental do ser-psicólogo. Porquanto, é no estar-diante da dor do outro, na ação clínica, que a invisibilidade da dor pode se tornar visível em suas possibilidades de desvelamento e ser re-colhida num padecer-junto, ouvida como possibilidade de pôr-se-a-caminho no diálogo: pôr-se-em-obra da verdade. Eis aqui, uma vez mais, uma das marcas da minha esperança.

É nessa direção de sentido que afirmar o meu caminho esperançoso até a minha interrogação de pesquisa é como um rebelar-se contra o processo de invisibilização da dor dos

outros no contemporâneo. De fato, como ressalta Alexandre Cabral (2021) em seu livro *Compaixão e Revolta*, a compaixão perante a dor do outro só tem vitalidade existencial quando indissociada da revolta, do rebelar-se, que aponta fundamentalmente para um *agir* solidário, sem o qual toda a disposição de dar visibilidade à experiência de sofrimento de um semelhante recai em um sentimentalismo difuso. Dito de outro modo, e levando para o contexto do psicólogo em específico, não pode haver ação clínica enquanto ser-disponível ao outro na revelação do seu sofrer, sem estar acompanhada de uma indignação que a situe, assim, ético-politicamente.

Todavia, este caminho esperançoso, como todo caminho do pensamento, me ofereceu curvas ao sentido de inquietações pelas quais pude interrogar humildemente tudo o que vinha ao meu encontro em termos de psicologia. Sem dúvida, a experiência com a humildade me levava ao afastamento, pouco a pouco, do que me era orientado e logo me reaproximava de um *sentido* outro na contemplação de um horizonte compreensivo que ascendia da sua própria interrogação. É o caminho sereno na inquietude que “re-colheu unindo e distinguindo. Mas um re-colher disponível. É o re-colher o sentido, o dispor à liberdade” (Miranda, 1969, p. 19, cit. em Heidegger, 1969). Liberdade esta do interrogar mesmo, doado pela condição hermenêutica do ser humano.

A minha compreensão da psicologia durante a graduação foi transpassada pelas sendas teórico-explicativas que figuram o projeto tecnocientífico da modernidade. Estive durante todo o meu percurso como estudante transitando entre a compreensão de um paradigma pré-determinado pela pretensão de objetivação da existência e o que me desalojava para além destas determinações, ainda que naquele momento este “para além” me fosse tácito. A minha experiência a partir de si mesma colocava à prova as minhas expectativas, pautadas no que houvera aprendido nas teorias e no que seguia protocolarmente dentro da instituição de ensino que estudava, a qual viria fazer o estágio supervisionado mais tarde. Eu experimentava a *crise* serena do pôr-se à prova, a partir da interrogação silenciosa que leva a uma mudança de *perspectiva* no caminhar.

Realmente, o modo como eu estava disposto ao exercício das minhas atividades de estudante já apontava tacitamente para a interrogação do que me era imposto institucionalmente: a pertinência entre a minha experiência, a prática do psicólogo em geral e a bagagem epistemológica que eu carregava me dava a conhecer a tensão entre o meu conhecimento tácito² e o meu conhecimento explícito teórico.

² Sobre o conhecimento tácito, recorro à seguinte reflexão de Figueiredo (1993, p. 91): A atividade profissional do psicólogo requer uma *incorporação* dos saberes psicológicos às suas habilidades práticas que mesmo o

Naturalmente, pela força das coisas e do que compunha o processo de minha formação, todos estes aspectos acabariam ressoando em meu caminho e se dariam mais tarde especificamente no serviço de plantão no qual fui estagiário. Durante o plantão, eu era orientado a seguir um protocolo para atender, desde a estruturação da *anamnese*, passando pelas nossas vestimentas (jaleco), até o tempo para os atendimentos e os modos já previamente postos para o encaminhamento do paciente em sofrimento. Sentia-me impotente ante aos apelos do que pré-compreensivamente me tomava e ao que se instaurava em todos aqueles protocolos reproduzidos por mim de modo, até então, irrefletido.

Invadido, então, por esta estranheza originária, que no caminhar põe em jogo o que previamente encontra o humano, vi, durante determinado atendimento no plantão, ruírem, de modo mais incisivo, os muros do previamente estabelecido pelas teorias. Ao receber uma paciente, que procurava este serviço queixando-se das repercussões da perda do companheiro na sua existência, o qual tinha posto fim à própria vida, me atravessava a possibilidade de uma ação clínica que compreende a existência e o sofrimento que a acompanha de modo outro, alternativo às determinações oriundas das compreensões prescritivas e naturalizadas da experiência com perdas significativas apreendidas em minha formação em psicologia.

Ouvir aquela paciente me lançava ao estranhamento de mim mesmo enquanto estudante, ao que até então compreendia como ser-psicólogo, mas, ao mesmo tempo, me causava espanto, no sentido radical do termo, na medida em que se apresentava a partir de mim a possibilidade de um corresponder diferente às solicitações da existência no que diz respeito ao que eu pré-compreendia como ação clínica. A experiência com ela en-caminhou, mediante a minha escuta solícita, interrogações sobre os modos como compreendia a dor e o sofrimento humano, ao que já rumava durante esse encontro, e nos posteriores, para um horizonte de sentido que abriga estes fenômenos em suas existencialidades originárias. Mas antes de avançar, sinto a necessidade de, brevemente, descrever o contexto do primeiro encontro.

O marido dessa paciente tinha morrido há três meses, mas a sua queixa apresentava-se em carne viva, como se ela ainda o visse naquele fatídico dia em que pôs fim a sua vida, desarticulando de início uma noção previamente acolhida por mim de um tempo que se dá cronologicamente nestes contextos. Questionava-se, com o coração partido, sobre o porquê de ele ter feito aquilo se dizia que tanto a amava. As memórias borbulhavam como revelações de

conhecimento explícito e expresso como *teoria* só funciona enquanto *conhecimento tácito*; o conhecimento tácito do psicólogo é o seu saber de ofício, no qual as teorias estão impregnadas pela experiência pessoal e as estão impregnando numa mescla indissociável; este saber de ofício é radicalmente pessoal, em grande medida intransferível e dificilmente comunicável. (Grifos do autor).

um presente que não distava do passado, imperecíveis e imensas como o que é da ordem da voz humana. A dor que dilacerava, inlocalizável, apontava para a necessidade de apropriação de um novo modo de existir-com a família e, mais especificamente, com os filhos. Uma beleza oculta se apresentava. A beleza do dizer que se diz silenciosamente. Algo dela me tocava a existência de um modo que ainda não consigo traduzir em palavras, mas que secretamente me devolvia, como revelação, uma possibilidade mais própria de ser-estudante de psicologia. Ela não sabia, talvez eu também não, mas aquele atendimento mudaria o meu percurso existencial, não apenas o meu caminho como graduando.

Gostaria de fazer uma parada no fluxo da narrativa para transcrever uma epifania de minha autoria sobre o coração em ruínas, o sofrimento da minha paciente.

Não há nada mais belo para mim do que um coração em ruínas. Um coração triste e forte de ser tanto o que amou quanto o que não pôde amar. Um coração que não precisa se reconstruir para ser tão bonito quanto a amplidão do céu. O próprio caminhar é a sua reconstrução. A beleza desse coração é o que deixou pela estrada, o que foi preciso abrir mão, a renúncia definitiva à inteireza desde sempre perdida. A beleza dele são as flores que não colheu, as palavras que não disse, o olhar que não dirigiu aos perdões, as preces que não fez. Cicatrizes que são sua origem e, ao mesmo tempo, sua finalidade. Um coração em ruínas é como uma reverência à fragilidade humana, em torno da qual ele mesmo constrói sua casa e faz morada. Coração em ruínas nunca é um, é sempre outro, que chama e é chamado pelo que chama, que ver e só é visto no que ver. Coração de ir embora e fazer lá no fundo ruína do instante em que se pode resgatar o amor. Do instante que é ferida aberta. Instante sem relógio, sempre um regresso. Coração-ruína ele mesmo como um silêncio aguardado. Coração-ruína de ser coração-menino: voar como quem salta no abismo. Queda-salvação. Sem ressurreição, fundir-se a alma dele que está por aí, no ar, no despudor de ser mais uma morte, e nascer como os lírios ao redor das ruínas. Ser ruína-coração. Algum recomeço que o receba como bom filho pródigo...

Acompanhei por quase um ano essa paciente (mediante um pedido da mesma, iniciamos um acompanhamento terapêutico, revogando na prática o já instituído que, no caso em questão, era o fato de não poder atendê-la sistematicamente, caso tivesse sido eu o plantonista que a houvesse atendido no Plantão), tempo necessário para, por meio de um caminho meditativo, poder interrogar humildemente as compreensões que situam a experiência diante da perda, compreendida como *luto*, em um conjunto de *fases* (Bowlby, 2004; Parkes, 1998), *estágios* (Kübler-Röss, 2017) e *etapas* ou *tarefas* (Worden, 2013), que precisam ser executadas para uma eventual *elaboração psíquica* ou *readaptação à realidade* sem o objeto de amor perdido; aquelas compreensões que determinam a necessidade de um *desinvestimento libidinal* ou *desconexão* com quem se foi (Freud, 1915[1917]; Bowlby,

2004); bem como aquelas outras compreensões que visam demarcá-la na fronteira entre o normal e o patológico nos manuais de doenças.

Sobre a problemática da *desconexão* ou *desinvestimento libidinal* em relação ao objeto de amor perdido, vale fazer um breve relato. A paciente me dizia sempre que tinha “vontade de ir embora” e isto me deixava preocupado com os sentidos que ela estava dando a este “ir embora”. Tão logo descobro que se tratava de “ir embora” para junto dele, do seu ex-companheiro, mas que isto não correspondia necessariamente à vontade de pôr fim a sua vida, e sim a possibilidade de simplesmente estar com ele mais uma vez. Recordo que em um dos atendimentos ela dizia que se contentaria caso pudesse revê-lo apenas um dia “como espírito mesmo”. As suas amigas pediam para que ela o esquecesse e procurasse outro companheiro, ao passo que ela dizia ser isso impossível, pois ninguém esquece o que está na lembrança e também pelo fato de que ela não queria substituí-lo, pois ele tinha “marcado” a sua existência. Ela desejava permanecer-com ele. Na sua memória, ao mesmo tempo em que havia a revelação de que ele era uma ausência, o que os unia determinava-lhe certa presença dele nesta ausência. “Ir embora” se mostrava no sentido de um permanecer. Diante disto, me perguntava se seria possível uma desconexão ou um desinvestimento da economia libidinal em relação ao seu ex-companheiro e de que modo isto seria possível.

Todas essas interrogações nasciam da tensão entre o anunciado na experiência da minha paciente em sua estrutural abissalidade existencial e a minha tentativa de encaixá-la nas teorias vigentes sobre o fenômeno que se apresentava. Durante a redação da ficha de *evolução*, sentia que deixava escapar significativas possibilidades de compreendê-la em seu sofrimento singular, numa espécie de confissão a mim mesmo diante do ser-insondável da existência. Entretanto, “na paciência prospera a magnanimidade” (Heidegger, 1969, p. 41) e é preciso angustiar-se na paciência, para que o fenômeno apareça no brilho do seu desvelar o encoberto.

Interrogações iam, pouco a pouco, me mobilizando, me angustiando, como se partejassem uma definitiva renúncia às minhas certezas e me lançassem à docilidade do desconhecido: como compreender o sofrimento narrado por aquela paciente? Este sofrimento e a experiência relatada poderiam ser considerados como provenientes de um *eu* intrapsíquico? Indicariam uma dor substancializada num íntimo, numa subjetividade encapsulada pela interioridade? Haveria a possibilidade de compreender aquela experiência de modo outro, que não o tradicional, isto é, abandonando as explicações ofertadas pelas teorias e pela categorização explicitamente dada pelo saber hegemônico em Psicologia? O que

o seu *coração partido* me dizia em sua narrativa? Para quais horizontes essa angústia me apontava na falta de confirmações teóricas?

Concluída a minha graduação, escuto o que tem a dizer a minha destinação e começo a estudar a prática clínica do psicólogo iluminada pelos pressupostos da fenomenologia hermenêutica. Vislumbre e perplexidade: antevia nas primeiras aulas a possibilidade de sustentação do inexprimível: o fenômeno humano como tal. Um sustentar como uma disposição que no caminho me abria à possibilidade de ouvir a confissão dos enigmas, luzidos pelo próprio caminhar do pensamento. Caminhar do pensamento que remetia e, ao mesmo tempo, me reconduzia à sustentação dos paradoxos que nascem na prática e na consideração de um determinado objeto para a psicologia, conforme aponta Figueirêdo (2018).

Por ter como traço fundamental a sustentação do mistério, importa dizer que o meu caminho, como qualquer caminho do pensamento, foi e é solitário e lento e, a um só tempo, como nos indica Heidegger (1969a), perigoso, pois “pensar é a limitação a um pensamento que em algum tempo como uma estrela no céu do mundo permanece fixo” (p. 31). Da mesma forma, é perigosa a palavra. O que, afinal, pretendemos quando pronunciamos, no clamor do pensamento originário, uma palavra que o distinga em meio a todos os outros? A palavra proveniente de um pensamento inquiridor é sopro que não recai no significado e este é o seu perigo.

O filósofo do velamento, como se refere Byung-Chul Han a Heidegger, me ajudava na mudança de direção, de perspectiva, me conduzindo serenamente, ao diálogo com o seu pensamento e, portanto, a superação de algo assim como uma dicotomia entre a filosofia e a psicologia “e a conseqüente formulação da pergunta estrutural tanto de uma quanto de outra: a pergunta acerca da potencial transformação que pode emergir de experiências humanas radicais” (Casanova, 2021, p. 428). Afinal “a serenidade que sabe é uma porta abrindo para o eterno” (Heidegger, 1969, p. 71). Para o eterno como eterna abertura do aberto e disposição ao inesgotável que é a compreensão do *como* da experiência. Escrevo, então, para que eu possa me subtrair, diminuir a tal ponto que só enxerguem nessa dissertação vestígios do meu coração.

Distinguindo, entretanto, Heidegger como filósofo do velamento, não quero de modo algum atribuir-lhe uma identidade, mas, precisamente, assumi-lo em seu pensamento como um apascentar silencioso que indica para mim um caminho de resignação ao mistério. Um resignar-se perante o essencial no desconhecido. Desconhecido concebido não como certa limitação consciente da originária condição humana de compreender o ser das coisas, mas como uma afirmação do *instante desencobridor*, que é precisamente o limiar entre o oculto e

o que se mostra. Quero dizer com isso que o que se mostra no *instante*, morada de todas as eternidades, em sua determinação temporal é também desconhecido, visto a impossibilidade de apreensão do fenômeno na totalidade: o conhecido (o que se mostra a partir de si mesmo) é a um só tempo desconhecido (se oculta, regressa ao ser onde repousa em sua originariedade).

Algo de *interminável* eu assumia a partir das minhas possibilidades de ser. Concluo meu curso de pós-graduação em prática clínica na perspectiva fenomenológica existencial levando a cabo ainda um processo de transição, tanto que o texto que marca esse término transcreve considerações do caso supracitado, a partir de considerações humanistas-fenomenológicas. Todavia, em minha prática clínica procurava pôr-em-movimento esse *interminável* no atendimento a pacientes que apresentaram outras situações de perda a desvelarem passagens muito dolorosas. Passagens que pareciam indicar em suas gêneses algo de *interminável*, mas que ao mesmo tempo se afigurava como *indeterminável*, e que Heidegger me ajudava a compreender com a fenomenologia hermenêutica em seus específicos contextos. Sem dúvida, o *indeterminável* é impassível de explicação, de associações e apreciações universalizantes. A minha tarefa era, portanto, correspondê-lo, situando-o sempre como um horizonte junto o qual eu poderia, ao ser tocado pelos seus contornos, tecer e ser tecido pelos fios de uma *possibilidade* compreensiva.

Continuava meu caminho, agora como psicólogo, diante destas inquietações. Em meu consultório o amor foi um destes *indetermináveis*, dessas coisas que sempre escapam. Ouvi atentamente sobre muitas renúncias, muitos apelos da dor de existir em narrativas que punham em jogo relacionamentos que se desfaziam. Sonhos que tinham se tornado impossíveis, a realidade dura e indigente tornada história, tudo o que parecera sem fim esvaziado, desilusões, angústias inconciliáveis. O amor como um irmão da ruptura se mostrava, restringindo, privando e fragmentando. Pacientemente solícito, como aprendera, eu re-colhia junto aos meus pacientes os pedaços que haviam sido deixados em algum momento do caminho de suas existências. O coração que se partia e anunciava afetos imprevisíveis na narrativas ouvidas se transformando em ruína. O mistério do amor se unia, portanto, ao largo de meditações sobre a minha prática como psicólogo, ao mistério da perda e do sofrimento, colocando em questão o que largamente fora conceituado como *luto*.

Diante da dor deles, os meus pacientes, a minha esperança de forma sagrada se renovava, me apontava um caminho, uma travessia que precisava ser feita agora por mim. Travessia que me destinaria a um projeto de pesquisa, a um caminho que me ajudaria, talvez, na aproximação à dor dos outros, dos seus sofrimentos e, no caso desta pesquisa em específico, das situações de sofrimento possíveis perante as cisões de pares amorosos.

Outras interrogações, portanto, inevitavelmente me tomam: quais as determinações históricas que contornam a experiência do amor? Quais as possibilidades compreensivas que se apresentam em face das separações no contexto contemporâneo? Qual a interior relação das separações, encaradas como modos de ser da perda, com os sofrimentos? Seriam este sofrimentos produzidos por uma determinada conjuntura histórica? Como, enfim, a experiência do ente humano, no contexto desse recorte, pode ser compreendida de modo outro que não o das psicologias tradicionais? Estas inquietações prévias foram me conduzindo a minha questão de pesquisa, formulada a partir de um contato pouco mais apropriado com a filosofia heideggeriana: **“Como a experiência de sofrimento que acompanha o rompimento do par amoroso se apresenta a partir de um olhar para a situação hermenêutica?”**.

Interrogações que descortinam a possibilidade de um longo caminho, que se desvela na escuta da historicidade da história e têm a coragem de, humildemente, a partir de novas interrogações que se anunciem, mudar a direção em direção ao *simples*, onde habitam os sinais de uma ciência existencialmente fundada. “Longo é o caminho de que nosso pensamento mais necessita. Ele nos leva àquela simplicidade que, com o nome de *logos*, sempre permanece para ser pensada. Raros são os sinais que apontam para o caminho” (Heidegger, 2012, p. 183).

Sigo procurando esses sinais, tecendo os fios que me tecem, des-tecem e re-tecem nesse caminho de pesquisa, com a esperança de que, num rasgo, os fios partidos possam reconstruir possibilidades de novos encontros. Encontros pelos quais a amabilidade do que permanece velado também me possa abrigar, de modo que apenas no sentido de ser eu possa descansar, pacientar e esperar no caminho...

3 OS FIOS QUE TECEM A MEMÓRIA: o horizonte existencial do *luto* à luz de pressupostos da fenomenologia hermenêutica

A dor presenteia seu bálsamo lá, onde não presumimos. (Heidegger, 1969, p. 37)

O que a memória ama fica eterno. (Prado, 2017, p. 101)

A caminho, me deparo com a frase de Adélia Prado sublinhada em epígrafe que me parece ser o prenúncio de uma possível compreensão. Adélia reúne memória e amor para falar de uma experiência com a eternidade e penso que os esconderijos da arte não poderiam ter lhe dado melhor presente para tornar palavra esses *indizíveis* que en-caminham a existência. De fato, no caminho de pesquisa existem muitos esconderijos pelos quais, a cada passo, se mostra inesperadamente aquilo que lança luz. Mas, na medida em que lança luz, oculta, suporta o desconhecido. Abre-se, assim, uma possibilidade de recolhimento do mistério que constitui a própria experiência de que somos uma pergunta para nós mesmos, isto é, de que existir é desde sempre ter-se em jogo. Experiência que, ao modo de Heidegger (2015), não é um simples fazer acontecer algo, mas um padecer, um tomar receptivamente o que nos atinge, lançando-se frente a um dizer originário que resguarda a dimensão constitutiva do ainda-não, não porque não foi ainda verbalizado, mas porque abertura de mundo e mistério revelam-se como constituintes do existir humano.

Parkes (2021, cit. em Franco, 2021) talvez não tenha lido Adélia Prado, mas reluz a poeta em meu caminho fazendo uma afirmação intrigante no prefácio do livro *O luto no século XXI*. Ele diz que o *luto* é o preço que se paga pelo amor. O *luto*, nesse caso, parece ser para o autor o resultado de um certo acontecimento que põe em jogo todas as possibilidades de ser e de amar do existente. Entretanto, qual o preço a se pagar? Não estaria o autor, desse modo, introduzindo ao fenômeno do *luto* a estrutura de uma causalidade? Seria o horizonte do sofrimento uma resultante diante das rupturas existenciais em geral?

É em meio a estas introdutórias interrogações que o dizer da poeta em meu existir ressoa e algo inevitavelmente se mostra, toma lugar e se apresenta como possibilidade de condução ao meu horizonte prévio de investigação sobre a experiência concebida como *luto*, a saber, a experiência com a perda significativa compreendida em uma dimensão a-teórica. Tal *perspectiva* é, em verdade, um caminho do pensamento. Caminho este indicado por este pensador e que pretende pensar o impensado, não no sentido de tecer-lhe um esgotamento compreensivo, mas na direção de produzir no caminho o desvelar de outros horizontes

possíveis. Um pensar, assim, enquanto contemplação que volta para recolher o que se mostra em seu próprio movimento fenomenal. Um pensar amável, para me utilizar de uma terminologia haniana, que aquiesce e deixa-ser.

Porém, ainda devo seguir as pistas de Adélia Prado e o indicativo de Colin Murray Parkes para considerar que, sem dúvida, amor e finitude copertencem à gênese relacional da existência e acentuam a possibilidade do sofrimento. Amar conclama em algum momento, sobretudo, a também uma renúncia ao que poderia ter sido e, portanto, a um modo peculiar de se voltar-para aquele outro que foi, conforme assinala Bürgi e Längle (2021) e ao que estar-a-ser: tornar eterno na memória: a memória como elo originário que restitui ao existir, a cada vez, a condição de ser-com. Mas a esta questão voltarei mais à frente. Importa, por agora nesse caminhar, acolher o círculo hermenêutico pelo qual já estou desde sempre e em torno do qual se funda a possibilidade inalienável de compreensão daquilo que vem ao meu encontro: o horizonte cientificista e técnico para a compreensão da verdade do real.

Quando algo vem ao nosso encontro, todo o campo de sua manifestação tanto quanto o modo como ele se deixa ver se encontram já previamente demarcados. Dizer isso significa acentuar o quanto as manifestações dos entes em geral obedecem sempre a uma circularidade hermenêutica, à constituição histórica da fenomenalidade mesma e ao sentido que se conforma a partir de tal constituição. (Casanova, 2019, p. 134)

Acolher, assim, o que constitui a tradição para apropriar-se do sentido que se revela na condução fenomenológica e hermenêutica do olhar, que se concentra de início no ente e depois ao ser do ente. Apropriação que não nasce da apreensão isolada de um objeto, mas da escuta dos apelos dessa tradição que anuncia a posição prévia em torno da qual se torna possível a compreensibilidade mesma do fenômeno interrogado. Não à toa Casanova (2019, p. 136) dirá que “não há simplesmente como escapar da historicidade, porque não há como saltar por sobre a própria sombra”. Então, importa refletir, antes de prosseguirmos, a constituição histórica do modo de *ver* e compreender os fenômenos em geral neste horizonte epocal que é o nosso.

Alijado do mistério, o olhar científico foi, marcadamente desde Descartes, endereçado a modos de compreensão da verdade como adequação, veracidade e representação. O *cogito ergo sum* orientou e orienta um modo de pensar que confere ao sujeito do conhecimento a autoridade suprema para demarcar, por meio do cálculo, as fronteiras do conhecer e as determinações que tornam esse conhecer possível: eis o cenário que estrutura paradigmaticamente a ciência moderna para com as considerações sobre a verdade do real. Nesse caminho de consideração, é preciso que se diga que a compreensão das

experiências em nosso mundo foram e são marcadas pelo primado originário da consciência e da racionalidade em que a realidade é interpretada sob o signo de dois espectros: o sujeito e o objeto. Ao sujeito se confere a possibilidade última e radical de dominação do estado de coisas no enquadramento da busca pela verdade, compreendida aqui como *veritas*, ao modo causal e na verificação de algo assim como uma universalização do demonstrável com o objetivo de torná-lo previsível. Tudo o que foge a este modo, a priori, de concepção e busca da verdade do real, fundamento e finalidade das ciências naturais, é considerado sem luz, sem rigor.

Nessa direção, Heidegger, enquanto pensador que meditou sobre o modo de pensar calculante que marca profundamente nosso modo de pensar ocidental e os seus reflexos no modo como concebemos o real no âmbito da ciência e nos âmbitos variados da vida em comum, será fundamental para o en-caminhamento desta reflexão. Diz o filósofo:

O exato da ciência exata não pode ser determinado exatamente, quer dizer, por cálculo, mas só ontologicamente e assim também a espécie de verdade que se aplica à "ciência" no sentido da ciência natural exata. Sua verdade é provada pela eficiência de seus resultados. Quando este modo de pensar científico determina a representação do homem e este é "pesquisado" segundo o modelo do círculo de leis, como acontece agora na cibernética, então a destruição do ser-homem torna-se perfeita. Por isso combato a ciência, não a ciência como ciência, mas apenas a absolutização da ciência natural. (Heidegger, 2017, p. 138)

A questão, assim, não é demonizar a ciência, mas colocar em interrogação a reificação que institui em seu paradigma um modo unívoco de acesso à verdade do real. O próprio Heidegger não propõe necessariamente tal demonização como se vê. Realiza, antes, uma crítica ao modo de pensar a-crítico, consumado nos desdobramentos de todo o pensar ocidental, com o objetivo de resgatar o que de mais essencial constitui o humano e que permaneceu impensado nas ciências ônticas: a existência como tal. Nessa direção, reitero o posicionamento do meu *olhar* para as coisas e, em específico, para a experiência convencionalizada como *enlutamento* que estou buscando interrogar, tendo como ponto de partida aqui a compreensão do existente como *Dasein* e, mais tarde, a experiência mesma dos(as) colaboradores(as) tais como se apresentam.

Pensar e compreender, portanto, a experiência caracterizada como *luto* me convoca a desconstruir o campo de manifestação das compreensões prévias sobre o fenômeno em uma época marcada pela tecnificação do sofrimento e pela pretensão de resolutibilidade da condição humana. Uma época, como visto, que inscreve nas possíveis compreensões sobre o fenômeno conceituado como *luto* cálculos para a superação da dor, circunscreve a relação do

existente com a perda em fases delimitadas por certos sinais, patologizações, e que deflagra, assim, um modo de naturalizar e psicologizar a experiência humana no que lhe é constitutivo.

Todavia, para pensarmos a experiência classificada como *enlutamento*, numa perspectiva existencial hermenêutica, há que se partir primeiramente do pressuposto de que todo o fenômeno em seus modos de ser possíveis são contextualmente situados, isto é, se manifestam fundamentalmente sob o lastro epocal do momento histórico em que tudo o que há e vem ao encontro do existir emerge. Ressalto, assim, que para a compreensão do nosso tempo me apoio no diagnóstico filosófico heideggeriano da modernidade, como indica Duarte (2010), no qual vislumbro uma possibilidade compreensiva relevante do modo de ser do homem contemporâneo e, por isso, do modo como compreende as experiências com a perda.

Segundo, é também imperioso interrogar a possibilidade de des-psicologização da experiência de *enlutamento*, isto é, da sua dessubstancialização, partindo de uma possibilidade que, como veremos adiante, compreenda o *luto* como modo específico de ser-com, nascente da interrogação mesma de suas concepções prévias como *disfuncionalidade* que tem a sua gênese em uma reação psíquica à perda de certo objeto ou abstração que implique valor significativo para o ser que sofre e da compreensão do existir como *Dasein*.

Desse modo, como a interrogação das condições históricas que delineiam as compreensões sobre a experiência do *luto* nos podem oferecer possibilidades outras para pensá-la à luz de pressupostos da fenomenologia hermenêutica? Como a compreensão do existir como radical indeterminação, isto é, como *Dasein*, ressoa num modo desnaturalizante de compreensão do fenômeno, isto é, num modo existencial-hermenêutico de vê-lo?

Vimos que a medida histórica da experiência concebida como *enlutamento* aponta em nossa época para a sua evidenciação radicalmente articulada ao sentido que se tem do tempo e ao modo como a condição temporal da existência é experimentada. Linhas vão sendo demarcadas para as possibilidades de experimentar a perda nos manuais de psicologia e psiquiatria ao procurarem legitimar temporal e espacialmente até que ponto se pode a ela ser receptível antes que fazê-lo seja engendrado em terminologias patológicas. À essa experiência, portanto, é lançado um olhar calculador, mas, já diria Han (2009, p. 130), o “pensamento calculador não está nunca a caminho”, procura sempre *intervir* na realidade. O olhar calculador não se demora, não *concede* tempo à experiência para que possa irromper tal como ela é a partir de si mesma; e mesmo quando irrompe, logo depois é cooptada por olhares dóceis aos imperativos do horizonte histórico que é o nosso, a *Era da Técnica*. Parece não haver tempo para um fechar de olhos no contemporâneo, como assiná-la Han (2021a), que daria a ver e experimentar outro tempo: o tempo do silêncio, que possibilita escutar os modos

como o outro perante a perda temporaliza o seu tempo, especializa seu espaço e corporifica seu corpo, isto é, como na *passagem*, na hermenêutica da sua perda, se articula ou não com o seu poder-sofrer e com as suas possibilidades mais próprias de ser.

Vê-se no interior destas compreensões imperativos lineares e cronológicos do tempo com as quais não há lugar para o demorar-se na experiência e para a reflexão meditativa das suas repercussões na existência. Não há um espaço para que o ente que sofre habite o pôr-se-em-obra da verdade em relação às suas perdas, isto é, para que o existir corresponda às solicitações das coisas em geral deixando que elas reverberem no ser e abram-lhe a possibilidade de singularização. Os *lutos* precisam ser superados no tempo, visto que não há tempo para vivê-los e não há legitimação para os pesares. A pergunta pela existência precisa ser solucionada em definitivo. Com isso, inumeráveis formas de prescrição para tal superação são produzidas e catalogadas nos manuais, referenciadas nas teorias e – não para o meu espanto – em variados sites na internet.

A partir daqui, procuro refletir de maneira mais detida como os modos de descobrimento dos entes em nosso mundo ressoam nas particularidades da constituição das ciências humanas e especificamente nos modos como concebemos as chamadas situações de *enlutamento*. Questionando estes moldes já dados nas composições das teorias, busco interrogá-los, com vistas a realçar um modo outro para pensar esse fenômeno, um modo que habite, assim como já indicado como horizonte prévio de reflexão, em dimensões existenciais. Com esta crítica desconstrutiva, tal como indicada como possibilidade por Heidegger (2012d) em relação ao método fenomenológico, não visio a desconsideração deste ou daquela compreensão sobre a experiência concebida como *luto*, mas antes e sobretudo estabelecer uma diferença fundamental entre os modos de compreendê-la que estão aqui em jogo.

Para Heidegger (2012a), há uma propensão contemporânea de olhar os acontecimentos sob determinado modo de desvelamento. No horizonte histórico da técnica esse modo de olhar é o modo da *exploração*. Por exemplo, quando se olha uma árvore, olha-se imaginando já sempre um “para que”, isto é, um fundo de reserva que a torna disponível para alguém se apropriar no mero uso. No campo da ciência tradicional, esse modo de olhar, que também pode ser descrito como o modo da reprodução, analogamente tende a se manifestar e a enredar os modos possíveis de compreensão da verdade e a transmutá-los em um modo unívoco de *ver*.

De fato, existe um clamor na institucionalização do saber para um esmiuçar da condição humana em estruturas binárias, em propriedades simplesmente dadas, que dão a sensação de organização, controle e segurança. Afinal, é essa a lógica de um mundo marcado

pela tecnificação do pensar e pelo desconhecimento do caráter de mistério e indeterminação do existir, assim como da sua historicidade. Então, quando a compreensão da verdade do real no contemporâneo centra-se apenas numa perspectiva, num âmbito de visão, em busca de certezas absolutas, restringe as suas possibilidades de relação com o mistério e, por isso mesmo, com a própria condição humana, encobrindo o que está desde sempre em jogo pelo existir: o seu caráter originariamente indeterminado em tensão com o seu horizonte historicamente constituído.

Na Era da Técnica, esse centramento numa perspectiva padece do que podemos chamar de *atrofia existencial*, visto que é neste movimento que o homem rejeita tudo o que é radicalmente outro, desconhecido, em nome da segurança e possibilidade de dominação ocasionado pelo unívoco. Eis a medida contemporânea da compreensão do real: a rejeição ao caráter polissêmico do existir no mundo com-os-outros, em nome do que é tornado propriedade para análise e para a pesquisa. No entanto, o *Dasein*, como pura intencionalidade - ser-em e ser-com - não pode ser separado do mundo para que se torne objeto de um determinado sujeito autofundante.

Dito isto, impõe-se agora para mim a re-construção dos modos de compreensão da experiência convencionada na tradição como *luto*, as quais se apresentam no âmago da psicologia tradicional, da psicanálise e da psiquiatria. Re-construir não no sentido de juntar momentos históricos para determinada análise, mas ao sentido que Figueiredo (1994) lhe atribui, como sendo um *propiciar*. Propiciar ao caminho, no círculo hermenêutico, uma interrogação, na medida em que se escuta e se re-corda a tradição. Pensa Figueiredo (1994): "O dizer que vive da lembrança do ser não revê, não representa o ausente. A lembrança pode ser aproximada da *escuta*; a lembrança escuta os ecos, *as ressonâncias brotando de dentro do silêncio, efêmeras, e logo se retraindo*". Deixar-*vir* à presença o vigor do ter sido para, assim, interrogar. Interrogar para trazer-à-luz.

Coloco em questão nesse momento as produções conjunturais prévias que situam a experiência conceituada como *luto* em um conjunto de determinações que revelam o seu vir a ser na existência. Nessa direção, busco refletir sobre como historicamente os sentidos desse fenômeno me alcançam – sentidos esses que permaneceram por muito tempo irrefletidos no campo das teorias – como possibilidade de questioná-los, me abrindo a um horizonte no interior do qual lhe advém uma possibilidade existencial de compreensão. Aqui apresento, por fim, as condições de possibilidades históricas que me possibilitam fazer um diálogo, uma

experiência hermenêutica³, com as possibilidades compreensivas da experiência da perda, a qual tradicionalmente conceituou-se como *luto*, que envolvem a psicologia, a psicanálise e a psiquiatria. O que está em jogo neste momento é precisamente a compreensão de como um horizonte sedimentado de teorias sobre o *luto* encobre o que de mais originário constitui a existência, ainda que tal encobrimento não seja perene, “uma vez que o existente nunca vê inteiramente suprimido o seu caráter de poder-ser, mas sempre retém esse caráter apesar de todo o poder tranquilizador, sedutor e alienante da decadência no mundo fático sedimentado (Casanova, 2021, p. 192). Dito isto, prossigamos.

A Primeira Grande Guerra Mundial foi um período de muitas desolações e rupturas no coração humano, no qual a morte e a nossa condição de finitude se apresentaram de modo notadamente significativo. O espírito da época, acolhendo os envios do destino, revelou a abissal fragilidade da existência frente aos temores da violência e da pretensão de subjugação do que escapa ao controle. Eventualmente, pensadores de diversos matizes se debruçaram sobre o despertar dos fenômenos originados nos espelhos da guerra, refletidos no olhar de cada existência como dor e sofrimento inenarráveis e como remissão ao radical poder-ser humano, desvelado na angústia, na revolta, na frustração ante as perdas e nas tonalidades afetivas outras que compõem os modos de desorganização espaço-tempo-corporais dos seres humanos. Eis a moldura histórica que possibilitou a insurgência dos estudos sobre o fenômeno evidenciado como *luto* no campo da psicanálise, das meditações vindouras no contexto de seus alargamentos compreensivos e da psicologia tradicional de modo geral.

Diante do cenário de horror, em 1915 Freud escreve o ensaio *Luto e Melancolia*, entretanto, só viria a publicá-lo em 1917. Lança à investigação a perda e o sofrimento atribuindo-os às complexidades da economia libidinal em todas as suas particularidades. Freud discute o que vai chamar de *luto* neste ensaio como um a priori universal, afeto *natural*, que configuraria o pano de fundo para a compreensão análoga de um afeto mais enigmático, a melancolia. O pensador conceitua essa experiência como uma reação psíquica à perda de um objeto significativo, alvo de investimento libidinal. Mais que isso: o *luto* para Freud (1915[1917]) é uma reação natural ao rompimento com qualquer abstração que ocupe lugar primordial na vida de um ente existente.

³ Recorrendo à Hermenêutica Filosófica de Gadamer, vislumbramos um correspondente fundamental para se pensar a questão da experiência (*Erfahrung*): Gadamer, ao reanimar a noção de preconceito em sua desconstrução dos ideários modernos, põe em perspectiva o horizonte histórico do ethos dialógico do existir. À experiência, em vista disso, confere-se um sentido que não se estreita à racionalidade do paradigma da modernidade e encaminha-se à escuta da distância do passado na tradição, como condição de possibilidade da compreensão no pôr-se-adiante existencial: eis o que ele chama de experiência hermenêutica. Cumpre dizer que a referência ao termo histórico no presente projeto de pesquisa prescinde das noções do histórico enquanto historiográfico, que buscou atomizar a temporalidade do acontecimento numa sucessão.

Ao caracterizar a melancolia, Freud (1915[1917]) destaca a *ausência de autoestima*, por meio da qual a *sombra do objeto recai sobre o eu*. É nesse sentido que, para Freud, o paciente *enlutado* estabelece uma ligação quase interminável, persistente, com o objeto perdido, caracterizando uma patologia. Este ordenamento na concepção freudiana do *luto*, pela qual se estabeleceriam linhas divisórias entre o *luto natural* (normal) e o *luto patológico* (melancolia), influenciará mais tarde a compreensão de *luto* demarcada por uma temporalidade específica no campo da psiquiatria. Falando de outro modo: a duração cronologicamente dada da experiência é que determinará se o paciente está em situação de *luto* ou em situação depressivo-melancólica, a saber, patológica.

Ainda em 1915, Freud (1915b) escreve *Sobre a Transitoriedade*, texto que amplia os enunciados sobre a teoria do *luto*, descritos em *Luto e Melancolia* meses antes, e reafirma o poder literário do pensador. Este escrito vem ao meu encontro de modo estranho, talvez por valorizar por demais textos que fujam ao espectro academicista. Estranho porque me afeta poderosamente o modo poético como Freud compreende o sentido da transitoriedade da existência, não necessariamente pela forma como ele conceitua o *luto* perante o caráter de impermanência da vida. Tudo o que é grande e belo, para esse pensador, resiste à morte em sua significação porque obedece ao curso inexorável do tempo. E é justamente porque a vida é impermanência que o seu valor subjaz no curso de sua renovação. Freud tenta explicar isto a dois amigos, dentre eles um jovem poeta que depois eu viria descobrir que se tratava de Rainer Maria Rilke. Todavia, eles se recusavam à ideia, numa atitude que Freud viria conceituar como *antecipação ao luto*. O *luto antecipatório* seria, então, em termos existenciais, como o desvelamento ôntico da experiência originária da angústia em face à transitoriedade constitutiva das possibilidades humanas de ser.

Outros horizontes compreensivos se desdobraram na história e culminaram na inspiração de outros olhares dentro do espectro da psicanálise, como o foram pensados por Bowlby. Bowlby (2004), discutindo o *luto* como uma implicação da existência no rompimento de um vínculo afetivo, o associa, conforme Franco (2021), a uma sequência de reações esperadas correlatas àquelas que o bebê experimenta quando afastado da figura maternal. Tal possibilidade compreensiva se constitui a partir da compreensão da natureza dos vínculos estabelecidos nas idades iniciais, a partir dos quais é determinado o modo como as pessoas que sofreram perdas significativas lhes experimentam na vida adulta. Para além dessa relação entre a natureza do vínculo e o modo como acontece a experiência no futuro, Bowlby (2004) compreende o fenômeno a partir de estágios que definem momentos específicos da

passagem do enlutado: o entorpecimento, o anseio, a desorganização e desespero e, por fim, a reorganização.

Parkes (1998) se inspira em Bowlby ao compreender o *luto* como uma resposta *normal* à perda, em torno da qual o paciente inicia uma busca intensa pelo objeto de amor perdido. Subdivide-a, no entanto, em fases: o *entorpecimento*, a *saudade* ou *procura* pelo outro, a *desorganização* e *desespero*, e a última compreendida como a fase de *recuperação*.

Stroebe, Boerner e Schut (2020), lembrados por Franco (2021), descrevem o *luto* como um *processo dual* que corresponde necessariamente a um modo específico de enfrentamento do pesar, no qual a existência transita entre a dor da perda significativa em seus significados e as possibilidades restaurativas que dela derivam. Para eles, o *luto* ainda é marcado por um *processo* de *re-adaptação* à vida. Franco (2021) ainda acentua que estes autores atribuem à experiência da perda uma composição multifatorial determinada por um conjunto de reações nos campos fisiológicos, psicológicos, comportamentais e sociais do ser que sofre.

Worden (2013), por outro lado, já compreendera anteriormente o *luto* como um processo re-adaptativo de ordem cognitiva. Este processo se deflagra, para o autor, em um conjunto de *tarefas* cuja finalidade seria o reestabelecimento do equilíbrio e o reajustamento à realidade fáctica pós-perda. *Aceitar a realidade da perda, processar a dor do luto, ajustar-se a um mundo sem a pessoa morta e encontrar conexão duradoura* são as supracitadas *tarefas* designadas por Worden (2013). A opção por uma terminologia diferente, qual seja o *luto* determinado por *tarefas*, surge para Worden como possibilidade de restituição da autonomia do paciente perante a situação de perda. O estudioso questiona a ideia de *fases do luto*, visto que os *enlutados* poderiam apegar-se a elas como estágios a serem superados, sem os quais não poderiam ir adiante. Pensa Worden (2013):

O conceito de fase implica certa passividade, algo que o enlutado deve ultrapassar. O conceito de tarefa, por outro lado, é muito mais consoante com o conceito de Freud do trabalho do luto e significa que o enlutado precisa agir ativamente e que pode fazer alguma coisa. Além disso, essa teoria caracteriza que o processo de luto pode ser influenciado por intervenções externas. Em outras palavras, o enlutado pode perceber as fases como algo que deve simplesmente ultrapassar, enquanto o modelo de tarefas pode dar a ele algum senso de poder e esperança de que existe algo que pode fazer ativamente para se adaptar à morte de seu ente querido. (p. 20)

Mas, só a partir dos estudos de Elisabeth Kübler-Ross que a compreensão da experiência da perda vivida em *fases* começou a ser amplamente difundida e, segundo Franco (2021), a ser aceita de modo predominante. Kübler-Ross (2017) discute em seu *best-seller Sobre a Morte e o Morrer* a experiência do morrer de pacientes em adoecimento que os

ameaçam a continuidade da vida⁴, em torno da qual um conjunto complexo de sentimentos e emoções vêm à tona. A autora, inspirada em predecessoras compreensões sobre o conceito de *luto*, também atribui ao processo de morrer *fases* ou *etapas*: *negação*, *raiva*, *barganha*, *depressão* e *aceitação*. Compreensões posteriores da experiência de *enlutamento* levaram em consideração maciçamente as fases elencadas por Kübler-Röss (2017).

A compreensão psiquiátrica moderna também figura como fundamental para a moldura histórica do *luto*. A insurgência de diversas publicações, desde o final do século XX até o início do presente século, assinalam a importância que se tem dado a este tema. Destas pesquisas, para Franco (2021), destacam-se os estudos de Prigerson *et al.* (1995^a e 1996), Lichtenthal, Cruess e Prigerson (2004), Prigerson, Vanderwerker e Maciejewski (2008), Holland *et al.* (2009) e Rando *et al.* (2012). Tais estudos, para a autora, ofereceram possibilidades para a constituição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais em sua quinta edição, o DSM-5.

Da constituição desta edição do DSM, mais especificamente no capítulo “Condições para estudos posteriores”, se promove uma possibilidade compreensiva sobre esta experiência, demarcada pela fronteira entre o normal e o patológico, com base no aspecto temporal de desvelamento do fenômeno: persistidos os *sintomas* ao longo de mais de 12 meses (6 meses para os casos de crianças), pacientes *enlutados* são diagnosticados com *Transtorno do Luto Complexo Persistente*, diagnóstico este que distingue, segundo a American Psychiatric Association (APA) (APA, 2014), indivíduos capazes ou não de *funcionar*.

Como se viu, a posição prévia e tradicional que constitui as compreensões da experiência de perda no bojo da noção de *luto* diz de um lugar específico que procura explicitá-la como *processo natural psíquico-adaptativo*, cujo campo de manifestação alude a um modo linear e já esperado de desvelamento. É certo que Worden (2013) procura desarticular em sua teoria a noção de progressão nas *fases do luto*, ao afirmar que o paciente pode transitar do ajustamento ao mundo sem a pessoa morta à aceitação da realidade da perda, por exemplo, desarticulando a noção linearizada que acompanha as demais compreensões do fenômeno e por admitir, de saída, a possibilidade de uma *conexão duradoura* em sua teoria das *tarefas do luto*. A autonomia do paciente é restituída para este autor, portanto, na medida em que ele pode se sentir livre para a realização das *tarefas*. Todavia, conforme analisa Franco (2021), ao lembrar a crítica de Christopher Hall (2014), tais compreensões da

⁴ Nomenclatura utilizada atualmente no Manual de Cuidados Paliativos (ANCP) em referência às pessoas “fora de possibilidade terapêutica” ou “pacientes em estados terminais”.

experiência no interior de *fases*, *etapas* ou mesmo *tarefas*, dão a impressão de existir uma espécie de “terra prometida emocional”, a partir da qual o paciente ordenada e cronologicamente irá superar o seu sofrimento e extinguir a sua dor. Por sua vez, a linha subjetivo-temporal que delimita a situação de enlutamento na dicotomia normal-patológico indica no interior de sua extensão a pretensão de uma *cura*. De fato, a posição prévia que estabelece o *luto* como doença ou disfunção, por conseguinte, aponta para a necessidade de um reajustamento ao modo considerado *normal* de ser.

Outro ponto intrigante que mobiliza estranheza é a situação do *luto* - na órbita das compreensões anunciadas - ser considerado como um sofrimento *natural* já esperado diante do acontecimento de uma perda. Vê-se o abandono à experiência que é pôr-se-em-movimento e da relação de confiança com o mistério, intervindo na realidade e procurando controlar o que na e através da realidade se apresenta. Este movimento para a compreensão me parece algo assim como o oposto do que Heidegger (2012a, p. 19) assinalou quando disse que o “lavrador não desafiava o lavradio. Na sementeira, apenas confiava a semente às forças do crescimento, encobrindo-a para seu desenvolvimento” e colocar-se nessa posição de confiança é voltar a recolher os fios que se desvelam na existência, isto é, atentar-nos para o nosso poder-ser mais próprio. O nosso poder-ser mais próprio que vai, nesse sentido, se desvelando no horizonte temporal e transitório que constitui a existência humana em ser-para-morte / ser-finito.

Continuando as minhas investigações mediante as inquietações supracitadas, apresenta-se um horizonte que anuncia uma possibilidade de despatologização e desnaturalização do fenômeno elaborado como *luto*: trata-se da compreensão da experiência articulada à noção de *vínculos contínuos*.

A noção de *vínculos contínuos* surge como possibilidade de desconstrução da noção de *luto mal resolvido* ou *luto mal elaborado*, a partir da qual se funda uma compreensão sintomatológica e linear da experiência com a perda que aponta para a necessidade do *desligamento* com o morto. O contexto dessa noção ressalta, como salienta Franco (2021), a possibilidade de manutenção do vínculo com quem já não há, sem que isto signifique uma reação anormal à perda, algo que, para as compreensões tradicionais, corresponde à não aceitação adocedora da realidade da morte. Enuncia a autora:

Os vínculos contínuos são parte de um processo de luto que possibilita a permanência de uma relação com a pessoa falecida, porém não da mesma forma como antes da morte. A condição necessária é que o enlutado esteja consciente de que a morte se deu e de que ele pode reconstruir seu vínculo de maneira que não impeça sua adaptação à perda. (Franco, 2021, p. 77)

Brice (1991), recordado por Feijoo (2019), por exemplo, investiga o *luto materno* e se refere à experiência das mães como um “para sempre”, adensando a esta possibilidade para o nosso campo de consideração. O estudioso conclui que as mães não querem *deixar ir*, ou seja, se desligar dos filhos mortos, e que, inclusive, a manutenção da relação com os filhos que se foram é condição de organização existencial. Worden (2013), inclusive, acompanha este pensamento, ao admitir a constituição de uma *conexão duradoura* com aquele que foi, ainda que ressalte fatores importantes que devem ser levados em consideração para que esta experiência não leve ao que ele vai chamar de *lutos complicados*.

A noção de *vínculos contínuos*, portanto, abre a possibilidade de inserção de um demorar-se na experiência, de um demorar-se na memória, sem que isto implique uma *disfuncionalidade* ou até mesmo uma patologia. Um demorar-se, cuja condição de possibilidade é um *sentido* outro para a relação com aquele ou aquela que se foi. Sentido que aponta para o *como* da experiência e possibilita um questionamento das verdades previamente aceitas e inquestionadas que subjazem essa relação. É imperioso ouvir Cabral (2021) a respeito do *sentido*, o qual se mostra como inquirição do previamente dado:

Se pensar é o exercício de questionar, elaborar e articular sentido e se o pensamento suspende as obviedades em geral que nos conduzem no cotidiano, então o sentido que irrompe no pensamento a um só tempo, excede os modos usuais e inquestionados de relação humana com o mundo, os outros, consigo e com as coisas, além de viabilizar modos humanos de ser irredutíveis aos códigos e normas que orientam o mais das vezes as experiências humanas como um todo. (Cabral, 2021, p. 18)

Nesse caminho, me parece que a experiência concebida tradicionalmente como *luto* incorporada à noção de *vínculos contínuos* se aproxima do que podemos chamar de uma compreensão existencialmente fundada do fenômeno. Uma compreensão que anuncia uma possibilidade de apreensão do fenômeno que se afasta da sua patologização e das categorizações em geral, em direção a um modo de compreensão que o reconcilie com a sua historicidade. Neste modo possível de compreendê-lo, o fim aponta para o ser sofrente novas possibilidades de ser e estar-junto àquele que já não há e, desse modo, como continuidade do ser. Afinal, como a própria compreensão de *Dasein* sugere, a existência se constitui em um ir-adiante em torno do qual se estende uma espacialização do espaço, uma temporalização do tempo e uma corporação do corpo. Espaço, tempo e corpo, nesse sentido, são incompreensíveis isoladamente, de modo que um mundo circundante (espaço), um já sempre horizonte finito (tempo) estão sempre em relação com uma corporeidade específica e historicamente constituída. Todavia, este ir-adiante não corresponde a uma determinada

ordem linear, como se ser *em-transição* fosse um deslocamento de um determinado estágio para outro (Casanova, 2021), mas a uma permanência no pôr-se-em-movimento inseparável do ponto em que o Dasein espacializa o seu espaço, a saber, do ponto em que se constitui desde sempre como clareira do ser.

Tal indicativo possibilita, dessa forma, uma compreensão despsicologizada da experiência compreendida como *luto*, ao desarticular a apreensão do fenômeno enquanto processo que se realiza temporal e espacialmente em um *reajustamento à realidade*. A experiência com a perda, enfim, como possibilidade insuperável, *acontecendo* na memória que eterniza tudo o que ama ou que marca em sofrimento, isto é, como modo específico de ser-com, insurge como possibilidade de restituir contornos fenomenológicos existenciais e hermenêuticos ao fenômeno supracitado.

Um breve recorte de busca assistemática foi por mim feito em algumas bases de dados como o *Periódicos Capes*, *Directory of Open Access Journals* (DOAJ), Biblioteca Científica Eletrônica em Linha (*SciELO*), Biblioteca Virtual de Saúde (*BVS-Brasil*) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (*BDTD*), e possibilitou compreender como têm andado as pesquisas sobre a experiência conceituada como *luto* a partir dos olhares fenomenológico e fenomenológico hermenêutico. Desse modo, foi possível vislumbrar possibilidades compreensivas da experiência com a perda numa perspectiva existencial que apresentam rumos de sentido em aberto que nascem no interior dos subsídios apreendidos nestas pesquisas, contribuindo para a marcha que me conduz ao horizonte prévio investigado.

Usei como descritores as palavras *luto e perda*, bem como as seguintes expressões e palavras-chave, respectivamente, *fenomenologia hermenêutica, fenomenologia e Heidegger*. Cheguei às seguintes equações de busca: LUTO AND HEIDEGGER; LUTO AND “FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA”; LUTO AND FENOMENOLOGIA. Substituí, para efetuação das outras equações, o descritor *luto* por *perda*, mantendo a ordem acima averiguada. Não me ocupei da distinção no tempo em que os estudos foram publicados para abranger ao máximo as possibilidades de interrogação sobre o fenômeno estudado dentro do recorte por mim considerado e foram excluídos estudos das demais perspectivas teóricas.

Freitas (2013; 2018) vai dizer que o *luto* é uma experiência de um *eu* sem um *tu*, que se dá no rompimento com os sentidos habituais e familiarizados do mundo. Sales e Santos (2011), no contexto de um ente querido em situação avançada de adoecimento por câncer, discorrem sobre a experiência de *luto* como uma *passagem* em torno da qual os membros da família experimentam a sua própria condição de finitude. Lopes e Menezes (2013) vão nessa mesma direção ao considerarem a experiência do *luto* enquanto modo singular de

experienciação da condição inalienável de ser finito. Posso dizer que o *luto*, nestas duas últimas pesquisas em questão, é compreendido como uma experiência do estar-diante-da-morte do outro. *Luto*, enfim, compreendido como pôr-se em jogo na *passagem*, isto é, como um angustiar-se.

As pesquisas supracitadas oferecem alguns subsídios para uma compreensão desnaturalizada e despsicologizada do *luto* precisamente porque Freitas (2013; 2018), ao procurar horizontes para a clínica, compreende o fenômeno como um acontecimento que situa o existente diante da alteridade do seu caráter negativo, o colocando em confronto com a sua estraneidade constitutiva. Sales e Santos (2011) e Lopes e Menezes (2013), ao compreenderem o *luto* como um estar-diante-da-morte do outro, delineiam o caráter histórico e transitório do existir que corresponde originariamente ao horizonte da finitude humana.

Então, considerando a existência como transitoriedade, cujo horizonte é a finitude de todas as nossas possibilidades de ser-com, seríamos nós intrinsecamente enlutados? Ou seriam as compreensões da experiência com a perda na órbita das teorias sobre o *luto* apenas sedimentações históricas que pretendem nomear, substancializar, em uma noção específica, um modo de ser possível do ente existente? Poderíamos, então, pensá-la de outro modo, reconciliando-a com o caráter histórico e de indeterminação deste ente, prescindindo, assim, do pensamento dicotômico?

Devo dizer, antes e sobretudo, que não objetivo traçar uma nova conceituação do *luto* e nem lançar mão do que *representa* ou simboliza a experiência do *luto*, mas indicar possibilidades de compreensão dessa experiência à luz de pressupostos da fenomenologia hermenêutica. Possibilidades que nascem de uma apropriação da tradição junto a qual interroga-se o fenômeno no sentido de *destruir* ou *desconstruir* o já posto, conforme Heidegger (2012d). De fato, o caráter fundamental do modo hermenêutico-existencial que orienta essa reflexão é *desconstrutor*. Todavia, é preciso que se diga que esta *desconstrução* é copertinente à *construção*, isto é, o interrogar que compõe o interior da desconstrução é inseparável do vislumbre de uma projeção do ente ao ser do fenômeno. Tal projeção caracteriza o modo de *olhar*, sendo este sempre em direção à horizontes de sentido, jamais em direção à respostas conclusivas sobre o que se está interrogando, que no caso aqui é a experiência compreendida como *luto* existencialmente. O que pretendo aqui, enfim, é propor caminhos, horizontes possíveis pelos quais o fenômeno pode vir-a-ser compreendido.

Realmente, para dialogar com as questões que eventualmente se impõem quanto à fenomenologização dos fenômenos existenciais, isto é, para posicionar o que vem ao encontro do nosso olhar nas dimensões mais originárias do existir, é preciso abandonar antes de tudo a

pretensão de catalogar significados a priori que os caracterizariam e se aproximar de um horizonte que leve em consideração os modos historicamente datados de suas aparições. Possibilitar, assim, ao *ver* uma afinação com a historicidade, por meio da qual se revela um fluxo experiencial incontornável e sem a qual a naidade ontológica do existente não poderia ser compreendida como naidade, mas como subsistência a priori no campo mesmo de sua manifestação.

De modo algum, este outro olhar, solicitação intrínseca do *ver* fenomenológico hermenêutico, visa incentivar juízos de valor acerca desta ou daquela perspectiva, mas apenas abrigar a existencialidade da experiência interrogada, isto é, a dimensão existencial tecida desde sempre por uma rede de conexões que interliga originária e historicamente o sentido de ser das coisas. Ora, a teia histórica articuladora do ser-humano orienta e delimita o modo específico pelo qual se dá o vir-a-ser dos fenômenos em geral, bem como a possibilidade de sua compreensão. Nesse sentido, é possível referir-se à existência como uma teia de sentidos e significados que não se consolidam de modo atomizado e nem podem constituir algo a ser realizado pelo existente. Todas as coisas entre o céu e a terra, os deuses e os mortais, estão fundamentalmente conectadas, irmanadas no fluxo de acontecimentos irresolutos que desdobram o oculto e o desvelado. Precisamente, estou querendo dizer que tudo o que há e que vem ao encontro da existência não existe isoladamente e é impassível de teorização. Heidegger (2012) recorre à natureza que aclara de modo genuíno, em seu caráter doador, esta teia que interliga em seu ser a possibilidade de mostração das coisas:

Na água doada, perdura a fonte. Na fonte perdura todo o conjunto das pedras e todo o adormecimento obscuro da terra, que recebe chuva e orvalho do céu. Na água da fonte, perduram as núpcias de céu e terra. As núpcias perduram no vinho que a fruta da vinha concede e no qual a força alimentadora da terra e o sol do céu se confiam um ao outro. Na doação da água, na doação do vinho perduram, cada vez, céu e terra. A doação da vaza é, porém, o ser-jarra da jarra. Na vigência da jarra, perduram céu e terra. (p. 150)

A partir deste pensador, apresenta-se um modo de *ver* que parte da compreensão de que todo existir é também sua história, suas memórias, suas marcas e, ao mesmo tempo, as suas possibilidades de ser, iluminadas pela vigência do *ter-sido* e pelas sombras do *ainda-não*. Este pensamento aclara a ideia de que o espaço de fenomenologização dos fenômenos em geral não se dá de modo entepartido. Tudo é inextricavelmente próximo em um espaço de coexistência e reconciliar-se com este modo de *ver* é, nesse capítulo, e na pesquisa como um todo, um caminho buscado. Para tanto, faz-se necessário clarear de modo mais detido o nosso ponto de partida como possibilidade de reconciliação com este *ver*, a existência compreendida

como *Dasein* e as suas determinações historicamente constituídas, as quais possibilitarão uma desconstrução crítica do fenômeno aqui interrogado. Isto é, a apropriação de uma diferença fundamental entre as concepções sedimentadas da experiência com a perda que giram em torno da noção de *luto* e tal experiência compreendida sob um olhar existencialmente fundado.

Compreender o existente como *Dasein* significa assumir a existência, de início, como ser-para-fora, tal como a origem etimológica grega nos suscita: *ek* como sendo o que está fora e *sistere* que designa movimento. *Sendo-para-fora* o existente não se constitui como algo da ordem de uma interioridade isolada e irremissível. Por isso *Dasein*, para Heidegger (2012c), é *ser-no-mundo* e, como ser-no-mundo, desde sempre em-relação: ser-no-mundo-com-os-outros⁵. Também dirá Heidegger que o *Dasein* desde sempre tem como horizonte a finitude de todas as suas possibilidades de ser. O filósofo põe em jogo, ao propor esta articulação originária na analítica existencial, a obra *Ser e Tempo*, além da compreensão de que a existência é pura intencionalidade, a questão do *Dasein* poder-ser-um-todo, quer dizer, poder-ser ao “final” ele mesmo. Com efeito, “o ‘final’ do ser-no-mundo é a morte. Esse final pertencente ao poder-ser, isto é, à existência, delimita e determina a totalidade cada vez possível do *Dasein*” (Heidegger, 2012c, p. 645-647). Entretanto, só é possível a compreensão do “final” do *Dasein*, da sua morte fáctica, quando articulada a um conceito que para o autor seria ontologicamente suficiente, a saber, o *ser-para-a-morte*. Depreende-se, então, que a constituição fundamental do *Dasein* é marcada pelo apelo do ser que a cada vez *é* e ainda *não é*. Nesse sentido, é imprescindível para esta reflexão a compreensão do horizonte possível de manifestabilidade do *Dasein* como ponto de partida, sendo este em mútua constituição, fundada na compreensão do *ser-para-a-morte*, com o horizonte da temporalidade humana explicitada em seu caráter contingencialmente transitório.

Pode-se pensar, diante destas considerações, que quanto mais somos, isto é, mais nos *preenchemos* da nossa condição de poder-ser em nosso horizonte finito de possibilidades, mais estamos deixando de ser, mais nos *esvaziamos*. Portanto, lidar com o *esvaziamento* em articulação com o *preenchimento* é um grande desafio, visto que *esvaziamento* e *preenchimento* refletem a distância que se ausenta, conforme aponta Heidegger (2012); refletem as conexões invisíveis que nos ligam, quer dizer, conexões não concretas e que se

⁵ Para Heidegger (2012c) a existência é pura intencionalidade, isto é, vivemos sempre em relação ao que vem ao nosso encontro nesta totalidade de significância que é o mundo. Isto implica fundamentalmente em dizer que não existimos separados uns dos outros, como sujeitos ou indivíduos, mas intimamente ligados numa teia de sentidos que se desvelam a cada vez numa trama. Ser-com, em suma, é o existencial que para Heidegger (2012c) designa a relação originária de *Cuidado* entre os entes humanos: cuidado como *ocupação* e cuidado como *solicitude*, *preocupação*.

configuram como laços de sentido. Ora, o vinho, por exemplo, não é apenas o líquido, o vinho é a videira, o camponês, a celebração. Logo, existência e perda, copertencem originariamente, são inapartáveis.

Nesse horizonte, relembro Casanova (2021) a enunciar que existência é *transitoriedade*, isto é, instabilidade dos modos de organização espaço-tempo-corporais deste ente que somos. Esta instabilidade, pode-se pensar, estruturalmente relacionada a condição também originária de vulnerabilidade do existente e que é, por sua vez, “a condição ontológica da polissemia do sofrimento” (Cabral, 2021, p. 21). Isto implica dizer que originariamente o *Dasein* e tudo o que vêm ao seu encontro em seu campo de manifestação sedimentado tem como horizonte a finitude, dada a vulneração em que desde sempre é-no-mundo sendo. Vulneração que, portanto, inscreve no *Dasein*, enquanto ser ontologicamente em-transição, o fenômeno da perda. Vulneração, enfim, que corresponde àquela instabilidade de base, posta em jogo desde sempre na tensão entre a condição de indeterminação do *Dasein* e as suas possibilidades de ser em um horizonte historicamente constituído de modos naturais e identitários de ser.

De fato, convivemos desde sempre com perdas dos mais variados modos: perdas de familiares, perdas de animais de estimação, perdas de movimentos corporais, perdas de condições de trabalho, perdas de pares amorosos, enfim, perdas que se desvelam nos modos específicos de organização existencial dos entes humanos, sejam elas significativas ou não. Aliás, o que fundamentalmente perdemos não é precisamente uma alteridade, visto que não há como perder o que não se pode *possuir*. A perda aqui é justamente experimentada pelo *Dasein* na irrupção de um novo sentido para a compreensão de uma relação constituída com o que ou quem se “perdeu”, mediante a qual a tensão entre a composição alteritária deste sentido que se anuncia e o que lhe era cotidianamente familiar⁶ se encontra em jogo. A própria condição da existência como essencialmente transitoriedade possibilita, assim, a compreensão de uma originária relação entre a perda e este modo específico de se relacionar com a perda, a saber, a possibilidade de ser-com-o-outro que já não há *sendo-com-o-fim*: perda é a ruptura mesma. Esta compreensão, portanto, vai nos ajudar a pensar em um modo desidentitário e, portanto, existencial, de relação com a perda significativa.

⁶ A familiaridade é todo este conjunto de significações que acolhe o ser-no-mundo (*Dasein*) desde sempre. É o habitual que o absorve em modos de ser normatizados e previamente constituídos na tradição. Em termos heideggerianos, o familiar é o impessoal, sendo este originado no de-cair do *Dasein*. De-cair enquanto ser-jogado na existência que o abriga de início e na maior parte das vezes em modos impróprios de ser. Tais modos impróprios se anunciam como possibilidade de o *Dasein* ter chão, segurança, pertença no mundo que o possibilita ser. O familiar é lugar onde o *Dasein* se sente em casa e onde a clareira que é ele ilumina modos de corresponder às solicitações da existência de modo irrefletido.

Nesse sentido, a interrogação que se desvela nesse momento parte de um pressuposto de que a elementarização da experiência compreendida como *luto* em suas nuances tradicionais, naturalizando e psicologizando o fenômeno, não reconhece o seu caráter originariamente fundamental, em torno do qual as condições contingenciais do sofrimento se revelam em sua historicidade. Sobre isto, vai dizer Casanova (2019):

O sofrimento não é uma realidade, que se encontraria dada de maneira subsistente no plano de nossas concepções pretensamente puras e de nossa capacidade correlata de identificar suas propriedades essenciais. Ao contrário, ele possui uma fenomenalidade própria, condições específicas de fenomenologização, que obedecem por princípio ao caráter histórico de seu campo. (p. 132)

É essencial, porém, ressaltar que a questão da despsicologização do sofrimento ganha esteio numa compreensão prévia de que somos *Dasein*, isto é, radical poder-ser no horizonte da temporalidade finita. Ao poder-ser humano, Heidegger (2012c) atribui uma irreduzível indeterminação, marcada por uma nidade ontológica originária: ser é essencialmente estar-lançado sem que algo substancial o preceda. Compreendendo, assim, a existência humana, toda a essência naturalizadora do sofrimento dessencializa-se, em face a sua inscrição numa teia histórica que o põe em movimento e o produz. Isto implica em dizer que não existem *naturezas* humanas, mas *condições* humanas, ou seja, tudo o que vem ao encontro do humano na existência é produto contingente das circunstâncias. Por isso, não é possível falar na homogeneidade de qualquer fenômeno, mas falar de suas condições de aparição que são fundamentalmente polissêmicas, ou seja, são constituídas a partir de um horizonte histórico que possibilita contextualmente os seus devires e modos específicos de ser. Cabral (2021) ilumina meu pensamento ao destacar que:

O sofrimento é polissêmico. Isso porque, antes de os viventes experimentarem o substantivo “sofrimento”, o que eles conhecem é o verbo *sofrer*. Em verdade, esse verbo deve ser pensado no plural: *sofreres*. Entretanto, ainda que a polissemia do verbo sofrer não nos permita promover qualquer homogeneização da experiência do sofrimento por parte dos viventes, há um pressuposto ontológico que devo, aqui, destacar. Só há *sofreres* porque seres sencientes⁷ são ontologicamente vulneráveis. (p. 21 - *grifos do autor*)

Portanto, é a condição de vulnerabilidade originária, a partir da qual o existir se encaminha em suas possibilidades de ser, que determina a possibilidade humana do sofrer e não o pressuposto *natural* correlato a modos normatizados do sofrimento na tradição constituídos. De igual modo, é possível pensar que a condição de vulnerabilidade é que inscreve a

⁷Os seres sencientes são aqueles que sentem, que possuem vida sensitiva e, por isso, se relacionam com o mundo, sendo afetados e por vezes afetando os demais seres (CABRAL, 2021, p. 19).

possibilidade do sofrimento numa perspectiva despsicologizante, ou seja, ser-vulnerável é uma abertura originária ao caráter contingencial da existência. Não existe, dessa forma, algo assim como um sofrimento natural ao humano, mas é todo ele em seus modos de aparição acolhedor de um horizonte histórico que o precede e o poscede. Podemos dizer, acompanhado a este raciocínio, que o sofrimento não se localiza num processo subjetivo de uma *psiquê* encapsulada, mas à totalidade da existência, em torno da qual advêm, segundo Casanova (2021) as suas condições próprias de temporalização do tempo, espacialização do espaço e corporação do corpo. Condições estas articuladas originariamente a um modo de estar disposto, a saber, um modo de ser *afetado* que posicionam o ente existente no-mundo. Ora, se ser humano, na perspectiva existencial-hermenêutica, implica necessariamente pensar que nada previamente define ou substancializa os seus modos de ser, como compreender o *luto* em uma dimensão existencial, isto é, enquanto modo de ser possível, enfim?

Nesse caminho, vai se abrindo a possibilidade de compreender o *luto* em uma dimensão mais originária, na qual está em jogo os modos do ente que sofre experimentar as suas possibilidades de encaminhamento na existência, e pela qual não se busque a desaparecimento dos afetos, a sua resolutibilidade ou mesmo o seu esgotamento. Possibilidades estas que partem do pressuposto de que a experiência da perda não necessariamente figura numa interioridade encapsulada ou psíquica que precisa ser elaborada, ou na disfuncionalidade cognitiva que precisa ser resolvida, mas possibilidades que abarcam o ser-todo do existir e que são, por isso mesmo, irrealizáveis.

A experiência clínica, é bom lembrar, tal como descrita nos capítulos iniciais desta dissertação, também já apontava para outros caminhos que possibilitam o questionamento desses modelos tradicionalmente aceitos. Modelos estes que estabelecem um conjunto de propriedades à experiência teoricamente identificáveis a priori e que funcionam como pano de fundo para a elaboração sistemática da prática do psicólogo. O que quero dizer, a partir de uma apropriação poética de Hannah Arendt (2002), é que nenhum desses modelos pode resistir ao vento do pensamento. Esse pensar, é bom que seja reafirmado, que não peca por excluir os modos tradicionalmente instituídos de compreensão da experiência conceituada como *luto*, mas tão somente parte de uma compreensão outra, existencialmente fundada e que, desse modo, acolhe o sentido da experiência no que se mostra dela mesma em seu campo histórico específico de manifestação.

Se os sofrimentos têm sua origem num contexto histórico específico, isto é, num modo particular que a existência suporta e é receptível ao que vem ao seu encontro, cumpre ressaltar antes de encaminhar a questão aqui proposta a distinção entre dor e sofrimento. Ora,

dor é o rasgo, o modo pelo qual existimos e somos vulneráveis. Sofrimento, por sua vez, tem mais a ver com o modo pelo qual a existência se *relaciona* com sua *vulnerabilidade*, quer dizer, com um modo particular de deixar advir, de *corresponder* ao que vem ao encontro do seu ser-vulnerável realçando a sua fragilidade. Nesse sentido, o sofrimento pode ser compreendido como um rebelar-se contra a fragilidade humana que, conforme anteriormente vimos em Cabral (2021), é possibilitada radicalmente pela nossa condição vulnerável: somos frágeis na medida em que somos essencialmente ser-com, coexistência, pura relação.

Embora Heidegger não tenha tecido uma distinção entre dor e sofrimento, tendo ele se ocupado, como assinala Han (2021b), de uma ontologia da dor, é interessante ouvi-lo em sua crítica a Ernst Jünger: “Me diga a sua relação com o ser, caso você sequer tenha alguma ideia a esse respeito, e te direi como você e se você se ‘ocupará com a ‘dor’ ou se pode refletir sobre ela”. (Heidegger 2004 cit. por Han, 2021, p. 84-85). O sofrimento, nessa medida, pode ser compreendido uma vez mais como certa relação que a existência estabelece com a dor constitutiva de ser, sendo esta fundamentalmente revelada pela transitoriedade de todas as nossas possibilidades de ser-no-mundo. Mas, por que tal distinção é importante? Compreender que dor e sofrimento não se confundem significa atentar para a restituição do caráter histórico da manifestabilidade da dor, que é precisamente a possibilidade do sofrimento como tal.

Em Han (2021b), a dor é compreendida como uma disposição afetiva fundamental que abre a existência para a compreensão da sua própria condição de finitude. O sofrimento, por outro lado, é constituído por uma pluralidade que em si mesma obedece a uma historicidade, isto é, o sofrimento é plural, a dor nos iguala. Por isso, vai dizer Cabral (2021) que poder-sofrer é tanto uma possibilidade quanto poder-não-sofrer. A dor não é uma possibilidade humana, a dor *é*. É a condição de ser dor que abre a existência para os sofreres que são sempre historicamente situados. Dado o seu caráter histórico, os sofreres são hermenêuticas das perdas em geral e, em nosso caso em específico, como veremos, *hermenêuticas do coração partido*.

Diante do exposto, cabe agora a reflexão sobre este modo específico de corresponder à condição em-transição e finita da existência, questão fundamental da presente pesquisa: o *luto* como modo específico de ser-com.

Heidegger, no parágrafo 47 de *Ser e Tempo*, oferece indicativo fundamental para a compreensão existencial-hermenêutica deste fenômeno, ao que chama de *reverenciação*, o movimento do existir em direção aos que se foram. *Reverenciação* que parece ser um *se*

voltar-para, como assinalado por Bürgi e Längle (2021). O pensador (2012, p.659) enuncia que:

O “finado”, diferentemente do morto que foi arrebatado “aos sobreviventes”, é objeto da “ocupação” pelo modo do funeral, do sepultamento, dos cuidados com o túmulo. Isto ocorre, por sua vez, porque em seu modo-de-ser ele é “ainda mais” do que um instrumento apenas utilizável em ocupação no mundo-ambiente. Permanecendo com ele no luto de recordação, os sobreviventes estão *junto a ele e com ele*, em um modus da preocupação-com-o-outro, a reverenciá-lo. Por isso, a relação-de-ser para com o morto não deve ser apreendida como *ocupação* junto a um utilizável.

Heidegger fala sobre um modo de permanência na recordação, isto é, na memória, que possibilita um estar-junto a quem se foi como cuidado solícito, junto-a-ele e com-ele. Certamente, a memória é *lugar* inesgotável de possibilidades. É onde tudo pode ser imorredouro. É onde o amor se revela, enfim, inultrapassável. Heidegger (2012c, p. 661) parece se referir a isto quando afirma mais à frente: “...o ser-com significa sempre ser-com-um-outro no mesmo mundo. O finado abandonou e deixou para trás o nosso ‘mundo’. A *partir desse mundo*, os que ficam ainda podem ser com ele”. Quem fica experimenta um modo particular de relação com quem foi, em torno da qual se volta-para a ausência, isto é, “para a perda e para si mesmo em face da nova situação” (Bürgi; Längle, 2021, p. 97). Todavia, esta experiência se mostra sempre como solicitude? Ou seria a solicitude apenas uma possibilidade de se voltar-para a perda?

Com efeito, a experiência com uma perda significativa, em termos existenciais, pode ser compreendida como um modo de ser tocado pela ausência, pela re-cordação do outro que se foi. “Recordar”, do latim *recordis*, junção do prefixo “re”, que significa “repetir” e “cordis”, que significa “coração”. Assim, “recordar” (“re-cordis”), no sentido de fazer passar novamente pelo coração: fazer uma experiência com a memória. Fazer uma experiência, por sua vez, como um ser-reivindicado pela memória que torna eterno aquele ou aquela a quem se conviveu e se amou de infinitos modos possíveis. Certamente, “o amor se funda no fato de pensarmos o mais profundo” (Heidegger, 2012, p. 120), isto pelo fato de ser a memória

[...] concentração do pensar da lembrança daquilo que, antes de tudo e antes de mais nada, cabe pensar. Esta concentração guarda junto de si e abriga em si o que, sempre e antes de mais nada, permanece e se anuncia como o a-se-pensar em tudo o que anuncia como o vigente e o vigor de ter sido. (Heidegger, 2012a, p. 118)

Nessa direção, memória é fio que costura presença na ausência, tece proximidades na distância. O que pode ser tocado pela memória será no tempo reinventado de outras possibilidades de ser numa eterna revivescência. Possibilidades estas, é bom que se diga,

abertas previamente por um campo de sentido articulado no-mundo e que se rearticula em face aos novos sentidos e significados originados na ruptura.

Compreendida como modo específico de ser-com, a experiência de *luto* se mostra como *passagem* através da qual a existência se volta-para um modo peculiar de presença de quem já não há sustentada e doada pela lembrança: o modo de ser da presença na ausência. Diz Han (2021) que a presença na ausência é um *inteiramente outro*, um *indisponível*. Na medida em que se volta-para a presença na ausência, o existente é arrancado da absorção nos modos familiares e normatizados de ser-com-o-outro que já não há e, assim, experimenta uma relação radical com o desconhecido: eis a remissão do existir a um poder-ser-com-o-outro no *indisponível*, na presença da ausência dele. Tal remissão torna possível um caminho de singularização existencial que é, segundo Cabral (2021), estrangeiridade originária.

Sem dúvida, se voltar-para o *indisponível*, para o *inteiramente outro* na relação com quem se foi e a quem tanto se amou, abre a possibilidade do ente que sofre experimentar a estranheza de uma relação modificada existencialmente com-ele. Esta relação existencialmente modificada é um en-caminhar-se, ainda que de modo privativo, restritivo ou fragmentado. Por isso, é compreensível que a experiência concebida como *luto* possa ser considerada como uma hermenêutica da perda, em torno da qual, na *passagem* interminável na memória, condições específicas de temporalização do tempo, espacialização do espaço e corporação do corpo acontecem. Portanto, a experiência de *luto* em termos existenciais pode ser considerada como um acontecimento que, como Figueiredo (1994) acentua, destroça mundo e funda mundo, ao corresponder a possibilidades existenciais singulares de *proximidade* e *distância*, *eternidade* e *instante*, em relação ao ente amado que já não há. Os que se foram passam habitar e a permanecer na constituição dos nossos modos específicos de organização espaço-tempo-corporal de formas não visíveis ao modo da lembrança, ao modo como articulamos o nosso existir desde então.

No que se refere à espacialidade, quer dizer, ao que existencialmente implica um modo de espacialização do espaço, o *luto* como modo de ser-com coloca em interrogação as noções sedimentadas de *proximidade* e *distância* presentes nas teorias sobre o *luto*. “A *distância* está inscrita na *proximidade*”, ressaltará Han (2021, p. 92), de tal modo que existencialmente “proximidade não é pouca distância” (Heidegger, 2012, p. 143). Proximidade e distância não condizem com o posicionamento geográfico de determinado objeto, mas de um modo pelo qual a existência espacializa o espaço em que é-lhe possível ser. É nessa direção que se refere o pensador (2017), em diálogo com Medard Boss, que a presença de uma pessoa que se foi pode ser ainda mais vívida para o *enlutado* que quando ela

estava viva. Na situação de *luto* a existência suporta e renuncia à proximidade da distância. Isso também quer dizer que em meio à extensão constitutiva entre duas existências habitam todas as extensões e, a um só tempo, a *ausência* delas.

Quanto ao modo específico de temporalização do tempo, o qual também põe em interrogação os modos tradicionais de compreensão temporal da experiência do *luto*, depreende-se ainda do texto heideggeriano que a relação com a perda possibilita paradoxalmente a permanência na impermanência constitutiva da existência. Permanência na re-cordação, pela qual se preserva um modo outro de se relacionar com quem se foi e revela, nesse sentido, o *luto* enquanto modo de ser possível no horizonte finito da temporalidade humana. O *luto*, assim, se anuncia temporalmente como um demorar-se *descontínuo* no interior de uma *disposição* que abre a existência para uma renúncia ao *inteiramente outro* desvelado na presença da ausência, ao que já não há mais nem haverá e ao que poderia ter sido: o “nunca mais” articulado ao “para sempre”. A renúncia que, por conseguinte, em Han (2021), “é o traço fundamental da *espera sem intenção*” (p. 95). “A renúncia que *doa* e torna a existência receptível [*empfänglich*] ao *indisponível*” (p. 95-96). O tempo do *luto* compreendido como ser-com é, assim, tempo da experiência existencial, *ekstático*: tempo da eternidade.

Portanto, o caráter doador da renúncia *destina* o existente em sua experiência com a perda, de modo que os marcos temporais que determinam as suas concepções tradicionais podem ser postos em interrogação. Aliás, a temporalidade do *luto* temporaliza-se na memória. A memória que é a sacramentação do testemunho existencial do existente ao afirmar em sua historicidade, em seu próprio existir vulneravelmente em-transição, as marcas de sua perda.

[...] a experiência preserva memórias de um modo que não é *informativo*, como quem preserva definições de dicionário decoradas e impressas no tecido da consciência de uma forma clara e sempre visível; ela preserva a memória enquanto experiência, algo que pode ser comunicado apenas através de um *testemunho*, da tentativa de reviver no outro a experiência, mas não como um dado, um conteúdo informativo determinado. (Volz, 2019, p. 159 - *grifos nossos*)

Hilda Hilst nas margens de sua memória, o poema, indica uma possibilidade de relação da memória com o corporar da existência, no qual o corpo ainda sente, rejubila-se ainda de sons, tons e cheiros. Nesse poema, Hilst (2017, p. 201-202) se volta-para a ausência do seu pai já falecido, enfatizando o odor da sua saudade em suas possibilidades originárias de ser linguagem, compreensão e afetividade organizadas e constituídas em uma corporeidade específica:

Na tua ausência, na casa o perfume das igrejas. O odor
Da castidade antiga dos incensos, reacendeu a alegria da infância
E aspirei contigo o perfume menos casto das cerejas. Na casa,
Um ruído de contas de rosário, mas eu só, meu pai, te vigiava.
Os ventos te seguiram. E próxima do teu passo, eu mesma era o
silêncio

A pedra. Impossível de abraço.

Uma torre contigo caminhava.

Nos muros, nas escadas, refizeram ardis
Fibras trançadas, e aqueles pareciam mais largos, aquelas mais altas.
No teu andar, um quase nada definido. Tinhas o caminhar dos
animais,

Espaçado e perdido. Respirei teu mundo movediço: Pai, não viste o
sal da terra.

Corroendo os pilares, as cruces, a capela? E os sonho sobre a tua
fonte

É mesmo crisálida pronta para ter asas?

Articulada originariamente à corporação, assim como à espacialização e à temporalização da experiência, importa assinalar que a memória não corresponde aqui a uma mera inteligência, uma faculdade estritamente cognitiva. Antes, é uma *disposição*, um modo particular de o *Dasein* compreender e afetar-se aberto pelas estruturas prévias da compreensão, e, portanto, de compreender o que advém memorialmente no campo de sentido que determina a cada a vez as suas possibilidades de ser.

Hilst é transportada para a sua infância através do perfume das cerejas, da igreja, e para o ser-próxima do seu pai na distância, lugar onde é ela mesma um modo de corporar o silêncio na indefinição dos seus passos. Vê-se, então, o olfato como um sentido indeterminado, menos relacionado à consciência do que a visão e a audição e exatamente por isso é capaz de reter memórias mais antigas (Volz, 2019). A memória, é bom que se diga ainda uma vez, nesta proposta é compreendida em seu sentido existencial, como *lugar* em torno do qual a existência rega o jardim do seu *ser-sido* e não de um *passado* apreendido como *memória afetiva*, aclarado no interior de uma subjetividade, como bem assinala Sena (2019) ao se referir ao caráter *mnêmico* do não-lembrado. A memória, nessa direção, pode ser compreendida em sua dinâmica existencial, a um só tempo, como recordação e esquecimento. Isto porque a existência, conforme indica Hedeigger (2012), não passa, é em si mesma *tempo* e, desse forma, não dista do seu *ser-sido*, de modo que o tempo da memória é sempre tempo

do *instante*, em torno do qual todos os instantes, que vigem na potência do *sido* e na silenciosidade do *ainda-não*, se erigem.

Como visto, para Heidegger (2012c), sob a permanência solícita na recordação, a existência se inclina a um modo de presença que existencialmente desloca quem se foi para um lugar outro, no qual se pode permanecer-com-ele. Esta inclinação envolve uma condução do *olhar* em direção a quem se foi, ao *sentido* da relação que fora cultivada e que vai se consumando na experienciação da ausência. A ausência, nesse caminho compreensivo, é “parteira do novo, parteira do inteiramente outro” (Han, 2021, p. 73). A experiência da ausência, que é um se voltar-para, sustenta-se, dessa forma, na memória que entrelaça o que foi, o que poderia ter sido e o que é possível ser, perante a perda.

Nessa medida, o se voltar-para a presença da ausência, enquanto ser-com, arranca aquele que sofre da absorção no familiar, constituído de modos de se relacionar determinados especificamente por uma conjuntura histórica prévia. A familiaridade que é surda ao ser-outro, isto é, à alteridade de um campo de sentido anunciada pela perda. Por isso mesmo, o sofrimento, enquanto ser-outro radical, no que concerne aqui à hermenêutica da perda, é um ouvir a voz do mistério que habita a ruptura. Abrir-se a essa voz, que “vem de outro lugar” (Han, 2021, p. 87), significa dizer que se estar receptível ao sentido que se desvela na experiência. Assim, o modo como aquele que sofre se relaciona com a perda, isto é, como corresponde existencialmente à vulnerabilidade do existir restituída a cada vez pela transitoriedade dos modos de organização espaço-tempo-corporal dos entes humanos desveladas nas rupturas, mais do que dizer sobre um modo de suportar, dirá de um modo singular de deixar-advir, em torno do qual se pode interrogar o modo de ser-com-o-outro que foi, e de lhe ser possível a construção de rumos de sentidos outros para essa relação.

Recorro mais uma vez à poesia como possibilidade da escuta de um dizer que fala o essencial. Essencial que é lugar, modo de habitar e onde, para Han (2021), a palavra despedaça no retorno ao silencioso que é, ambigualmente, também o silêncio onde é mantida. Há, por isso mesmo, algo silencioso nos fenômenos. Um silêncio que se pode escutar e que faz um apelo ao radicalmente *outro*, a um mistério que se anuncia na vida sem mais aquele ou aquela a quem se ama. Lya Luft (2005, p. 101), ao escrever um poema para sua mãe já acometida pelo Alzheimer, transluz essa experiência:

INÚTIL ESPERA

O rumor de uns passos enérgicos,
a voz me chamando no jardim, na sala
rosas com nomes secretos, e um perfume
igual ao dela.

Legou-me sua alegria inesperada,
 o amor à vida,
 e algo do perfil. Não sua beleza:
 essa ficou nos retratos.
 Nada lhe significo mais:
 quando me vê enxerga outros rostos,
 mais reais do que eu na sua ilha.
 É minha mãe e não é,
 vive e não vive, na clausura da mente
 adormecida.

Mas eu,
 a cada visita espero o impossível:
 que ainda uma vez o seu olhar me alcance,
 e por um momento ame, nesta mulher, a sua filha.

Nesse poema, a autora descreve a sua experiência diante do irreconhecimento da sua mãe, da perda do sentido maternal que tinha a sua mãe para com ela. A experiência de Lya aponta para uma relação com o *indisponível*, com o *inteiramente outro* que é a experiência de ser lembrada e ser esquecida por sua genitora, por não ser mais passado possível dela. Lya conta dessa relação radicalmente outra, dessa relação com o *impossível*, que ao mesmo tempo abre para ela a experiência da re-cordação: um modo particular de se voltar-para a presença da ausência do sentido maternal da sua mãe que resiste em seu modo de ser e se eterniza na memória. Por isso, vai dizer Han (2021b, p. 94) que “a dor abre uma outra visibilidade”. A dor possibilita o *ver*, enquanto um ser tomado pela estranheza constitutiva da existência, projetado para a outridade, isto é, para um modo de relação diferente com aquele ou aquela que foi e com a existência como um todo e deste, remissivamente, à nossa condição indeterminada de base.

Nesse sentido, o *luto*, enquanto modo de ser-com no qual aquele que sofre faz a hermenêutica da perda, pode também ser compreendido como o acolhimento desse *ver*, pelo qual, para Han (2009), é possível um *conceber* do que figura *indisponível*, do que é já ausência, e pode encaminhar, dessa forma, para outras possibilidades de relação com a presença da ausência. Aliás, este *conceber* é em Han (2021) precisamente a dor que irrompe e se dirige ao ser. A experiência com a perda, dessa forma, se apresenta como apropriação da dádiva do ser, que é originariamente rasgo, dor: *passagem*. Em outras palavras, é ela a hermenêutica do *inteiramente outro*, do que se afigura *indisponível* através do inaugural, ante as situações alteritárias que irrompem na existência de quem é *jogado* diante do novo, que é a relação de estranheza com a perda.

Diante das situações expostas, não quero dizer que o fenômeno conhecido como *luto*, compreendido em sua dimensão existencial, apenas se apresenta como solicitude. Citando-as

apenas quis acentuar o caráter estrutural do fenômeno em termos existenciais enquanto ser-com e, portanto, assumir o meu ponto de partida para a compreensão das experiências dos colaboradores(as) mais tarde.

Por fim, mediante à *contemplação* do horizonte da hermenêutica da perda em sua dimensão existencial, importa continuar fazendo a experiência do pensamento proposta por Heidegger ao problematizar a seguir o amor em suas determinações históricas, os modos de amar no contemporâneo, bem como as suas repercussões na experiência de perda, com vistas a delinear a situação específica que objetivo compreender: a possibilidade do sofrimento existencial que acompanha o rompimento do par amoroso. Tal *contemplação* aponta na direção de um caminho que se desvela ao caminhar e acolhe em seus desvios o incontornável. Um caminho que se inclina, em termos heideggerianos, à questionabilidade da questão, ao que vem à luz cada vez mais em possibilidades de compreensão e é dom do mistério de ser.

4 OS FIOS QUE TECEM O AMOR: interrogando o enlaço da finitude aos modos de amar no horizonte histórico da técnica

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.
(Moraes, 1957, p. 22)

A tecer e sendo tecido pelos fios de uma estrada não definitiva como toda compreensão do sentido de alguma coisa, vou como quem deseja o desconhecido: antes para as inconclusões e para essa beleza irremissível do mistério de ser. Vou pela ventura mesma de ir e de disponibilizar-me aos apelos das descobertas. Pretendo o encontro com a minha própria perplexidade, com essa chama que me convoca à desconstrução e reconstrução de pontes que deixam advir. Apresento a minha experiência com as palavras que iluminam o meu pensamento para a compreensão do que busco. Esta experiência me convoca agora a situar quem me lê neste trajeto no contexto específico da experiência que objetivo compreender nesta pesquisa: o rompimento do par amoroso e o sofrimento que o acompanha.

Nesse caminho (re)encontro um texto de Clarice Lispector intitulado *Por não estarem distraídos*. Trata-se de uma crônica em que a autora descreve a experiência amorosa de um casal, desde a sua nascente, na qual estavam *distraídos* da relação⁸ ela mesma, das suas determinações e aporias, até a sua transformação, deflagrada pela representação da experiência enquanto tentativa de racionalização e controle dos modos de conviver-com. Este texto me dá um soco no estômago e é no meu diálogo com ele que pretendo destecer e tecer os fios do amor romântico na história e as suas repercussões na *crise* da experiência⁹ amorosa contemporânea. *Crise* esta que realça os contornos da condição humana de finitude e, portanto e uma vez mais, de todas as nossas possibilidades de ser. Em uma palavra, o fio condutor deste momento de pesquisa terá como ponto de partida e, a um só tempo, como guia, a experiência literária de Clarice, no qual descreverei uma travessia: a transição do estado nascente do amor fundado na esperança e no acolhimento do mistério, isto é, do amor como abertura, o qual chamarei de amor-espérance, à sua substancialização, descortinada nos modos de amar por ocupação, os quais parecem ressoar vestígios do romantismo. Desta

⁸ A *relação*, com algo ou alguém, na qual eu estou, sou eu. Entretanto, “relação” não deve ser objetivamente entendida aqui no sentido moderno. A relação existencial não pode ser objetivada. Sua essência fundamental é ser aproximada e deixar-se interessar, um corresponder, uma solicitação, um responder, um responder por baseado no ser tornado claro em si da relação. (Heidegger, 2017, p. 188-189).

⁹ Quando falamos em fazer uma experiência, isto não significa que a façamos acontecer; fazer significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos atinge receptivamente, aceitar, suportar, na medida em que nos submetemos a isto. Algo se faz, advém, tem lugar. (Heidegger, 1957/1958 *cit. por* Figueiredo, 1994, p. 121)

transição é que pretendo pensar, reanimando o ponto de partida da discussão do capítulo anterior – a existência compreendida como transitoriedade –, a originária relação entre este modo específico de cuidado, o amor, e as nossas possibilidades em um horizonte finito de ser, tendo como perspectiva a separação dos amantes e as suas repercussões na experiência de sofrimento.

Estarão em interrogação alguns modos sedimentados da experiência amorosa descobertos como modos de dominação e atravessados por expectativas identitárias de felicidade tangenciadas por normatizações originadas no ideário romântico: a *experiência simbiótica*, o outro como parte e razão de si; a pretensão de *sem fim* na união, não necessariamente matrimonial, mas de significação do sentimento, em que se espera um “pra sempre” cronologicamente dado; e a *recusa à solidão*, na qual se insere o outro como um destino e se atribui a ele o único critério de realização da felicidade.

Autores como os filósofos Francesco Alberoni (1988, 1996) e Alain de Botton (2017), me ajudarão a compreender o que marca o início desta travessia, na qual o encontro esperançoso entre duas pessoas se constitui; Anthony Giddens (1993), Denis de Rougemont (2003), Cristine Mattar (2020) e Selmara Londero (2006), me auxiliarão à escuta da tradição amorosa, condição de possibilidade de aparição dos modos de amar no horizonte histórico que é o nosso; e, por fim, Byung-Chul Han (2017) me auxiliará com seu diagnóstico da modernidade a compreender alguns delineamentos da *crise* amorosa contemporânea.

Deixarei também falar em minha investigação¹⁰ as obras de arte nos contextos da experiência poético-literária e da pintura, não com o objetivo de interpretá-las no que está *por trás*, fora do que se deixa ver, mas como possibilidade de escutar e ser afetado pela sua silenciosidade originária. Recordando Proust (2005), diligentemente citado por Figueirêdo (1994): compreender a obra no sentido de deixar-ser a sua posteridade que nos acolhe no tempo. Ainda em Figueirêdo (1994), vejo assinalada a importância da escuta deste *som*, o *som* da obra, fundado no que não se pode ouvir:

Há um som que já não se ouve, implicado em qualquer escuta: o que formou a possibilidade mesma de escutar. A recordação deste outro som não se confunde com a lembrança de qualquer som que a cada momento se tenha escutado. É o som que a cada momento não soa, mas cujas ressonâncias nós entreouvimos. Há um dizer que não argumenta nem meramente registra: o dos poetas que fundam o que fica. (Figueiredo, 1994, p. 83)

¹⁰ Recorro a Aun (2005) para aclarar a noção de investigação aqui falada. Do prefixo *in*, a significar *por dentro*, e do sufixo *vestigium*, a implicar *vestígios*, nasce o modo de corresponder às solicitações próprias do caminho que me leva às possibilidades históricas do amor em torno das quais ressoam os seus vestígios no nosso tempo. Um modo de abertura ao inesperado e a reversibilidade própria suscitada por um caminho que escuta a tradição para destecer e retecer possibilidades de sentido.

Precisamos, portanto, reconstruir. Reconstruir para *ver*, escutando os modos de mostração do fenômeno no tempo. Escutar no sentido de corresponder a um apelo que se apresenta e que tecerá comigo compreensões dos modos de amar em suas determinações históricas. Ouçamos Clarice, portanto:

Havia a levíssima embriaguez de andarem juntos, a alegria como quando se sente a garganta um pouco seca e se vê que, por admiração, se estava de boca entreaberta: eles respiravam de antemão o ar que estava à frente, e ter esta sede era a própria água deles. (Lispector, 2020, p. 420)

Clarice descreve o nascedouro do amor, movimento existencial marcado pela *esperança*. Uma esperança nesse momento apartada da *expectativa*. A esperança, nesse sentido, enquanto modo de estar disposto, se apresenta na intenção do amante que se abre à possibilidade mesma e própria de experienciar o amor: suspensa, inclinada ao mistério da existência e da ventura de compartilhar da vida com um outro. Compartilhar no sentido de manter desperta a entrega como no primeiro dia. Diz Heidegger em carta à Hannah Arendt:

O coração nunca está em condições de dominar o despontar repentino do outro em nossa vida. Um destino humano entrega-se a um destino humano, e o serviço do amor puro é manter desperta essa entrega exatamente como no primeiro dia. (Heidegger-Arendt, 2001, p. 8, cit. em Lutz, 2000)

Assim, compreendo a esperança com a ajuda de Heidegger (2001), no contexto do nascedouro do amor, como um modo de possibilitar a revivescência do torpor que funda a proximidade existencial entre um ser humano e outro. E não apenas isso: a esperança como marca da origem do relacionamento significativo de um par amoroso dá-se na consumação da fidelidade a si mesmo e na crença incondicional no outro. E continua o autor: “o amor intensifica constantemente o seu segredo mais peculiar” (Heidegger-Arendt, 2001, p. 8, cit. em Lutz, 2000), isto é, o amor constitui-se inicialmente no terreno do desconhecido e a esperança que é ele sustém em si mesma essa atmosfera existencial de incerteza e reciprocamente do próprio amor.

Alberoni (1988), em sua obra *Enamoramento e amor*, aponta para uma compreensão valiosa do fluxo do nascedouro do amor. O autor se refere a este fluxo como *estado nascente* pelo qual um movimento coletivo a dois se consuma. Isto implica em pensar que a aproximação entre duas pessoas é determinada por um contexto histórico específico e desencastela uma reaproximação da comunidade para uma relação a dois. Assim, pode-se dizer que é desvelada aqui, nesse momento do caminho de pesquisa, uma possibilidade de aproximação da situação hermenêutica do par amoroso e do seu aspecto político. Dito de outro modo, a experiência amorosa não acontece apartada do mundo em sua teia de significância, mas a ela fundamental e contingencialmente corresponde. Sobre o estado

nascente, compreendido como insurgência do amor-esperança entre dois entes humanos, assinala Alberoni (1988):

O enamoramento é um separar o que estava unido e unir o que estava dividido, mas unir de modo especial, pois essa união se apresenta como alternativa estrutural a uma relação estruturada. A nova estrutura desafia radicalmente a antiga, tirando-lhe todo o valor. Paralelamente, funda a nova comunidade na base de um valor e um direito absolutos, e reorganiza ao redor destes todas as outras coisas. Essa reorganização não se produz num instante: é um processo. O que se produz num instante é o aparecimento do objeto puro do eros, o qual nos aparece como revelação. O enamoramento, no entanto, não é esse instante, perde-se, logo reaparece, volta a se perder e volta a aparecer mais rico, mais concreto e se impõe a todos nós. (p. 18)

Dessa forma, o amor-esperança pode ser compreendido como acontecimento e continuidade. Não é algo que se dá na suspensão transcendental entre duas individualidades. É, antes, uma experiência que põe em-movimento os destinos humanos. O despertar da esperança, em suma, é a própria sede pelo que é incompreensível na experiência de amar e por sua perenidade. Perenidade que não se perde nos confins do tempo cronológico, mas que acontece como potência criadora de sentido a cada vez.

O primeiro elemento de estruturação da historicidade da convivência amorosa é a independência em relação ao tempo, no sentido de sucessão cronológica. A convivência amorosa não é prisioneira das características que compõem uma situação – relacionamento com data, cronologia, etc. – como também pertence à sua própria vivência não estar limitada às determinações, fatores e elementos dos quais ela se elaborou. (Leão, 1970 [2019], p. 9)

No estado nascente da experiência amorosa, Alberoni (1996) refere-se à esperança como um sentido de re-conhecimento do outro, na qual se persiste até o limite das possibilidades de estar-junto. Botton (2017) afirma que este estado nascente, o qual ele denomina *início sagrado*, não é uma das fases do amor como se concebera. É, ao contrário, a experiência do que possibilita o seu curso. Stendhal (2011), embora direcione o seu estudo sobre o amor na perspectiva de *fases*, tece um comentário importante sobre o nascedouro de uma relação amorosa significativa: “O começo recebe atenção tão desproporcional porque não é considerado apenas uma fase entre muitas outras; para o romântico, ele contém, de forma concentrada, tudo o que é importante no amor” (Stendhal, 2011, p. 13).

Nessa direção, re-conhecem-se possibilidades próprias de realização no amor enquanto amor, experienciado como solicitude que se mostra na solidariedade para com a esperança de realização do outro. Por outro lado, a realização no estado nascente, tal como empreendida por estes autores, não constitui o momento final em que se aclara a felicidade, mas um horizonte, no qual é possível a apropriação de um sentido singular para amar. Sentido este que possibilita um recuo perante as normatizações e ideais que atravessam a experiência

amorosa na história. Com efeito, a experiência pela qual advém o amor-esperança suporta as imposições de um modo a priori de amar, padecendo na alegria que deixa elevar o seu brilho. Mas como isto acontece? Alberoni (1996) aponta para uma possibilidade compreensiva:

A vida é renovação, procura e ascensão. O casal mantém-se enamorado se a energia da mudança, a energia exploradora continuar a operar revitalizando-o. Isto significa que o casal se mantém enamorado se conservar uma componente de surpresa, de risco, de incerteza, de descoberta, de revelação. (p. 289)

Clarice prossegue em seu texto aprofundando o pensamento sobre esta experiência:

Andavam por ruas e ruas falando e rindo, falavam e riam para dar matéria e peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede deles. Por causa de carros e pessoas, às vezes eles se tocavam, e ao toque – a sede é a graça, mas as águas são uma beleza de escuras – e ao toque brilhava o brilho da água deles, a boca ficando um pouco mais seca de admiração. Como eles admiravam estarem juntos!. (Lispector, 2020, p. 420)

No estado nascente vigora a des-razão, compreendida como atenção solícita ao outro. Solicitude como admiração e respeito pela distância existencial que os constitui como alteridades que se abrem à possibilidade de amar e, ao mesmo tempo, pela proximidade que apazigua o caminho em comum mediante o próprio amor trilhado. Rilke (2007) fala a mim nesse momento e clareia a espacialização desta distância naqueles aos quais o amor tocou:

[...] Mas, contanto que se reconheça que mesmo entre as *mais próximas* pessoas subsistem distâncias infinitas, pode se estabelecer entre elas uma coabitação maravilhosa, tão logo consigam amar a vastidão entre elas que lhes dá a possibilidade de se verem um ao outro em sua forma total e diante de um céu imenso. (Rilke, 2007, p. 88) (Grifo do autor)

O amor segue o seu curso quando não há procura pela mensuração desta distância constitutiva entre dois destinos. O amor, em seu sentido anterior aos modos sedimentados de amar, nascido ele da comunhão com o esperar, segue o seu rumo desejando que ele seja encontrado e, ao mesmo tempo, seja ele essa brisa que o oculta.

Até que tudo se transformou em não. (Lispector, 2020, p. 420)

Até que tudo se transforma em *não*, na não escuta do apelo primordial que eleva o coração à uma experiência amorosa singular. Recordo Rubem Alves, quando diz que o amor começa na escuta e termina na não-escuta. Vê-se no texto de Clarice que esta não-escuta pertence a uma não-correspondência ao fluxo das solicitações mais próprias do amor, terreno de deixar-ser a experiência do desconhecido.

Abre-se, então, na situação hermenêutica que guia esta pesquisa, o meu ponto de partida: quando os modos de amar se apartam dos que os sustentam na incerteza e no

mistério, quando a esperança se transforma em expectativa, e irmana-se aos lances previsíveis e ordenados pelo já estabelecido na tradição, é possível que empobreça existencialmente. A situação hermenêutica, todavia, também aponta para uma interrogação que me conduz: o modo próprio de aparição deste empobrecimento em sua conjuntura histórica oferece possibilidades de compreensão dos modos de amar na ambiência contemporânea? Que possibilidades seriam essas?

Viu-se em Alberoni (1988) que a experiência amorosa, em seu modo de ser, é determinada historicamente. O amor é um movimento coletivo e, assim, atravessado pelo o que ressoa da tradição. A pergunta pelo amor, desde a antiguidade, é fruto da inquietação de pensadores e filósofos. Naturalmente, variadas compreensões sobre este modo específico de estar disposto foram socialmente partilhadas e ganharam lugar, pouco a pouco, no imaginário popular: o amor, este desconhecido e, ao mesmo tempo, tão familiar modo de abertura ao ser. Heidegger (2009), por este mesmo caminho, também compreende o amor como um desconhecido, do qual se “anuncia desde sempre algo essencial” (p. 349). Em Heidegger, a pergunta pelo amor não ganhou objetivamente a nuance de uma experiência psíquica, nem a capa de um sentimento que advém de uma interioridade. Mas este não é o ponto por agora. Reflitamos nesse momento o amor em algumas de suas determinações históricas.

Segundo Londero (2006), na Grécia antiga já se apresentavam compreensões do amor que o articulavam ao ideal, ao transcendente. Estes aspectos, por sua vez, foram incorporados a valorações concernentes ao bem, ao belo e ao verdadeiro. Este era o valor do amor para os antigos e a força desta valoração se encaminharia mais tarde à essência da experiência amorosa no ocidente. No *Banquete* Platão discute estes aspectos valorativos e distingue o amor popular do amor celestial. Aquele ligado aos homens e às mulheres e este último à fraternidade universal, o amor entre os seres humanos.

O Amor Celestial – que tem o Alto como origem e destinação –, quando bem conduzido, une homens que se libertam pela persuasão da palavra amorosa – o que bárbaros não entendem e tiranos não podem admitir. É um amor que não convive com a servidão, a não ser a “servidão voluntária”, ao próprio amor, à virtude e ao bem. (Pessanha, 2009, p. 102).

Na obra de Platão também se encontra um famoso mito cuja compreensão permite pensar na origem das idealizações sobre o amor. Londero (2006) assim o resume:

Segundo o mito, inicialmente, foram três os gêneros de humanidade: o masculino, o feminino, e o andrógino. O primeiro era constituído por duas partes masculinas, o segundo por duas partes femininas, o terceiro por uma parte masculina e outra feminina. Tal conformação dava a essa humanidade anterior grande mobilidade: esses seres duplos moviam-se nas duas direções e podiam, apoiando-se em seus oito membros, locomover-se em círculo.

Eram fortes, mas dotados de grande presunção. Por isso, voltaram-se contra os deuses, e o castigo de Zeus à híbris dos humanos primitivos consistiu em cortá-los, separando em verso e reverso. (p. 28)

O mito lança como possibilidade de compreensão a inclinação humana à completude e à experiência de absoluto, fruto de uma comunhão total entre dois seres. No *Banquete*, ainda irá dizer Platão (1991) que, apiedando-se Zeus do resultado de sua praga, lançou o deus às partes separadas um desejo visceral de reencontro através do apetite sexual. De igual modo, vê-se mais tarde a busca pelo amor beber do cálice da unidade, em torno do qual o ideal condiz com o resgate da parte que falta, que foi arrancada originariamente do existir. Nessa direção, a dicotomia entre o desejo de possuir o que não se tem e o medo de perder o que se tem, vai, para Londero (2006), permear a mentalidade cristã ocidental entre 1500 e 1700, configurando o período predecessor do amor romântico na história.

Para Costa (1998), a ideia cristã do amor ligado intrinsecamente ao sofrimento e da eterna falta, isto é, a busca pelo outro impossível, foi incorporado ao amor-cortês no século XII. O amor-cortês, que antecede o amor romântico, parteja a visceralidade pela qual se busca a qualquer custo o domínio do outro e um modo de ser afinado à sensação de incompletude. Rougemont (2003) indica que a poesia lírico-trovadoresca pôs à luz a imagem poética do amor-cortês nas províncias do amor impossível, da contemplação do outro ideal, da relação simbiótica e última dos amantes. Essas imagens aparecem na história da literatura, da arte da guerra e da religião até às simbólicas dos mitos, como o de Tristão.

O amor cortês foi a primeira manifestação do amor como hoje o conhecemos, uma relação pessoal. Tendo surgido no século XII com os trovadores pertencentes à nobreza da Provença, mais tarde se estendeu a outras regiões da Europa. [...] O amor os fazia elevar-se espiritualmente, naquela espécie de arrebatamento que deriva do encontro de olhares, como se diz na tradição trovadoresca, uma experiência entre duas pessoas. [...] Ao contrário da ideia estabelecida da mulher dominada e desprezada e do homem dominador e brutal, a visão Trovadoresca reverteu essa imagem, trazendo um enfoque característico do período Neolítico: a mulher poderosa e honrada e o homem honrado e gentil. (Lins, 2007, pp. 57-58)

Os ideais do amor romântico, de algum modo, mantêm a estrutura socialmente partilhada pelo amor-cortês, encarando a figura amada como um alguém sempre distante, quase impossível de se possuir. É precisamente isto que condiciona o encontro como algo mágico e inigualável, ao passo que por meio do cavalheirismo procurava-se elevar e resguardar o ser amado à pureza da sua castidade. O mito do romance de Tristão e Isolda^[1] vem ilustrar de modo interessante este outro que falta, a quem se busca, se vive ou se morre para se *ter*. O amor romântico, natural e irrefletidamente, vai incorporar estes valores em seu seio histórico.

Abro um espaço para Florbela Espanca (Espanca, 2010, p. 139) dizer o amor-cortês e começarmos a pensar a interior relação do amor, este modo específico do Cuidado, com a condição transitória da existência em suas possibilidades ônticas irrompidas no rompimento do par amoroso, conforme aponto como horizonte de reflexão no início deste capítulo:

AMOR QUE MORRE

O nosso amor morreu... Quem o diria!
 Quem o pensara mesmo ao ver-me tonta,
 Ceguinha de te ver, sem ver a conta
 Do tempo que passava, que fugia!

Bem estava a sentir que ele morria...
 E outro clarão, ao longe, já desponta!
 Um engano que morre... e logo aponta
 A luz doutra miragem fugidia...

Eu bem sei, meu Amor, que pra viver
 São precisos amores, pra morrer,
 E são precisos sonhos pra partir.

E bem sei, meu Amor, que era preciso
 Fazer do amor que parte o claro riso
 De outro amor impossível que há-de vir!

Afirma Giddens (1993) que o amor romântico surge ao final do século XVIII incorporado a elementos provenientes do amor-cortês e do amor-paixão, ainda que deste se distinga. O amor-paixão é, para o autor, um fenômeno mais ou menos universal, enquanto o outro é um movimento culturalmente muito mais específico. “Através do amor romântico o indivíduo construiria a própria biografia no encontro com o outro, tendo então validada sua auto-identidade.” (Mattar, 2020, p. 11). O amor-paixão estaria ligado ao sacrilégio e encontrava na experiência da busca pelo amor impossível a possibilidade do sofrimento, da qual, em certo sentido, se alimentava. E não apenas isso: assinala Giddens (1993) que o amor-paixão era considerado uma ameaça à ordem social, um acontecimento perigoso em si.

No entorno dessas irrupções sociais os banhos matrimoniais também sofreriam significativas re-elaborações articuladas aos ideais do amor-cortês e do amor romântico. Para Mattar (2020), numa época em que o limiar da razão se dava a ver, o amor romântico tornava possível não só a união fundada na significação do sentimento, mas a irrupção contra um sistema matrimonial que até então vigorava: o casamento de razão¹¹. Desobedecia, assim, a

¹¹ Segundo Mattar (2020), o casamento de razão vigorou entre os anos 1750 e 1839, assentado no poder da igreja, o qual determinava que “a aliança matrimonial deveria ser a mais favorável aos interesses familiares, econômicos e sociais, sem que fosse importante basear-se em afeição recíproca. (p. 7)

lógicas já pré-estabelecidas e o casamento por afinidade se apresentava como possibilidade mais digna, para a qual a devoção dos românticos fora largamente expressa.

Todos apontavam o matrimônio como final, insígnia do amor verdadeiro que somente nele se realizaria plenamente. O casamento por amor, e não por interesse, fruto da opção individual, era o único considerado digno pelos românticos e aparecia como a culminância em suas obras. (Mattar, 2020, p. 9)

Para as mulheres, o casamento se tornara condição indispensável para o encontro com a felicidade. Não se tinha essa opção de não se casarem, sob pena de serem mal vistas, donde se constituirá culturalmente a expressão “ficou para a tia” para aquelas que se rebelavam contra a tradição. “O casamento era, para as mulheres, na opinião dos românticos, a única possibilidade de felicidade, por isso precisavam escolher um marido de seu agrado”. (Brügger, 1995, p. 47, cit. por Mattar, 2020, p. 9). O casamento era uma espécie de consumação final de um destino, no qual o sublime e o amor verdadeiro se espessariam. O casamento, enfim, era a consagração da condução dos amantes a um horizonte “até que a morte os separasse”. Vê-se, então, a constituição história de uma felicidade privada, privatizada, domesticadora das lutas coletivas e, por isso mesmo, negligenciadora do aspecto político do amor. Havia um sentido de raridade no amor romântico, visto inserirem “o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos sociais mais amplos” (Giddens, 1993, p. 50). Na mitologia grega, inclusive, a composição do destino era tecida por entidades conhecidas como Moiras: três irmãs que teciam e desteciam os fios da existência dos seres humanos. A predestinação entre dois seres que se amam, nasceria dos fios que foram tecidos pelas Moiras. As caras-metades, as metades da laranja, as almas gêmeas, estariam ligadas desde sempre pelos fios que tecem esse destino na completude, no absoluto, no imutável.

Dessa forma, a totalidade da teia de significação mundana para os amantes se restringia à própria relação, de modo que a sensação de comunidade obedecia a uma supressão existencial. Evidencia-se ainda, para Mattar (2020), o ar de mistério que cerca o sentimento romântico. Para essa autora, “sobre um terreno desconhecido é mais fácil construir idealizações, envolvendo o objeto amado numa aura de desconhecimento que o torna mais atraente.” (Mattar, 2020, p. 11).

Algumas interrogações agora para mim se apresentam: os modos de aparição da experiência amorosa no tempo como o esquecimento de si articulado à necessidade de completude, a rejeição à solidão e a pretensão de *sem fim*, indicados acima, vigoram no nosso horizonte histórico contemporâneo como possibilidades fundantes de um modo de ser e de

amar que orienta as composições matrimoniais e as relações amorosas significativas de um modo geral? É possível, enfim, encontrar no esteio dessa travessia, deste empobrecimento dos espaços existenciais que abrigam a experiência amorosa, vestígios ressoantes da tradição romântica que delineiem uma determinada *crise* do amor na contemporaneidade? Haveria alguma relação desta *crise* com as experiências de rompimento e destas com a possibilidade do sofrimento existencial?

Antes de enveredar pelo cerne dessas reflexões, há que se pensar no que consiste ser *contemporâneo*, isto é, o elemento histórico que pertence ao humano cooriginariamente. O filósofo Giorgio Agamben (2009) indica uma possibilidade de compreensão do contemporâneo, articulando-a a um anacronismo que, em certo sentido, coincide com a apropriação do presente na medida em que dele se distancia na escuta do passado. Diz o autor:

[...]é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (Agamben, 2009, p. 58-59).

Nessa ordem, compreender se aqueles elementos supracitados, desencobertos na aparição do romantismo, ressoam na experiência contemporânea do amor e na tensão que possibilita a sua *crise*, não resulta aqui de uma elementarização dessas possibilidades mesmas, sob pena de insculpir em nossa análise o resultado de elaborações historicistas. A compreensão deste movimento nasce simplesmente do olhar reposicionado para as suas condições de possibilidades no presente, reveladas pela articulação da escuta da tradição, na qual habitam seus vestígios, com o que se desvela sobre a experiência amorosa ininterruptamente no fluxo do tempo.

Faz-se necessário, de igual modo, para iluminar o meu caminho, reconhecer de onde falo, isto é, o horizonte histórico que determina o meu dizer. Nessa medida, também encontro Heidegger (2012a) no meu itinerário e ele me ajuda a pensar a nossa época¹², o qual mais especificamente vai chamá-la de *A Era da Técnica*. Sinto agora a necessidade de reanimar esta questão já delineada no capítulo anterior.

No ensaio intitulado *A questão da técnica*, o pensador parte de inquietações sobre as concepções naturalizadas da técnica, nas quais a técnica constitui um meio para um determinado fim, a fim de que, em um recuo que se orienta pela interrogação desta

¹² Para Duarte (2010, p. 23), “as épocas históricas não são determinadas como momentos cronológicos sucessivos ao longo do tempo, mas como modalidades distintas de *abertura (offenheit)* ou da *clareira do ser (Lichtung des Seins)* na qual os entes vêm a ser o que são e como são a cada vez na história”, ou seja, o limiar histórico da técnica moderna não é determinado pela linearidade cronológica-temporal, mas pelo envio do que já sempre foi como um modo significativo de *trazer à luz*.

concepção, possa chegar a uma possibilidade compreensiva da essência da técnica. Com isso, procura Heidegger empreender um caminho que possibilite à existência uma relação livre com a essência da técnica, compreendida pelo filósofo como um destino, no qual se encontra um “supremo perigo”. Ele vai chamar esse caminho de *caminho do pensamento*.¹³

O caminho do pensamento leva Heidegger, interrogando a concepção instrumental-antropológica da técnica, ao encontro da *causalidade*, isto é, das condições de produção. Remetendo-se à teoria das quatro causas em Aristóteles, pôde compreender, lançando mão da metáfora da taça, um modo de produção mais originário em relação ao empreendido pela metafísica e, por conseguinte, no bojo da ciência tradicional. Tal modo de produção corresponde a um deixar-vir-à-luz, o qual os gregos denominaram como *poiesis*. *Poiesis* é um modo específico de descobrimento dos entes que vêm ao encontro do humano. Pode-se dizer, em suma, que procurava Heidegger (2012a) a relação originária entre *poiesis* e *alethéia* (verdade como desocultamento), como possibilidade de desconstrução dos modos de produção da verdade como veritas (verificação) ou como *representação*.

Na *Era da Técnica* impera um modo de descobrir meramente técnico, e que tem o seu apogeu na revolução tecnocientífica da modernidade. Nesse modo dominante de descobrir se erigem as possibilidades humanas de relação com a natureza, transformando-a em fundo de reserva para extração, transformação, estoque, distribuição e reprocessamento. Diz o pensador:

O descobrimento que domina a técnica moderna possui como característica, o pôr, no sentido de explorar. Esta exploração se dá e acontece num múltiplo movimento: a energia escondida na natureza é extraída, o extraído vê-se transformado, o transformado, estocado, o estocado, distribuído, o distribuído, reprocessado. Extrair, transformar, estocar, distribuir, reprocessar são todos modos de descobrimento. (Heidegger, 2012a, p. 20)

O modo de produção em nossa época, como podemos ver, é explorador, quer dizer, é um modo de descobrir que nasce de uma provocação. A relação humana com a natureza (*physis*), nessa medida, é utilitarista, porquanto a arranca da possibilidade de viger ao seu modo mais próprio. Nesse sentido, a técnica moderna é um modo específico de produção que

¹³ Para Borges-Duarte (2019) a tarefa do pensar ou a *transição* para um novo pensar instaura-se na possibilidade de diálogo com o que está a ser sob um duplo momento: no primeiro, rememorativamente voltarmos-nos às culminâncias do saber filosófico da ocidentalidade com vistas a pensar o que essencialmente por ele permaneceu impensado; em segundo, reflexivamente acolhermos as determinações históricas destes acontecimentos a fim de que nos chegue o essencial no presente, em um aguardar sereno sem expectativas e sem a violência mesma da ânsia pela antecipação ao aparecer.

leva a descobrir um fundo de reserva, um tornado sempre disponível. Esse modo histórico de descobrimento Heidegger (2012a) vai chamar de *Gestell*, a essência da técnica moderna.

A pretensão humana, aludida aos imperativos da essência da técnica moderna, de manter um fundo de reserva disponível na natureza para que dele possa se servir, revela dois traços fundamentais deste modo histórico de descobrir: a segurança e o controle (Mattar, Sá e Rodrigues, 2006). Tudo aquilo que nos escapa, irrepresentável, é posto em jogo em nossa época no intuito de prever-nos os próximos passos. Impõe-se à existência a obliteração do que lhe é mais próprio, em nome de uma compulsão à previsibilidade. É preciso conhecer a estrada para caminhar. Com isso, mantém-se oculto no coração humano o salto no vazio, na negatividade, que o reconciliaria com a sua essência incontornável. A intuição heideggeriana, no entanto, ajuda a identificar o caráter conjuntural da situação histórica que torna possível o desvelar dos fenômenos em nosso tempo. Ora, tal como o humano empreende de forma controladora, a partir deste horizonte epocal de descobrimento, a sua relação com a natureza e com as coisas de um modo geral, empreende também ele as suas relações com os outros seres humanos. Mas, seria possível que este modo específico de descobrimento, a essência da técnica moderna, acolha em nosso tempo o descobrimento dos modos de amar articulados àqueles elementos do romantismo discutidos anteriormente? É sobre isto que quero agora meditar.

O projeto da modernidade, como fundo destinal da reflexão humana sobre as coisas, sob o amparo da razão, orienta os modos de pensar a existência desde o século XVII. Os reflexos desse pensar, naturalmente, incidiram nos modos de compreensão da experiência amorosa que, sob o signo da racionalidade, passou a se apresentar como co-constutora de uma pretensa autonomia em relação ao já estabelecido. Porém,

(...) fica claro que o discurso amoroso moderno e ocidental se constituiu a partir dos valores que regiam a sociedade nos diferentes momentos históricos, ou seja, os valores pagãos e cristãos, que foram constituindo o amor cortês e o amor romântico, para atualmente se deixar influenciar pelos valores individualistas que acarretaram uma cultura narcísica, que determina toda uma forma de se relacionar no contemporâneo. Por isso, é de suma importância desenvolver uma reflexão sobre a cultura narcísica e como esta nova configuração cria processos subjetivos que constituem práticas amorosas específicas. (Londero, 2006, p. 63)

A cultura narcísica, enquanto constituinte de relações estabelecidas na vontade de espelho, surge no caminho do meu pensamento como possibilidade compreensiva das relações amorosas em nosso horizonte histórico. Afinal, não será lícito pensar que a simbiose, a pretensão de *sem fim* e a rejeição à solidão, estão espalhadas no interior desta vontade de espelho? A vontade narcísica de espelho determina um olhar para o outro, conforme Londero

(2006), como mera utilidade, substituindo-lhe o que há de mais essencial: a sua alteridade. Han (2009) vai chamar essa alteridade de *atopia* do outro. A *atopia* do outro é tudo o que é inteiramente *outro* no outro. Substituindo-o no que tem de mais essencial, pretende-se o controle das situações, dos acontecimentos ao redor e do ente amado em seu modo mais próprio de ser, na transformação do ser amado em uma parte que falta e que, se possuída, reconstituiria o absoluto. Esta parte precisa se constituir a partir da medida de si, tornando-o uma extensão que suprime o diferente. Torna-se, então, esta parte, o critério para a felicidade.

Em suma, há um entorpecimento nos modos de amar determinado pela supressão da alteridade do outro. As relações passam a reivindicar em si mesmas uma instabilidade perpétua, ao passo que o espírito epocal demanda-lhes uma temporalização atomizada, na qual não há espaço para um demorar-se, conforme Han (2009). Mattar (2020) recorrendo a um texto de Kierkegaard de 1846, intitulado *A época presente*, ajuda a refletir esse entorpecimento:

A época presente é a da publicidade, não mais da ação. Época de anúncios variados. Nada acontece, mas há publicidade imediata. Ou, poderíamos acrescentar nos dias de hoje: acontece muita coisa ao mesmo tempo, mas tudo no mesmo nível, sem que nenhuma se destaque. A impressão é de que nada aconteceu. Um conhecimento profundo é impensável. Há os ligeiramente equipados que *en passant* dispõe de toda a existência e de todas as ciências. A época das grandes e boas ações passou, a época presente é a das antecipações. O reconhecimento já se recebe adiantado. (p. 22)

Absorta nas familiares identidades dos modos técnicos de ser e de se relacionar em nossa época e anestesiados pelas promessas de previsibilidade, a existência se en-caminha para a obliteração do seu caráter de indeterminação radical. Na familiaridade irrefletida, a compreensão do ser substancializa-se ao se deixar determinar pelas vozes de um destino. Heidegger (2012c) chama essa absorção, condição do ser-no-mundo-com-os-outros, de *decadência* ou *queda*. É no de-caimento que tudo se transforma em *não*, isto é, negação de uma possibilidade mais própria de ser e, em nosso caso específico, de uma possibilidade mais própria de amar.

Tudo se transformou em não quando eles quiseram essa mesma alegria deles. Então a grande dança dos erros. O cerimonial das palavras desacertadas. Ele procurava e não via, ela não via que ele não vira, ela que, estava ali, no entanto. No entanto ele que estava ali. Tudo errou, e havia a grande poeira das ruas, e quanto mais erravam, mais com aspereza queriam, sem um sorriso. Tudo só porque tinham prestado atenção, só porque não estavam bastante distraídos. Só porque, de súbito exigentes e duros, quiseram ter o que já tinham. Tudo porque quiseram dar um nome; porque quiseram ser, eles que eram. (Lispector, 2020, p. 420)

Clarice neste momento narra a absorção do casal nos modos puramente técnicos de amar, lugar existencial em que se tenta nomear a alegria, o torpor, a esperança e todos os fenômenos que marcam o nascedouro da experiência amorosa. Nomeados, os atravessamentos que abrigam aquele *início* se esvaziam. As alteridades se confundem, se desmancham cada uma no ser amado, por isso não se enxergam e não enxergam o outro enquanto *outro*. Tudo erra, perde o rumo, em face de uma necessidade de domínio sobre o que é impassível de domínio, conquanto reflita o caráter de abertura do existir. Tudo desencontra porque se quer dar um nome, isto é, substancializar, dando vazão à eliminação da incerteza e do mistério nas relações.

A previsibilidade absoluta do comportamento é típica do mundo inanimado, do autômato, da máquina. A vida é, por definição, imprevisibilidade. O espírito é liberdade. Portanto, também no casal amoroso nenhum dos dois pode estar absolutamente seguro da resposta do outro ou do seu amor. O outro mantém-se um ser autônomo, livre e sempre novo. A aliança não existe só por si como um objecto inanimado, como uma rocha. Existe porque é continuamente renovada. Para ser renovada tem de ser posta em questão, desafiada pelos perigos, tentada pela sedução. No casal enamorado cada um tem de perscrutar o rosto da pessoa amada para ver se ela é feliz ou não, para receber uma resposta e um sorriso. (Alberoni, 1996, p. 289)

Tudo porque se quer ser, tendo um chão em que se firme, um modo prévio que já confirme e solicite ao já esperado. Em suma, Clarice narra o trânsito da esperança (abertura) à expectativa (sedimentações) que se apresenta como possibilidades unívocas de sentido para a constituição de um par amoroso.

Nessa direção, rememoro Agamben (2009) e me lanço a escutar a tradição, agora de forma pouco mais detida, como tentativa de aclarar mais profundamente os vestígios do romantismo na experiência amorosa contemporânea, ao que percebo o escuro do meu tempo e me deixo interpelar por ele. Hermeneuticamente, então, me abro a ouvir o que a mim se dirige direta e singularmente. Escutando as vozes da experiência amorosa no tempo, se anuncia ao meu olhar a possibilidade de entrever as ressonâncias do amor romântico em nosso horizonte histórico. Para onde vou é o lugar onde esses elementos ressoam: a situação hermenêutica que dá lugar e possibilita as condições de análise do que vem. Mas antes de me debruçar na meditação sobre esses vestígios identitários, recorro ainda uma vez a Londero (2006), que apresenta a sua impressão dos modos de aparição da experiência amorosa contemporânea:

Este contexto sócio-cultural propicia o surgimento de práticas amorosas específicas, que se constituem a partir de procedimentos calcados em valores impregnados de uma racionalidade que estabelecia o que era verdadeiro ou falso no que dizia respeito ao acontecimento amoroso. É como se as histórias de amor já tivessem um roteiro pré-estabelecido, que poderia organizar esta

vivência, trazendo uma certa ordem ao caos que a experiência puramente emocional poderia acarretar. (p. 38)

Desvela-se de início à reflexão o *esquecimento de si* no assujeitamento ao outro, no qual se desmancha e desaparece: eis o modo de ser da paixão, na qual a convivência amorosa, possibilidade mais própria de amar que remete ao amor-esperança, desfalece.

Diz-se então que se está apaixonado, situação esta que implica numa perda de autonomia na qual um dos indivíduos como que desaparece no outro. Vê-se, portanto, que esta expressão “estar caído de amores” é usada geralmente, porém, de maneira inautêntica, com um sentido de valor negativo. De fato, estar apaixonado não é uma modalidade de convivência amorosa e sim uma modalidade de ocupação, absorção e despersonalização. (Leão, 1970 [2019], p. 5)

Descobre-se um modo de correspondência entres os amantes determinado pela voracidade de um delírio que, ocupando-se radicalmente do outro, pretende preencher um vazio que lhe é originário: o outro enquanto parte que falta. Nessa medida, os amantes procuram o absoluto, a comunhão indelével na qual os dois eus separados seriam um. Deseja-se “reduzir a tensão, fazendo com que um dos polos se subordine ao outro, ou melhor, que os dois se reduzam a um polo só, acabando com a tensão e, portanto, com o equilíbrio” (Leão, 1970 [2019], p. 6). Deseja-se ardentemente, enfim, o espelho, a simbiose que condiciona a existência à decisão existencial de um outro que lhe escolhe para viver. “Não há você sem mim e eu não existo sem você”, escreve e canta Tom Jobim: ou se vive esse amor ou se morre.

Por isso, com razão, vai denunciar Rougemont (2003) a articulação originária entre o amor e a morte, de modo que me aclara a possibilidade de pensar que, para além da condição finita que perpassa originariamente a existência em suas possibilidades, os modos de amar no contemporâneo, atravessados por vestígios identitários do amor romântico, parecem nascer já fadados ao empobrecimento existencial e, por sua vez, aos rompimentos. Assinala o autor:

Amor e *morte*: amor mortal: se isso não é toda a poesia, é, ao menos, tudo o que há de popular, tudo o que há de universalmente emotivo em nossas literaturas; em nossas mais antigas lendas e em nossas mais belas canções. O amor feliz não tem história. Só existem romances do amor mortal, ou seja, do amor ameaçado e condenado pela própria vida. O que o lirismo ocidental exalta não é o prazer dos sentidos nem a paz fecunda do par amoroso. É menos o amor realizado do que a *paixão* de amor. E paixão significa sofrimento. Eis o fato fundamental. (Rougemont, 2003, p. 24)

Heidegger (1998) corrobora com Rougemont e faz menção a essa copertença: “A própria indigência é indigente porque se esconde o domínio essencial no qual a dor, a morte e o amor pertencem uns aos outros” (p. 316). O romance *de Tristão e Isolda* também insurge, como forma mítica, a revelar esse poder que a copertinência entre amor e morte, aqui

compreendida como dissolução da convivência, exerce sobre nós: o outro como parte insuperável de si, em torno do qual se encontra sentido para a vida e sem o qual se morre. Mas como se daria isso? Recorro mais uma vez a Rougemont (2003) que elucida:

Poderíamos dizer, de um modo geral, que um mito é uma história, uma fábula simbólica, simples e tocante, que resume um número infinito de situações mais ou menos análogas. O mito permite a identificação imediata de determinados tipos de *relações constantes*, destacando-os do emaranhado das aparências cotidianas. Num sentido mais restrito, os mitos traduzem as *regras de conduta* de um grupo social ou religioso. Eles têm origem, portanto, no elemento *sagrado* em torno do qual se constituiu o grupo. [...] Já se observou com frequência: um mito não tem autor. Sua origem deve ser obscura – até mesmo o seu sentido o é, em parte. Ele se apresenta como expressão inteiramente anônima de realidades coletivas ou, mais exatamente, comuns. (Rougemont, 2003, p. 28)

Prosseguindo o caminho do diálogo com os vestígios identitários do amor romântico identificados na escuta das vozes da tradição, apresenta-se a *recusa à solidão*, a se desvelar na ocupação do outro como critério unívoco de realização. O amante se torna um destino final, isto é, uma alma predestinada pelas Moiras. Seria ele, dessa forma, um fundo de reserva para a felicidade, alvo de todas as expectativas idealizadas. Nessa medida, o amante traz à presença uma relação utilitarista, de consumo, com aquilo que se faz do outro e não se busca o que de mais essencialmente o constitui enquanto modo de ser próprio. Sem ninguém, por outro lado, experimenta-se o fracasso de estar só. As mulheres, nesse contexto, ainda sofrem da estereotipia do “ficar para a tia”, como se viu. Mas não só. Experimentam elas a falta de sentido e a desvalorização, pois se estão só, foi porque ninguém as quis. A constituição de um par amoroso não aparece como livre escolha e/ou como possibilidade. A idealização sobre o amor e o casamento, bem como sobre a maternidade, é instrumento eficaz do patriarcado e das opressões de gênero.

Nessa direção, cumpre questionar o que determina conjuntamente a rejeição à solidão no nosso contexto histórico.

Boss (1976), no ensaio *Solidão e Comunidade*, partindo da perspectiva heideggeriana de que a existência é ser-no-mundo-com-os-outros, ou seja, coexistência, aponta para um horizonte de compreensão em que solidão e comunidade são indissociáveis. Solidão e comunidade são quadros referenciais cuja razão de ser assenta nas suas existências em si mesmas, isto é, só é possível falar em solidão porque existe uma comunidade comum formada por outros semelhantes. Assinala o autor:

Assim cada um de nós existe à sua maneira mas jamais a ponto de ser apenas para si mesmo, como se fosse primordialmente separado de todos os outros. Ao contrário, enquanto poder ser interpelado pela significabilidade do que

encontra, cada um de nós participa à sua maneira da região aberta do mundo comum, na qual aquilo que vem “a ser” chega à luz de sua presença. (Boss, 1976, p. 28).

Boss (1976) coloca em questão nesse texto o que ele vai chamar de *destino espiritual* da nossa época, em torno do qual se performa a ideia de que o ser humano é uma entidade psíquica encapsulada e, portanto, separada no mundo. Ao apontar para a experiência de perda da coexistência experimentada pelos entes humanos, reflexo inevitável do modo subjetivista de compreender o ser-no-mundo, o autor dá ênfase à recusa da solidão por parte dos jovens do nosso tempo.

A perda do coexistir é talvez mais evidente nos inúmeros jovens que não podem mais se sentir sós. Estes jovens perderam a possibilidade de sentir e não são mais disponíveis para a proximidade de qualquer coisa. Assim, a possibilidade de uma relação que os engajassem totalmente acha-se neles destruída. Por outro lado, não são mais capazes de experienciar sua própria vida senão através de um tédio difuso e de um sentimento de absurdo geral. (Boss, 1976, p. 39)

O homem enquanto sujeito volta-se a si mesmo, numa atitude que corresponde com estranheza às solicitações dos outros semelhantes que lhe vêm ao encontro. Enredado por sua autossuficiência, compreende a espacialização dos seus espaços existenciais de modo geográfico, mensurável, encerrando em si a percepção unívoca de distanciamento e proximidade: o próximo se tornaria o imediato, o distante o inalcançável. Enquanto separado e, por isso mesmo, inalcançável, o outro se torna um destino cuja promessa é livrar da solidão, é a segurança que inviabilizaria o *fracasso de estar só*.

Susano Correia, artista contemporâneo, deixa, a partir de suas mãos, aparecer *o homem em sua solidão superpovoada* (Figura 1):

Figura 1 – Homem em sua solidão superpovoada



Fonte: Susano Correia (2017)

Disponível em: <https://pin.it/77FTuPi> Acesso em 27 de outubro de 2021

Correia (2017) mediante a obra de arte denuncia o ente humano como um-ao-lado-do-outro, isto é, como individualidade separada da sua condição coexistencial, na qual se constitui como uma-*junto-a-outra*. Vê-se nesta imagem uma certa indiferenciação, marcada pelo olhar em direções diferentes de sujeitos isolados no mundo, o que revela uma certa ambiguidade do ser-no-mundo: ao mesmo tempo em que parece irromper determinados modos indiferentes de ser em nossa época, o medo à indiferença, constituinte da solidão, também vigora. Mas falaremos destas ambiguidades mais a frente.

Compreendendo a solidão como forma específica de comunidade, Boss (1976) propõe um salto fenomenológico que permitirá a re-espacialização dos espaços existenciais empobrecidos pelos envios do destino. Um salto que desassujeita o ente existente e arranca do império subjetivista o seu poder visceral sobre o modo de ser humano no horizonte histórico que é o nosso. Um salto, eu diria, como recuo, no qual hermeneuticamente se apresenta a possibilidade do *ver* re-posicionado, isto é, crítico, capaz de serenar-se perante às solicitações normatizadoras da técnica que impõem aos seres humanos olhares autofundantes de si mesmos.

A experiência com o caminho vai me conduzindo ao último vestígio da experiência romântica do amor na história do qual lanço mão para a minha investigação das violências identitárias exercidas em torno da experiência amorosa no contemporâneo: a *pretensão do sem fim*.

A escuta da tradição aponta para uma compreensão de eternidade que se esvai num fluxo cronológico. Nas fábulas e nos contos de fadas, é comum encontrar histórias que obedecem a esta compreensão da temporalidade, afinal, os amantes “foram felizes para sempre”. A liturgia matrimonial acompanha este curso e tem o seu selamento sagrado a perder-se de vista no horizonte de uma vida inteira. O padre sacramenta: “até que a morte os separe”.

Estes modos de desencobrimento da experiência amorosa parecem ainda hoje nos encontrar, ao que indicam uma necessidade de segurança e previsibilidade em relação ao outro. O modo de amar que se eleva da correspondência a este destino abre o humano para o medo do abandono e para a expectativa para com as decisões existenciais do ser amado. O caráter transitório da vida é relegado aos porões de um modo de ser apegado à permanência e do que precisa ser igual.

Todavia, se se olha por outra janela, a janela da eternidade, se abre uma possibilidade outra de estar disposto ao amor. Aqui proponho uma distinção entre o *sem fim* e a *eternidade*. O *sem fim* não é o desconhecido, não é o infinito. O *sem fim* é a recusa radical à diferença,

isto é, a tudo o que é *outro*. É uma abertura ao fechamento para com tudo o que é novo e ao mesmo tempo incerto, para com tudo que se revela e ao mesmo tempo escapa. O *sem fim* é a temporalidade de um determinado poder sobre o outro. Ouçamos Leão (1970 [2019]):

Se eu não posso aceitar o novo é porque a minha convivência amorosa não tem abertura e força suficiente para aceitar a diferença. Isso significa que eu fico abalado na minha segurança e na minha onipotência porque não aceito que eu não possa ser tudo, que eu não possa saber tudo, que eu não possa poder tudo. Então eu me fecho a tudo o que é novo porque este é um desafio para mim por ser tudo o que eu não sou. Eu quero ser tudo; este querer é um querer concreto que produz um estado de negação face ao que eu não sou. Por isso eu nego o novo, não o vejo em sua transformação e ao ouvi-lo reduzo tudo ao que eu já sabia. (p. 13-14)

Por outro lado, a convivência amorosa tem uma temporalidade própria, uma temporalidade anterior à linearização do *sem fim*. Tal temporalidade se apresenta na noção de *eternidade* que condensa o passado, o presente e o futuro no instante de fruição do fluxo temporal, pelo qual todas as extensões são percorridas.

Afirma Nietzsche em Zaratustra: “a convivência amorosa não pensa na extensão, ela só pensa no momento, pois o momento é o percurso de todas as extensões”. [...] Com isto queremos dizer que a convivência amorosa não está presa nem pelas barreiras do espaço, nem pelas limitações do tempo cronológico. Só nessa transcendência das limitações do espaço e tempo é que se pode construir toda uma intensidade e toda uma profundidade de convivência amorosa. Daí se segue que as relações espaciais de convivência amorosa não podem ser determinadas por um espaço que esteja fora de nós e na relação com o tempo, ela não pode estar presa ao passado, presente ou futuro. (Leão, 1970 [2019], p. 14)

Quando me refiro à eternidade, não quero com isso situar a minha compreensão numa transcendentalidade que desloque do mundo e, por isso mesmo, da sua historicidade, os modos de ser próprio do humano em geral e os modos de amar em específico. Refiro-me à eternidade como possibilidade de compreensão da articulação da experiência amorosa ao tempo existencial. A eternidade compreendida, assim, sob a copertinência originária do passado como *ser-sido*, memória, e do futuro como *antecipação*, pura possibilidade, como propõe Heidegger (2012c), se desvincula de um fluxo que descobre as coisas no familiar e ascende ao horizonte da finitude que abre possibilidades singulares de sentido da experiência amorosa.

Mas isso não é tudo. A temporalidade heideggeriana passa-se no domínio da consciência e quer o passado quer o futuro, embora referidos como o antes e como o depois, são referidos no presente. A estes dados há que acrescentar o primado do futuro quer sobre o passado quer, em último lugar, sobre o presente, tal como há que pensar a morte no lugar do futuro. (Reis, 2005, p. 371)

Em uma obra de Pierre Mignard (1694), Chronos, o deus do tempo, corta as asas do cupido, o deus do amor (Figura 2):

Figura 2 – Chronos, o deus do tempo, cortando as asas do cupido



Fonte: Pierre Mignard (1694)

Disponível em: <https://pin.it/6znITHV> Acesso em 27 de outubro de 2021

A passagem do Chronos não deixa que o amor voe e revele um sentido mais originário para a *duração*. Sentido este que se abriria para a beleza irremissível do *instante* que a cada vez descobre e reencontra o que *fica*. Descobrir no sentido de destecer e possibilitar a tecitura de um fluxo pelo qual tudo o que importa, a partir da relação amorosa, permanece. Porém, o tempo corta o amor, visto corresponder originariamente à transitoriedade, a saber, a instabilidade deste modos identitários de se relacionar. A morte (dissolução da convivência) desde sempre antecipa-se ao amor. Mas como se daria esta antecipação?

Para refletirmos sobre isto, importa mais uma vez refletir sobre os *contornos* contemporâneos das violências identitárias da experiência amorosa na história discutidas, em face à essas sedimentações contribuírem, quando acolhidas irrefletidamente pelos pares amorosos, para o empobrecimento existencial da experiência do amor. Todavia, é bom que se diga, antes de tudo, que a ideia de *contorno* subjaz à compreensão de que toda e qualquer apreensão da realidade é apenas uma possibilidade e não pode corresponder à totalidade do humano em seu modo de ser. Sendo assim, recorro, para aprofundamento do pensamento, ao diálogo com alguns diagnósticos culturais que se anunciam como possibilidades de compreensão de fruição da experiência amorosa, para entrever as linhas que constituem a transição do amor-esperança ao amor-expectativa.

A transição a qual nos referimos e que encontra uma possibilidade de descobrimento na experiência amorosa contemporânea é marcada por uma tensão que nasce dela mesma: do amor-esperança que se descobre na abertura ao inesperado, à incerteza, que

sustém na liberdade de ser a possibilidade mais própria de compartilhamento com o outro, ao amor que nasce das expectativas atravessadas pelo ideal do amor romântico. “Ideal este que insiste em ser o mesmo num mundo que se tornou outro, que faz explodir contradições latentes em sua história cultural” (Costa, 1998, p. 18).

Esta tensão, que anteriormente chamei de *empobrecimento existencial*, encontra em seus contornos repercussões numa *crise* do amor. Porém, em que medida é possível falar de uma *crise*? Han (2017) aponta, no horizonte desta *crise*, para possibilidades compreensivas que realçam em seus desencobrimentos a fragilidade das experiências amorosas no contemporâneo. *Crise* aqui compreendida não como medida social que origina e demarca papéis aos seres humanos, mas, conforme Figueiredo (1994), como um acontecimento histórico, acolhedor de um destino e que dos seus destroços e obscuridades funda mundo. Isto significa dizer que a apreensão desta *crise* não é suscetível de generalização que engendra compreensivamente a experiência amorosa em seus limites, mas de uma emolduração histórica dentro da qual o ser humano se movimenta e possibilita o vir a ser de compreensões singulares dos modos de amar.

Han (2017) argumenta que a *crise* do amor se funda no que ele chama de *erosão do outro*: o desaparecimento da alteridade como modo de correspondência nas sociedades ocidentais ao *inferno do igual*. *Narciso* paira silenciosamente nos corações dos amantes. Reconhece-se, assim, um ensimesmamento dos modos de ser que, autocentrados, buscam na experiência amorosa a simetria. Para o filósofo, se estabelece uma profunda incapacidade para amar perante a luminosidade do igual que aclara o não reconhecimento da alteridade do *outro*.

No entanto, a dimensão erótica que constitui o humano, o *Eros*, não se deixa absorver pelo eu, isto é, por um sujeito encapsulado. A experiência erótica é originariamente libertadora e ascende às normatizações sobre o amor que se apresentam na história. Vai dizer Han (2017) que o acolhimento e o abrigar do *outro* salvam: a alteridade é um dom que habita a sombra da negatividade, perante a qual as luzes do igual se esvaem.

A eliminação da alteridade no contemporâneo aponta para a naturalização dos modos de ser e, em nosso caso específico, dos modos de amar. Isto é: a eliminação ou supressão da alteridade é o traço contemporâneo da produção de identidades acerca dos modos de amar. O ser humano, ao que parece, acolhe os envios naturalizados de se relacionar, historicamente datados, com obediência, quer dizer, de modo autômato. “Os valores da Antiguidade, dos gregos pagãos, os valores cristãos, vêm tecendo, com os valores do amor cavaleiresco (amor cortês, séc. XII), o discurso romântico que se institui nos séculos XVII, XVIII e que está presente nas idealizações amorosas na atualidade” (Londero, 2006, p. 36). Vê-se que a criação

de uma racionalidade em torno da experiência amorosa descobre o estabelecimento de verdades universais que não dão conta das contradições da época atual.

Narciso, pairando sobre os modos de ser na atualidade, é outra roupagem da experiência simbiótica, na qual se vira na história o prenúncio da sua aparição em nossa época. A experiência simbiótica dada, é claro, sob outros moldes, é a ponte de ligação que possibilita pensar o elemento romântico nas relações de amor caóticas na contemporaneidade. Busca-se uma completude no outro e, ao mesmo tempo, uma autonomia para o controle, no qual o outro se torne apenas o objeto do seu desejo, o fundo de reserva do qual, no mero uso, pode-se utilizar para anestesiar o vazio e, em termos heideggerianos, o caráter próprio de indeterminação da existência enquanto radical poder-ser.

Estar enclausurado na simbiose significa ficar preso à vontade de semelhança, de reflexo, do eterno e do absoluto. A simbiose pressupõe uma relação dual e complementar em que um se desterritorializa quando ameaçado pela perda do outro por sua falta; e o outro quando se vê sufocado por um excesso da presença do outro. (Londero, 2006, p. 83)

Com efeito, vejo, mediante a leitura dos autores, que o ideal de completude copertinente ao amor romântico se descobre em nosso horizonte histórico também com outra roupagem, na qual a pretensão de absoluto tensiona-se aos imperativos tecno-calculantes. Ao mesmo tempo em que se anseia o amor total, simbiótico, não se re-conhece a irrupção do outro, em sua alteridade, para tal realização. Este irreconhecimento se apresenta, como vimos, no âmago de *Narciso*, a descobrir relações calcadas numa necessidade reificada de si e da rejeição à alteridade. Aliada a isto, a globalização impõe ao existir uma temporalização própria, na qual, conforme aponta Han (2009), se percebe uma atomização linear do tempo. Tempo este que não se demora, que é em si mesmo veloz, constituindo também a temporalização própria das relações amorosas no contemporâneo. Nesse sentido, o elemento *duração* se apresenta de igual modo sob um paradoxo: ao mesmo tempo que se anseia o *sem fim*, parece não haver espaço para um deixar-ser a relação enquanto continuidade, como elucida Bauman (2004) em sua noção de *amor líquido*.

É interessante perceber que Kierkegaard, já em 1843, na segunda metade do livro *Ou-Ou: fragmentos de vida*, apontava para os aspectos estético, a aura de beleza e encanto temporal e imediato, e o aspecto ético, voltado à anunciação de uma *duração*, um compromisso de longo prazo, que entornam as possibilidades da experiência amorosa. Diz o autor que o centramento em um destes aspectos é o que fundamentalmente marca as dissoluções amorosas. Na reificação do estético, o amor não se sustenta. Na concentração no elemento ético, perde o encanto. Seria esta *crise*, assinalada por Bauman (2004) e Han (2017),

a repercussão epocal do adensamento do elemento estético por sobre o ético e o político das relações amorosas?

Por fim, outra ambiguidade é evidenciada na experiência amorosa contemporânea: na mesma medida em que procura o ente humano afastar-se do fracasso de estar só, não suporta ele olhar em profundidade para a intimidade do outro. A intimidade do outro, nesse caso, como pressuposto originário de sua alteridade vai *desaparecendo*. Por isso vai dizer Han (2017, p. 39) que “hoje permanecemos iguais e no outro só se busca ainda a confirmação de si mesmo”. Não se fica sem o outro, mas não se fica com o outro.

Como visto, na era da técnica tende-se a acolher os modos prévios e historicamente datados da experiência amorosa que vêm ao encontro do humano. Familiarizados, isto é, anestesiados pela sensação de segurança e controle por estes modos potenciados, correspondemos a eles de maneira irrefletida. Ora, quando o que chama a existir promete apartar – e até certo ponto consegue – das possibilidades mais próprias de ser que angustiam, se dá abrigo. Anula-se na fuga de um modo próprio a experiência originária do desamparo. Afinal, se tem no outro a quem se ama a possibilidade de eliminação da solidão, o fundo de reserva que salva da sensação de despertencimento; na união, a possibilidade de ocupação da parte que falta e do esquecimento de si que se desvela no prazer do apaixonamento; e do limiar do *sem fim*, acolhedor do tempo cronológico, pelo qual se ilumina o casal na perspectiva segura e controladora do que tem-de-ser pra vida inteira.

Por fim, diante destas reflexões, é possível pensar que esses modos de organização identitários em relação ao amor são reações históricas ao caráter de poder-ser da existência de um modo geral e dos modos de amar em específico. Reações que procuram encobrir o caráter indeterminado de abertura dos seres humanos que está sempre em jogo no existir. A transitoriedade, então, impõe um devir que dessubstancializa a cada vez esses modos de amar e é precisamente nesta dinâmica existencial que, a meu ver, as ditas crises da experiência amorosa irrompem em nosso cotidiano, o qual, por sua vez, é intimamente ligado a medida histórico-epocal em que os entes humanos são possíveis. Portanto, o que está em jogo aqui é precisamente a possibilidade do sofrimento que está, ao que parece, estruturalmente relacionada a composição destas reações identitárias dos modos de amar por sobre a condição humana de abertura, poder-ser. E é sobre estes modos específicos de organização que pretendo compreender, a partir de um estudo da situação hermenêutica, os fios que tecem o *coração partido*. Mas antes refletiremos sobre as paisagens do caminho, a possibilidade metódica de um caminhar.

Fica-me agora inscrita como possibilidade para a compreensão dos modos de amar no contemporâneo, assim como para as personagens de Clarice que

não se estando distraído, o telefone não toca, e é preciso sair de casa para que a carta chegue, e quando o telefone finalmente toca, o deserto da espera já cortou os fios. Tudo, tudo por não estarem mais distraídos. (Lispector, 2020, p. 420)

5 OS FIOS QUE TECEM A PAISAGEM DO CAMINHO: a possibilidade metódica de um caminhar

Meu caminho é sem marcos nem paisagens.
E como o conheces? - me perguntarão.
- Por não ter palavras, por não ter imagens... (Meireles, 1972, p. 100)

Perguntou-me certa feita Rainer Maria Rilke (2007, p. 156), assim como pergunta ele da extensão da sua obra a toda humanidade, “onde começa a alma que vive do seu mistério?”. Não diria, assim como o pensador, que a alma humana tem um começo, assim como não posso atribuir-lhe uma finalidade. Diria que possui um *des-começo*, pelo qual abarca a complexidade humana, desde a sua indeterminação radical às suas possibilidades mais próprias de ser nos seus devires. Assim, compreendo a alma humana como um sempre destinar-se e, portanto, sob este caráter propriamente dito são postas em jogo as suas possibilidades de amar, sofrer, mudar a direção, existir enfim. Afinal, destina-se a existência ao seu mistério.

Dito isto, gostaria de situar o caminho desta pesquisa como um destinar-se que reivindica para si a possibilidade do inesperado e do inaugural. Para tanto, apresento, neste momento, as vozes que escutarei sobre o ato mesmo de pesquisar e que indicarão formalmente os seus traços analíticos. Ora, todo mistério é ponte para a inventividade, mas toda invenção precisa ser cultivada. Tal como se cultiva a existência, doando as suas solicitações as nossas possibilidades mais singulares de ser, é fundamental o cultivo da invenção para a desconstrução do já dado, em nome de uma possibilidade que en-caminhe analítica e historicamente o que se busca in-vestigar. Investigar no sentido de olhar-por-dentro, conforme anteriormente já tive oportunidade de dizer. Olhar que dá espaço à historicidade do que se apresenta. Dar espaço, por sua vez, como possibilitação de um lugar existencial de escuta em que se recupere o sentido da experiência no *como*, isto é, no espaço integrador da situação hermenêutica do diálogo na pesquisa.

A inventividade, desse modo, não pressupõe algo da ordem da criação arbitrária do radicalmente inexistente, mas da possibilidade de abrigo ao que ainda não foi revelado no seu próprio ainda-não-ser. Entretanto, naturalmente outra questão se apresenta: como se busca e como é possível existencialmente essa busca como tal?

Percebo que a tarefa da inventividade e do caminho do pensamento que coloca em questão o já pensado e o que se mostra conclama, em última instância, a possibilidade da

aventura que tem como tarefa o simples aventurar-se, como já diria Davi Pessoa, no posfácio do livro *A aventura*, de Giorgio Agamben (2018). Aventurar-se como um colocar-se precisamente em jogo num lugar onde as possibilidades de ser são possíveis: o existir, no qual o salto no escuro não condiz necessariamente com um salto de fé, mas com um salto possível, mediante entrega genuína à possibilidade do pro-curar. Todavia, é preciso antes de mais nada referir-se à destinação dessa procura como uma possibilidade, não como uma meta. Procura-se, assim, na possibilidade de in-vestigação um já sempre *horizonte*, que, a seu fim, possibilite o desencobrimento de interrogações que en-caminhem, suscitem sentidos que ressoem. Eis um lastro da minha tarefa na busca da compreensão fenomenológica hermenêutica da experiência de rompimento do par amoroso.

Nesse caminho, busco me aproximar da situação hermenêutica dos(as) meus/minhas colaboradores(as), cada qual em sua dinâmica existencial, por meio das quais se anunciam possibilidades compreensivas dos seus sofrimentos transformadas em *dizer* e ainda aquelas que não conseguirei exprimir em palavras, ainda que as possa compreender. O que quero dizer é que a experiência, dado o seu caráter de inesgotabilidade, não poderá ser tematizada em sua totalidade no meu caminho de pesquisa. Aliás, nem é e nem poderia ser esse o meu objetivo. Intento, por outro lado, pôr em movimento minhas possibilidades de compreensão no diálogo com os colaboradores(as) da pesquisa, florescidas nas minhas perplexidades ante o que se mostra a partir de si mesmo, a partir do meus horizonte prévio de compreensão.

A presente pesquisa se constituiu sob o **olhar qualitativo enquanto modo de compreensão do real**, sendo este de cunho **fenomenológico hermenêutico**. Com isso, faz-se necessário dizer que o método escolhido não tem, necessariamente, uma gênese metodológica, mas, antes, encaminha-se em uma **dimensão metódica**, em que se compreende o itinerário de pesquisa como algo que se dá no *acontecer* e que prescinde, por isso, da rigidez do *método* convencionalizado no projeto tecnocientífico da modernidade.

Utilizei como instrumento de pesquisa a **entrevista narrativa como possibilidade de encontro com a experiência**, enquanto recurso não estruturado para recolhimento dos dados. Tais narrativas foram compreendidas ao modo de Walter Benjamin (2012), inspiradas no texto *O narrador*, quando o autor invoca a possibilidade de mostraçã das marcas existenciais do narrador em sua narrativa. **O diário de campo como recurso para o registro do acontecimento** foi também um recurso utilizado, no sentido em que Aun (2005), Prado (2013) e Santos (2016) o compreendem, qual seja, a partir de uma nova designação que melhor corresponde ao caráter histórico-hermenêutico e, assim, de imprevisibilidade da pesquisa fenomenológica: *o diário de bordo*.

As narrativas nas entrevistas com os colaboradores(as) foram compreendidas à luz dos pressupostos heideggerianos e sob inspiração das possibilidades hermenêuticas da compreensão em Gadamer. Diálogo este que se apresenta como conversa-em-ação, entre mim, no explicitado em meu diário de bordo e no diálogo com os autores que realçam o horizonte prévio do que pretendo interrogar, assim como no modo como compreendo a experiência narrada, e os colaboradores(as) da pesquisa, no *dizer* que irrompe em suas narrativas. O diálogo, enfim, como possibilidade de desvelamento e compreensão de sentidos originados na situação hermenêutica, que põe em jogo o encontro dos horizontes em seus contornos compreensivos, os quais, em-situação, en-caminham a minha questão.

Sendo assim, gostaria, nesse momento, de esmiuçar o que define o meu modo de *olhar* nesta pesquisa, o modo como estarei *disposto* ao caminho, os recursos utilizados para a minha aproximação a experiência dos colaboradores(as), assim como as condições estruturais de compreensão e interpretação do compreendido.

A investigação qualitativa me aparece como alternativa significativa ao estudo das ciências humanas, em virtude de poder contemplar em seus aspectos mais sensíveis a essência pluralística e, por isso mesmo, pluriparadigmática da experiência humana. Flick (2009) aponta a necessidade do olhar qualitativo, na medida em que ilustra a crise da subjetividade em algumas noções, como a “nova obscuridade”, por Habermas, “a crescente individualização das formas de vida e dos padrões biográficos”, por Beck, como também as dissoluções das “velhas” desigualdades sociais dentro de uma diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida.

Esse panorama que se explicita na modernidade coaduna-se com o prognóstico do presente proclamando o fim das grandes narrativas, a partir do qual procura-se interpretar a condição do existir moderno em termos históricos (Flick, 2009). O fim das grandes narrativas significa dizer o fim da universalização do humano, uma vez que, no contexto do ato de pesquisar, as estruturas objetivas de análise se complexificam e, em última instância, se desobjetificam, como bem asseverou Foucault (1957 [2011]). Em outras palavras, me parece que as evidências empíricas, nas quais se situam os *a priori* científicos e a dedutibilidade de sua lógica indicam, a partir dos seus próprios campos de manifestação, outras possibilidades de compreensão assentadas em uma nova *sensibilização* aos caracteres locais que contornam temporal e situacionalmente o fenômeno estudado.

Dentro do contexto da pesquisa em Psicologia, problematiza-se a sua insuficiência na lida com a descrição pormenorizada da experiência subjetiva dos atores sociais, na medida em que procura engendrar-se num projeto técnico-metodológico de apreensão do real presente

nas narrativas e discursos científicos da modernidade. Nesse sentido, estudiosos procuram justificar a relevância da pesquisa qualitativa nas insoluções e limites que se afiguram na investigação quantitativa, com vistas à propositura de uma alternativa que não se encerre numa pretensa objetividade de análise e aponte, assim, para o rompimento das dicotomias, da relação sujeito-objeto, das deduções lógicas e das generalidades utilitaristas das quais se valem o modelo de ciência institucionalizado.

Essa transição – a possibilidade de insurgência da pesquisa qualitativa a partir dos limites da investigação quantitativa – elementariza-se no que Bonb e Hartman (1985), citados por Flick (2009), chamaram de *desencantamento das ciências* em seus métodos, aporias e descobertas. Esse *desencantamento*, para além de deflagrar a fragilidade da pretensa objetificação do homem, produz outra questão que também serve como uma espécie de desencantamento: os resultados da pesquisa social embasados nos parâmetros metodológicos do projeto tecnocientífico dificilmente se aplicam à realidade concreta, isto é, a realidade não pesquisada. Nessa ordem, os enunciados absolutos que permeiam e antecedem a pesquisa social são questionados em nome de uma reformulação que na essência se enuncie historicamente, a fim de que os sujeitos e as situações sociais sejam contemplados em sua complexidade incontornável.

Nessa direção, a pesquisa fenomenológica se apresenta como possibilidade de abarcamento dos campos de manifestação da situação histórica, pelos quais os fenômenos em geral se mostram e são passíveis de compreensão. Devo reafirmar, antes, que esta pesquisa acontece sob inspiração da indicação formal da fenomenologia hermenêutica e, portanto, se afasta decisivamente dos outros modos de pesquisar que se fundamentam no viés fenomenológico. Portanto, cabe agora, refleti-lo.

O método, do grego *méthodos*, significa caminho. Caminhar, por sua vez, pressupõe poder mudar a direção a cada vez que o acontecimento solicitar, uma vez que o caminhar tem suas curvas, buracos, des-tempos. Corresponder às solicitações do caminho requer de nós abertura para o inesperado e para a imprevisibilidade que constitui o ato mesmo de pesquisar. A experiência, sem dúvida, convoca para uma abertura à reversibilidade e para um resguardar das ambiguidades que margeiam o caminhar. Nessa direção, cumpre ressaltar uma inflexão que atravessa o caminho de pesquisa: das suas expressões *metodológicas* às suas possibilidades *metódicas*.

A natureza metodológica do caminho nasce no projeto tecnocientífico da modernidade, com vistas à mensuração, controle e previsibilidade do fenômeno interrogado, projetando sua universalização. O caminho metódico, entretanto, vai sendo desvelado na

medida em que a pesquisa for *acontecendo* (Critelli, 2019), e sobre este modo de compreensão do caminho é que assumo o meu modo de caminhar. Por isso, o rumo desta pesquisa não foi reflexo das estruturas rígidas do que se compreende por método enquanto *metodologia*, mas da rigorosidade *metódica* do método, que, nesse caso, funda-se na *perspectiva* dos horizontes (pesquisador/pesquisado) em-situação no diálogo.

A perspectiva metódica do método abre para o pesquisador a possibilidade de maleabilidade quanto às *dobras* do caminho de pesquisa, isto é, ao desconhecido, à acontecência mesma de um estar-diante-do-outro, o qual prescinde do caráter expectativo que estruturalmente se convencionou na história do conhecimento psicológico e da ciência moderna de modo geral.

Para Critelli (2019, p. 25),

[...] não há porto seguro possível para o conhecimento. Nenhuma universalidade, nenhuma precisão lógica, nenhuma neutralidade ou outro elemento da arquitetura metodológica são suficientes para garantir e afastar equívocos epistêmicos, peculiares e constitutivos da condição humana.

Logo, todo o *método* gira em torno de um perspectivismo do real, isto é, da transitoriedade da verdade e não de sua absolutização. Considerando o método como uma *perspectiva*, Critelli (2019) evoca a noção grega de *doxa*, como uma opinião sobre o mostrar-se do real. No entanto, o caráter opinativo da *doxa* estaria dissociado, para esta autora, das percepções subjetivistas e individualistas do que se mostra em essência no acontecimento. A *doxa*, para Critelli (2019), aponta para a pluralização do ato de conhecer, polissemizando o que antes era substancializado no incognoscível e imutável desde Platão.

É a fenomenologia, mais especificamente a partir de Heidegger, que a referência ao pensamento originário consumaria outro olhar sobre a essência da verdade e o seu caráter revelativo. Critelli (2019), ao recorrer a Heidegger na análise etimológica da palavra fenomenologia, traça um paralelo interessante entre a significação de *doxa* e “o que se mostra de si mesmo para um olhar”, bem como o “retirar do seu ocultamento”, indicando a essência do desocultar da verdade. Um algo se entifica e se mostra, sendo acolhido por esse *ver*, mas, ao mesmo tempo, nele não se encerra e nem se reduz. Assim, para Critelli (2019), o *método* nada mais seria do que a possibilidade deste desocultar, o que o tornaria metodicamente rigoroso.

Ainda para esta autora, em Husserl, tal *perspectiva*, o desocultar, coincide com a *intencionalidade*. Para Heidegger, a essência do desocultar é *aletheitica*, isto é, condiz com o estado de simultaneidade absoluta entre o velamento e desvelamento do ser dos fenômenos, o que desenrijece o *método* como universalizador da verdade, em nome de uma perspectivação

fundada na situação hermenêutica. Em última análise, os métodos tecnocientíficos para a compreensão do real são *perspectivas* e, por isso mesmo, apenas *possibilidades* do desocultar como tal. Nessa mesma direção de sentido é que se configura o método desta pesquisa: método enquanto caminho que lança luz, na situação hermenêutica da qual é originariamente inter-relacionado, às possibilidades de interpretação e, portanto, aponta desde sempre para um horizonte possível de compreensão. Com efeito, na situação hermenêutica encontrar-se-ão em jogo a minha condição de compreender e interpretar, na medida em que, segundo Heidegger (2014), o compreendido e o cooriginariamente interpretado *Ihe* são correspondentes. Interpretar um fenômeno humano, nesse sentido, é essencialmente compreendê-lo em seu horizonte histórico, no qual acontecem as condições de possibilidade de compreendê-lo. Compreender e interpretar, em suma, são indissociáveis. Nunes (2010, p. 270) chama esse movimento de circularidade interpretativa, em que

a interpretação não pode fazer-se sem pressuposto; e esse pressuposto é a prévia compreensão daquilo que se interpreta, ou seja, adesão, a pertença a que antes nos referimos, e que se desdobra num nexos referencial (a situação na qual estamos), numa perspectiva que *Ihe* é correlata (modo de ver) e nos conceitos em que se explicita (modo de conceber).

Toda interpretação, isto é, a explicitação da compreensão, tem que partir do ter prévio ou posição prévia, uma visão prévia que conduz à posição prévia e, copertencente a elas, uma concepção prévia daquilo que vai se elaborar numa descrição e compreensão fenomenológica. Nesse sentido, toda a compreensão é circular, isto é, toda a possibilidade de compreender é interminável. Eis as estruturas prévias da possibilidade de compreensão e interpretação anunciadas por Heidegger (2012c) nos parágrafos 32 e 33 de *Ser e Tempo*: a hermenêutica da facticidade. Elucida Casanova (2019, p. 139) que “as estruturas prévias da interpretação determinam como um ente se deixa ver, como ele se dá a ver no horizonte sedimentado de seu vir a ser fenomenal”, isto é, determinam como o fenômeno virá ao meu encontro no campo, a *perspectiva* que conduzirá a minha visada inicial e o *horizonte* compreensivo em torno do qual é possível “elaborar possibilidades projetadas no entender/compreender” (Heidegger, 2012, p. 421) para o qual me destino. Em suma, “um círculo hermenêutico, como vimos acima ao tratarmos das estruturas prévias da interpretação, é antes de tudo um campo de fenomenalização dos entes, pois é apenas nele que o fenômeno aparece enquanto fenômeno” (Casanova, 2019, p. 139).

Todavia, cumpre assumir e reafirmar, tal como indica Dutra e Frota (2021, p. 4), “o *Dasein* como ponto de partida para qualquer pergunta, oferecendo um caminho para a fundamentação necessária para a produção do conhecimento”. Compreendendo o ser do ente

humano como *Dasein*, Heidegger (2012c) acentua a sua copertinência originária com o mundo, junto à qual revela a historicidade do seu caráter histórico, diluindo a polarização sujeito-objeto que procurou ao longo dos tempos circunscrever a fenomenalidade do existir em termos categoriais.

Heidegger (2012c) propõe a compreensão do ente humano como ser-em-o-mundo ou ser-no-mundo, isto é, o ente humano é originariamente mundano e se apresenta na constituição mesma de uma mundanidade. Sendo o ente humano *mundano*, é ele mesmo a clareira a partir da qual o ser-em se apresenta. Sendo-no-mundo, o ente humano é cooriginariamente *compreensão, disposição afetiva e linguagem*.

No parágrafo 29 de *Ser e Tempo*, Heidegger (2012c) se refere à *disposição* como um modo privilegiado de abertura da existência, pelo qual está em jogo uma estar-afinado que revela o modo como estou sendo afetado no campo de manifestação dos fenômenos. Isto implica dizer que o modo como eu estou disposto incidirá, a um só tempo, no modo como compreendo e projeto as minhas possibilidades de compreender. Compreendendo e em sendo a existência também linguagem, junto a mim a fala da linguagem advém, isto é, a escrita que provém do *testemunho*¹⁴, sempre articulada, inclusive, a um modo específico de ser afetado.

Diante do exposto, reafirmo que a minha predisposição à hermenêutica heideggeriana como orientação metódica de pesquisa se destina ao rompimento com o pensamento dicotômico, e, assim, à possibilidade de compreensão fenomenológica hermenêutica da experiência do rompimento do par amoroso, especificamente as situações que se desvelam ante este acontecimento como sofrimento. Prossigo agora refletindo sobre os traços fundamentais da possibilidade de compreender.

O movimento circular desvelado pelas estruturas prévias de compreensão é, conforme afirma Heidegger (2012d), e como já tive ocasião de salientar no capítulo anterior, *construtor, destruidor* ou *desconstrutor* e, por conseguinte, *reconstrutor*. O filósofo (2012, p. 37) pretende no interior desse movimento reconduzir o “olhar fenomenológico da apreensão do ente, como quer que uma tal apreensão se determine, para a compreensão do ser desse ente (projetada com vistas ao modo de seu desvelamento)”. Nessa medida, busca-se situar o fenômeno a ser interrogado em seu horizonte histórico, junto ao qual é possível, a partir da apreensão do ente, reconduzir o nosso olhar à compreensão do modo de ser desse ente, isto é, a investigação “sempre se encaminha, em verdade, de início necessariamente para o ente, mas

14 O testemunho, tal como nesta pesquisa compreendo, conflui a um dos modos como Giorgio Agamben o pensa. Para este autor, um dos modos de compreender o testemunhar provém do latim, *superstes*, que “é quem viveu até o fundo uma experiência, sobreviveu à mesma e pode, portanto, referi-la aos outros” (Agamben, 2008, p. 150).

é, então, conduzida de uma maneira determinada para além do ente e de volta para o seu ser” (Heidegger, 2012, p. 36).

O método fenomenológico, assim, pauta-se na construção do sentido comum do tema interrogado, isto é, o modo específico de sua aparição, determinado previamente pela tradição (*ponto de vista*); na destruição ou desconstrução crítica, sempre em *perspectiva*, dos conceitos tradicionais que vêm ao encontro do ente humano (pesquisador) no seu campo de manifestação; e na reconstrução de um novo olhar para o que se interroga enquanto *horizonte* possível a que se destina a sua possibilidade compreensiva.

O caminho, mediante essas introdutórias considerações, é uma possibilidade inesgotável de concepção do fenômeno. Portanto, uma vez mais assumo os pressupostos fenomenológicos hermenêuticos de Heidegger como bússola para análise/interpretação dos horizontes desvelados nas narrativas dos colaboradores(as). Análise, contudo, que não pressupõe nesta pesquisa o ato ou o efeito do esmiuçamento de determinada totalidade para a sua *explicação*. Análise, do grego *Analisein*, significa o tecer e o des-tecer de uma trama, construção e desconstrução de uma prisão, onde algo ou alguém solicita a sua libertação (Mattar & Sá, 2008). Meu caminho de análise repousa, portanto, em seu sentido analítico-histórico, tal como Heidegger (2012c) o empreende.

Para ilustrar a finalidade analítica da análise compreensiva nesta pesquisa, recorro ao filósofo, nos Seminários de Zollikon, que empreende a distinção entre as ideias de *Análise* (*Analisein*) e *Analítica* (*Analytik*), com o objetivo de explicitar a medida existencial da análise, que se apresenta para além (no sentido de ser mais originária) da arqueologia causalista da ciência moderna. Sendo assim, análise nesta pesquisa tem para mim o sentido compreensivo, que corresponde ao tecido e des-tecido da experiência do colaborador(a) perante a sua perda significativa. A significação de análise, enfim, terá uma finalidade analítica, isto é, “de evidenciar a unidade original da função da capacidade de compreensão, de um retroceder a uma ‘conexão em um sistema’, de mostrar o todo de uma unidade de condições ontológicas” (Heidegger, 2017, p. 131). Condições ontológicas estas em que se inspiram caminhos compreensivos possíveis dos modos de revelação das experiências dos colaboradores(as) no *diálogo*.

A partir daqui me aproximo dos indicativos formais presentes na hermenêutica filosófica de Gadamer, articulando-a aos pressupostos heideggerianos supracitados, com vistas a acentuar o caráter metódico desta pesquisa, ao situá-lo em torno da *experiência hermenêutica*.

A noção de diálogo é constituinte da tecitura do caminho de pesquisa e será compreendida sob inspiração da Hermenêutica Filosófica de Gadamer. Fundado na noção heideggeriana do compreender, assumo a perspectiva do diálogo em seu sentido *hermenêutico-histórico*, em que a projeção das minhas pré-compreensões ou compreensões prévias se articulam à possibilidade de compreensão da experiência do colaborador(a) (horizonte prévio) no círculo hermenêutico. Vale ressaltar que, para Gadamer (2015), repousa na *tradição*¹⁵ a condição de possibilidade da compreensão.

Pretende-se, assim, no contexto do diálogo, afastar-se da possibilidade metafísica de compreensão como apreensão do outro na distância da relação intersubjetiva, e assumi-la em sua dimensão dialógica constitutiva, *ethos*, que faz falar o estranho e no qual, para Gadamer (2015), a linguagem se dá.

Ao estabelecer um *diálogo* com a experiência do outro/colaborador(a) nessa pesquisa, pretendo assumir a posição que, para Gadamer (2015), constitui-se como um modo especial de diálogo, um diálogo genuíno, no qual o pôr-se-em-acordo se dá, não pela desconsideração de um horizonte para a sobreposição do outro, como acontecera na retórica clássica da arte do convencimento, mas do acolhimento ao que radicalmente se mostra como *outro* e simultaneamente põe em jogo as minhas pré-compreensões sobre o fenômeno estudado. Este modo de abertura genuína ao diálogo com o outro enquanto outro Gadamer (2015) chama de *conversação*. Sobre a *conversação*, o autor traz:

A conversação é um processo do acordo. Toda verdadeira conversação implica nossa reação frente ao outro, implica deixar realmente espaço para seus pontos de vista e colocar-se no seu lugar, não no sentido de querer compreendê-lo como essa individualidade, mas compreender aquilo que ele diz. (Gadamer, 2015, p. 499).

Cumprido dizer que o caráter da *compreensão* em Gadamer prescinde de uma mera capacidade intelectual-racional do homem e se ancora no viés heideggeriano que a situa como *existencial*, ou melhor, como condição de possibilidade do existir articulada cooriginariamente à *disposição afetiva* e à *linguagem*.

Desta feita, o caminho da análise compreensiva do re-colhido na pesquisa buscou o caráter verbal da compreensão – isto é, do que se mostra a partir de um compreender-se junto-a – na experiência do colaborador(a), sendo esta fundada no diálogo dos horizontes em-situação. Tal movimento interpretativo, da enunciação do já compreendido desde sempre, não

¹⁵ Gadamer (2015, p. 373) assinala que a *tradição* é “essencialmente conservação e como tal sempre está atuante nas mudanças históricas”. Logo, se pode pensar que o inaugural, que se instaura no acontecimento da historicidade do homem, é mediado pelo que se conservou no *sido*. Gadamer, inspirado em Heidegger, no entanto, desarticula a distância objetiva do homem para este *sido* (passado), ao resgatar a autoridade da *tradição* para a constituição da compreensão no acontecimento do presente.

se dá de modo linear ou causal, mas, antes, de modo circular, entre o familiar e o estranho, aspectos estes constitutivos do compreender, conforme Gadamer (2015):

Existe realmente uma polaridade entre familiaridade e estranheza, e nela se baseia a tarefa da hermenêutica. Só que essa não pode ser compreendida no sentido psicológico de Schleiermacher como o âmbito que abriga o mistério da individualidade, mas num sentido verdadeiramente hermenêutico, isto é, em referência a algo que foi dito (*Gesagtes*), a linguagem em que nos fala a tradição, a saga (*Sage*) que ela nos conta (*sagt*). Também aqui se manifesta uma tensão. Ela se desenrola entre a estranheza e a familiaridade que a tradição ocupa junto a nós, entre a objetividade da distância, pensada historicamente, e a pertença a uma tradição. *Esse entremeio (Zwischen) é o verdadeiro lugar da hermenêutica* (p. 391) (Grifo do autor).

Assim, a circularidade do modo de compreensão da experiência de rompimento do colaborador(a), ressoante no modo como estou *disposto* ou *aberto* a pôr em questão os meus pontos de vista prévios, é o lugar do vislumbre da possibilidade de aproximação com o que se revela na narração da experiência e se interroga nesse diálogo. Este *movimento*, todavia, “não se dá por empatia de uma individualidade com a outra, nem pela submissão do outro aos nossos próprios padrões. Antes, significa sempre uma ascensão a uma universalidade mais elevada que supera tanto a nossa própria particularidade quanto a do outro” (Gadamer, 2015, p. 403). Então, compreender aqui não padece do subjetivismo que aparta o homem do mundo, mas ascende à situação histórica sempre em perspectiva nos horizontes em-situação. É a partir do conceito de *horizonte*¹⁶, portanto, que pretendo, de forma mais ampla, encaminhar a possibilidade das minhas compreensões e interpretações do recolhido no caminhar.

Sendo assim, aproximar-se da situação hermenêutica dos meus colaboradores(as) não tem como objetivo a conclusão última sobre o fenômeno que interrogo. A situação hermenêutica compõe ao que Gadamer (2015) chamou de “lógica de pergunta e resposta”, na qual o *jogo* compreensivo se desvela e, por isso mesmo, situa o compreendido sempre num outro horizonte compreensivo. Nessa perspectiva, a tarefa hermenêutica neste caminho de pesquisa procura situar o fenômeno estudado em sua historicidade, desdobrando, assim, a possibilidade de uma compreensão da experiência de rompimento do par amoroso acompanhada pela possibilidade de sofrimento.

Em síntese, é na *fusão de horizontes* em que a negociação da compreensão em Gadamer desvela-se, não como re-produção, mas como pro-dução de sentidos que se revelam e se ocultam no pôr-se a caminho de (i)rrealização da pesquisa.

¹⁶ Para Gadamer (2015, p. 399), “*horizonte* constitui o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que pode ser visto a partir de um determinado ponto”.

A fusão de horizontes evidencia o movimento circular da compreensão, no qual um horizonte pode ser colocado em contato com outro horizonte em um processo de fusão, no qual o círculo não se dissolve quando a compreensão acontece, mas alcança a sua realização mais autêntica ao revelar-se num jogo compreensivo que acontece no intercâmbio de horizontes. (Barreto, Prado & Leite, 2019, p. 61)

Uma imagem interessante desse jogo vejo em Nunes (2010), ao explicitar a radicalidade desta negociação na evocação da fusão dos *contornos* dos horizontes, sendo esta condição de possibilidade da compreensão da experiência dos colaboradores(as) no *sido* – no qual está guardado o dizer de cada um nas entrevistas narrativas articuladas as minhas impressões narradas nos Diários de Bordo – em função da minha experiência, para a assunção e alargamento de um novo horizonte de compreensão possível no acontecimento do *instante*.

À potência da narrativa, portanto, me destino nesta pesquisa. É a partir da escuta das narrativas que intento me aproximar da situação hermenêutica dos meus colaboradores(as).

A narrativa narra uma experiência, a resgata em sua historicidade, põe em movimento. Benjamin (2012) acentua a importância da narrativa que comunica uma experiência, por meio da qual uma situação ganha vivacidade e aroma, me apropriando de um termo haniano. A narrativa aromática é toda ela que tem um fluxo histórico, em contraposição a uma narrativa atomizada, em torno da qual se dá uma comunicação meramente informativa. A escuta da narrativa respeita a distância originária entre mim e o traço existencial que compreende o outro enquanto outro. O narrador é, assim, conforme Benjamin (2012, p. 213), “algo distante, e que se distancia cada vez mais”. Desse modo, ao aproximar-me da situação hermenêutica do(a) colaborador(a) não estou querendo trazê-lo(a) para perto, mas, antes e sobretudo, sustento essa distância na qual ele(a) em seu dizer se desvela.

É a partir do recurso à entrevista não estruturada, a entrevista acolhedora de uma narrativa e mobilizadora de uma experiência, que pretendo me aproximar da situação hermenêutica dos colaboradores(as). Sobre a Entrevista Narrativa, Ravagnoli (2018, p. 2) assinala que:

[...] a característica principal da entrevista narrativa é a não interferência do pesquisador durante o relato do entrevistado. O papel do pesquisador é apresentar ao entrevistado uma questão gerativa não direcionada a respostas pontuais e que encoraje uma narração extemporânea, ou seja, improvisada, não previamente elaborada. Diferentemente dos outros modelos de entrevistas, o pesquisador não formula perguntas indexadas, com referências explícitas, e sim, propõe um tema acerca da realidade sob investigação para que o entrevistado o desenvolva da maneira como considerar conveniente, no momento de seu relato.

Assim, a entrevista narrativa prescinde da estruturação metodológico-procedimental de apreensão do real do projeto científico da modernidade, com vistas à contemplação do

aberto do existir, pelo qual se dá a experiência de estranhamento e perplexidade frente ao desconhecido. A narrativa me dá o não-saber, em suas linhas me presenteia com a possibilidade de poder sustentá-lo na sombra da tecitura (espaço entre a luminosidade do que se mostra e a obscuridade do que se oculta) e dirigir-lhe amabilidade. Realmente, reservo certa afabilidade a tudo isto que me convoca a pensar e a tudo o mais que põe em questão o que penso: esta alma que ouve o chamado da vida, ser *entre* o familiar e o estranho, aguardar a germinação da verdade no diálogo. Guardo, enfim, ternura de um não-saber, da profusão de todo o mistério erigindo meu ser para a tarefa de ser-pesquisador.

Benjamin (2012a) elucida o caráter de inesgotabilidade da experiência narrada, desdobrável no tempo da memória. Memória que, para este autor, é intracável em sua espacialidade, ou seja, não se situa num lugar *anterior*, arqueologicamente alcançável. A lembrança não é, desse modo, objetivamente uma volta ao que arqueológica e espacialmente está atrás do ser humano. A lembrança é, antes e sobretudo, também um ainda-não.

Também não somos um conjunto de lembranças como uma composição, somos uma possibilidade que se dá no re-cordar e, por isso mesmo, no reviver, no “voltar a passar no coração”. A lembrança é, pois, fonte do *testemunho*, pelo fato de revelar, por meio de uma narrativa, o que o ente humano viveu “até o fundo”, na qual se desdobra o recordado e, curiosamente, o esquecido. Todavia, o não se lembrar não supõe um algo desconhecido, que se perdeu nos recônditos do esquecimento, mas um revelar-se constante na experiência do radicalmente outro.

O desconhecido, este que relaciono ao radicalmente outro, nos fios da lembrança e do esquecimento, determina a constituição da existência como *memorial*, isto é, *ekstática*: projeção de uma temporalidade outra, como *continuum*, circunstancial à experiência. Sendo assim, o que se lembra e o que se esquece mostra-se no dizer silencioso a si mesmo, pelo qual o ente humano escuta o que mais propriamente é e que nasce precisamente dessa relação com o esquecido-recordado. Ao narrado, portanto, refletindo com Benjamin (2012a), é dado o interesse em sua conservação rememorativa, junto à qual se preserva uma *duração*.

Ao narrar a sua experiência, o ente humano não narra um eu, uma subjetividade encapsulada, mas a totalidade de significância na qual, desde sempre, já está disposto aí no mundo. Por outro lado, na medida em que não é a narração de uma experiência o resultado de uma estorização de um eu substancializado, também não corresponde à descrição de uma exterioridade dada a nós como resultado de uma percepção. Narrar é um *dizer* que se projeta na mundanidade do mundo, descentradamente, compreendendo o já-sido como um algo sempre possível diante de um horizonte de sentido. O narrador narra, sobretudo, a sua

compreensão, que originariamente corresponde ao desde sempre por ele descoberto. O descoberto, contudo, não condiz com algo posto enquanto objeto da sua consciência. O descoberto é, em sua gênese, a sua interpretação do mundo que, desde sempre, já pré-compreendeu. A narrativa, portanto, remete um sentido histórico à experiência humana, um sentido não linear ou contínuo, mas que circularmente se mostra, ao modo de Gadamer (2015), e que sempre está em jogo.

A ênfase na historicidade, nesta pesquisa, será aludida na composição de um *diário de campo*, por meio do qual eu me situo como implicado, (des)tensionado, não apenas quando da realização das entrevistas com os(as) colaboradores(as), mas antes e depois de cada diálogo com ele. Deixo, assim, as marcas da minha existência na escritura do meu testemunho, junto à qual narro e revelo minhas angústias no caminho. Angústias em forma de versos que trazem-à-luz prosas poéticas que exprimem as imagens do meu percurso. Textos, enfim, que acolhem o que *permanece* e vai durar na pesquisa e além dela.

O *diário de campo*, enquanto recurso de pesquisa oriundo da Etnografia, pode ser compreendido como:

[...] um instrumento capaz de possibilitar o exercício acadêmico na busca da identidade profissional à medida que através de aproximações sucessivas e críticas, pode-se realizar uma reflexão da ação profissional cotidiana, revendo seus limites e desafios. É um documento que apresenta um caráter descritivo – analítico, investigativo e de sínteses cada vez mais provisórias e reflexivas. O diário consiste em uma fonte inesgotável de *construção e reconstrução* do conhecimento profissional e do agir de registros quantitativos e qualitativos [...]. (Lewgoy e Arruda, 2004, p. 123-124) (grifo meu)

Todavia, a pesquisa fenomenológica convoca a construção, des-construção e re-construção da experiência e não se esgota no mero registro do que acontece na exterioridade. Antes, se eleva à possibilidade de meditação sobre o que afeta o pesquisador no campo e isto exige uma radical abertura ao que fenomênica e paradoxalmente vem ao seu encontro. Assim, penso ser o termo *diário de bordo* o que mais apropriadamente condiz com a minha atitude diante do fenômeno que interrogo, conforme estudos de Aun (2005), Prado (2013) e Santos (2016), em virtude desse estar-diante do acontecimento, que me convoca serenidade para o deixar-ser e para a remissão da *possibilidade* compreensiva nas linhas do texto.

A estrutura de um *Diário de Bordo*, no que concerne à possibilidade da redação do construído, desconstruído e re-construído, visa à sustentação dos paradoxos imanentes do ato mesmo de pesquisar, se distanciando de suas resoluções ou conclusões. Os reflexos dessa *abertura* encontram-se na escrita do diário, em que o pesquisador restitui o caráter histórico

da experiência ao acontecimento da pesquisa. Aun (2005, p. 30) sintetiza de modo interessante esse movimento:

Diários de Bordo” não são apenas possibilidade de restituição da historicidade de uma pesquisa; são, também, o narrar a biografia da experiência de um profissional, na perspectiva de quem comunica como ocorreu o revelar-se do outro a esse profissional pesquisador.

Portanto, a redação de um *Diário de Bordo* abre as nuances singulares do fenômeno posto em interrogação, possibilitando-me caminhos que a linguagem meramente explicativa-informativa não alcança. As indeterminações e mistérios constitutivos do caminhar, campo do que busco problematizar, são contemplados na tecitura das minhas compreensões sempre em diálogo e a-caminho com o que se apresenta e reverbera.

Realmente, o narrado pluraliza e corresponde ao caráter imprevisível da pesquisa de inspiração fenomenológica. É a escritura do *como*, do testemunho, que a põe em movimento. A experiência enquanto narratividade se dá no *entre* o que se desvela e a reconciliação com o que não se esgota. A experiência não *é*, ela *é sendo*. A narrativa no diário de bordo visa, por fim, encaminhar as tranças que os fios da existência, desvelados e velados no devir, mantêm vivas como um chamado imperecível, no qual o vigor do *sido* e a possibilidade existencial do *ainda não* coexistem no horizonte compreensivo, possibilitado no diálogo entre mim, enquanto pesquisador, o que interrogo e a experiência dos meus/minhas colaboradores(as).

Diante do exposto, correspondendo ao chamado do caminho, me direciono à descrição dos “procedimentos” para a minha implicação no campo.

Antes de tudo, vale ressaltar que pesquisar o fenômeno conceituado como *luto* requer alguns cuidados éticos e práticos, visto envolver o existir reconhecidamente suscetível a movimentos que sejam considerados por ele invasivos ou inadequados. Portanto, é importante lembrar algumas especificidades para chegar a(o)s colaboradores(as) e aos desdobramentos do processo de pesquisa, desde a forma de seus convites, passando pela escuta atenta das suas narrativas, até o meu diálogo, enquanto pesquisador, com o re-colhido.

Outro ponto que gostaria de demarcar é que para a construção da minha análise me apropriado de uma terminologia muito empregada pelas tradições românticas, mas que precisamente aqui lhe concedo um sentido especial. Com isto, pretendo performar a minha análise, des-romantizando-a, ainda que o imaginário popular a atravesse, no âmbito desta terminologia, de um sentido já conhecido e consolidado. Refiro-me ao *coração*.

A referência ao coração há muito é feita: nas tradições bíblicas do Antigo Testamento, “como sede da faculdade da atenção” (Miranda, 1969, p. 53-54 cit. em Heidegger, 1969); lugar do pensamento em Aristóteles e nas religiões; no ideário socialmente

partilhado pelas massas comuns; no romantismo de modo geral, no qual se estabelece sob a égide do sacro, do divinal e luminescente (Zambrano, 2000). Nesse sentido, encontro o espaço no traçamento dessas palavras para concebê-lo nesta pesquisa em seu sentido metafórico, afinal, “há dimensões na realidade cujo único acesso é a metáfora” (Henriques, 2001, p. 6). Essa é uma afirmação curiosa e me servirá de base para propor uma possível imagem compreensiva da perda no contexto do par amoroso.

Heidegger, a seu modo, segundo Miranda (1969, cit. em Heidegger, 1969), se vale muito pouco dessa metáfora, mas, quando o faz, aproxima-a da memória, enquanto discernimento e decisão ante o já pensado e, portanto, já abrigado entre o esquecimento e a lembrança no imo do Ser: “Toda coragem do coração é a ressonância ao apelo do Ser, que reúne o nosso pensar no jogo do mundo” (Heidegger, 1969, p. 41). E ainda: “Desde que temos a coisa diante dos olhos e no coração a atenção à palavra, o pensar é bem sucedido” (Heidegger, 1969, p. 33).

Ainda sobre a metáfora do coração e a sua possibilidade de sentido no indescritível, no secreto, Maria Zambrano (2000, p. 23) enfatiza: “O coração é o símbolo e representação máxima de todas as entranhas da vida, a entranha onde todas encontram a sua unidade definitiva e a sua nobreza”. O *coração*, assim, em seu sentido metafórico, pode ser compreendido como uma totalidade pela qual o mais íntimo do ser humano é desvelado. *Coração* é o que re-colhe e doa ao existir tudo aquilo que o ser prepara pra ele. *Coração*, assim, pode ser compreendido em seu sentido existencial, como a metáfora do ser que emerge a toda vez como traço fundamental da compreensão, da linguagem e da afetividade, em torno das quais e nas quais o ente humano caminha no-mundo. Em sua condição de emergência é ele mesmo originariamente vulnerável, dado o seu caráter recebedor. Por isso, vai, junto à dor de existir, ser o “íntimo recolher” (Heidegger, 1969, p. 37) da existência. Re-colher doador do dom de ser. Afinal, “dor é dádiva” (Han, 2021, p. 96).

Investigações de seis universidades americanas de Ohio, do Texas e da Pensilvânia no campo das neurociências já apontam, inclusive, segundo matéria da Revista Superinteressante, a relação entre o sofrimento, o fenômeno conceituado como *luto*, ante uma cisão existencial no campo amoroso e complicações no funcionamento do órgão conhecido como coração. Isso me leva a pensar na possibilidade, obviamente que em conjunto com pressupostos que carrego sobre a metáfora do coração, de poder pensá-la no contexto desta pesquisa como imagem que reflete a hermenêutica da perda, ou melhor, refletindo-a como *hermenêutica do coração partido*. Ora, relações amorosas, assim como tudo o que é da ordem do humano, se desdobra, como possibilidade do caráter de transitoriedade que o envolve, em

rupturas que apontam para algo na existência que se parte. A tradição romântica, nessa direção de sentido, vai atribuir ao espaço existencial do *coração* a pedra de toque que simboliza o *lugar* dessa ruptura, oferecendo a mim a possibilidade de resgatá-la nos fios que tecem o meu caminhar nesta pesquisa.

Sendo assim, diante do exposto me destino à descrição dos “procedimentos” para a análise. Vou rumando para onde o próximo passo me encontre. Vou sem esperar nada além da espera que se angustia na paciência e, assim, se distrai das tentativas de antecipação ao que se apresenta. Parto de uma interrogação que parteja o modo como agora me situo, ao aproximar-me da situação hermenêutica dos colaboradores(as) desvelada em suas experiências narradas. Eis que delineio o campo a seguir.

Terminar este capítulo expondo os fios que tecem o meu campo objetiva, tal como para Chohfi (2021), demarcar uma *mudança de perspectiva* no meu caminhar, em torno da qual apresento e ponho em movimento as minhas compreensões da situação hermenêutica que determina a experiência de rompimento dos(as) meus/minhas colaboradores(as). Com isto, busco, refletindo com Chohfi (2021), ver o que das minhas compreensões teóricas o campo me solicita ou mais precisamente lançar-luz ao que no caminho se mostra, estando eu apropriado dos pressupostos outrora meditados.

A possibilidade do campo foi delineada, por sua vez, das minhas inquietações originadas no diálogo com os autores e autoras anteriormente citados(as) nos capítulos introdutórios à esta análise. Mudando a direção, me abro para a escuta silenciosa do que emerge no campo, não como pretensão de encaixar o que se descobre nas narrativas com os horizontes compreensivos que se apresentaram em torno do meu diálogo com a teoria, mas como um deixar-se afetar pelo que escutei atentamente.

Convidei quatro colaboradores(as) adultos(as) e residentes no Brasil, que viveram um relacionamento amoroso que fora rompido, que declararam ter sido esse relacionamento uma experiência significativa e que a possibilidade apropriada para a experienciação deste rompimento fora o sofrimento. Cheguei a eles(as) *intencionalmente* mediante indicação de profissionais psicoterapeutas que os estão atendendo em seus consultórios há, pelo menos, seis meses. Importa ressaltar que, por duas oportunidades, os(as) colaboradores(as) não foram indicados por profissionais psicoterapeutas, mas reconheciam ter condições de serem entrevistados(as) e estavam dentro dos critérios de inclusão outros já mencionados, como estar realizando um caminho terapêutico (psicoterapia ou análise). Cheguei a esses(as) colaboradores(as) quando eles(as) chegaram até a mim: pedindo ajuda a uma rede de

psicólogos e psicólogas por uma determinada rede social, ao que se anunciaram como possibilidade de participação da pesquisa.

A estimativa destes seis meses teve como objetivo encontrar um(a) colaborador(a) mais familiarizado(a) com o processo de entrevistas, mais bem disposto a narrar a sua experiência, bem como me possibilitou distinguir se a sua experiência não tem sido atravessada por situações de violência.

Devo salientar, porém, que reconheço os riscos no que diz respeito a um possível enviesamento das experiências narradas pelos(as) entrevistados(as), que já descrevam os seus sofreres de modo mais apropriado, devido ao critério de inclusão associado ao fato de estarem em processo de psicoterapia, no sentido de ser possível relatarem suas experiências de sofrimento como possibilidades fundamentais para a apropriação de modos de ser mais, digamos, serenados. Viu-se, inclusive, no âmbito das entrevistas, algo mais voltado a esse sentido. Entretanto, os critérios elencados objetivam nada mais que preservar o(a) colaborador(a) e a mim de possíveis situações de pesar extremado, ainda que eu tenha como pesquisador, na justificativa que corresponde à antecipação desta possibilidade, lhe considerado os riscos. No mais, tal critério visa, como já citado, seguir as recomendações de um dos documentos mais importantes em pesquisas com estas populações, no que se refere à conduta ética, de um dos maiores estudiosos do fenômeno conceituado como *luto*, Colin Murray Parkes (1995).

A perda por ocasião da ruptura do par amoroso está associada nesta pesquisa à *dissolução da convivência*, excluindo-se as perdas por morte física. Não determinei o gênero nem a orientação sexual como critério de inclusão para quem viria ser entrevistado(a), aceitando a quem me chegasse espontaneamente durante a procura e atendesse aos demais critérios elencados. Abaixo segue uma tabela onde procuro descrever características gerais dos(as) meus/minhas colaboradores(as). Chamo-os Bernardo, Joana, Maria e Rosa para a preservação das suas identidades, conforme código de ética em pesquisa.

Quadro 1 – Características gerais dos entrevistados

NOME	IDADE	PROFISSÃO	GÊNERO	ORIENTAÇÃO SEXUAL	TEMPO DE RELACIONAMENTO
Bernardo	35 anos	Psicólogo	Masculino	Heterossexual	2 anos
Joana	29 anos	Advogada	Feminino	Heterossexual	8 anos
Maria	29 anos	Arquiteta	Feminino	Homossexual	2 anos e 8 meses
Rosa	26 anos	Psicóloga	Feminino	Heterossexual	3 anos

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou Termo de Consentimento Informado (TCLE), recomendado na Resolução 510/96, foi por mim redigido e lido para cada entrevistando antes do acontecimento das entrevistas, oferecendo explicações sobre os riscos e os objetivos pertinentes ao caminho de pesquisa, de forma clara e sensível, conforme recomenda Parkes (1995).

Durante três oportunidades, quando das entrevistas de Maria, Joana e Bernardo, tive que me valer da realização da entrevista sincrônica *on-line*, por meio da qual Flick (2013) entrever a possibilidade de aproximação com o intercâmbio verbal oriundo de uma entrevista presencial. Nesse contexto, confesso que durante a realização das entrevistas permaneci receoso de a internet ou o equipamento de *hardware* utilizado sofrerem alguma intercorrência, mas, por sorte, não foi o caso. As interações seguiram o seu fluxo intermediadas pela tela do computador e, em certo sentido, me surpreenderam em termos qualitativos.

A possibilidade de a entrevista narrativa poder acontecer *on-line* foi de suma importância, porquanto expandiu o meu alcance a um(a) possível participante, antes previstos no projeto às cidades circunvizinhas da Região Metropolitana do Recife. Entrevistei pacientes atravessados(as) por culturas muito distintas e isso foi algo que me enriqueceu bastante em meu caminho, em face à possibilidade de encontrar um *estrangeiro(a)* em meu país: uma colaboradora de Rio Branco, no Acre; um colaborador de Caruaru, interior de Pernambuco; uma colaboradora do Natal, no Rio Grande do Norte; e uma de Recife, Pernambuco.

Consentidos os termos propostos, dei início aos diálogos proferindo a pergunta direcionadora: “*como tem sido para você a experiência do fim do seu relacionamento?*”: “com a dor começa a narrativa” (Han, 2021. p. 44). Maria, Joana, Bernardo e Rosa entrelaçaram comigo, no sentido de uma aproximação, a situação hermenêutica que origina os modos como compreendem as suas experiências. Tendo como pressuposto a compreensão da situação hermenêutica, tal como proposta por Heidegger (2014), dialogo com os seus *pontos de vista*, as *perspectivas* e os *horizontes*. Intenciono interrogar os modos como historicamente compreendem e dão sentido as suas relações e como estes modos de compreender se tensionam aos impositivos da existência enquanto radical poder-ser. Olhar para este tensionamento, isto é, para a própria experiência dos(as) colaboradores(as), me aproxima da situação hermenêutica que os(as) constituem e possibilita que os contornos que delineiam os nossos horizontes compreensivos no diálogo se toquem mutuamente e en-caminhem-no. Olhar para este tensionamento é, em resumo, oportunizar-se “a hora conveniente para a conversação”, pela qual se “dispõe uma meditação em comum” (Heidegger, 1969, p. 35) no jogo compreensivo.

Articulada a essa busca, teço e desteco possíveis compreensões dos modos específicos de os(as) colaboradores(as) comporem corpo, tempo e espaço em torno do sofrimento que se apresenta no dar-se desta *tensão*. Atento a possíveis *mudanças de perspectiva* nas suas falas, reflito sobre o redimensionamento da situação hermenêutica que desta inflexão insurge. E, por fim, me lanço adiante acompanhando por onde o colaborador(a) se encaminha junto-a presença da ausência constituída na *dissolução da convivência*, ou seja, rumo com eles(as) para os horizontes onde se destinam, a fim de compreender, ainda uma vez, como se compõem existencialmente nesse encaminhar-se.

Penso que Chohfi (2021) sintetiza e ilumina o dinamismo da pesquisa fenomenológica de cunho hermenêutico, desde a introdução dos seus marcos teóricos, com os quais performam-se seus contornos, até o jogo dialógico que compõe a situação no campo:

Aproximar a situação hermenêutica do campo da Psicologia, por outro lado, exige outro movimento por parte do pesquisador. Num primeiro momento, localizar o *ponto de vista*, a *perspectiva* e o *horizonte* auxiliam a investigação no tocante a situar de onde esta parte. Todavia, o contexto da pesquisa em Psicologia da qual faz parte o trabalho de campo, o contato com os outros, a conversa, é fluido, se movimenta conforme intervimos, conforme conversamos. Nessa perspectiva, não é possível somente listar os elementos que compõem o fenômeno a ser investigado, uma vez que estes sempre mudam. A situação hermenêutica precisa, a cada ruptura, ser retomada. (p. 109)

É fundamental, portanto, a retomada da situação hermenêutica no âmbito de cada intervenção. Assim, me abri ao reversível-inesperado, por meio do qual eu, como pesquisador, dei curso à história e possibilidades compreensivas se encaminharam no campo de manifestação mesmo do que interroguei e interrogo.

Ainda nesse contexto, questiono o que eventualmente se apresenta como ressonância da tradição no âmbito das possibilidades de conviver-com. Viso com este movimento oferecer mais tarde subsídios para a tecitura de outras compreensões sobre o tema que contribuam com a reflexão da clínica psicológica enquanto situação hermenêutica nos contextos que envolvam a experiência amorosa, as suas inscrições nas possibilidades de cisão e sofrimento que contingencialmente as acompanham.

Optei por uma análise composta por “paragens”, mediante as quais eu pudesse conversar com os(as) colaboradores(as) em seus contextos. As suas falas na entrevista, assim como as minhas também nos diários, estarão em itálico, para facilitar a distinção com as eventuais citações a autores. Não quis com isso atribuir uma sistemática ao caminho, mas olhar para cada colaborador(a) no universo que lhe são mais próprios. Desta forma busquei o inesperado e ter espaço para questionar as pré-compreensões originadas na minha experiência

hermenêutica com os autores e autoras que compuseram os contornos teóricos desta pesquisa. No capítulo seguinte, reteço as minhas compreensões do desvelado nestas “paragens” como possibilidade de manutenção do fluxo narrativo da análise.

Cumpra ainda dizer que, escutando o que a experiência literária tem a me dizer, jogo com a poesia enquanto outra possibilidade de aproximação à experiência dos(as) colaboradores(as). A poesia, nesse sentido, é um dos “recursos” pelos quais sustento o meu salto, a interrogação.

As entrevistas e os meus diários de bordo estão transcritos integralmente no apêndice deste trabalho, de modo a possibilitar a quem se dispuser a ler esta pesquisa uma compreensão própria do que fora narrado. Com isso, busco en-caminhar à pesquisa como um todo um traço fundamentalmente histórico que revigora no tempo as possibilidades de compreensão das experiências recolhidas.

Entrelaço-me em definitivo com aqueles universos que, por alguns breves momentos, enunciam bem mais que palavras. Gritam no interior de silêncios descompassados algo que ultrapassa e se dá, ao mesmo tempo, ali, no *acontecimento* do encontro, de alma para alma. Isto me dava espanto porque todo definitivo é prelúdio de alguma morte. Todavia, recebo a luminosidade de Rubem Alves (2015, p. 22) a dizer que “a morte me informa sobre o que realmente importa”. Despedi-me de quem sou, não sou mais o mesmo. Sou outro depois de acompanhar o sofrimento que será narrado. Aliás, arrisco dizer que nenhum ser humano tomado pela escuta da sensibilidade de outro ser humano seria: um poder-morrer próprio e sereno. Com uma alegria triunfante e sobriamente quase triste, então, continuo a caminhar...

6 OS FIOS QUE TECEM O CORAÇÃO PARTIDO: compreensão fenomenológica hermenêutica da experiência de sofrimento em-situação de rompimento do par amoroso

Diante dos contornos desta pesquisa, meditados nos capítulos precedentes, me destino à análise. Não adoto a narrativa como possibilidade de tecitura destes (des)caminhos arbitrariamente, mas por tão somente compreendê-la como a casa do poder-ser. A narrativa me indetermina no caminho, porquanto é ela mesma a minha experiência tecedora com o caminhar. Da mesma forma, é ela a minha possibilidade de des-caminhar, destecendo, acolhendo a necessidade de paradas para receber fôlego, mudar a direção se o campo solicitar e, a um só tempo, saltar no abismo de um horizonte compreensivo...

6.1 Coração-Joana: do *castelo sem fim* à passagem

O amor soprou de outro lugar... (Calcanhotto, 2019)

Misteriosos são os fios que tecem o *coração partido* e ainda mais misteriosas são as possibilidades de destecimento desses fios em possibilidades compreensivas. Ouvindo o que eles têm a me dizer, a partir de si mesmos, me lanço diante do testemunho de Joana e, de pronto, a sua fala mobiliza em mim afetos muito difíceis de descrever. Joana, ao responder à pergunta que direciona o acontecimento da nossa entrevista, fala da emergência de um sofrimento, de “um processo muito doloroso”, que desaloja e a situa frente a “muitos sonhos” e “planos” outrora construídos e que precisaram ser des-construídos. Joana relata a dor do que precisa fazer-se ruína e o quão difícil era desapegar-se de tudo o que envolvia a relação com o seu ex-companheiro.

Tem sido muito difícil, tá sendo um processo muito doloroso, pelo fato de, assim... eu nunca ter passado por esse processo antes e por estar sendo em decorrência do fim de um relacionamento muito longo. Então, são duas coisas juntas, né? É o fato de nunca ter passado pelo término de um relacionamento e estar passando por esse processo de luto de um relacionamento muito longo, onde existiam muitos planos, muitos sonhos... Então, havia um planejamento de vida que foi por água abaixo. É muito difícil desapegar e se desligar de tudo o que foi construído ao longo de quase oito anos... (Joana, 2021, trecho da entrevista)

Era o irromper do estranho frente ao habitual, pelo qual já se encontrava absorvida na segurança de um relacionamento “muito longo”. Joana parece ter se constituído nessa relação

de modo a rejeitar tudo o que é inteiramente outro, poder-ser, incerteza, no curso do conviver, ao passo que, não assumindo a possibilidade do caráter incontornável da existência, a desconstrução do que houvera apreendido com aquela pessoa se afigurava de modo devastador, frustrante.

A morte dos sonhos, dos planos de vida é a imagem utilizada por Joana para aclarar a minha compreensão de como ela compreende a sua experiência de enlutamento. O seu sofrimento se constitui na desconstrução de uma vida inteira, de um “pra sempre”, em torno dos quais não haveria antes espaço para a possibilidade da ruptura, para o que a existência impõe como possibilidade inexorável: a transitoriedade das nossas possibilidades de ser.

É muito difícil... Assim, não sei se eu consigo descrever... mas é um sentimento de luto, mesmo, como a psicologia denomina do término de um relacionamento. É um luto mesmo, porque é a desconstrução, é a morte de planos de vida, de sonhos, de toda uma construção que eu tinha feito ao lado daquela pessoa. Então, quando eu entrei nesse relacionamento, entrei com 21 anos, agora estou com 29. E ele foi construído, acho que por ambas as partes, para seguir uma forma que não acabasse, que levasse a um caminho de construção, de concretização de coisas maiores, no sentido de chegar a um casamento, à construção de uma família... (Joana, 2021, trecho da entrevista)

Nessa fala, Joana parece demarcar o modo prévio de como ela compreende uma relação amorosa como sendo um *sem fim*, uma possibilidade de concretização de “coisas maiores”, sublimes, transcendentais. Parece resgatar em sua experiência o ideal do amor como um bem maior, oriundo de uma compreensão platônica e, mais tarde, romântica da experiência de estar-junto ao outro e com-partilhar uma vida com ele. O casamento, o espectro da família, como elementos que solidificariam por si mesmos uma relação, de modo a ser impensável uma ruptura sob estas circunstâncias, parecem ser o lugar de onde Joana partiu para ter dito sim ao que viria a ser “nós” nessa relação.

Vamos sendo levados pelo encontro e Joana sente a necessidade de me contar todo o contexto que envolveu a sua relação, a construção do que ela viria chamar de *castelo*.

A metáfora do castelo é muito intrigante. Simboliza, no contexto aqui, a pretensa solidez de uma relação. O castelo sobrevive ao mau tempo, à tempestade afrontosa, ao mar revoltoso. É onde vivem os príncipes e as princesas, predestinados, envolvidos a uma comunidade bilateral... Assim como pretensamente o amor, conforme a narrativa bíblica, tudo suporta, tudo padece, Joana constrói o seu *castelo* para tudo suportar, tal como suportou todas as dificuldades do início do relacionamento.

Existia esse desejo que foi construído ao longo de quase oito anos. Então, existiam muitos planos. Como eu disse, foi uma história que começou na época da faculdade, que passou por aquele processo de, assim, falta de... de

poucos recursos, digamos assim... Falta de... como é que eu posso dizer... De... a gente precisava construir, né? A gente tava na fase da Universidade, na vida acadêmica em que a gente ainda tava naquela fase de dependência dos pais, de não poder fazer planos concretos... e o que a gente almejava tava um pouco distante. Tudo isso foi construído ao longo dos anos, no sentido de, por exemplo: "quando a gente fizer isso, a gente vai conquistar isso. Primeiro a gente vai fazer isso, depois aquilo". Tudo justamente fazendo esse percurso no sentido de levar a algo que realmente fosse eterno como você falou aí. Então, havia esse desejo, sim, ao longo de todo esse processo e hoje é muito difícil lidar com isso. (Joana, 2021, trecho da entrevista).

Em meio às dificuldades, ela persistia com o seu ideal, cuja realização apontava para o *horizonte* do casamento. Seria por meio do casamento que Joana teceria a sua eternidade, no sentido de uma vida inteira ao lado daquele que ela amava. Todavia, uma pandemia de alcances globais viria assolar o mundo.

A pandemia do novo Coronavírus traria novos elementos que, inevitavelmente, viriam a ser incorporados às dinâmicas existenciais dos pares amorosos na contemporaneidade. Para os casais que já coabitassem, determinaria a acentuação do convívio, o estreitamento dos laços de intimidade amortecidos pelo cotidiano habitual. Para os casais que não moravam juntos, justamente o caso de Joana, o distanciamento foi enovelando os fios da indiferença, pelos quais uma determinada *crise* se instaurava. Todavia, é bom que se diga que os contextos que envolvem o estreitamento dos laços da convivência, por terem os pares amorosos mais tempo de ficarem juntos, não revelaram paradoxalmente uma aproximação. Ao contrário, segundo dados levantados pelo Colégio Notarial do Brasil (CNB), recolhidos por mim em visita ao site do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAN), os divórcios no Brasil, no primeiro semestre de 2021, tiveram aumento de 24% em relação ao primeiro semestre de 2020. De janeiro a junho de 2021, aconteceram 37.803 divórcios. Esses dados, naturalmente, não alcançam as relações significativas, aquelas não atravessadas pela liturgia sacra das religiões e pelos padrões burocráticos dos “casamentos no papel”, mas apontam para possíveis transformações na intimidade do par amoroso contemporâneo. Joana prosseguia:

Então, isso distanciou a gente. [...]Nós passamos meses sem nos vermos, quando havia os encontros não havia contato físico justamente porque eu tinha muito medo. Eu tava vendo os números de morte, de pessoas adoecendo independentemente de idade, de religião, de classe social, de profissão... Eu tava vendo os números crescendo, então eu tinha muito medo. E aí ele não aceitava esse cuidado que eu estava tendo, ao mesmo tempo que a gente tava vivendo uma realidade que permitia que o nosso status de relacionamento mudasse, mas ele não mostrou iniciativa em relação a isso. Então, por exemplo: "tudo bem, você tá com medo de um lado, eu tô com saudade de você de outro, então vamos dar um jeito de

ficarmos juntos num canto protegidos, mas juntos, para a gente realizar o que a gente pretendia". (Joana, 2021, trecho da entrevista)

Aquele *castelo* seria justificado pela fé que tinha Joana no seu ideal, afinal, os planos e os sonhos de um ser que ama poderiam transportar castelos. Entretanto, os ventos da existência sopravam noutra direção, revelando ainda uma vez o inesperado, pelo qual se apresenta o caráter contingencial de ser. Joana seguia se desvelando em suas palavras:

E aí aconteceu isso. [...] E a partir do momento que acabou, todo aquele castelo de areia que eu fui construindo, grãozinho por grãozinho, foi por água abaixo. E agora com quem eu vou fazer meus planos? Porque eu imaginava aquela pessoa como sendo pai dos meus filhos. Aquela rotina de quando a gente tinha o final de semana juntos, ou, então, assim, quando tava em uma viagem, aquela rotina com aquela pessoa. Então, meus planos eram com ele... E como é que eu vou viver isso tudo agora? E... assim... desfazer de todos aqueles planos que pareciam estar próximos de se concretizar, tá entendendo? (Joana, 2021, trecho da entrevista)

Joana narra o seu *castelo* em ruínas, seu *coração partido*, dá voz nesse momento ao que parecia ser, no início da entrevista, indescritível. Afinal, era o seu companheiro um destino, existência a qual tinha dirigido as suas esperanças. Não existiria outra saída que não com ele. A sua experiência com a perda emergia na erosão desse *castelo* que outrora parecera indestrutível, mas que o sopro da existência tinha colocado abaixo, em ruínas. Penso também, a partir da escuta das vozes do seu coração, nos critérios de felicidade que se impõem como esperados, prescritivos, restringindo o caráter de abertura originário da existência.

Diante do sofrimento de Joana, começo a pensar que a morte de um ideal não começa propriamente a partir da sua dissolução. O ideal morre precisamente a partir da sua insurgência. Não pelo fato de que o traço fundamental da existência seja a transitoriedade das coisas, mas muito mais pelo fato de ser o ideal um lugar transcendental que não tem lugar na vida concreta. O ideal é como um mesmo, parece nascer ele já condenado, visto a existência em si, imprevisível, repelir toda e qualquer sedimentação que procure engendrará-la num destino. O ideal iguala e não respeita o inteiramente outro, em torno do qual se constitui a transitoriedade da existência. Tudo é sempre outro, porque todo instante é único. Tudo é transitório. (Túlio, 2021, trecho do Diário de Bordo)

Joana parece não se apropriar deste modo prévio de ver o amor. Ter alguém para poder en-caminhar-se a um *horizonte* previamente por ela determinado, o casamento e a consagração de uma família nuclear, continuava a pertencer ao modo como ela compreendia toda a possibilidade de uma relação e de ser feliz. Permanece em questão o seu *castelo*, ainda que ela já admita pensar em outro alguém para integrar o seu projeto.

[...] não sei se as outras situações que você tá pegando na sua pesquisa de entrevistas trazem essa particularidade que eu trago, que, assim, acho que a pandemia foi determinante. Apesar de já existirem problemas antes, a pandemia foi determinante para o que eu estou vivendo... não só em relação

à experiência do término, como também pra minha experiência de pós-término. Não só em relação ao meu ex, mas também em relação a minha vida pessoal também. Porque não só ocorreu o término por causa da pandemia, como também eu não estou vivendo o luto da forma como a nossa sociedade vivenciava esse luto de relacionamento antes da pandemia. Porque as pessoas terminavam e o que era orientado a elas? Era: "vá fazer coisas que você gosta, vá sair com seus amigos, vá aprender coisas novas, vá conhecer, tipo, existem outras pessoas legais no mundo, que você pode se reconstruir..." Mas eu não me dando a oportunidade de fazer essas outras coisas, então o processo de luto está sendo muito mais potencializado por esses fatores, porque... Apesar de hoje, já quase oito meses depois... apesar de hoje eu já ter uma visão mais ampla de que existem pessoas legais, apesar de eu estar mais aberta a conhecer pessoas, a conversar com pessoas, a me interessar por pessoas... eu estou mais aberta... Por outro lado, eu não tenho onde conhecer essas pessoas, eu não tenho pra onde ir, tá entendendo... Eu não tenho... Não tenho como conhecer... Então, meio que eu fico limitada àquilo dali... Então, de certa forma, tá muito potencializado esse luto... (Joana, 2021, trecho da entrevista)

A solidão “potencializa” o seu sofrimento. Experiência que, aliás, repetidas vezes a ela se refere no impessoal, como um *luto* enquanto conjunto de reações já esperadas, na medida em que não há possibilidade para que ela se demore na dor no horizonte histórico que é o nosso e a técnica encobre os afetos que irrompem na sua experiência. O sofrimento, portanto, era algo natural e obedecia ao espectro de um conjunto de reações já delimitadas nos sites e nos manuais. Na Era da Técnica, como assinala Heidegger (2012a), os modos de desencobrimento dos fenômenos correspondem a um modo de pensar calculante, por meio do qual se instauram na existência técnicas para o apagamento do sofrimento, para a sua obliteração. Sofrer é um grande mal que deve ser combatido pelo analgésico, pelas normatizações de um saber hegemônico que se inscreve na psicologia, legitimadas pela *perspectiva* da superação do sofrer e pelo horizonte da cura.

A pandemia também impôs à Joana o abandono a modos já pré-definidos de experimentação de uma perda, evitou-lhe a fuga de pensamentos, de si mesma, de tal modo que foi necessário assumir a dor e re-conhecer a perda de forma outra que não a já estabelecida pela tradição. Tais formas se apresentam como modos de superação e cura do sofrimento, mediante uma re-adaptação do ser sofrente à realidade sem o outro que, se apartou do seu convívio ao transpassar as suas fases, percorrer suas etapas, realizar as suas tarefas. Joana não conseguia obedecer a esse determinado fluxo, no tempo e no espaço, em torno do qual poderia se en-caminhar para uma “terra prometida emocional” que, no seu contexto, determinaria a reconstrução do seu *castelo*. Joana não se permite *fechar os olhos* num repouso contemplativo sobre o seu sofrimento, como convida Han (2017a). Reivindica

para si a luminosidade de um alguém que viria levá-la de novo além. Tocado pela profundidade das palavras que ouvira, lhe pergunto:

[...] essa solidão, esse momento de solidão, a forma como você não está tendo a oportunidade de experimentar esse luto é que de um certo modo te coloca nesse sofrimento, é o que torna tudo ainda um pouco mais difícil. Talvez, se as coisas estivessem normalizadas, se não houvesse o contexto da pandemia mais, você acha que você poderia tá vivendo de uma forma diferente... seria isso? (Túlio, 2021, trecho da entrevista)

Ao passo que Joana responde:

[...] antes quando eu no meu relacionamento que eu via que as orientações pra quem tava vivendo um luto amoroso eram justamente essas que eu listei pra você aí. E agora que eu tô vivendo, as circunstâncias que eu estou vivendo não me permitem fazer aquilo que era orientado anteriormente pras pessoas que estavam vivendo um término de namoro e um relacionamento de uma forma geral. Então, éhhh... tá sendo... não tô podendo colocar em prática, não... Então, tá sendo muito mais limitador nesse sentido.... (Joana, 2021, trecho da entrevista)

Joana parece entrar em contato de maneira radical com um modo restritivo de existir: a saída que ela vê para superar a sua dor é a interação com outros rapazes que a desviariam do foco da sua experiência, a tirariam de dentro deste *castelo* em ruínas - que é a hermenêutica da sua perda -, recolheriam com ela as partes do seu coração perdidas uma da outra nessa travessia, e rumariam em direção ao *horizonte* da reconstrução do seu ideal. Nesse contexto, parece se delinear para a minha compreensão em sua narrativa a reafirmação do seu *ponto de vista*, enquanto, digamos, uma das torres desse *castelo*, já previamente determinado por ela: o outro seria a possibilidade de salvação da solidão. Depois de um breve silêncio e uma, tão breve quanto, troca de olhares, arrisco uma fala que tão somente confirmava o seu dizer:

Então, tudo isso aprendido previamente... tudo o que você olhou na Internet e aprendeu sobre o fim dos relacionamentos, isso não têm servido tanto..." (Túlio, 2021, trecho da entrevista)

Joana me responde evocando um dos recônditos do seu sofrimento originado no isolamento ocasionado pela pandemia, por meio do qual a sua solidão poderia como afeto ser anunciada de modo cada vez mais claro pra mim:

É, não tem, não tem... pelo contexto que nós todos iniciamos na pandemia... Inicialmente, eu estava fechada pra possibilidade de conhecer pessoas novas porque eu tava... era aquela pessoa que estava ocupando aquele lugar na minha vida e que eu acreditava que seria eterno, como você bem falou no início da entrevista. Então, inicialmente eu não tinha... não vislumbrava ninguém ocupando o lugar dele logo depois do término. Mas agora, passados alguns meses, eu já vislumbro, já me mostro mais aberta pra conhecer pessoas, porém as circunstâncias não me permitem isso daí... (Joana, 2021, trecho da entrevista)

Neste momento da entrevista, começa Joana a demarcar outro *ponto de vista* que lhe atravessa em seu quadro histórico-referencial: o outro, o seu par, seria um predestinado. Afetado pela sua inquietação a indaga: “Você tinha logo após o término, e naturalmente antes, a ideia de que ele seria o único... que ele seria insubstituível. Então, como foi, logo após o término, você continuar tendo esse pensamento? Tu consegue falar um pouco sobre isso?”

Eu vou contar pra você desde o começo. Eu acho que essa situação de colocar ele nesse pedestal, de colocar ele como insubstituível tem uma raiz muito mais profunda. Tem a ver com a questão da minha história, com a questão da autoestima, com a questão até familiar, com a visão mais ampla, com a questão familiar que eu ainda nem cheguei... Assim, trabalhei só superficialmente na terapia... mas sem encontrar o miolo mesmo da questão. Então, eu acredito que o fato de ele ter ficado nesse pedestal que eu coloquei, como alguém insubstituível, tem raiz mais profunda, relacionada desde a minha formação familiar, que repercutiu na minha autoestima e foi como um efeito dominó. Acredito que isso tudo tenha a ver. Mas também pelo fato de... acho que tem a ver também com a questão da monogamia... digamos assim... porque, por exemplo, foi um relacionamento que foi construído ao longo de quase oito anos em que eu pensava que eu iria casar com aquela pessoa. Então, acabou que eu não tinha olhares pra outras pessoas, não tinha perspectivas de me relacionar com outros homens. Então, acabou que eu... tipo... era ele... e não tinha como, assim, questionar, nem pensar em outra pessoa. Ao mesmo tempo, a minha rede de apoio era muito pequena. Então ele exercia um papel muito importante nessa questão da rede de apoio... Ele... eu acho que a nossa relação, o papel que ele ocupava na minha vida era muito mais que um relacionamento amoroso, que um... somente essa questão amorosa. Tinha essa questão também que ele me servia de suporte e segurança em muitas questões da minha vida, justamente pelo fato de essa minha rede de apoio ser pequena... somando ao fato também de que - quando eu falo da autoestima - ele foi meu primeiro namorado, meu primeiro tudo. Então, com ele eu vivi as primeiras experiências da minha vida... Então eu achava que ia ser aquele... o primeiro e o único... tá entendendo? Então, tudo isso contribuiu pra colocar... E também acho que tem a ver com a visão muito sonhadora minha também que eu tenho... que eu sou muito romântica, sou muito sonhadora, e que justamente pelo fato de ter sido meu primeiro namorado, meu primeiro tudo, ter sido também... ter esse papel que vai além de um relacionamento amoroso, eu acho que isso... como eu lhe disse, a minha personalidade de ser muito sonhadora... tudo isso contribuiu pra essa colocação dele nesse lugar que eu coloquei, nesse pedestal. E a retirada dele foi muito... desse lugar foi muito difícil, assim como está sendo ainda... (Joana, 2021, trecho da entrevista)

Joana narra nesse momento a desconstrução do lugar em que ela tinha situado o seu ex-companheiro. Colocar em questão esses ideais, *mudar a perspectiva*, “retirar ele desse lugar” e perceber que podem existir outras “pessoas legais” se apresenta como sofrimento em suas possibilidades de ser. Fico pensando também, a partir do meu diálogo com o que narra Joana, que o seu relacionamento durou cerca de oito anos, tempo este em que eles construíram o *castelo*, planejaram os seus entornos, se conduziram por estradas que os

levariam aos seus umbrais, entreviam o *horizonte* de um futuro concretizado na realização de promessas que seriam usufruídas na consumação do que *era pra ser...* Até que, prestes a se “realizarem”, diante da imagem de uma vida feliz que tinham construído pouco a pouco, o fim se deu. Talvez precisasse ela, racionalmente, dar nome às coisas, substancializá-las, circunscrevê-las em um *castelo*, enquanto a amplidão do céu se anunciava como possibilidade para o seu existir. Sim, talvez Joana precisasse de um sonho e de um alguém para chamar de seus.

Então eu acho que tem a ver com essa questão da minha personalidade e no sentido de que sempre, desde sempre, desde que me entendo por gente, eu sempre achei lindo tudo o que é romântico, tudo o que é de amor. Acho lindo casais que são unidos, acho lindo casais que são parceiros independentemente de questão física e estética. Pra mim, um relacionamento vai muito além da questão superficial que existe na nossa sociedade, de um apelo à beleza, de um apelo estético muito grande. Eu sempre achei lindo casais que tenham uma sintonia, que tenham planos, que olham além, que planejam, que... enfim... a sintonia vai muito além da questão física... é uma sintonia, uma conexão mental. Então, isso daí sempre, desde que eu me entendo por gente, eu achei lindo tudo o que era romântico, tudo o que envolve relações em que existe parceria, em que existe cumplicidade, em que existe respeito. Então, eu sempre sonhei com isso, eu sempre sonhei em viver isso daí. E aí aconteceu de refletir no meu relacionamento... no meu único relacionamento que foi o que eu tive e que agora acabou. Então, desde que eu me entendo por gente que existe essa concepção internalizada em mim. Talvez, eu digo que tem a ver com a minha personalidade, mas quem disse que não tem a ver com a socialização feminina na nossa sociedade, que cria as meninas de uma forma diferente, justamente diferente de como ocorre a criação dos homens. Se de um lado as meninas são feitas pra relacionamentos amorosos, pra estarem dentro de uma relação e construírem família, os homens são criados de uma perspectiva diferente. Então, eu falo que isso tá inerente a mim, mas talvez esteja tão inerente a nossa sociedade, à socialização feminina, a essa criação feminina, que eu não consigo diferenciar do que é meu e do que é educado pra gente... não sei se estou sendo clara... (Joana, 2021, trecho da entrevista)

Joana reafirma o quadro referencial pelo qual tem lugar o seu modo de amar, alargando-o ainda mais. A experiência simbiótica nesse momento parece advir em sua narrativa: seria preciso para viver um amor a “sintonia”, a “conexão mental”, algo “além”, como uma fusão imperecível. Todavia, na irrupção do seu dizer, ela me conta que ainda não lhe é tão claro o que é precisamente “dela” e o que ressoa da tradição. Joana ainda não parece estar apropriada da sua situação hermenêutica, porém, questionando a socialização feminina, espaço de violências históricas que oprimiam e oprimem as mulheres, se en-caminha para uma *mudança de perspectiva* em relação à predestinação de um par amoroso.

Prossegue Joana, aparentemente relacionando o romantismo ao amor, como se o que não fosse da ordem do romântico não fosse “de amor”. Isto, por sua vez, não está implicado

apenas no corpo, mas ao que é belo, sublime, bom, enfim, transcendente. Parece ressoar em seu modo prévio de compreender a experiência amorosa a ideia de amor como supremo bem, o destino final de toda a criatura.

Tudo foi por água abaixo. [...] Então ele era, assim como eu disse a você, era uma segurança que era além do relacionamento amoroso. Então, era um apoio, na questão de ter com quem conversar, de ter com quem me abrir, de ter com quem... de ter, assim... quem me defendesse, digamos assim... por causa justamente dessa minha rede de apoio... eu me sentia meio que protegida quando eu estava com ele... Era uma segurança no sentido de que, tipo, com essa pessoa eu vou construir minha família, com essa pessoa vai dar certo, com essa pessoa eu vou ser feliz. Tinha essa questão financeira, tinha a questão de, assim, eu acho que era muito amplo de que o lugar que eu coloquei ele, no sentido na posição que eu coloquei ele na minha vida. (Joana, 2021, trecho da entrevista)

Parece o seu companheiro em sua fala, uma espécie de entidade que durante muito tempo tivesse sido impensável *possuir* e que àquela oportunidade de estarem juntos, ao alcance das suas mãos, precisasse ser elevado ao alto de uma certa onipotência. Os ideais do amor-cortês, como assinala Rougemont (2013), nascem dessa impossibilidade mesma de se possuir o outro. Assim, parece ter sido incorporado por Joana um modo de amar que situa o seu ex-companheiro, num primeiro momento, como impossibilidade, afinal seria ele o *príncipe* que moraria com ela em seu *castelo*, e depois, dado o surgimento de uma terceira entidade entre eles, o “nós”, como possibilidade à mão, eis que ele precisa ser elevado ao pedestal da condição única para a sua felicidade.

Algo que também me chama a atenção neste momento é a referência à ausência de uma rede de apoio para a sua relação. O *castelo*, que abrigou durante oito anos o relacionamento de Joana e seu ex-companheiro, parece tê-los apartado de tudo o mais. Não havia uma rede de apoio que lhes situassem, o mundo se resumia àquela relação, de modo que todo o sentimento de comunidade fora relegado àquelas solidões mesmas que um dia se permitiram caminhar juntas. Mas não foi possível ao seu ex-companheiro satisfazer-lhe as dádivas prometidas, donde que só pôde herdar uma comunidade *sem lugar*, o seu próprio *castelo* em ruínas.

Da experiência de estar *sem lugar*, vai Joana narrando as suas inseguranças, os seus sofreres, até que me faz duas perguntas que, em certa medida, me deixam desconcertado:

“Será que eu sou dependente emocional dele? Será que existe pelo fato de existir algo além da questão amorosa, será que não é justamente uma dependência emocional, pelo sentido de ser uma segurança tão ampla a que eu tinha nele na minha vida?” (Joana, 2021, trecho da entrevista)

Joana começa a *mudar a perspectiva* ao interrogar-se sobre o sentido do lugar na sua vida que houvera situado o seu ex-companheiro: o lugar de um predestinado. Joana ia jogando consigo e comigo, colocando em questão um aspecto que lhe parecia significativo no seu modo de amar. Aspecto este que ela tinha “internalizado” irrefletidamente, acolhido em seu coração e reproduzido em seu modo de ser-com o seu ex-companheiro. Ela começava a questionar tudo isso e parece que a situação hermenêutica, no curso da experiência hermenêutica do seu *castelo* em ruínas, destroça um mundo compartilhado na impessoalidade, e o funda, a um só tempo, no inóspito, no inteiramente outro, delineando a possibilidade minha de compreensão da sua experiência. Para Figueiredo (1994), o acontecimento que rompe com o habitual, a crise, é precisamente essa transição. Mas, para quais horizontes Joana rumava em seu destinar-se?

Mais adiante Joana deixa mais claro o sentido da relação com o seu ex-companheiro:

Então é um sentimento, mas não é um sentimento unicamente amoroso, é um sentimento, digamos assim, que vai além, não sei dizer... Me corrija se eu não tiver falando certo, se eu não tiver falando direito, mas é porque é como se você visse para além do sentimento, mas não é além do sentimento, é dentro do sentimento. Pra mim é dentro do sentimento, éhhh... só que é um sentimento diferente enquanto muitas pessoas se relacionam, éhhh... somente com relação a essa questão de conexão amorosa, conexão sexual, nesse sentido apenas, pra mim, minha relação com ele ia muito além apenas disso. (Joana, 2021, trecho da entrevista)

Joana compreende essa relação como um *além*: *além*-sentimento amoroso, mas inscrito nele. É como se ela tivesse a necessidade de a todo tempo justificar o seu amor situando-o numa esfera transcendental que o distinguisse de todo o viés hedonista. Seu amor ganha um sentido de raridade, pois “é um sentimento diferente enquanto muitas pessoas se relacionam... somente com relação a essa questão de conexão amorosa, conexão sexual, nesse sentido apenas...” A sua possibilidade de amar correspondia a uma conotação sexual, mas nela não se esgotava. A experiência amorosa, para Joana, morava em um não-lugar, impassível de descrição, mas que ela sabia existir, porquanto a sua relação com o seu ex-companheiro nascia desse lugar, *descendo* a espaços existenciais menos, digamos, essenciais (conotação sexual), e *ascendendo* mais uma vez a esse espaço de transcendentalização. Parece, de fato, que o modo como compreende o seu amor, a sua forma de amar, passeia pelo platonismo, pelo qual as aparências são apenas simulacros de uma realidade maior.

Os fios da entrevista vão tecendo esse rumo e me retecendo com ele nesse diálogo. Enlaçando-me com Joana, arrisco uma pergunta que, talvez, me desse sinais desse horizonte: “A partir do momento que você se viu sem ele, é como se você tivesse frente a frente com a sua fragilidade?”

Exatamente. Exatamente! É saber que em determinadas situações que durante todos esses anos eu vivi com ele eu não vou contar mais. É justamente me colocar frente a frente com minha fragilidade e saber que não é uma coisa passageira, digamos assim, que não é porque a gente brigou e eu não vou poder contar com ele, ou, então, não, é porque ele tá viajando que eu não vou poder contar com ele, ah, é porque ele tá ocupado, eu não vou poder contar com ele. Não é. É muito difícil lidar com essa minha fragilidade depois de tantos anos contando com aquela pessoa e agora estar sozinha realmente. (Joana, 2021, trecho da entrevista)

O sofrimento de Joana se apresenta como um face-a-face com a sua fragilidade. A fragilidade humana nasce, segundo Cabral (2021), da vulnerabilidade que é ao ente humano condição originária. O fato de sermos nós vulneráveis, frente a nossa condição também originária de ser-com-os-outros, realça o caráter contingencial da existência. Condição da qual, para Heidegger (2012c), sempre procuramos fugir, acolhendo na decadência modos impessoais de ser no “todos nós, ninguém”, em detrimento a uma possibilidade de singularizar-se existencialmente. É a singularidade do ente humano, isto é, a apropriação do seu poder-ser mais próprio no horizonte da temporalidade, que determina existencialmente a sua fragilidade.

Ver-se sem o seu ex-companheiro e, portanto, receber em seu caminho o olhar do vazio, situa Joana no abissal arrebatamento daquela absorção no familiar acolhido da tradição, “depois de tantos anos” protegida, abrigada no seu *castelo*.

Meu *horizonte* compreensivo da sua situação hermenêutica, a cada palavra e gesto, se alargava. Os modos de socialização feminina, questionados por Joana, iam desvelando em sua fala as pressões que ela sofrera, alimentando em sua existência a sensação de fracasso.

Então, éhh... por exemplo, as pessoas pelo tempo de namoro que a gente tinha, quase oito anos, as pessoas pensavam: “_ah, quando é que vocês vão casar?” E aí, tipo: _quando passar num concurso! E aí as pessoas falavam, e... (Joana, 2021, trecho da entrevista)

Percebo que os impositivos sociais, frutos de uma tradição que encurta os horizontes das mulheres em possibilidades inautênticas de ser, emergiam em seu existir como naturais e, portanto, como modos restritivos e privativos de ser. O casamento não se apresenta como decisão existencial, mas como repercussão da pressão social atrelada a um tempo de convívio cronologicamente vivido. Aliás, não apenas o casamento, mas a necessidade de procriação, constituição de uma família nuclear, todos esses fatores contribuíam para que ela se sentisse pressionada a corresponder a essas imposições. Diante, então, do *indisponível*, desvelado na presença da ausência do seu ex-companheiro, e da falta de perspectiva em relação à reconstrução do seu castelo, ela sofria...

E aí a intenção... existia realmente essa intenção, que se concretizaria com a aprovação no concurso, existia um plano. Por exemplo, até pela questão da idade, muitas pessoas já vieram falar pra gente, por exemplo, que eu tava já na época de ter filhos, por causa da questão da minha idade biológica, que eu já tinha 29 anos, que já tava na época de ter filhos e tal, que o instinto materno, sei lá, não sei quê, iria aflorar e tava bom de acelerar esse processo, que já tava na época da gente casar e ter filhos... Então, tudo isso refletiu, tudo isso foi uma coisa que foi acumulada, que foi até postergada dizendo: não, o tempo tá passando, mas você tá com essa pessoa, mas vai dar certo, a gente vai fazer assim, vai fazer assado, tá entendendo? (Joana, 2021, trecho da entrevista)

Joana delinea no curso da sua resposta a minha indagação este quadro referencial que violentava o seu existir e a privava de uma experiência livre com o que vinha ao seu encontro. Uma relação com a tradição que acontecesse de tal modo que a correspondência às suas solicitações aflorasse no interior de uma interrogação, de um recuo do olhar para que, hermeneuticamente, fosse possível vir-à-luz uma possibilidade outra de rumar para o *horizonte* existencial que celebrava: uma experiência amorosa por toda a vida. O contexto histórico que nos acolhe e que acolhemos parece ainda em seus caminhos ser margeado por vestígios da tradição romântica, por meio da qual se relacionava à felicidade última das mulheres um casamento “bem-sucedido”. A este aspecto estaria associado o viés da *duração*. Mas, no horizonte histórico que é o nosso, como pensar a *duração* de uma convivência amorosa, dados os impositivos da fugacidade deste tempos? Como é possível constituir um par amoroso para durar, isto é, para ser para sempre, ante o caráter transitório do existir?

[...] então que a gente até daqui a dois anos já estaria tendo filhos, justamente por essa questão da cobrança em relação à fertilidade, minha questão da idade, porque eu já tenho 29, vou fazer 30... Então, tudo isso era uma coisa que: “_ estamos vivendo tempos difíceis, mas estaremos juntos, estamos fazendo planos pra concretizar, sem um termo final pra gente concretizar as coisas”. Então eu me vi sem nada disso. Então, eu tô vivendo uma pandemia, quando é que eu vou conhecer uma pessoa? Quando é que eu vou conhecer uma pessoa que vai dar certo? Que vai haver a sintonia? Quando é que, havendo essa sintonia, a gente vai se casar? E quando é que eu vou... me casando, quando é que eu vou começar esse processo de construção da família? Então, quanto isso vai me custar? Então, tudo isso pesou e pesa muito, é uma coisa que até eu tenho evitado pensar muito. Tô mexendo, tô revirando isso agora aqui com você, que é muito delicado, realmente. É tanto que tenho... não, não... antes que eu pensava em ter filhos, que eu fazia planos de ter filhos, de datas pra ter filhos, de questão justamente de eu ter 29, quase 30 anos e tal, hoje em dia nem penso nisso. É uma das coisas que eu falo nas minhas sessões de terapia, que eu não me dou o direito de pensar numa coisa que é tão incerta, tão improvável, que só vai me trazer tristeza pensar nisso, então eu acabo que nem penso muito. (Joana, 2021, trecho da entrevista)

A necessidade de segurança e controle em relação ao seu futuro anuncia em sua fala, ante ao que inalienavelmente se desdobra em seu existir, o seu sofrimento atravessado pela

frustração e, dado o tom de sua voz, por certa revolta e ressentimento. A consagração de um casamento, do modo como precisava-ser para Joana, isto é, do modo ideal, exigia-lhe um investimento existencial pelo qual nutria receios de um *outra vez*. Recomeçar, nesse sentido, implica voltar “aos 21 anos”, restituir determinada pureza que tinha se perdido ao longo da relação com o seu ex-companheiro e que precisava ser resgatada. Todavia, diante da impossibilidade deste resgate e da remissão a um tempo em que a tradição impõe como o natural para a construção de um laço, ela sofre, não aceita o que advém no curso da sua existência, recusa pensar para que não fique triste.

A experiência com a perda abre pra Joana a angústia da tarefa de ser as suas possibilidades possíveis de ser, possibilidades estas co-pertencentes a um *horizonte* temporalmente finito. Entretanto, percebo haver um ideal de imortalidade, infinitude, aquiescido pela narradora, por meio do qual ela poderia se ocupar e, assim, obter segurança ante as contingências da existência.

O sofrimento de Joana pode ser compreendido, portanto, como uma *passagem* na qual atravessa o umbral de suas feridas que, ao que parece, estão intimamente relacionadas com as suas expectativas. “Umbrais e passagens são zonas prenhes do mistério e do enigmático, onde começa o outro atópico. Junto com os limites e umbrais desaparecem também as fantasias sobre o outro. Sem a negatividade dos umbrais, sem a experiência do umbral, a fantasia fenece” (Han, 2018, p. 73). A situação hermenêutica de Joana revela precisamente o nexos entre o seu sofrimento e o que abrigava em seu coração entoado pelos cânticos românticos da sua tradição.

[...] numa primeira fase de um relacionamento, você ainda vai tá conhecendo aquela pessoa, ainda vai tá havendo o processo de justamente conhecer, ver até onde vai a sintonia, a comunhão de planos, de ideais de vida. No momento inicial, éhhhh... você não tá pensando nisso. Assim como quando eu conheci ele, no momento inicial eu não tava pensando nisso, mas o tempo passou e quase oito anos é natural que você já tenha esse planejamento em relação à família, a casamento, a filhos, né? Por isso que aconteceu, então, obviamente que no início não acontece, mas com oito anos é natural que ocorresse, não é verdade? Então, isso faz parte, sim, do meu discurso, isso faz parte das minhas feridas, isso faz parte de tudo. (Joana, 2021, trecho da entrevista)

As feridas de Joana estavam postas. Na memória trazia à luz, o modo como se volta para a presença da ausência do seu ex-companheiro. De algum modo, padecer a sua experiência o resgatava de uma determinada distância mediante o que ainda importa. Importar como trazer para dentro, para mais profunda intimidade: dar voz ao mais profundo.

Memória que possibilita um se voltar-para datas marcantes, um dos traços fundamentais do seu sofrer:

[...]inclusive amanhã é o aniversário dele, então eu tô um pouco mexida também em relação a isso, éhhhh... (Joana, 2021, trecho da entrevista)

Datas comemorativas são como marcos existenciais que atravessam a experiência humana. É a partir desses acontecimentos que a memória não pode ser considerada como um mero fator fisiológico, localizado na mente, e fruto de uma inteligência. Mas muito mais precisamente um modo de estar disposto, afinado, pelo qual emerge o ser-sido de um existir. Ser-sido que não dista do que estar-a-ser e, portanto, ainda *é* e vai durar.

O modo como Joana compõe tempo e espaço existenciais, em relação a esse marco, revela um modo de corporar, de “estar mexida”, isto é, afetada, tomada pelas memórias que tornavam esta data ainda especial. De algum modo, esta constelação relacional, que se mostra na feição dos planos, dos sonhos, dos ideais, das datas comemorativas, assim como os acontecimentos mais corriqueiros da sua vida, como os momentos em que pensavam como seria a casa, a família, o casamento, integram a hermenêutica da sua perda, travessia em que ela se volta-para a presença da ausência de tudo o que fora construído, mas que, de algum modo, permanece ainda na memória.

Deixo agora que se teçam os fios do que registrei em meu Diário de Bordo ao fim da entrevista:

Ainda em mim se inscrevem aquelas palavras. E em mim não permanecem. Nem poderiam, aliás. Ao mesmo tempo em que eu fui profundamente afetado por uma certa paixão pelo que ouvia, me tomava um secreto júbilo: meu espírito acabou de receber uma dádiva. (Túlio, 2021, trecho do Diário de Bordo)

6.2 Coração-Maria: a perda em-situação entre o desespero e a memória

É tipo, sei lá, parece que alguém vai morrer... (Maria, 2021)

Emerjo nesta outra paragem do caminho e me recebem as vozes de Maria, desnudas, em carne viva, transluzentes de um sofrimento que ainda aclara a sua calma inquietude. Inevitável era a mostraçã dos seus paradoxos. De um lado, a esperança de uma “nova versão”, um novo modo de ser e de corresponder serenamente às solicitações da existência sem o alguém que ama; de outro, o desespero pelo *não mais*, o abandono de uma (não tão)

antiga sensação entorpecedora de controle e segurança, ante uma vida compartilhada com sua ex-companheira. O amor sorrateiro escapando num aceno da existência imprevisível. Mais sonhos e planos de uma vida inteira, na consumação de um casamento, obliterados pela força das circunstâncias.

Então... éhh... bom, a gente já vinha falando um pouco disso, mesmo antes de terminar eu já vinha falando com ela sobre algumas questões que eu tinha no meu antigo relacionamento. E aí eu tô entendendo e acolhendo esses sentimentos, tipo, não tentando ignorar. Mas, no início é meio desesperador, sabe? E eu já passei por outras relações, já namorei 4 anos uma pessoa e terminei e fiquei, tipo, 2 anos de luto. Foi, assim, um dos piores lutos que eu tive e aí eu namorei com Clarice 2 anos e 8 meses, e aí a gente terminou agora recentemente, tá com um mês, eu acho. E aí, a princípio foi aquilo, né, choro, choro, choro, desespero, tentando ligar, tipo... eu ligava pra ela, ela atendia, às vezes, não, às vezes, sim. Mas eu também entendo... a última vez que a gente se falou tá com 4 dias e aí ela pediu pra eu respeitar o espaço, sabe, que ela precisava, e aí, a partir do momento que ela falou que eu não tô respeitando... ela não falou, mas quando ela pediu que precisava de um espaço, eu entendi que eu não estava respeitando. Então, acho que isso pra mim foi uma virada de chave pra parar de entrar em contato, sabe? Por mais que eu ainda a ame, ainda sinta muito fresco na minha memória e tudo o mais, a gente tinha uma rotina e durante a pandemia... (Maria, 2021, trecho da entrevista)

Maria narra o que parece ser o momento em que ela estar-diante do inabitual que compõe o seu sofrimento. Tece os fios do *coração partido* conduzida pelo *desespero*, tonalidade afetiva que abre a sua existência para a experiência da ausência do outro, para um ser-tomado que pre-sentifica e corpora a ausência nas lágrimas. Percebo que Maria se vê tomada pela necessidade da conquista do seu ser, isto é, se vê definitivamente em jogo enquanto ente existente na sua experiência de sofrimento.

Angustiado perante o seu relato, deixei que os meus afetos, inexprimíveis ao momento, me guiassem para uma pergunta que visava alargar o meu *horizonte* compreensivo do seu *desespero*: “Tu consegue descrever melhor esse sentimento?”

Eu acho que é quando você tem uma rotina e ela é cortada, sabe? É tipo, sei lá, parece que alguém vai morrer, sei lá. A perspectiva do olhar pra essa relação é diferente, parece, tipo, eu preciso falar pra ela todo dia que eu amo ela, que eu tenho medo de acontecer alguma coisa com ela, mas acaba sendo que é mais desespero por conta que a gente para de dar bom dia, a gente para de dar, sei lá, boa noite, a gente para de saber como é que tá o dia a dia dela. Então, esse desespero é, tipo, o que é que ela tá fazendo, sabe? Com quem ela tá, se tá saindo com outras pessoas, e se ela tá melhor que eu também, se é uma questão de... eu acho meio errado, sabe, mas também é inevitável, então eu só deixo meio que acontecer. (Maria, 2021, trecho da entrevista)

O horizonte da finitude, junto o qual ela experimenta a sua condição finita, revela a angústia da sua fala. Há um temor pela concretização de alguma coisa que consolidasse a

ruptura na sua memória, *lugar* onde nada morre, onde é possível introduzir a eternidade em uma relação significativa. O ver-se sem-o-outro, nesse caso, parece ser a experiência do abandono, não especificamente da sua ex-companheira, mas do sentido que ela dava à relação. Neste primeiro momento, percebo que seja a condição de emergência desse sentido os modos como elas correspondiam mutuamente à partilha de ser um casal. Arrancada deste *lugar*, em que ela constrói o seu amor, ela vê-se sem-a-presença da sua ex-companheira e é jogada na inóspita *passagem* da sua experiência de sofrimento.

Maria põe em movimento em seu relato um dos modos pelos quais ela compreendia essa relação, modo que parece partir de uma necessidade de (re)afirmação do seu amor. A reafirmação do amor é uma das vozes do amor romântico que, por não suportar distâncias em um convívio, se impõe com as palavras, as cantigas, o enredo do romance, performances várias do ser que ama, para suprimir a distância entre ele e o ser amado. Como o amor romântico nasce de certa experiência da impossibilidade de se possuir o outro, procura-se um *preenchimento* com modos de circundá-lo, não perdê-lo de vista, enfim, formas de exercer o controle sobre as suas possibilidades de ser e antecipação dos seus movimentos. Quando o laço se parte, e a impossibilidade da sua ex-companheira se apresenta como fáctica, já não mais como impossibilidade idealizada, ou seja, quando ausência se faz presente, algo desaloja em Maria, remete-lhe à experiência do estranho radical, o ser-outro que corresponde ao seu sofrimento.

[...] eu acho que é, tipo... eu não sei, acho que é como você tá viciado em alguma coisa, sabe, e você parar aquela coisa de uma vez. Eu já tive experiências assim com drogas e, tipo, eu parei de uma vez e eu sofri, sabe, uns tempos. Então, não sei, é como se fosse um vício, mesmo, e aí você corta esse vício aí, tipo, no outro dia tava tudo bem. E aí já no outro dia não tava, sabe, tipo... eu comecei a sentir falta, parecia que tava faltando algo e tava faltando algo, porque durante quase 3 anos a gente tinha costume de acordar, já ter mensagem, dormir, já ter mensagem. Éhh... sei lá, ela tá minha casa no final de semana, almoçando com minha família, então essa falta, esse desespero é muito pela memória, sabe, do que a gente teve ehh... não sei se acabou 100%, mas é um desespero de interrupção de rotina, mesmo, e da necessidade acho que momentânea de... (Maria, 2021, trecho da entrevista)

Interessante a analogia que a narradora faz de seu sofrimento com a abstinência do uso de drogas. É como um torpor desorganizador, no qual ela experimentava uma privação de mundo até então, em sua significância, compartilhado com sua ex-companheira e que só tinha sentido no que este entrelace poderia oferecer.

O laço partido é como um portal atravessado pelo ente que sofre, no qual tudo o que é outro, imponderável, lhe vem ao encontro. É esse portal o *lugar* onde Maria habita o seu

futuro mais antigo: o modo como era cuidada pela ex-companheira, a rotina absorvida por uma tentativa de supressão da distância originária¹⁷ entre as duas. Essa busca constante para trazer para perto aponta para a possibilidade de compreensão do *ponto de vista* da narradora acerca da sua experiência amorosa: uma relação parece ter sentido para Maria sob o lastro simbiótico, da supressão total da distância entre dois modos de ser intransponíveis entre si.

Tecendo os fios da sua *passagem* vai Maria se constituindo existencialmente deste modo prévio de se perceber como um ser faltante, incompleto, abarcando no outro um abrigo para extinguir essa incompletude. Ademais, o modo como a narradora amava parece ter como *perspectiva* tornar a sua ex-companheira *conhecida*, acessível, de modo a tê-la sempre como possibilidade ao alcance das suas necessidades, desvelando, assim, um *horizonte* de um modo de amar por ocupação. Fazer a experiência de sofrimento, nesse sentido, parece ser como ter essa parte arrancada de si, parte esta que outrora, no convívio, era *sua*; é ser reivindicada pelo indisponível na sua ex-companheira, ser tomada pela sua estranheiridade que a determina como um ente inacessível. Maria prossegue:

[...] quando isso saiu do controle, e quando eu perdi alguém que me cuidava tanto: emocionalmente, ela tinha cuidados da minha saúde, também, mental, sabe. Eu comecei a fazer terapia, a princípio, também, por conta, do tipo, conversas que a gente tinha. Tem coisas aqui na minha frente que são dela, sabe, que eu preciso devolver. Então, acho que é isso, quando você perde o controle de qualquer coisa, você se desespera um pouco. (Maria, 2021, trecho da entrevista)

Era a sua fragilidade diante do acontecimento que a apresenta o caráter abismal da existência. Ora, existir é, como pensa Heidegger (2012c), ter-se sempre em jogo. De início, e na maioria das vezes, Maria procura pela segurança da familiaridade no cotidiano com a sua ex-companheira, em torno de movimentos existenciais que a possibilitam certa sensação de controle sobre as coisas. De repente, não mais que de repente, quando “do riso fez-se o pranto”¹⁸, já não se sente mais em casa, a ruptura lhe arranca da impropriedade. A inospitalidade do mundo é erigida nesta transição.

Poder-ser si mesma tensiona-se ao entorpecimento em um cotidiano que lhe entregava o *igual*. A companheira que lhe daria o suporte emocional, e que lhe oferecera um caminho aparentemente longe do inesperado, agora percorreria outros caminhos. Nesse contexto, poder-sofrer se abria como possibilidade para Maria, que parece não suportar existir

¹⁷ Expressão utilizada por Martin Buber para a designação da intransponibilidade da distância que une duas alteridades.

¹⁸ Soneto da separação. Escrito por Vinícius de Moraes, em setembro de 1938, a bordo do Highland Patriot, a caminho da Inglaterra, cit. em Coutinho (1968, pp. 300-301).

sem a parte que lhe falta, parte que lhe protegia dessa contingência mesma, que era a sua própria salvação.

[...] é, como foi, tipo... a gente terminou uma vez e foi porque eu comecei a me interessar por outra menina, no início do nosso namoro, sabe? E aí a gente acabou interrompendo, eu fiquei com essa menina durante 3 meses, e aí depois eu comecei a sentir falta... durante eu também já sentia falta de Clarice, sabe, do jeito dela. Ela era muito cuidadosa comigo desde sempre, sabe, então, tipo, a forma como ela me tratava me fazia falta, então... eu tratei isso na terapia também, de, tipo, uma necessidade de segurança que não sei muito bem de onde vem, não sei se é só do ser humano, sabe, mas eu sinto muita falta dos cuidados e da atenção que ela, de, tipo, eu dava um oi e no mesmo minuto ela me respondia. E aí, depois que ela terminou, esse desespero veio também porque, eu mandava mensagem, ela não me respondia, eu ligava e ela não atendia... Tipo, é diferente, sabe? E você fica: meu Deus! É mais real, tudo é mais concreto, tipo, tudo terminou mesmo. E a apesar de ter terminado mesmo, só que aí as coisas vão se tornando mais reais, eu acho, com o tempo. (Maria, 2021, trecho da entrevista)

Recordo diante desta fala a música *Flor de Liz*, de Djavan. O autor em seu desvelo poético também narra o fim de uma relação com um ar de espanto. O fim que remete à Maria não se situa no *não*, na morte que confirma essa palavra, mas nas mortes sucessivas que vão tornando “mais real” a ruptura. O seu sofrimento é marcado justamente por uma temporalização do tempo específica, na medida em que só “com o tempo” que a perda se consuma, que a ausência se instaura e ela pode se voltar-para esse modo outro de presença da sua ex-companheira desesperadamente. O tempo, nesse sentido, torna a ausência temporalizável em seu mundo fático: a ausência da sua ex-companheira advém, ganha lugar no tempo.

Mas, ao mesmo tempo tá, tipo... amenizando, então acho que é só questão de tempo, mesmo. Eu acho que vai amenizar mais, vai ser tudo bem, sabe, encontrar ela e... é uma pessoa que eu amo, eu não vou deixar de amar ela e nem ter carinho nem nada, porque eu tenho certeza de que isso é pra sempre, sabe? Mas que... acho que a necessidade de estar juntas como casal e namoradas vai amenizando com o tempo. (Maria, 2021, trecho da entrevista)

Parece advir em sua experiência um modo de organização do tempo que conjuga a transitoriedade da existência ao que permanece na memória. A memória que ama torna eterno, como a poetisa Adélia Prado intuiu. Maria abre-se para dizer *sim* ao *pra sempre* do que fica, ao que é possível em sua tarefa de ser, e para dizer *não* ao que a prendia a sua ex-companheira. Seria este modo de temporalizar o tempo, deixando que ele e os seus mistérios revelem nada além do possível, um modo sereno de estar disposta? Apontaria para quais horizontes este modo que Maria se deixava-ser conduzida pela inevitabilidade da sua experiência?

Sentindo-me impelido pelo chamado de suas palavras, questiono este rumo que se anunciava em seu dizer: “então você presente que esse sentimento que talvez hoje seja de um desespero, ele vai se transmutar?”

Sim, total! Né, tipo... como eu te falei, eu já passei por um luto de 2 anos. Esse foi pesado. Se você me pegasse nessa época, aí você ia ter uma dissertação boa, aí. Mas eu acho que a... como essa pancada já foi tão forte a primeira vez que eu terminei com essa outra pessoa, e era o meu primeiro relacionamento sério, sabe, durou 4 anos. Eu acho que... também tem a questão da idade também, eu era muito nova, então eu sofri mais dramaticamente, eu acho. E hoje eu tô sofrendo mais racionalmente, sabe? Apesar de ter o desespero, eu me sinto no controle nesse momento. Mas não é sempre. (Maria, 2021, trecho da entrevista)

A experiência de sofrimento de Maria a impõe um modo outro de compreender as suas relações, ainda que ela não tenha, ao que parece, se apropriado dele. Mas ela “sofre racionalmente”, não se permite a procura desesperada desta parte que lhe falta. Então, Maria vai se esvaziando deste modo de se ocupar da sua ex-companheira e é conduzida na *passagem* para um modo outro de se voltar-para a presença da sua ausência.

Continuando a retecer os fios do seu *coração partido*, me conta sobre este sofrer racional, a partir do que a levou a “decidir” sofrer assim. Recordando outra separação, Maria a ela se referia como aprendizado, uma experiência que a tinha ensinado algo.

Acho que, tipo, não tem como anular as nossas vivências, né? É, tipo, se já aconteceu alguma coisa e aquela coisa foi tão ruim... e, tipo, eu não privava meus sentimentos com a Clarice, de, tipo, de amar intensamente, de viver intensamente naquele momento e pra mim, tipo... achava que a gente ia casar, sabe? E eu não tô com ninguém, eu não estaria com ninguém pensando: ah, quando terminar, vai ser de tal jeito. Eu não consigo ser assim também. Então, tipo, eu tava com ela achando que a gente ia casar e tudo bem. E a partir do momento que eu perco esse controle, sabe, disso tudo, bate o desespero e é, tipo, essa certeza [inaudível] e aí já é outro aprendizado, tipo, cara, não é assim. (Maria, 2021, trecho da entrevista)

Além do tempo, ganha lugar a presença da ausência da ex-companheira de Maria no espaço. Pelo que percebo, no curso da sua *passagem*, da experiência hermenêutica do seu *coração partido*, a reivindicação de proximidade vai ganhando outro sentido: na distância sem fim que as separam mora o que as mantém ligadas: um amor compreendido de outro modo.

Aliás, é imperioso ressaltar, como fizera na paragem que dialoguei com Joana, como o ser humano busca realizar o seu poder-sofrer na Era da Técnica. A técnica moderna solicita à Maria o controle do seu sofrimento, como se fosse possível situá-lo em um cofre na mente racional, por meio do qual houvesse a possibilidade de, tecnicamente, manipular as suas repercussões na existência. Todavia, “nem sempre” isso era possível, a experiência de Maria a

atravessava em seus modos de composição do corpo, do espaço e do tempo existenciais, refletidos no *desespero* de já não poder *possuir* a sua ex-companheira.

[...] e aí... é isso! Tipo, não sei, acho que é amadurecimento, mesmo, de vivências, de... eu vou fazer 30 anos, então, tipo, eu sinto falta, eu me desespero, às vezes, eu choro. Eu não costumo beber, tipo, mas nesses tempos eu tenho bebido um pouco e qualquer bebidinha me deixa bêbada, qualquer copo de cerveja que eu bebo, então... eu tenho bebido um pouco, eu acho... o meu luto tá sendo... a princípio foi muito começar a fazer exercício físico, tipo, de manhã, antes de ir pro trabalho e quando chegava do trabalho. Eu tô mantendo isso, tipo, não acho ruim, mas eu parti logo pra fazer alguma coisa pra gastar energia, pra... sei lá, sabe, escapar da minha cabeça, porque [inaudível], então, eu acho que é... a minha primeira reação foi, tipo, eu preciso fazer alguma coisa pra sair daqui, tipo... E, aí, logo que a gente terminou, eu fiz... durante uma semana só, várias coisas que eu tava procrastinando, sabe, durante 2 anos, 1 ano. Então, tipo, assim que a gente terminou, sei lá, eu fui comprar roupa, eu fiquei mais com meus amigos, eu comecei a malhar de um jeito que, tipo, eu não sabia nem que eu conseguia andar tanto de bicicleta, que, tipo, eu tenho bicicleta, eu gosto de andar de bicicleta, mas eu tenho andado mais quilômetros, sabe? Éhh... sei lá, eu fiz uma depilação que eu nunca tinha feito, que eu tinha vergonha; eu comprei uma passagem pra visitar... porque eu sou de Londrina, mas eu vim pra morar no Acre muito cedo, então, tipo, eu já comprei uma passagem pra visitar meus familiares de Londrina. Eu fiz várias coisas, sabe, e eu não sei se isso foi pra preencher o meu desespero ou se foi coisas que eu queria mesmo e, tipo, eu deixava em segundo plano, sabe? (Maria, 2021, trecho da entrevista)

Percebo, ao receber esse relato, que fazia sentido apenas o cuidado mútuo entre ela e a sua ex-companheira, de modo que, ao fim do relacionamento, experimentar atividades que lhe singularizavam o modo de ser foi algo, de início, estranho, remetia-lhe a uma angústia por não ser mais com quem *era pra ser*. Correspondia, assim, ao que tinha deixado para traz, em face ao que lhe solicitava de modo avassalador: ser-para-o-outro.

Observo Maria fazendo uma experiência com o seu corpo a qual corresponde a um sentido temporal. Ela precisava “sair daqui”, do seu tempo, corpo e espaço existenciais, fazer a hermenêutica da perda à margem de si mesma. O modo como ela corporava acelerava o tempo e não deixava que se demorasse, padecesse na e por meio da experiência. Parece estar em fuga, da dor de ser e de poder-sofrer o seu sofrimento. Maria ia, então, sobre a *passagem* a procurar desesperadamente os vestígios daquela relação, ao passo que apenas as suas marcas, o que ficou e vai durar, subsistiam-lhe o sofrer. Ia de espanto em espanto, acontecimento que lhe reconciliava com aquele repente, o acontecimento-umbral, que demarca a origem da sua *passagem*.

Maria se referia aos seus sonhos como algo que lhe escapava às mãos e a conduziam a uma realidade “mais real” na *passagem*.

Pois, tipo, foi meio tudo que... acho que quando tudo deixa de ser um sonho, sabe, tipo, a partir do momento que você sonha com algo e aí isso escapa da sua mão, acho que você meio que volta pra uma realidade mais real. Não sei se é entendível isso, mas, tipo, as coisas ficam mais reais, sabe? Então, tipo... é você entender, tipo... acabou isso, eu não tenho mais isso que era o casamento e uma casa junto com ela, sabe? A gente juntava dinheiro pra comprar as coisas juntas, então, ok, sabe? É tipo dá pra organizar a cabeça e colocar as coisas no lugar e começar a partir dali, sabe? Mas até começar a partir dali de forma racional, é esse o desespero, sabe? É tipo: meu Deus! Meu deus! Acabou! E aí gritar, sabe, pra... não sei... Eu acho que é basicamente isso, é tipo deixar de sonhar e voltar pra realidade, sabe? Uma realidade onde essa pessoa não vai mais participar de sua vida, não como antes, sabe, diariamente e nem como sua parceira de vida. Então, é outro momento, já, de seguir outro rumo, sabe? (Maria, 2021, trecho da entrevista).

Os sonhos de uma vida feliz ao lado do ser amado pareciam ser possibilidades possíveis, em face a impressão de segurança e controle que os originam. De fato, os sonhos e os ideais parecem convidar o existir a uma realidade transcendental, na qual se pode assegurar-se ilusoriamente do futuro. Mas o futuro é agora, na fruição das coisas presentes. O futuro não dista. Assim como o passado e o instante ele é. O ideal parece desarticular a experiência do tempo existencial, oferecendo ao ente humano uma sensação atomizada de sucessão, na qual habita uma determinada imutabilidade. Percebe-se evocada nesses sonhos que revelam o aguardar de um futuro mais adiante no tempo, mais além no espaço, uma concepção metafísica do tempo, pela qual se procura introduzir nas possibilidades de ser uma concepção de eternidade enquanto *sem fim*. Porém, a existência chama, solicita o ente humano a eternidades possíveis, desveladas no instante, lugar onde se entrelaçam originariamente o vigor do ter-sido, o presente das coisas presentes, como propôs Agostinho de Hipona em suas *Confissões*, e a vigência do ainda-não.

Ia se abrindo um *horizonte* outro para Maria, no qual os esconderijos da memória preservariam o lugar onde o seu amor ainda seria possível, com outra roupagem, e, ao que parece, mais acolhedor do que lhe solicitava a existência. Do sonho de uma vida com aquela companheira que lhe escapava às mãos a uma realidade que se apresentava, ante a ruptura, “mais real”, desvelava-se outro rumo, no qual estaria junto-a-ela na re-cordação.

Aproveitando o liame do sentido que a mim se mostrava a partir da sua fala, pergunto como, então, participaria da sua vida a sua ex-companheira. Maria, com os olhos turvados de um modo de ser afetada pelo que pode ser *pra sempre*, responde:

[...] acho que na minha memória, basicamente. Ela participaria de coisas que me lembrariam ela, sabe? Tipo, eu ver alguma coisa que eu sei que ela gostava muito e eu acho que isso é um tipo de participação, sabe, a memória. E eu respeito muito a nossa história e, tipo, eu não... eu jamais falaria mal dela pra alguém ou escutaria alguém falar mal dela pra mim,

porque não dá, sabe? Clarice é muito... é tipo, além dessa história de nós duas. E eu... aí pega, tipo, porque... sabe... de tá com alguém e você sentir orgulho da pessoa, sabe, tipo, e eu sinto muito orgulho dela. Não deixou de existir, sabe? E eu não deixei de amar, de parar de ter orgulho dela como pessoa. Então, seria impossível alguém chegar pra mim e falar mal dela, eu não ia deixar. Então, acho que a participação dela agora na minha vida é a lembrança, sabe, do que foi, do que já aconteceu, essas coisas. (Maria, 2021, trecho da entrevista)

A experiência reverenciadora do que foi, como modo particular de se voltar-para o outro, descobre-se nessa fala. Parece-me que tal reverência solícita a uma história que fora construída demarca essencialmente uma *mudança de perspectiva* na *passagem* de Maria. Parece ela se en-caminhar para um *horizonte* compreensivo outro da relação com a sua ex-companheira, antes determinado pelo cuidado como ocupação. Na memória da narradora, essa história poderia ser o que mais essencialmente foi e é, suas alegrias e tristezas, suas feridas e suas cicatrizes, de modo que a sua ex-companheira poderia ser-além dessa história: além do que as distanciou no caminho para ser, portanto, algo que permanece, mas que pode ir a qualquer tempo, acompanhando ela por outra possibilidade de sentido. Essa experiência, pelas mãos de Rubem Alves, fora um dia transluzida lindamente: “Amar é ter um pássaro pousado no dedo. Quem tem um pássaro no dedo sabe que, a qualquer momento, ele pode voar” (2015, p. 69). Todavia, importa questionar se este modo de estar em sua memória não seja uma repercussão deste modo prévio de amar por Maria acolhido da tradição.

É, tipo, não sei se é um problema, mas eu... é óbvio que ela vai ter sempre um lugar na minha vida. A gente compartilhou uma vida 3 anos juntas, então, eu não sou dessas pessoas... eu não sou um HD, sabe, que eu consigo deletar alguma coisa, apagar da lixeira, assim, então, tipo, aconteceu coisas e vai, tipo, aquela coisa, sabe, existia uma Maria antes, uma durante e agora eu tô descobrindo uma depois. E eu acho que tá tudo bem, realmente. Tá tudo bem. As coisas mudam e é constante. Eu acho que a mudança é constante, então é só esperar a nova versão agora e eu tô ansiosa, tipo, tô gostando também. Eu poderia tá gostando junto com ela, queria tá junto, mas não tá, então tá tudo bem. Eu tô tentando seguir a vida. (Maria, 2021, trecho da entrevista)

Heidegger (2012b, p. 120) vai dizer que “o amor se funda no fato de pensarmos o mais profundo”. Pensar que nasce da memória digna de ser pensada e que, portanto, é sempre algo a-se-pensar. A ex-companheira de Maria parece estar nesse espaço onde uma história se apresenta como digna de ser pensada, espaço do amor que acolhe e preserva a condição transitória de qualquer compartilhar-junto. O seu sofrimento, dessa forma, aparece como *passagem* para um modo solícito de se relacionar com o outro que já não há. Isto significa dizer que este outro não será esquecido ou mesmo substituído por outro objeto que seria alvo do seu investimento psíquico. Isto parece indicar uma possibilidade de permanência do outro

na memória enquanto re-cordação, como alguém que pode voltar a passar pelo seu coração sem que o sofrimento se instaure. Afinal, o que mais poderia ser a perda, senão o reflexo dos sentidos de posse, ocupação do outro, originados nos modos de amar narcísicos da Era da Técnica?

A tarefa de ser é inexoravelmente constante e a ela co-pertence o caráter de transitoriedade da existência. O ente humano, aplacado pelas contingências da existência, é convocado sempre a deixar algo pelo caminho, a se despojar de modos de ser cristalizados em determinadas possibilidades restritas, privativas e fragmentadas. Maria dá lugar a um “pra sempre”, aquiesce uma possibilidade de cuidar de ser, levando consigo a sua ex-companheira de outro modo.

[...] entendo, é tipo, como eu falei, eu não vou deixar de amar ela, sabe? Então, independente de 1 mês ou 10 anos, eu sei que eu vou ter ela na minha cabeça. Então, é complicado eu falar que ela não vai mais participar da minha vida. Ela não vai mais participar fisicamente, mas na minha cabeça eu sei que ela vai tá. E, tipo, em algum momento, eu, sei lá, lá da Itália, eu vou lembrar dela de alguma forma, sabe? Se eu ver alguma coisinha aqui, que me lembrava ela, sei lá. Então eu acho que o participar não é estar na relação com ela e tocar nela fisicamente, sabe, mas ela vai participar de alguma forma na minha memória. (Maria, 2021, trecho da entrevista)

Maria consegue, a partir desse relato, descrever melhor a relação desse outro modo de se voltar-para a sua ex-companheira na sua memória. Da procura desesperada da presença da ausência à memória que eterniza solicitamente ela se en-caminha. A memória, a partir da recordação, mantém uma relação particular entre a sua existência e a transitoriedade. Tal relação, em Maria, se apresenta sob um modo específico de temporalização do tempo, pela qual o tempo linear-cronológico é desarticulado, dando lugar a uma experiência aromática, no dizer de Han (2009), com o tempo. Uma experiência cujo o aroma é um demorar-se no instante em que habitam todos os instantes, todas as extensões ekstáticas: lugar onde a memória ama, torna eterno, e é grata por uma história que foi construída e que, em certo sentido, continuará sendo construída sob outras condições também muito específicas, “independente de 1 mês ou 10 anos”.

Na minha lembrança paira um poema que outrora li, de uma escritora que me é muito cara, e que, em certo sentido, me intui a um caminho possível de aproximação à experiência de Maria:

Tu, que tanto ensinaste
de mim a mim mesma, e do mundo
a quem o conhecia pouco:
Quando se desfizer a noite desta perda,
quero enxergar pelos teus olhos,

e amar através do teu amor
 as coisas que me restaram.
 Tu, vivo em mim para sempre,
 apesar da ruga a mais
 e o olhar mais triste,
 devo-te isto:
 voltar para a minha vida
 como agora estás, inteiramente,
 na tua morte. (Luft, 2011, p. 91)

Mas algo se partia e já, de fato, não seria igual e nem poderia ser. Havia uma estranheza no ar que, a um só tempo, era sofrimento marcado pelo desespero e lugar de expansão de possibilidades no novo. Afinal, “mudança é constante”, a existência não cabe no que se repete. E a ex-companheira, que durante algum tempo parecia ser parte do seu próprio existir, pode agora ser a sua possibilidade de ser, assim como também ela, Maria, abre espaço para que a sua” nova versão” se apresente. A existência chamava a um modo outro de lhe corresponder, mediante o qual um olhar sereno em direção as suas solicitações no contexto desse amor poderia ser resguardado.

[...] umas duas semanas atrás eu fiquei completamente perdida, assim. Chegou num momento que eu... tem um bar aqui na cidade que você só entra se tiver carteirinha de vacinação. Então, tipo, eu fui pra esse local, né, e aí chegou lá e tinha umas quatro meninas que eu tava conversando, sabe, e aí chegou o momento que, tipo, eu me vi cercada por elas, e aí: meu Deus, o que é que tô fazendo da minha vida? E aí, eu parei... aí parei de conversar com qualquer pessoa, sabe? Eu meio que sumi, foquei no trabalho, terminei uns projetos que eu tava, tipo, eu tava botando a culpa no meu luto por não ter terminado esses projetos... Projetos que eu falo é projeto, mesmo, de arquitetura. E aí, eu peguei pra outro rumo, sabe, tipo: partiu, fazer exercício físico e trabalhar e focar em outras coisas. E aí, agora, tipo, eu me sinto tranquila, sabe? Mas naquele momento minha cabeça ficou muito cheia, ficou muito pesada, eu acordava mal, e aí batia o desespero de ligar pra Clarice, porque eu sabia que era uma pessoa que eu sei que é uma pessoa, de certa forma, que é muito mais racional, sabe, assim, do que as pessoas que tavam ao meu redor naquele momento, porque acho dela... é isso, eu tenho orgulho dela, é uma pessoa que tem o seu melhor, que coloca as palavras corretas, que sabe se posicionar, e que é uma pessoa que me conhece também, e que às vezes já me viu perdida e me acolhia. Então, naquele momento que eu me senti perdida, eu queria correr pra ela, sabe? Só que é aquilo, tipo, ela... eu não quero que outra pessoa me reconstrua, sabe? E aí, eu sabia que eu não tinha mais ela, eu fui atrás de fazer sozinha. E acho que consegui, sabe, tô conseguindo. Hoje eu tô mais calma. (Maria, 2021, trecho da entrevista)

A serenidade de um reconstruir-se, da interrogação direcionada a antigos modos de fazer a experiência de sofrimento, antes reveladora de um ser que se devastava, nesse momento consentia ao coração de Maria um novo sentido para en-caminhar-se. Reconstruir-se parece ser olhar e rumar para um *horizonte* de sentido outro, no qual essa relação com a presença da ausência da ex-companheira já não lhe seja uma possibilidade de sofrimento, mas

fruto de uma reverenciação ao passado construído, que precisou ser, quando do fim, posto em jogo, a fim de que possibilidades mais próprias de ser pudessem emergir nesse trânsito. Ela reivindicava para si a possibilidade de uma reconstrução sozinha, sem a moleta emocional oferecida por sua ex-companheira. O seu sofrimento, neste contexto em específico, abria-lhe, ao que parece, tal possibilidade. Pôr em interrogação os seus modos de amar, a dor de ser um poder-ser, o seu desespero, o seu *coração partido*, enfim, fundava um mundo inteiramente outro, ainda estranho e inóspito, mas, ao mesmo tempo, convidativo. Maria retecia os fios do seu coração.

Como nas outras duas entrevistas, chegava extasiado a seu fim. Cansado também, mas satisfeito. Nem feliz nem triste: eu apenas me despedia reafirmando em mim mesmo uma velha sensação de que já não seria o mesmo. O universo estava conspirando a meu favor? Enquanto não dou conta de responder a esta questão, contemplo o não-saber. E nessa solidão, entre ruídos de uma pesquisa confinada e meditações, rumo para uma outra paragem... (Túlio, 2021, trecho do diário de bordo).

6.3 Coração-Bernardo: da expulsão do paraíso à experiência do exílio

Tive que me virar entre quatro paredes de uma casa. (Bernardo, 2021)

Em algum lugar da memória me recebe Bernardo, a me contar a sua experiência. Abrindo-me as portas da sua narrativa, fala de uma perda que já não se consuma em sofrimento, mas acentua certa perplexidade pela qual foi atravessado e que repercute ainda em sua existência.

Atualmente, éhhh... não é mais uma experiência dolorosa, né? Já faz um certo tempo que o relacionamento terminou, mas teve um fato interessante e esse relacionamento terminou no curso de uma pandemia. Foi ainda no ano passado, mais ou menos, e aí eu acho que, de certa forma, tanto foi mais intenso como mais difícil de encerrá-lo. Porque, com a experiência do confinamento, muita coisa terminou ganhando uma proporção muito maior com relação aos afetos, com relação ao fim. E por essa razão eu entendi que foi um fim de relacionamento mais doloroso do que me acostumei experimentar. (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

Afetado pela curiosidade, inquiri Bernardo, a fim de alargar o meu *horizonte* compreensivo: “mas em quê tu acha que esse... que a pandemia contribuiu para que esse fim fosse mais doloroso?” Bernardo falava calmamente, a sua voz transcorria em tom calmo, como se estivesse falando de uma janela na sua re-cordação. En-caminhando o seu dizer, me diz:

Eu acho que pela questão do confinamento, pela impossibilidade, do deslocamento... éhhh... disso de alguma forma contribuir para o afastamento das pessoas. Ehhh... eu acredito que, juntamente a isso, essa impossibilidade... essa comunicação a distância, está também a solidão, né, que a gente passa a experimentar também com mais intensidade num momento como esse. Porque eu acho que quando rompe um relacionamento cada um tende a experimentar um pouco mais isoladamente todas suas emoções, desvinculado desse outro parceiro, ex parceira. E a própria solidão termina sendo um sentimento muito presente. E nesse caso, eu diria, inflamado pela pandemia, com o isolamento, né? (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

A solidão se apresenta como afeto em Bernardo que adensa uma determinada percepção de ente isolado no mundo. Nesse sentido, a *passagem* que constitui a hermenêutica da sua perda pode ser compreendida como um *exílio*, em torno do qual ele experimenta, se voltando-para a presença da ausência de sua ex-companheira, a condição de ser, o seu modo de ser apartado dela. Parece-me que essas “emoções”, que o situam em sua experiência diante da sua estranheiridade mesma, estiveram absorvidas nesse convívio, como se essa vinculação o impedisse de se apropriar de suas possibilidades mais próprias de ser-no-mundo-com-os-outros. Inquieto perante a potência desse afeto em mim, a solidão, peço que Bernardo me fale um pouco mais dessa experiência...

Eu diria que a solidão passou a ser um sentimento, talvez, mais frequente, mais presente com a questão do isolamento, nesses últimos dias, mas solidão, de alguma maneira, todo mundo sente, a gente sempre sente sozinho ou com o outro. A gente tem a nossa intimidade, a gente não é 100% conectado ao outro ou a gente não se relaciona de maneira... há sempre um muro que nos preserva na intimidade. Mas eu acho que quando a gente passa por uma experiência de um fim de relacionamento num período de isolamento, isso tende a ser mais especificado. (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

Parecia que eu caminhava com Bernardo à beira de um abismo que é ele enquanto ente existente. As suas palavras ainda me soavam enigmáticas, como se em sua experiência habitasse algo secreto, prestes a se desvelar, mas que se ocultava ainda uma vez diante de mim. Ao que parece, o sofrimento de Bernardo se mostrava em sua narrativa como experiência do *exílio*. Todavia, me parece que muito mais que um *exílio* que o apartava do mundo, a sua experiência se aproximava de um *exílio* em si mesmo. Ele caminhava pelas vastidões solitárias do seu coração. Angustiado com o que ouvia, o inquiri:

Então, você percebe que o que intensificou esse sofrimento, o que de alguma forma desdobrou esse sofrimento pra você foi esse sentimento de solidão que até aquele momento não estava sendo bem compreendido. Foi isso? (Túlio, 2021, trecho da entrevista)

Bernardo ouve atentamente as minhas palavras. Um silêncio penetrante invadia as nossas salas. Não parecia haver uma tela nos separando. Algo nos unia. Mas o quê?

Eu acho que o fim do relacionamento terminou sendo mais difícil do que outras experiências que eu tive já na vida devido à questão de... da pandemia nos impedir de retomar a vida de uma forma mais natural. Exigir o sujeito no isolamento. Enfim, eu acho que foi uma experiência diferenciada nesse sentido. Porque a gente não... habitualmente, a gente sai de uma relação e passa por um período solitário, enfim, até desfazer daquela relação. Mas, ao mesmo tempo, você vai se direcionamento na vida, ao mesmo tempo você toca sua vida, ao mesmo tempo você se permite conhecer outras pessoas, se permite conhecer outros ambientes. E com a questão do impedimento ao deslocamento, tudo isso fez com que fosse mais intenso esse fim de relacionamento e que essa sensação de solidão se fizesse presente de uma forma mais intensa. (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

Impossibilitado de experienciar a perda de um modo previamente admitido, devido ao contexto da pandemia global do Novo Coronavírus, só resta a Bernardo se voltar-para as ausências que constituem o seu *exílio*. Ausências que se apresentam numa particular presença da sua ex-companheira em sua ausência mesma, assim como a ausência dos outros semelhantes que com ele comungavam de sua existência. A experiência de sofrimento, acentuada por este cenário global, revelava para Bernardo este inabitual originado neste se voltar-para suas possibilidades de ser. Inabitual que apontava para ele outros caminhos, por meio dos quais rumaria ele para *lugares* em sua existência jamais acessados. Mas, que lugares seriam esses que os caminhos do seu exílio o levavam?

Eu acho que a pandemia ou o isolamento, tudo isso, deu lugar com mais intensidade a coisas que a gente já tinha com a gente, já vivia, para melhor ou para pior. Então, eu diria que ganhou lugar uma solidão no meu caso, com relação ao fim do relacionamento, nunca experimentada antes. [...]Então, assim, eu acho que tudo isso que a gente no contexto do isolamento, ele ganha uma proporção muito maior... mas... Eu não saberia te dizer de outra forma. Eu acho que a solidão que experimentei com o fim do relacionamento tá contextualizada com esse período, porque de outras experiências que eu tive me recordo de ser mais fácil, de alguma forma tocar a vida, voltar a fazer novos laços, a partir da circulação social. Uma vez impossibilitada, torna mais difícil... [...] Eu diria a você que foi mais sofrido por isso. Justamente por eu não poder tocar a vida de uma forma... como eu sabia fazer antes. Tive que me virar entre quatro paredes de uma casa, digamos assim... (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

Havia um modo particular de articulação do espaço existencial que lhe é constituinte. Toda a teia de significação mundana se restringia àquelas quatro paredes da sua casa. O vazio lhe interpelava na profusão das coisas acontecidas, ao passo que correspondia ele a esse vazio, se apropriando da possibilidade de sofrer.

Na Era da Técnica, o ente humano procura incessantemente se desvencilhar da experiência de sofrimento pela qual padece, mediante ao que já está dado, prescrito como modo unívoco de correspondência às possibilidades de sofrer. As coisas, nesse sentido, tendem a ganhar proporções muito maiores, quando é percebido que o controle sobre o fluxo

da existência não é possível. Bernardo sabia fazer um determinado caminho, conhecia as suas margens, as suas curvas, mas a vida o convidava a fazer um caminho ao caminhar, inteiramente outro, no qual, estando ele em jogo, podia destecer os fios do seu coração exilado e retecê-los em possibilidades mais próprias de ser.

Tomado pelo fluxo de sua narrativa, me ocorre de intervir em sua resposta para lhe comunicar uma impressão:

Então foi nesse momento que você foi entrando em contato com essas questões que talvez estivessem mal resolvidas pra você e essa experiência de solidão te possibilitou encontrar com essas questões que foram naturalmente se desdobrando... (Túlio, 2021, trecho da entrevista)

Bernardo me responde como se pudesse evocar agora em suas palavras os lugares que precisou visitar ao experienciar o seu *exílio*, ao fazer a *passagem* desveladora do seu sofrer...

Exatamente! Exatamente! É algo mais nesse sentido, mesmo. Tornou-se uma experiência de aprendizado, crescimento, também inédita pra mim. Porque eu falo pra você... eu acho que hoje está perto de fazer um ano que o relacionamento acabou. Então, nesse período de um ano, onde eu vivi de um tudo de sentimento, eu tive a oportunidade de avançar em questões para além do fim do relacionamento. Eu tive a oportunidade de me conhecer melhor. E de dar um tratamento aos impasses que faziam parte do meu relacionamento, como uma oportunidade de crescimento. (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

Bernardo revelava em sua situação hermenêutica outro *ponto de vista* que compõe o seu modo de ser. Era o sofrimento uma oportunidade de crescimento, de aprendizado, mediante os quais ele poderia se dirigir para um *horizonte* em que ele poderia ser mais propriamente. Recebia ele da tradição cristã este modo prévio de olhar a possibilidade do seu sofrimento. Resignava-se entre as quatro paredes da sua casa a caminho de se “conhecer melhor”. Afinal, era essa uma oportunidade de perceber, no silêncio de uma dor invisibilizada, possibilidades antes indizíveis e, por isso mesmo, incomunicáveis. A *perspectiva* de Bernardo era, ao que parece, tornar dizíveis essas questões que pairavam em sua existência e que, de algum modo, permaneceram adormecidas em seu relacionamento com sua ex-companheira. Bernardo prossegue:

De maneira que tanto foi ruim quanto foi bom... Tanto foi ruim a experiência do fim do relacionamento dentro de uma pandemia como foi bom, porque me fez encarar coisas que... ou eu encarava ou eu parava, sabe? Então, eu falo pra você hoje de condição muito apaziguada com relação a isso, porque já teve dia que eu tava muito mal. Mas eu já falo de um lugar... tanto é que eu topei fazer a pesquisa, porque eu falo de um momento meu subjetivo muito apaziguado com relação a esse passado com essa pessoa por quem eu tenho um enorme carinho... porque foi bastante

doloroso. Mas hoje, no período de um ano, eu digo a você que eu tenho dei a volta... dei voltas e voltas por cima dessa história toda de maneira a falar com muita tranquilidade. E isso eu acho muito interessante, porque eu acho que só foi possível eu avançar tanto porque eu não tive escapatória. Foi preciso encarar essa dor, a dor do fim, a dor da solidão, a dor do isolamento, de tudo junto. Foi o que me fez de maneira acelerada, eu diria, evoluir no processo de luto, eu diria. (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

Apropriava-se ele, ao que parece, da possibilidade de não-sofrer mais na *passagem* e, assim, poder se voltar-para a presença da ausência da sua ex-companheira com mais “tranquilidade”. Poder olhar o vazio que lhe olha constitutivamente na existência, não ter “escapatória”, possibilitou para o narrador en-caminhar-se diante da sua perda. A memória era o lugar de se guardar um modo outro de amar a sua ex-companheira, desvelado como “um enorme carinho”, uma certa reverência ao que foi durante o tempo em que conviveram.

Intrigante quando Bernardo me revela que só aceitou dar essa entrevista por já poder falar de um lugar mais “apaziguado”. Isto só realça a importância dos cuidados éticos com os enlutados. Afinal, esta pesquisa tornava visível a sua dor, ainda por demais marginalizada no contexto da masculinidade. O homem com o coração partido é tido como fraco em nossa sociedade. Uma dissolução amorosa para o homem, nesse sentido, precisava ser encarada de modo que a sua fragilidade fosse apagada. (Túlio, 2021, trecho do Diário de Bordo).

Foi preciso encarar o sofrimento, senti-la como fim, como solidão, como exílio, enfim, para que Bernardo pudesse “evoluir no processo de luto”. Mas para onde ele se encaminhava? Chegava ele a uma determinada “terra prometida” ou se apropriava de suas possibilidades de ser no caminho diante da transitoriedade da existência?

Eu acho que foi uma possibilidade... foi uma oportunidade de se conhecer melhor... Entender os espaços de cada um dentro de um relacionamento amoroso, mas também não só dentro de um relacionamento amoroso... Foi uma experiência de autoconhecimento que eu acho que experimentei, que alcancei, através desse luto, inédita pra mim. Porque acho que me faltou antes desse relacionamento essa noção de individualidade, de respeitar a individualidade também de si e do outro. Relacionamentos são muitos simbióticos, são relacionamentos complicados... (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

Nesse momento, percebo na narrativa de Bernardo se apresentar o modo prévio como compreendia uma relação amorosa. Parece que ele desconhecia o espaço entre duas individualidades enquanto modos de ser no contexto de um convívio e tinha como *perspectiva* um convívio que não sustém essa distância. Os espaços entre ele e sua ex-companheira, originariamente intransponíveis, aliás, foram suprimidos e já não poderiam ser ela e Bernardo as suas próprias possibilidades. Bernardo acolheu a sua tradição, reproduzindo-a em sua relação, de modo que o seu sofrimento foi olhar para esse modo de amar criticamente, desconstruindo-o e reconectando-se com o percurso da sua intimidade. Dito de outro modo, o

sofrimento de Bernardo parece ter irrompido da desconstrução de um ideal simbiótico de relação, ideal este que foi reafirmado no confinamento.

E eu acho, eu vou falar mais uma vez no tema da pandemia, porque eu vivi o relacionamento também no interior da pandemia. Então, assim, eu passei basicamente um ano com a pessoa dentro da casa dela, vivendo a vida como todo mundo tava vivendo, adaptado ao momento. Sem se deslocar, sem ter esses momentos individuais com muita frequência. (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

A pandemia tinha acentuado o convívio de Bernardo com a sua ex-companheira. Viviam eles basicamente um para o outro, dando curso a uma experiência amorosa que se consumava, ao que parece, de uma substância apenas. Diante disto, me recordo do mito de Adão e Eva^[1], a partir do qual posso me aproximar do cenário dessa relação e do fim que lhe sucedeu.

O paraíso de Adão e Eva é a metáfora de uma relação apaixonada. Eva foi feita da costela de Adão, da sua mesma substância, por meio da qual ela poderia fazer a experiência de completude (Noguera, 2020). Até que vem o diabo e, indicando a Eva o fruto da árvore do conhecimento, a revela que pode discernir sobre as coisas. Ao comerem do fruto, são expulsos do paraíso, viram um em-relação-ao-outro, isto é, alteridades radicais, e percebem, por sua vez, que ainda que fossem feitos da mesma substância, eram eles suas próprias possibilidades. Também descobrem que a infinitude pode ter fim, e que o mundo comporta a mera possibilidade de ser, no qual se sucedem infinitos modos de amar e desejar. Esse mito, segundo Noguera (2020), retroalimenta o amor romântico mais tarde.

Então, com o fim do relacionamento, eu pude perceber também até que ponto eu tava por dentro... respeitando a minha individualidade, mesmo no interior do relacionamento. Até que ponto eu estava desrespeitando a minha individualidade, não vivendo a minha individualidade, dividindo tudo... Não sabendo respeitar os limites... (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

Viviam eles, Bernardo e sua ex-companheira, de uma mesma substância, isto é, “dividindo tudo”, não se permitindo uma experiência singular propriamente dita. Absorvido nesta relação, Bernardo abriga da sua tradição o *ponto de vista* que determinava no fluxo da sua existência um modo de amar como *fusão*. Os limites que os preservariam enquanto modos de ser próprios foram obliterados. Coabitando, viviam uma experiência paradisíaca, um paraíso particular. A pandemia, nesta circunstância, impôs a eles o isolamento nesse paraíso, ao passo que iam eles suprimindo os seus modos de ser. Sufocados nesta supressão, veio o inteiramente outro, o fim, que os expulsam do paraíso. Arrebatado do que lhe era familiar, Bernardo é lançado em seu exílio, *lugar* onde experiencia seu sofrimento.

No exílio, Bernardo se en-caminha para outro *horizonte* existencial, a partir do qual pôde ele vislumbrar a distância entre ele e qualquer outro ente humano.

Então, o crescimento se deu por eu não reconhecer... ou amadurecer e a gente se relaciona com uma pessoa dentro de casa, dentro de uma vida... a gente vive junto... mas a gente vai ter sempre a nossa individualidade pra ser mantida, as nossas atividades, a atividade do outro... Enfim... coisas desse tipo que acho que pra mim foram bem significativas... um amadurecimento, mesmo, assim, sabe? (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

Colocando em questão um modo prévio de conceber o outro como uma parte da sua existência, pelo qual vislumbrava o *horizonte* de uma determinada completude, Bernardo parece assumir para si mesmo, numa *mudança de perspectiva*, a importância da manutenção da distância em relação ao outro ser amado. Uma distância que o possibilitaria a experiência da incerteza em relação a ele, situando-o como ente inacessível, de modo que jamais possa ele ser objeto da sua ocupação. Penso que é, nesse sentido, o fato de colocar em interrogação tais modos naturais de amar, que Bernardo atribui para si um “amadurecimento”, junto o qual se desvela em sua experiência outra direção no seu caminho.

Antes desmanchado na sua ex-companheira, de modo a não poder mais reconhecer a si mesmo, Bernardo vai retomando em seu percurso existencial a possibilidade de existir singularmente. Tal retomada, atravessada pela solidão do exílio, descobriu para Bernardo possibilidades de sentido marcadas pela imensidão de uma existência sem fronteiras...

E quando o relacionamento terminou, e não foi de vez, foi processual, foi doloroso, foi difícil, porque foi uma retomada da vida sozinho, sem fronteiras... E aí, como eu te disse, foi processual... E eu tive uma... Teve um momento que eu fiquei pensando muito, eu cheguei a ler a respeito do luto... Mas pra mim foi uma experiência que me ensinou bastante. Porque eu cheguei a um momento de chorar pelo fim da relação... Assim, muito depois da relação ter terminado... E até em um momento meio que eu não esperava. Foi nesse momento de choro, foi nesse momento de botar pra fora mesmo, que eu percebi que eu tava saindo da relação, que eu estava deixando pra trás aquele sofrimento, que já não era mais a pessoa com quem eu iria tocar a vida mesmo, que, de fato, a coisa tinha terminado... (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

A experiência hermenêutica da sua perda se apresenta nessa fala. A *passagem* mesma, caminho em torno do qual margeava a sua perda, regada as suas lágrimas e lamentos, apontava para outro *horizonte* de sentido, sem o convívio com aquela pessoa. E, assim, Bernardo vai relatando a desconstrução do sentido que dava à existência da sua ex-companheira na sua vida, da relação com ela em si mesma. Põe em movimento a sua possibilidade de sofrer até que as suas lágrimas lhe ofereceram outros caminhos.

Bernardo narra a sua travessia e como hermenêuticamente ela foi “acontecendo paulatinamente”, atribuindo a esse passo a passo o traço fundamental do seu poder-sofrer.

Não foi, assim, de uma hora pra outra que o relacionamento terminou, de uma hora pra outra que eu aceitei, de uma hora pra outra que eu me vi sem a outra pessoa, sabe? perdido... ou qualquer coisa do tipo, não. Foi uma coisa que foi acontecendo paulatinamente e nesse sentido também foi bastante doloroso, mas eu acho que foi muito interessante porque me trouxe a maturidade que mesmo num relacionamento amoroso, mesmo, sei lá, num casamento, fora que dentro de uma pandemia, é necessário que haja fronteiras, e que sejam respeitadas... muito! (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

Revela Bernardo o sofrimento para com o que foi transpassado na eliminação das fronteiras entre ele e a sua ex-companheira. Nela, ele habitava de maneira tal que o céu aberto, abrigo de suas possibilidades de ser, anunciava o seu sofrer, afinal, teria sido ela o melhor lugar. Todavia, reconhecia ele, nesta experiência que o devastou, a necessidade do respeito a essas fronteiras que os distinguiam enquanto modos de ser. Posso, inclusive, afirmar que são precisamente estas fronteiras que enfatizam a condição humana de ser-no-mundo-com-os-outros. São as fronteiras que determinam a relação de um destino humano com outro destino humano.

Ainda agora me ocorre a possibilidade de lembrar outro mito que me aproxima desta experiência de Bernardo. Trata-se do mito de Eros e Psiquê^[2]: Eros, filho de Afrodite, deusa do amor, e Psiquê como a representação da alma humana. O que me chama a atenção neste mito, e que é precisamente o que me abeira da experiência de Bernardo, é quando Psiquê quis tornar Eros conhecido, quis ultrapassar a fronteira entre eles determinada pelo cupido quando se aproximaram. A condição era que se amassem preservando o segredo da face de Eros. Aguçada pela curiosidade e pela artimanha de suas invejosas irmãs, decide Psiquê em uma determinada noite, quando Eros já dormia, acender uma luz e desencobrir o véu no rosto do seu amado. Sob o olhar de Psiquê, Eros se queima com um óleo e, então, ela se apaixona de novo por ele. Magoado com a traição de Psiquê, Eros vai embora e, assim, ela faz a experiência do *coração partido*.

Esse mito realça, em certo sentido, a importância das fronteiras tão reafirmadas por Bernardo em seu relato, o percurso da intimidade de cada um que precisa ser respeitado e, sobretudo, reconhecido. Parece que tanto Bernardo quanto sua ex-companheira quiseram torná-los conhecidos entre si, prever-lhes cada lance, ocupar-lhes cada espaço. Descortinavam eles o véu das suas intimidades com a luminosidade de um modo de amar que busca se ocupar do outro, torná-lo útil às próprias necessidades. Por isso, vai dizer Han (2017) que o amor é uma transformação conduzida por uma vulneração, isto é, é tornar-se vulnerável quando

sáimos de si em direção ao estranho outro. Todavia, hoje, essa transformação, “se perdeu totalmente através da crescente positivação e domesticação” (Han, 2017, p. 39). O dom do outro, em sua alteridade atópica, se torna objeto de consumo, dominação.

Atento a tudo o que Bernardo me contava, como se descobrisse algo de sagrado que me tomava àquele momento, fui impelido a interrogá-lo sobre o *horizonte* para o qual rumava ao aceitar o fim, o qual seria precisamente o lugar que a sua ex-companheira iria ocupar na sua vida, na sua existência...

Eu diria que nesse ponto a gente tem uma novidade que é o mundo virtual. Hoje você pode se deslocar, você pode se afastar fisicamente de alguém, mas o mundo virtual, a internet, de alguma forma, pode fazê-la presente em inúmeros momentos. De maneira que às vezes é até difícil você deixar de ter contato com quem você não quer. Porque tem uma rede social, porque você se relaciona com o mundo numa rede social e as pessoas estão nessa rede social e tal. E isso sempre me fez com que eu, digamos, mesmo com o fim da relação instalado, voltasse a sofrer cada vez que eu via a pessoa na internet ou a gente se falava e tal... Mas, ao mesmo tempo que isso acontecia de uma maneira sofrida, eu acho que foi aquilo que foi desligando, porque cada vez que eu a via e não estava com a pessoa, ia se afirmando, ia se configurando uma nova etapa da minha subjetividade, da minha intimidade sem aquela pessoa... (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

Fiquei a refletir demoradamente sobre esta fala. O modo como ele organizava o seu espaço existencial se articulava na medida em que se voltava para a presença da ausência de quem já não havia mais em sua vida com relação a uma convivência. Vê-la, ouvi-la, percebê-la em seu próprio caminhar a trazia para perto, mas, ambigualmente, ia se revelando “uma nova etapa”, uma nova *perspectiva* para a constituição da sua intimidade, do seu modo de ser, da sua existência, sem ela. Os fios do *coração partido*, penosamente destecidos em sua experiência, retenciam a memória que aplacava de vivacidade a presença daquela ausência. Ao que parece, Bernardo se apropriava de um poder-não-sofrer, “desligando” as luzes que acendiam o *horizonte* que o entrelaçavam com a sua ex-companheira em um convívio, para entrelaçá-los nos esconderijos da memória. Bernardo prossegue em sua fala:

Até que chegou um dia que eu vi uma foto da pessoa e eu lamentei profundamente... Eu me emocionei até... E não mais voltei a chorar, não mais voltei a sofrer, não mais voltei a lamentar o fim da relação... Fui de alguma maneira caminhando mais leve... [...]E foi graças a um trabalho pessoal, eu diria a você, foi graças à análise, não foi porque a internet ajudou a nada nesse sentido, não, foi porque a análise, o cuidado consigo, foi me fortalecendo pra isso deixar de ser sofrimento e se converter em outra coisa. (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

Nesse momento, parece ter o seu modo de se voltar-para a presença da ausência da sua ex-companheira não carregar mais um sentido de frustração, na medida em que o seu pesar se transformava em um caminho “mais leve”, sereno, ante ao que aconteceu. O caminho

o solicitava a um modo outro de corresponder a essa ausência. Mas, de que modo este corresponder, este outro sentido para aquela relação, emerge? Fiquei pensando se o *horizonte* de um caminhar mais sereno, mais apropriado de um poder-ser sem ela, compreendia um modo de deixar-ser aquela ausência parte fundamental da sua vida, da constituição existencial do seu modo de ser. Partilhando da serenidade em sua fala, e reconhecendo certa calma que lhe brotava do ser, deixo escapar algumas palavras que o convocam a dizer no que se transformava aquele sofrimento. Depois de uma longa pausa, na qual o seu silêncio me penetrava, prossegue ele:

[...] E se transformou em um afeto amistoso, Túlio, algo apaziguado, sem dor e até mesmo com uma certa gratidão pela experiência do relacionamento, por ter conhecido essa pessoa nesse momento da minha vida, sabe? E eu acho que é isso... é um sentimento amistoso, é inclusive um desejo de ser amigo dela, se for o caso, não sei, porque a gente mora em cidades diferentes... Mas eu gostaria de manter um laço amistoso, uma amizade com essa pessoa, porque é uma pessoa por quem eu tenho um enorme carinho, que eu admiro muito, uma mulher aguerrida, enfim, uma pessoa cheia de qualidades. E eu teria condição de ser amigo dela hoje, sabe? E eu acho isso bonito, porque admitir isso, cara, depois de um relacionamento intenso, depois de um relacionamento onde eu dividi a vida com a outra pessoa, a casa... eu não me imaginava capaz de dizer isso, não [risos]... não me imaginava, mas cheguei a esse ponto. A gente chega a esse ponto quando a gente encara a dor, a vida, né? A gente muda, a gente é capaz de se transformar, recomeçar, enfim... (Bernardo, 2021, trecho da entrevista)

Ouvi-lo neste momento transporta meu ser para rente às palavras de Clarice Lispector. Palavras que iluminam a minha compreensão da experiência do narrador e que também em mim se inscrevem sem saída:

E eis que depois de uma tarde de “quem sou eu” e de acordar à uma hora da madrugada ainda em desespero – eis que às três horas da madrugada acordei e me encontrei. Fui ao encontro de mim. Calma, *alegre*, plenitude sem fulminação. Simplesmente eu sou eu e você é você. É vasto, vai durar.

O que te escrevo é um “isto”. Não vai parar: continua.

Olha pra mim e me ama. Não: tu olhas pra ti e te amas. É o que está certo (Lispector, 1998, p. 95).

Os fios que teceram o *coração partido* de Bernardo, sofregamente destecidos, também reteceram, pelo que posso perceber, caminhos outros, possibilidades outras de se voltar-para a presença da ausência da sua ex-companheira, de modo a ser possível que os laços não sejam desfeitos, ainda que a possibilidade desses laços acentuem sentidos outros para a relação. Sentidos esses atravessados pela gratidão e pela reverência àquele tempo partilhado, através do qual pôde, diante da impossibilidade de toda possibilidade junto-a sua ex-companheira, colocar em questão os modos de se relacionar que o seu *ponto de vista* sobre

a experiência amorosa acolhia da tradição, ao passo que a transformação mesma destes modos a priori se dava e o conduzia ao *horizonte* de um recomeço.

6.4 Coração-Rosa: a *queda* (no poço) em um conto de fadas

Vem dos vales a voz. Do poço.
 Dos penhascos. Vem funda e fria
 Amolecida e terna, anêmonas que vi:
 Corfu. No Mar Egeu. Em Creta.
 Vem revestida às vezes de aspereza
 Vem com brilhos de dor e madre pérola
 Mas ressoa cruel e abjeta
 Se me proponho ouvir. Vem do Nada.
 Dos vínculos desfeitos. Vem dos ressentimentos.
 E sibilante e lisa
 Se faz paixão, serpente, e nos habita.
 (Hilst, 2017, p. 487)

Os fios do caminho me retecem diante do sofrimento de Rosa. A cada passo, o desvelo de uma imensidão particular me convoca à escuta atenta do que se mostra, não apenas para os meus olhos, mas para a minha existência como um todo tomada por angústias frente à invisibilidade dos sofreres que vão se anunciando.

Já faz um tempo, eu já tô um pouco mais tranquila, digamos assim, mas no processo de aceitação do tempo e que as coisas vão acontecendo, minha vida vai voltando ao normal, eu vou seguindo, né, então, o processo de tristeza, choro, eu acho que já chorei tudo o que eu tinha pra chorar, já vivi esse luto e eu me permiti viver esse luto mesmo e foi um luto onde eu me castiguei muito, eu me puni muito, porque eu acho que eu perdi parte de mim nessa relação. Assim, a tristeza vinha muito de eu ter me esquecido, de eu ter me deixado de lado. Então, acho que no fim do relacionamento, eu me dei conta disso, assim, de que não estava sendo mais a mesma e aí eu chorei por isso também. Não só pelo afeto que eu tinha por ele, o carinho que eu tinha por ele, o amor que eu sentia por ele, mas de perceber o que eu tava me tornando, assim, onde eu estava, o que que eu tava esquecida, sabe? Acho que foi um processo muito, de muita autorreflexão e, por isso, assim, foi... (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

Rosa se refere a sua experiência em um passado arqueologicamente situado atrás da sua existência, de modo que me possibilita pensar que ela compreendia a sua experiência com a perda de modo atomizado, linear. É como se, em certo sentido, Rosa atribuísse ao seu sofrimento um acontecimento que se perde nos confins de um passado e não reconhecesse nele as repercussões em sua existência. Desencobria-se, ao que parece, em sua fala, um modo específico de composição do tempo e do espaço existenciais, por meio dos quais procurava

situar aquela experiência temporal e espacialmente distante dela, ainda que a sua narrativa, colocando em movimento a historicidade do seu ser, a aproximasse da sua dor a cada vez.

Chama-me também a atenção a referência que ela faz à parte perdida, uma parte de si na sua relação. Rosa parece experimentar o sofrer que a recupera, essa parte, esvaída no cotidiano com o seu ex-companheiro. Mas o que constitui essa parte?

Também percebo em sua fala que a sua experiência com a perda é compreendida como um lugar de autopunição, desespero e pesar, onde seu coração pode sofrer até o limite do que pode chegar sua possibilidade de sofrer. Depois, esse coração apazigua e aporta em um lugar de calma e reflexão. Rosa, assim, parece fazer a hermenêutica da perda no *regresso* as suas possibilidades mais próprias de ser, ao colocar em questão esse modo de se dar, de se desmanchar no outro para fazer dar certo.

Este esquecimento de si, enquanto afeto que a atravessou no momento, digamos, da tormenta, do acontecimento da ruptura, parece ressoar de um modo prévio de compreender o amor como simbiose, fusão imperecível, pela qual um ente humano se dá ao outro para a realização das suas possibilidades. Esquecer de si é, nesse sentido, “esquecer” de cuidar de ser, de ter-de-ser, e se ocupar do modo de ser do outro, das suas possibilidades e projetos, em nome do “amor”.

Sentindo a necessidade de, através da sua narrativa, alargar um pouco mais meu *horizonte* compreensivo, tocando o desvelado em sua fala, pedi para que falasse um pouco mais da sua relação e dessa experiência que parecia estar em algum lugar na memória, distante.

E as circunstâncias, assim, os contextos, a gente começou, né, a sentir uma paixão, ter ali uma conexão, e como eu tava no período muito bem, e nem tava pensando na possibilidade de um relacionamento, eu tava vivendo aquela vivência, comecei a curtir, mas aí eu fui me apaixonando e a gente foi entrando numa relação sem perceber, assim. Quando viu, a gente já estava no namoro. (Rosa, 2021, trecho da entrevista).

Ao iniciar a sua resposta, Rosa descreve um período que marca determinada ausência de expectativas. Pareciam flutuar em suas palavras os pássaros da esperança. Até que a paixão, rodeada de nomeações e rotulações, trazia para dentro daquela relação uma tradição irrefletida, não meditada, de modo que as suas ressonâncias ganhavam lugar em seu modo de ser-com o seu ex-companheiro. Tudo era apenas o torpor, até que virou “namoro”. Tudo era apenas a possibilidade de ser-com-ele uma experiência sem se aperceber dela, sem enquadrá-la em certas referências desencobertas na tradição. E ela prosseguia tecendo os fios do seu coração...

E eu tentava... eu sempre fui uma pessoa de me doar muito, de ajudar muito e eu queria fazer tudo pra que ele se sentisse o mais leve possível. Eu ficava com o filho dele pra diminuir a carga dele, eu resolvia alguma coisa de trabalho pra ele, eu ajudava, e ele sempre muito parceiro também. Só que eu comecei a sentir que eu tava fazendo muito e ele pensando muito no quanto ele não estava sendo suficiente pra mim. E eu... é como se eu tivesse, assim, eu ajudei ele a se encontrar e olhar pra si, porque ele tava muito machucado, ele tava muito se anulando pra vida, até pra ser feliz, viver experiências felizes, e nessa tentativa de lembrá-lo de trazer alegria pra vida dele, eu comecei a me sentir mal. Eu comecei a parar de fazer as coisas que eu gostava de fazer, a dedicar muito mais atenção pra ele, e aí eu fui esquecendo de mim. [...]Ele sempre se preocupou muito em me fazer feliz. Eu dizia: não, eu estou feliz. Você se preocupe na sua felicidade, você tá bem. E eu sempre tinha muito esse cuidado com ele, né? Mas ele não tava bem, tava levando o relacionamento de uma forma muito... assim, sem... teve uma hora que a gente tava muito como amigos, sabe, e não realmente como... pensando num amor, em algo maior. [...]Assim, uma coisa que... eu sempre tinha na minha cabeça, ah, é destino, se for pra ser, vai ser, ele volta, a gente, né? (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

Rosa descreve o modo como ela compreendia uma relação amorosa. Parece-me que essa doação se concretizou em sua experiência como forma de ocupação do outro, sob a justificativa de que poderia apaziguá-lo em seus sofrimentos. Este modo de amar me parece nascer do desejo de Rosa ter o poder de apontar os caminhos da felicidade para o seu ex-companheiro. Percebo que Rosa compreendia a sua responsabilidade na relação como sendo a salvação do outro e nesse movimento foi “esquecendo de si”.

Ela parece aquiescer um *ponto de vista* originado numa compreensão da ética que perpassa a história da filosofia e determina historicamente o pensar ocidental a esse respeito. Segundo Noguera (2020), esta determinação é pautada na reciprocidade simétrica, isto é, no “façais ao outro apenas aquilo que deseja que ele faça convosco”. Todavia, esse autor assinala que essa regra “não funciona tão bem quando falamos da arte de amar” (Noguera, 2020, p. 124). Rosa parece ter compreendido o seu ex-companheiro como um reflexo de si mesma, de modo a ansiar entregá-lo à salvação que desejava.

Em seu relato, percebo que Rosa também compreendia o amor como algo maior, transcendente, me revelando, assim, uma compreensão desse afeto amparada pela tradição metafísica. Uma compreensão, assim, que parte do estabelecimento de uma dicotomia entre o que é imanentemente mundano e transcendentemente maior. O amor, nesse sentido, não seria algo que poderia se consolidar na existência concreta, mas em algo sempre inalcançável no mundo e, por isso mesmo, oferecido apenas àqueles que constroem algo raro, “para além”. Brota deste olhar uma idealização outra que insurge da compreensão de almas predestinadas a ficarem juntas, almas gêmeas, partes constitutivas uma da outra. Aqui também se determina o

ponto de vista de Rosa sobre uma relação amorosa. Interessante perceber a mescla de compreensões sobre o amor e os modos de amar que a atravessam em seu modo de ser.

Da predestinação das almas a um modo de cuidar pautado na reciprocidade simétrica, caminhou Rosa pelos lugares que a levaram àquela relação e ao seu final. Trazendo à luz nesse momento o *horizonte* do seu sofrimento, remete ao início da sua narrativa, em que ali estabelecia relações espaço-temporais da sua experiência.

E aí, eu me determinei. Eu fiz: não, eu vou viver esse luto e eu vou entender que, assim como eu tive esse relacionamento e não deu certo, podem ter outros, porque até então eu tava muito descrente, inclusive, de relacionamentos. Eu tava ali, foco muito no meu amor próprio e, não, não preciso de ninguém, e aí, encontrei ele dessa forma e quando terminou eu disse, não, eu vou agora deixar as coisas acontecerem, sabe, e aí eu me permiti realmente viver um fim, entender que foi uma história, entender que foi uma experiência rica, que ele me trouxe muita contribuição e eu contribuí na vida dele, e eu vivi. Acho que, assim, diferente de outros relacionamentos, eu hoje tenho na cabeça de que a gente pode viver vários amores, sabe, que ele não vai ser o último. (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

Ao que parece, Rosa *mudava a perspectiva* em relação à predestinação das almas como partes ideais uma da outra: ele não seria o único amor. É interessante perceber essa mudança no âmbito de uma resposta que tinha como *perspectiva* alargar para mim o *horizonte* do seu sofrimento. A impressão que dá é que Rosa desconstruía uma significativa noção de que um ser amado deveria ser o único. Todavia, a sua experiência parece apontar para horizontes aos quais eternidades poderiam ser introduzidas...

É uma pessoa que, assim como meus outros relacionamentos, eu guardo no meu coração com carinho imenso, eu tenho muito... eu amei, eu senti amor por essas pessoas, isso pra mim, não morre. (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

O sofrimento de Rosa se apresenta como um “pra sempre”, uma certa experiência de imortalidade. A separação, a morte de um projeto, já dizia Rilke (2007), dá liberdade ao outro que se foi para ser o que ele deve e precisa ser no coração. Agora, fora do seu convívio, o seu ex-companheiro seria infinitamente mais próximo a ela em sua ausência, esta conhecida e singela lembrança e, ao mesmo tempo, turva e estranha paisagem do seu sofrimento. Em meu diário de bordo registro esta impressão:

Uma certa imortalidade incorporamos quando deixamos as coisas serem elas mesmas. Na verdade, nos tornamos um pouco de tudo o quanto deixamos ser diante dos nossos olhos. Rosa fazia essa experiência com a sua perda, com aquela ausência e, desde então, parecia ser ela uma luz que não iluminaria, de todo, os mistérios que a envolviam, mas apontaria um caminho nela mesma, pelo qual poderia se lançar a um horizonte de sentido outro em seu coração. E é justamente este o caminho mais difícil de se fazer... (Túlio, 2021, trecho do diário de bordo)

A narrativa de Rosa se en-caminha e envolve uma profusão de vários afetos. Mais que uma frustração com relação ao fim, experimentava ela a indiferença, o abandono.

Tanto é que quando a gente terminou, ele tava muito bem, como se ele tivesse dizendo assim: “eu encontrei agora como me fazer bem, como me sentir bem, eu preciso desse momento comigo, né, e eu sentindo, assim: tá, e o que foi que eu fiz até agora, assim? Eu tava aqui, te ajudando, e tu, sabe, e agora que tá bem não quer mais. Uma sensação assim que eu tive. Então, é como se eu... eu estendi o braço, eu me doei pra uma pessoa, essa pessoa se reergueu e ela foi embora, viu que não precisava de mim. Então, é nesse sentido que eu acho que eu me esqueci. Eu sou uma pessoa que eu confio demais, eu me entrego demais. Então, eu não me doo pela metade, eu me doo por inteira. Então, eu acho que nesse processo eu deveria ter cuidado de mim, porque eu acabei saindo devastada. Como se tivesse uma base ali, eu entreguei pra ele, pra ajudá-lo, e aí ele foi embora, “não quero”, e eu fiquei sem estrutura e aí eu sofri, e aí eu fui pro fundo do poço, e aí eu tive que relembrar das minhas forças. (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

Percebo aqui que, ao ocupar-se do outro em sua tarefa de ser, de existir, Rosa doou algo que talvez o seu ex-companheiro não tivesse pedido. O seu poder-sofrer, por isso, é atravessado por certa cobrança dessa parte doada: o seu coração. Coração que saiu partido, ante um acontecimento que determinava a transição do seu existir, antes estruturado na possibilidade de ser-com o seu ex-companheiro por toda a vida, aos terrenos movediços do sofrimento, desvelados em seu modo de ser, afetado e designado como um estar-sem-estrutura, uma devastação. A situação hermenêutica de Rosa determinava-lhe o deserto da *passagem*, na medida em que o seu projeto de mundo já não mais cabia em sua existência. Caminhando nesse deserto, com os fios do seu coração destecidos, ia retecendo as veredas cujo *horizonte* era uma vertigem, na qual, ao se aproximar dela, era revelado um “poço” que tinha escavado com seus próprios passos.

[...] eu queria chorar, eu queria me castigar, eu queria me punir, porque eu sentia assim: a culpa é minha. Eu não fui suficiente, alguma coisa eu fiz que não sustentou ele, que tinha algo ali na relação que eu falhei. E aí eu fui minha pior inimiga. Eu não queria fazer nada, queria viver essas emoções tristes. Que não eram tristes por simplesmente chorar, eram tristes de me martirizar, mesmo, de ser minha pior inimiga, de ficar achando defeito em mim, de ficar achando problemas em mim, culpa em mim, de mais motivo pra chorar e fui cavando meu fundo do poço. (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

Mais uma vez acho pertinente recorrer ao meu diário de bordo. A metáfora do fundo do poço, enquanto possibilidade para esclarecimento do *horizonte* do seu sofrimento, precisa ser nesse momento desencoberta a partir do que se desvelou em mim àquele momento.

De repente, me via com Rosa em seu fundo do poço. A sua fala alcançava profundidades em mim que até então eu não conhecia. Fiquei pensando justamente como seria estar, literalmente, no fundo de um poço, tentando

escalá-lo e imediatamente escorregando pelas suas extremidades lodosas. Essa metáfora utilizada por Rosa para descrever realidades no seu sofrimento que, talvez, nem mil palavras poderiam descrever, mobilizava em mim o que em mim também se apresentava como estrangeiro. Era como se apenas um pedaço do céu distante pudesse acolher a invisibilidade daquele sofrimento... (Túlio, 2021, trecho do diário de bordo)

Rosa achava que poderia sustentar uma existência, recuperá-la das teias do seu sofrer com a sua doação. Percebo que este modo de ser com o ex-companheiro reflete um traço fundamental da experiência amorosa tradicional, que parte de um reconhecimento de si enquanto ser salvífico. Rosa parecia alimentar certo ideal de si mesma nestes moldes. O seu amor seria uma força superior capaz de resgatar o seu amado da sua própria existência contingente. Desse modo, o seu sofrimento se revela na impossibilidade, na impotência mesma, perante a abissalidade existencial do seu ex-companheiro.

E aí, eu cheguei lá embaixo, né, tava muito triste, muito mal e eu percebi e eu tive medo de: será que eu não vou me reerguer? Será que daqui eu vou pra uma depressão, sabe? Será que eu vou... e aí, o que é que vai acontecer? Eu fiquei com muito medo, porque é visitar um lugar de tristeza e de depressão que eu já estive. E o luto, a tristeza, ele tava ali já durante semanas, e eu, né, o que é que eu vou...? Eu não me mexia, não tava saindo daquilo, tava piorando, então me assustou. Mas, aos pouquinhos, eu fui: não, eu consigo, eu já conheço esse lugar, esse fundo do poço de algumas outras vezes e eu já saí. Eu vou sair de novo. E aí, aos pouquinhos, chorando um pouco mais, mas eu fui relembando e reestruturando, mas esse fundo do poço é um fundo do poço que eu já conheço, de muitas outras coisas na minha vida e não só de relacionamento, mas é um lugar de tristeza, de me punir. Acho que é muito voltado pra mim, sabe, eu me coloco nessa posição, eu me coloco, não é as circunstâncias da vida somente. E eu tenho esse movimento de me punir. Na minha história de vida, assim. (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

O modo específico de temporalizar a sua experiência parte, ao que percebo, de um pressuposto cronológico que determina previamente uma duração para o seu sofrer. Ante essa duração linearmente prolongada, Rosa é afetada pelo temor de que o seu sofrer implique o diagnóstico da depressão. Rosa traz à tona a questão do diagnóstico psiquiátrico, algo que me chamou muito a atenção, visto que já se sabe que os chamados *lutos prolongados* ou *persistentes* em 2022 serão considerados patologias no âmbito do Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM), DSM-5, da Associação Americana de Psiquiatria e da Classificação Internacional de Doenças (CID-10) que, na ocasião, ganhará uma nova versão, o CID-11.

O fundo do poço, por outro lado, parecia ser o espaço onde ela espacializava a sua experiência: um *não-lugar*. Ainda que dolorosamente familiar, naquele lugar ela se via diante do *indisponível* perante o qual se voltava, não apenas para a presença da ausência do seu ex-

companheiro, mas, de igual forma, para a sua história de vida cheia de cicatrizes, marcada pela autopunição em relação a sua insuficiência como ente existente de um modo geral. O fundo do poço parece ser o espaço da sua dor de existir, desvelada na angústia de ser e, de modo particular, na situação de sofrimento em questão.

Entretanto, inquietava-me ainda uma interrogação: como Rosa havia caído no poço? O que tinha mais especificamente determinado tal queda? A partir desses questionamentos, Rosa decide me contar mais amplamente a circunstância que permeou o seu relacionamento, desde as suas esperanças, passando pelo tecimento dos fios das expectativas, até as imposições da existência que os desteciam, um a um.

Então... a gente... as circunstâncias de como a gente começou o relacionamento, tudo tava muito propício, mesmo, assim, muito leve, muito tranquilo, da minha parte principalmente, né? Da dele tava... acho que tava uma coisa, assim, de tentar algo novo, já que ele tinha saído de um relacionamento que em nada tinha trazido felicidade, ele se anulou por completo, a única felicidade foi o filho dele, ele se mantinha muito na relação por causa do filho. No meu era tudo diferente, assim, então, tinha uma vontade dele de fazer dar certo, uma coisa, assim, de vamos juntos, a gente viveu um amor muito intenso, muito grande, assim, que eu acho que poucas pessoas na vida têm e eu já vivi duas vezes, assim. Em dois relacionamentos, nesse último e no meu primeiro, eu vivi contos de fada. Eu vivi relacionamentos incríveis... incríveis, assim, existia respeito, existia companheirismo, parceria. Não o conto de fadas aquela coisa que a gente imagina de... do final feliz, mas o conto de fadas de que cada dia era maravilhoso, acho que tinha muito isso. (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

O conto de fadas enreda o aspecto romanesco da experiência amorosa de Rosa. Nele estão incorporados ideais de felicidade que se consolidam numa relação feliz para sempre e no encontro de almas que se somam e se bastam entre si numa fusão. Isto implica necessariamente em dizer que a constituição destes contos é atravessada por uma especial familiaridade. Existe uma lógica nos contos de fada que recusa o mistérios. A *Branca de Neve*, A *Bela Adormecida*, *Cinderela*, são exemplos de contos de fadas que ruminam o imaginário social de uma certa linearidade. E ela em seu dizer prosseguia:

E aí, no dia dos pais, a ex dele mandou um presente belíssimo pra ele, com as fotos do filho, enfim, e ele teve um... eu não sei explicar, assim, acho que uma coisa da consciência dele, ele caiu em si naquele momento e ele olhou pra vida dele, olhou pros últimos anos, pro filho, pras fotos do filho, chegou pra mim e falou: “_preciso parar por aqui, porque eu não estou disposto a passar por mais um relacionamento de cinco anos”, que tinha sido o anterior, “e eu preciso tá bem e eu não tô bem”. Então, assim como foi rápido o encantamento dele, o apaixonamento, o amor da gente, a nossa união, foi muito rápido desfazer também, sabe? Então, ele simplesmente falou: “_a gente tem que parar por aqui”. Assim! E eu: como assim? Eu não tava entendendo. Eu tava feliz, eu achava que ele tava feliz, eu achava que as coisas que a gente tava construindo juntos, né, a gente já tava vendo

apartamento pra morar, a gente... ele ia tentar a guarda do filho, pra ficar morando com a gente, várias coisas, assim, e aí, de repente, ele: “_não, cheguei no meu limite, aqui eu não consigo mais”. Então, eu me vi ali sem opção. (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

Diante do imprevisível, se via Rosa “sem opção”. Desvelava-se nessa fala o caráter restritivo do seu sofrimento: era o seu ex-companheiro o único na experiência de um conto de fadas que poderia fazê-la feliz, mas ele escolheu ir embora. Ia ficando mais claro a cada palavra o *ponto de vista* de Rosa, que se estendia à figura do seu par como um predestinado, enfatizando o ideário romântico em que um de seus elementos constitutivos seria as almas predestinadas. Enquanto alma predestinada ao seu ex-companheiro, teria ela a tarefa de resgatá-lo, salvá-lo da sua existência. E além de salvá-lo, salvar-se a si mesma, de seus temores em relação a não concretização dos seus ideais.

Eu sou a segunda filha dos meus pais, né e existiu todo um desejo da minha mãe em me ter numa época em que ela e meu pai estavam em processo de separação. Então, assim, eu vim com um propósito da minha mãe, digamos assim, de resgatar o casamento dela. E toda a minha vida, o meu irmão tinha uma relação comigo muito de: “_eu não pedi pra você nascer, eu não queria”. Aquelas intrigas de irmão pequeno, ele tem dois anos mais velho que eu. E eu sempre cresci escutando muito e me sentindo muito a filha que não deveria fazer parte da família. A irmã que meu irmão não queria, a filha que meu pai não queria e eu vim com o desejo da minha mãe de somente resgatar meu pai, sabe? Eu cresci com essa... num lar onde em muitos momentos eu não me sentia suficiente, de cumprir a minha missão, sabe? De não resgatar meu pai de volta, alguma coisa assim, de não suprir essa vontade da minha mãe. Isso me acompanhou... vem me acompanhando em todos os aspectos da minha vida. (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

A tradição de Rosa, no campo dos seus antepassados, fala da possibilidade do casamento como critério para realização da felicidade. O casamento é a suprema finalidade de duas almas que se encontram e se amam. É a sagração final, o selo imperecível, cujo sentido é a união perpétua de dois seres que se transformariam em *um*, mediante a insurreição de uma terceira entidade entre eles, o “nós”. Para as mulheres, essa determinação fora infinitamente mais acentuada na história, já que, para os românticos, as mulheres só poderiam ser felizes em um casamento “bem-sucedido”. Prosseguia Rosa e parecia ela adentrar um terreno onde a hermenêutica da sua perda já não era a única voz a sibilar aos meus ouvidos, mas toda a dor de ser, de ter-de-ser, de ter-se a cada vez em jogo...

Eu acho que esse sentimento de não suficiência, de alguém que não é merecedora sempre me acompanhou na minha vida, sempre, né, desde quando eu nasci. Então, nos meus relacionamentos isso vem com uma outra força, vem, né, uma coisa de... éhh... não dar certo, eu achar que a culpa é minha, porque eu não mereço, eu não fui suficiente e aí eu me puno, me castigo porque eu acho que eu preciso viver o sofrimento, sou merecedora do sofrimento. É bem complexo isso, mas é uma coisa que eu sinto como se

eu merecesse. Eu merecesse sofrer e esse é comportamento de... não é que eu goste do sofrimento, ninguém gosta, mas eu aceito como se eu fosse merecedora. E aí eu mesma me provoque esse sofrimento, eu mesma me culpo, eu mesma me... sou minha pior inimiga, como eu falei. Então, quando eu vou pra o fundo do poço... é até forte falar isso, mas é como se eu me sentisse em casa. Eu conheço esse lugar, sabe? Eu conheço esse fundo do poço. (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

Essa fala desperta em mim uma certa sensação de impotência ante ao seu sofrimento, mas ao mesmo tempo me informava da necessidade de um pesquisador do luto saber padecer e angustiar-se na voz do sofrimento do outro. Olhava para os seus olhos e via as suas marcas. Talvez, nem precisasse Rosa dizê-las com palavras, visto que tudo o que lhe escapava me dizia. (Túlio, 2021, trecho do diário de bordo)

Lembro que fitei-a ternecido, sustentando-lhe a possibilidade de continuar a dizer-me a sua *passagem*...

Só que eu me lembrei tanto disso e foi tão... criei tantas forças pra não ir pro fundo do poço, muitos anos de terapia, muitas coisas foram trabalhadas em mim, que quando eu entrei nesse relacionamento, o relacionamento me fez... é como se fosse, assim, esquecer tudo, todas as forças que eu tinha. Eu me senti tão forte, assim, por me sentir amada, sentir um parceiro, uma companhia, e eu... nesse processo de paixão eu me entreguei e eu me senti vulnerável. E aí eu não fui racional nem nada e eu simplesmente sofri. Se vai ser levado um pouco mais racional, mas eu fui muito na emoção, eu me permiti viver. Então, eu me permiti me entregar, entregar todos os meus sentimentos pra ele, entregar quem eu era e minhas fragilidades e aí foi muito fácil ir pro fundo poço. É como se... eu não deixei nem uma basezinha, uma reserva ali, pra me sustentar. Não. Eu fui de cabeça, mergulhei de cabeça. E aí eu, nesse mergulho de cabeça na relação, eu, do mesmo jeito, fui pro fundo do poço. (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

Essa fala me revela e me aproxima do que parece ser um *ponto de vista* acerca da sua experiência amorosa, ancorado numa tradição que determina historicamente uma relação como possibilidade de completude. Rosa olhava o seu ex-companheiro, não apenas com a intenção de resgatá-lo, mas como possibilidade de resgatar a si mesma de sua condição vulnerável. Entregar-se a ele, oferecê-lo o seu coração e ao seu coração, foi o que a anulou como ente de possibilidades e, a um só tempo, en-caminhou Rosa ao umbral demarcador do abismo na sua existência que lhe abeirava o fundo do poço. Aproximar-me da situação hermenêutica de Rosa parecia ser uma aproximação a esse desaparecimento de si, a esse modo de ser impróprio que a sustentava naquela relação. O sofrimento, nesse sentido, a convocava a um modo de ser autêntico, desvelado na angústia da dor de ser sem o seu ex-companheiro. Rosa ia adiante em sua narrativa:

Eu acho que, assim, eu tenho duas referências muito fortes de casamento: dos meus avós maternos e os meus pais. Eu tenho... meus avós vão fazer, acho que... no próximo ano, 59 ou é 60 anos de casados. Meus pais têm 35 anos de casados. Eu posso tá um pouquinho errada, mas eu sei que é assim,

é bastante, né? E eu sempre tive esse sonho, esse romantismo do casamento amoroso, né, do amor romântico, essa ideia, assim, de um parceiro pra vida toda, de alguém que vai me suprir. Eu sempre tive essa construção na minha cabeça. Sempre busquei muito alguém que suprisse também um certo... um certo amor materno, sabe, assim... como que eu posso explicar... Além desse ideal do amor romântico, construído, né, de ver meus pais passarem por advertências da vida e continuarem juntos e meus avós também, eu sempre me senti muito de imaginar, assim, poxa, um dia eu não vou ter mais meu pai, não vou ter mais minha mãe. Eu quero construir um amor que sustente isso, que, de alguma forma, quando meus pais forem embora, eu tenha um elo, eu tenha um alguém, eu tenha um suporte, eu tenha um amor e que com esse amor me dê frutos, eu tenha uma família, eu vou ter filhos. Então, assim... eu acho que eu me perdi um pouco na linha do que eu ia falar [risos], mas, assim, sempre quando eu tô num relacionamento e me sinto muito amada, eu vou pra um lugar de um sentimento, de uma plenitude, de uma sensação, assim, muito confortável de vida, como se preenchesse o meu propósito de vida. Eu acho que tem... eu não sei se eu tô sabendo explicar... (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

Esta parte da entrevista aclara de modo significativo a compreensão de Rosa do que, por ventura, poderia para ela ser o amor e uma experiência amorosa da qual fosse parte constituinte: o casamento como finalidade existencial de uma suprema felicidade; o outro como um destino que a fosse tirar da solidão (“um amor que sustente isso, que, de alguma forma, quando meus pais forem embora, eu tenha um elo, eu tenha um alguém, eu tenha um suporte, eu tenha um amor e que com esse amor me dê frutos, eu tenha uma família, eu vou ter filhos”); um amor que suprirá o vazio, a parte que falta; um amor que duraria a vida inteira, cujo sentido seria essa duração mesma. Fora destes modos que já lhe eram naturais, já que eram eles recebidos como heranças ancestrais, não haveria salvação. A sua experiência de sofrimento, nesse sentido, se mostra na desconstrução desses lugares de plenitude, no desentronamento do outro, que não apenas lhe constitui a retirada daquela absorção na relação com o seu ex-companheiro, mas a hermenêutica de toda a sua história de vida.

Eu acho que a minha referência de amor, ela vem muito dos meus pais, então, esse amor que eu encontro e esse sofrimento, ele também me remete a uma sensação de que eu conheço. O que eu conheço como amor é o amor dos meus pais, é o amor dos meus avós. (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

Rosa reconhece o amor no sentido de uma longevidade, afinal, seus antepassados fizeram uma experiência com o *sem fim* do amor. Conhece ela, portanto, uma eternidade cronologicamente dada e atribui a este modo de experienciar o tempo a condição última para o que é importante no amor, isto é, para o que é digno de caber em seu coração.

Eu, assim, eu me sinto muitas vezes um peixe fora d'água, sabe? Porque são construções, é uma visão do amor, do relacionamento, que eu... que não cabe na minha geração, muitas vezes. Então, assim, essa ideia que eu tenho de um amor que tudo passa, que tudo suporta, que é construído no dia a dia, que vai passar pelas dificuldades como eu vi na minha vida, eu não

encontro. Então, eu tenho uma imaginação, tenho uma expectativa e como essa expectativa não é suprida, eu sofro. E eu tô tentando reaprender isso, tô tentando... (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

Dava voz a narradora a esta tensão entre o seu projeto de mundo, cujos traços fundamentais ressoam do ideário romântico, e as solicitações de um caminho existencial que não se alojam em determinações prévias. A existência, de algum modo, a convidava a uma outra compreensão do amor, em torno da qual as expectativas poderiam ser substituídas pela esperança de um caminho construído instante a instante, cujo *horizonte* é uma repactuação permanente da partilha...

Eu tinha a ideia de que amor tinha que ser esse que dura pra sempre, que vai ter filhos, vai tá junto, que é aquela coisa bem romântica, eu sou muito muito romântica. Mas eu tô vendo que não, que as minhas relações e essa última mais ainda, não significa que não deu certo, não significa que eu não fui amada, não significa que a gente não construiu. A gente construiu. Então, eu tô tentando me desvincular um pouco, sim, de tudo o que eu fui apresentada na minha vida, de tudo o que eu conheço e idealizo como relacionamento amoroso. (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

A narradora parece *mudar a perspectiva* ao se interrogar sobre o seu projeto de mundo. Destecendo e tecendo os fios do seu *coração partido*, ela tenta se desvincular do ideal e rumar em direção a um outro *horizonte*. *Horizonte* como lugar existencial em que ela pode desaprender o que se incrustou no seu modo de ser, dessubstancializar o amor, apropriando-se dele como um modo especial de abertura ao ser. Entretanto, ainda que seja conduzida a esse *horizonte* pelas imposições do caminho, me parece que ainda não está clara para Rosa essa mudança de direção.

Então, tinha muito essa pretensão da gente dividir os custos, né? A gente tinha o meu carro e o dele, então a gente já tava pensando em vender um carro, ficar com um carro só, já tinha um plano, assim, pra um passo além da relação, a gente já tinha essa coisa das contas já serem divididas, o filho dele já me chamava de mãe. Então isso pra mim é um ponto muito difícil porque um dos grandes sonhos da minha vida é ser mãe e eu criei uma relação. (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

Rosa narra a dissolução dos seus planos, por meio da qual ela é apresentada ao estranho lugar do sofrimento. O sofrimento dela se mostra como frustração, no qual já não poderia ser “mãe” do filho do ex-companheiro, nem dar um “passo além da relação”. Mas para onde a levaria este passo? Percebo que uma das marcas do amor como supremo bem, que não é dirigido ao humano numa relação *comum*, aparece reafirmada nessa fala e demarca ainda uma vez um dos traços previamente incorporados por Rosa para fazer a sua experiência amorosa.

[...] isso que eu disse, eu ter vivido dois relacionamentos que foi conto de fadas. Eu tinha uma visão muito do mundo cor de rosa, de eu confio... ainda tenho, eu sou meio boba nesse sentido. Mas depois dele eu não mergulho mais de cabeça. As outras relações todas eu mergulhava de cabeça. Essa agora, que eu mergulhei de cabeça, eu me entreguei, eu não mergulho, eu não mergulho mais, porque eu não... ele até fala que me traumatizou. Não sei se me traumatizou, mas eu, agora, essa doação eu não posso fazer de novo, porque, se eu me doar e a pessoa terminar, errar comigo, eu já sei onde eu vou, eu vou pro fundo do poço e eu não quero. Então, eu não vou mais mergulhar de cabeça. Eu prefiro ser mais cautelosa, mais cuidadosa e viver menos emoções, talvez, mas manter essa segurança que eu não mantive nessa relação. Eu não deixei nada ali, nem uma moleta pra mim, fui de cabeça. (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

No conto de fadas, as histórias geralmente são “felizes para sempre”. A narrativa de um conto de fadas tem sempre um começo, um meio e um fim. Ao conto de fadas não é introduzida a continuidade intrínseca do ser, o fluxo contínuo da historicidade do ente humano, que não se acabam. O *horizonte* do conto de fadas é um final feliz, mas o caráter desse final feliz jamais é desencoberto, fica no campo das idealizações. Rosa aquiescia da tradição um conto de fadas como modo prévio de conceber uma experiência amorosa e o que a conduzia pós este reino fantástico era o ideal da eternidade como um *sem fim*. No conto de fadas, ao que parece, Rosa encerrava em si uma sensação de segurança, como se a lógica do romance, determinada a priori com um “felizes para sempre”, houvesse de contemplar as complexidades que envolviam o relacionamento com o seu ex-companheiro. Todavia, Rosa não abre mão da segurança, de ser mais “racional”, para a incursão numa experiência amorosa com outro par. Ela passaria a reservar moletas emocionais que a possam resgatar em caso de mais uma desventura.

[...] é, porque eu me coloco no que... nessa sensação de que o outro vai ser como eu sou. Se eu falo pra você é porque é o que eu sinto, é o que eu quero. Então, eu espero de você que o que você me fala é o que você quer também. Então, sabe, essa visão... eu tenho muito, esperar dos outros a atitude que eu teria, o comportamento que eu teria. Acho que todo mundo tem um pouco disso. Então, no relacionamento eu também tenho. Então, se você tá me dizendo que você quer isso, que você tá construindo isso, eu vou acreditar, porque... se fosse eu, né? Mas, às vezes, eu vejo que não. Eu aprendi nessa relação que nem sempre o que a pessoa fala vai se concretizar em ação. Eu agora não vou dar todo o crédito, não vou dar todas as pistas, né? Eu era aquela que apostava. Agora mudou, agora alguma ficha tem que ficar pra mim. Então, eu vou com os pezinhos no chão, vou mais cautelosa, vou com mais segurança, porque, senão, eu saio totalmente quebrada, né? Esse aprendizado que eu tive. Eu entro na relação, vou ser intensa, vou ter emoção, porque essa sou eu, mas eu não posso ser 100% isso. Eu preciso ser mais racional, eu preciso ter mais cautela, preciso não confiar em tudo o que me é dito. Acho que é boba nesse sentido, sabe? (Rosa, 2021, trecho da entrevista)

Rosa relata a sua vontade de espelho, pela qual são determinadas as suas formas de amar na simbiose. A simbiose apagou a sua alteridade, desmanchou as suas possibilidades existenciais de ser no outro. Rosa precisa tornar o outro conhecido, suprimindo, assim, tudo o que lhe é mistério e que lhe pode determinar como possibilidade própria de ser, para que se sinta capaz de amá-lo. Mais adiante, ela parece começar a *mudar a perspectiva* ao perceber, diante do seu sofrimento, que os ideais e expectativas em relação ao amor dificilmente são concretizáveis quando determinados a priori. Conceber isto a privaria de sair de outras relações “totalmente quebrada”, com o seu *coração partido*.

Por fim, chego a pensar, diante do que me tomava em suas palavras, que a *passagem* a solicitava a um deixar-ser, a um rumo em que ela pode, serenamente mais cauta, dizer sim e não aos ideais que determinam o seu modo de ser e de fazer a experiência do amor. Afinal, ela vai continuar “sendo intensa”, a “ter emoção”, porque são esses os traços que mais bem correspondem as suas possibilidades de amar, a sua verdade, mas talvez esse modo de ser possa, diante do novo descoberto em sua experiência com a perda, ser desvelado na meditação sobre o que vem e virá da tradição ao seu encontro...

7 OS FIOS QUE TECEM COMPREENSÕES DA PASSAGEM: retecendo possibilidades

[...] o sofrimento ensina. Mas o quê?
(Ricoeur, 2019, p. 102)

“Simplesmente não sabemos o que o sofrimento destrói num coração, ou o que ele erige”
(Rilke, 2007, p. 163).

Diante dos sofrimentos nas narrativas a mim confiadas pelos(as) meus/minhas colaboradores(as), advenho nesta outra paragem. É possível dizer agora que tais sofrimentos constituem, ao que parece, uma *passagem* como transição, na qual os(as) colaboradores(as), diante dos rearranjos forçados e impostos pela irrupção do novo tecido existencial que se apresenta em torno do rompimento, são tomados por tonalidades afetivas muito específicas e que a situação hermenêutica ajuda a compreendê-las nas experiências narradas. *Passagem* esta em que modos de organização espaço-tempo-corporal dos(as) colaboradores(as) se desvelam também de modos muito específicos e que, por isso, fogem a qualquer pretensa tentativa de teorização ou universalização.

Esta impressão insurge de modo peculiar, visto que nas narrativas dos sofrimentos dos(as) colaboradores(as) irrompe um modo impessoal de se referirem às suas experiências, conquanto transformem os afetos que os(as) atravessam em sintomas. Transformando-os em sintomas, isto é, desconhecendo que os afetos fundamentais são possibilidades existenciais de apropriação do ser, volta o Dasein à impessoalidade. Seus sofreres são desvelados, ao que parece, mediante uma necessidade de *verificação* da realidade em relação ao que já está posto nas teorias sobre o fenômeno conceituado como *luto*. Este modo de pensar tecno-calculante, assim, leva o ser sofrente a se afastar a cada vez do seu ser-si-mesmo. Porém, a escuta atenta da situação hermenêutica me possibilitou compreender existencialmente a constelação de afetos determinados pela experiência de rompimento e é sobre isto que refletiremos a seguir.

A *hermenêutica do coração partido* parece ser um modo de se voltar-para a presença de uma ausência, desde a apropriação de um poder-sofrer até o que se constitui como memória, na qual a possibilidade de sofrimento se transforma em um “pra sempre”. Mas de que forma se dá esse “pra sempre”? O “pra sempre” aqui é possível como compreensão de uma marca existencial que é atualizada por uma memória aberta pelas estruturas prévias da compreensão do ser sofrente. Na memória, ao tempo é introduzida uma eternidade, ao espaço uma certa proximidade entre todas as extensões, ao corpo um modo de ser tomado que se

desloca existencialmente entre uma lágrima e outra. Nesse sentido, é também possível dizer que a *hermenêutica do coração partido* nas experiências recolhidas não comporta *estágios* de readaptação à realidade, pois, em sendo ela originariamente voltada à memória, é desarticulado todo lastro da experiência humana que implique determinadas ordens sucessivas. Ter o *coração partido*, portanto, não me parece ser apenas nas narrativas um poder-sofrer, atravessado por tonalidades afetivas que restringem, privam e fragmentam o modo de ser do sofrente, mas um poder-amar de um outro modo. Pode ser, aliás, um poder-preservar o que não precisa ir, o qual encontra um modo outro de existir diante de nós. Mas o que, afinal, salta no horizonte de significatividade dos(as) colaboradores(as) de modo mais detido?

Expulso do paraíso, experimentou Bernardo em seu exílio a angústia da sensação de estar-só, de se sentir-sem-comunidade. Este modo de ser afetado parece ter acompanhado também Joana em sua *passagem*.

Sobonfu Somé (2007), em seu livro *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*, questiona os modos de amar autocentrados, pelos quais se mostram consciências individuais e isoladas do mundo. Somé provém da aldeia dos Dagara, cuja compreensão do amor, como se vê, é diferente da compreensão ocidental. “Por isso, Somé defende que o amor é uma emoção coletiva, que exige que o ego fique de lado. De acordo com os Dagara, amar é *escutar*. É preciso aprender a ouvir as próprias necessidades, mas também as da pessoa amada e as exigências da intimidade” (Nogueira, 2020, p. 24). É escutando as exigências da intimidade que os *amantes* podem oferecer os seus dons. Joana, de sua vez, parece ter se centrado na possibilidade da construção do seu *castelo* ao-lado do seu amado e, com isso, não trouxe a comunidade para *junto* da relação. Ao contrário, a própria relação era a sua comunidade. Nesse sentido, o *castelo* era o *ethos*, a comunidade, onde Joana acreditou que receberia as dádivas a ela predestinadas e onde ela poderia oferecer os seus dons ao seu ex-companheiro (Somé, 2007). A relação dela era, ao que parece, seu ponto de referência. Todavia, vai dizer Somé (2007, p. 36), filósofa burquinense, que “quando falamos sobre ‘nosso relacionamento’, na aldeia, a palavra ‘nosso’ não é limitada a dois”, isto é, dessubstancializam-se os pronomes possessivos, deslocando aquele “nós” onde caminham um-ao-lado-do-outro, para um “nós” de pertença à comunidade, pelo qual é possível um-caminhar-junto-ao-outro.

É curioso perceber a dissonância entre os modos de amar postos em jogo aqui e como os contextos históricos os determinam e produzem. Nas experiências de Bernardo e

Joana, portanto, percebo a supressão dos aspecto político de amar, aspecto este que resgataria a comunidade para dentro da relação.

A angústia também fora um afeto fundamental que atravessou Maria ao vislumbrar a morte de uma rotina e angustiava Rosa em sua situação de queda no poço ante o inesperado fim. A angústia, que para Heidegger (2012c) é disposição afetiva fundamental, se apresenta nas experiências dos colaboradores(as) ante a finitude e a transitoriedade da existência, apontando para o traço existencial do fenômeno do *coração partido*. Seria, então, o *coração partido* um modo específico de o ente humano estar disposto ante a condição transitória das nossas possibilidades de amar? Seria o *coração partido* uma experiência com a finitude desvelada numa transição pela qual o ser sofrante faz a hermenêutica da sua perda? São, naturalmente, questões que se impõem no caminho do meu pensamento e que, em certo sentido, colocam em questão uma vez mais pré-compreensões minhas quando do meu momento de graduação em psicologia.

A situação hermenêutica também explicita a estrutural relação dos modos de sofrimento com as heranças identitárias irrefletidas da tradição. Bernardo, aquiescendo em seu modo de ser uma compreensão do amor pautada na simbiose, experimentou, ao final da sua relação, a angústia do exílio, de uma solidão particular. A solidão morava nos contornos da sua experiência e colocava em questão o muro que o preserva em sua intimidade. A solidão era reafirmada como um sentimento que “potencializava” o seu sofrimento, aclarando um sentido de indiferenciação entre ele e os seus semelhantes, sentido este que, para Boss (1997), é destino *espiritual* do nosso horizonte histórico. Causava-me estranheza me aproximar do sentido que Bernardo dava a sua solidão, como se a sua comunidade, durante aquele exílio, fosse ele mesmo. Sofria ele com a sensação de estar isolado no mundo, sem comunidade, como se estivesse encapsulado em si mesmo e tudo o mais não o fosse possível.

A situação hermenêutica também me apontou a solidão como afeto que tomou Joana, ainda que nela os seus traços se distingam dos de Bernardo, visto que a sua sensação de solidão se dava pela impossibilidade momentânea de reconstrução do seu *castelo* devido à determinação do isolamento social ocasionado pela pandemia do Novo Coronavírus. Ainda recorrendo a Boss (1997), é importante salientar que as experiências de Joana e Bernardo remetem ao destino histórico que determina a perda do sentimento de coexistência entre os seres humanos. Diz o autor que “este distanciamento crescente entre os homens (seres humanos), progressivamente mais estranhos uns aos outros e voltados para si mesmos, constitui a forma característica segundo a qual, atualmente, tende a realizar-se a comunidade” (p. 39). Absorvidos em si mesmos, lugar onde tudo lhes parece ser familiar, Joana e Bernardo

parecem se ver como entes separados do mundo. O mundo se transforma em um lugar fora, os semelhantes entidades autocentradas, de modo a ser-lhes possível transformá-las em objetos e destinos de ocupação, ou seja, quanto maior a supressão existencial da comunidade, quanto maior esse ensimesmamento do ser, mais o outro se apresenta como critério de realização na dinâmica existencial do *coração partido*.

Revelou-se para mim, dessa forma, o caráter restritivo dos sofrimentos desses(as) colaboradores(as), ao encararem a possibilidade de en-caminhamento na existência apenas a partir do que parece ser pra mim uma espécie de reimersão no cotidiano habitual ao-lado-dos-outros. Os sofrimentos, em seus campos próprios de manifestação, eram, ao que parece, a profusão do inabitual, tudo o que irrompia na alteridade do não costumeiro, isto é, tudo o que se mostrava naquelas experiências para além de todo encurtamento hermenêutico que as determinavam em seus modos de ser. Caruso (1986, p. 19) sintetiza de maneira interessante o caráter restritivo e privativo deste sofrimento: “A separação pode tornar-se um “escândalo” maior do que aquele provocado pela morte física: para garantir a sobrevivência, provoca-se a morte da consciência *de* um ser vivo *dentro* de outro ser vivo”: convive-se com o outro que morreu “em mim”. Entretanto, esta morte parecer ser fugaz, pois a memória resgata, em sua copertinência originária com a condição de ser-com, ainda que de modo incompreensível, a relação com o outro que já não há.

A situação hermenêutica de Maria, que determinava um modo de compreensão da experiência amorosa também originada na simbiose, cujo reflexo mais aparente é a sensação do outro como parte que lhe falta, apontava em sua *passagem* para a consolidação da presença da sua antiga relação na memória. Memória que preservava uma reverenciação solícita a quem se foi. A experiência de Bernardo também me aproxima desta compreensão. Diria ele que a sua *passagem* o conduziu por uma “aprendizagem”, por meio da qual poderia olhar para a sua ex-companheira na distância em que ela poderia ser si mesma. Assim, também reverenciava ele tanto a aparição daquele ser em sua existência, quanto tudo o que pôde se apropriar existencialmente naquele contexto.

Todavia, o caminho que abriu para Maria a experiência com a memória teve como traço marcante a tonalidade afetiva do *desespero*. Kierkegaard, em sua obra *O desespero humano*, aponta para uma possível compreensão desse afeto em-situação de rompimento do par amoroso: “Tal perda (por ocasião da separação) não é desespero declarado, mas é dela própria que ela desespera. Aquele eu, do qual ela se teria despojado, que teria perdido com deleite se ele se estivesse tornado o bem do ‘outro’, esse eu agora provoca a sua tristeza,

porque tem de ser um eu sem o ‘outro’” (2010, p. 33). Este tem-de-ser anunciado pelo filósofo me lembra o ter-de-ser heideggeriano, cuja a tarefa é precisamente cuidar de ser.

Chego a pensar também, com a ajuda de Kierkegaard (2010), que uma possível compreensão deste modo de ela ser afetada, o *desespero*, enquanto traço fundamental da sua experiência sofrimento, tem como condição de emergência a infinitude do seu amor, conforme vai afirmar mais tarde: "sempre vou amá-la". Ora, para este autor, "sem a eternidade em nós próprios não poderíamos desesperar" (Kierkegaard, 2010, p. 34). Nesse sentido, percebo o sofrimento de Maria, em seus modos específicos de composição do tempo, do espaço e do corpo, apresentados em sua narrativa, como a experiência de uma eternidade que se esvazia, mas, ao mesmo tempo, não morre. Afinal, o desespero que é o seu, conforme pensa Kierkegaard (2010), não mata a eternidade por ela construída, o seu amor, mas fundamentalmente o coloca em questão em sua experiência hermenêutica.

Percebo, por outro lado, que Rosa fora tomada pela *revolta*, muito embora tenha assumido em suas palavras que a experiência com o seu ex-companheiro apontava para um horizonte de eternidades, consumadas quer sejam nas marcas da dor da separação, quer sejam no modo de *guardar* em sua existência o sentido daquela relação. Guardar aqui que apela para “a pertinência de uma rememoração possível” (Henriques, 2001, p. 4) e “aponta para a ideia de uma confiança na dinâmica dos acontecimentos, do tempo, afinal, como princípio de inteligibilidade deles, ou seja, como elemento constituinte do sentido” (Henriques, 2001, p. 4). Rosa se abria a sua *passagem*, se apropriava do seu poder-sofrer. O *coração partido*, em seu contexto, parece um acontecimento em que ela determinou para si um demorar-se na dor do fim, a fim de que, “aprendendo”, acolhendo novos horizontes como rumos possíveis no caminho, pudesse se en-caminhar ouvindo o chamado da existência no que tem de imprevisível e singular.

Entretanto, esse movimento para Rosa não implica uma superação (“Eu acho que... eu não diria a palavra superada, mas, assim, eu aprendi o que eu tinha pra aprender e eu tô caminhando pra frente, sabe?”), mas uma re-pactuação da intimidade com o seu ex-companheiro, de modo que possa se voltar-para a presença da ausência dele de modo outro, não mais atrelado à possibilidade do sofrimento: de um modo de ser-com a presença da ausência por *ocupação* a um modo de ser-com por *solicitude*, *preocupação*. Somé (2007) vai dizer da importância da experiência desta *re-pactuação*, ocasionada na aldeia como ritual, e sugere como possibilidade para os ocidentais um ritual de separação. Diz a filósofa que:

[...] no contexto tribal, para simbolizar a separação de um casal pela morte, usamos uma videira meio morta. Um galho em que metade das folhas ainda

está verde e a outra metade está seca. Em seu ponto de encontro a videira será cortada. Esse procedimento também pode ser feito no ocidente. No caso de divórcio, poder-se-ia usar uma videira inteiramente viva e cortada ao meio – a videira toda verde, porque ambos ainda vivem. Cada pessoa, então, poderia levar sua metade de vinha pra casa e plantá-la. (p. 136-137)

Porém, seria possível, em uma época como a nossa em que os rituais estão desaparecendo, como aponta Han (2021), esta repactuação da intimidade com o outro que se foi? Noguera (2020) discute essa repactuação no que ele chama de *ética da intimidade*. Vai dizer esse autor que a cartilha da possibilidade de uma relação não se sustenta no antigo paradigma ético que orienta o ente humano a fazer ao outro tudo aquilo que ele gostaria que o outro o fizesse. Ora, o outro é um inteiramente outro, irreduzível, tem seus desejos e interesses particulares e não seria possível a sua felicidade no que fundamentalmente faz feliz outro ser. Portanto, a decisão existencial do casal que marca a dissolução de uma convivência precisa ser considerada de modo assimétrico, ou seja, de modo que as diferenças assentadas em sua constituição possam ser consideradas e reposicionadas na memória do ser sofrente.

Rosa parece ter cortado a videira dessa relação e plantava na recordação a parte que lhe ficou, constituinte do que viveu com o seu ex-companheiro, como possibilidade de reconstruir aquela parte de si por ela doada e absorvida na impropriedade daquela relação. Preservava na memória, nesse modo particular de se voltar-para a presença da ausência do seu ex-companheiro, uma permanência. Joana, de sua vez, parece ter cristalizado em seu horizonte de compreensibilidade as tonalidades afetivas que lhe abrem um ressentir-se.

É imperioso também destacar que as situações hermenêuticas dos(as) colaboradores(as) são marcadas pelo ideário romântico. Rosa e Joana, tangenciavam-se em seus contornos existenciais, com *pontos de vista* marcados pela perspectiva do casamento, onde seriam conduzidas ao horizonte do *sem fim*. *Sem fim* seria a vida inteira, algo como uma ventura já predestinada em suas existências. O ideal era o fundamento máximo do existir de ambas.

Cabe ressaltar que as idealizações, segundo Nietzsche, são manifestações de uma concepção metafísica de mundo que desqualifica esta existência tal como ela é. Desta forma, a idealização é uma construção imaginária que supõe a existência de outro mundo, de outra vida para além desta. (Londero, 2006, p. 10)

A vida chama, nesse sentido, para a experiência do instante que eterniza, porque não pode ser igual. Isso significa dizer que todo momento é dádiva do desconhecido, do mistério. É o mistério que, em última instância, torna o ideal uma impossibilidade fáctica. É o mistério que absolutiza a outridade do outro. Porque é mistério, toda e qualquer definição que procure enredar a existência numa naturalidade não lhe alcança. Todavia, ao que parece, o mistério,

em se tratando de um *outro* no contexto do par amoroso, interessante ainda se sustenta em meio a uma contemporaneidade marcada pelo excesso de informação. Joana parece manter um certo ar de indefinível, propício para a idealização do *castelo*, do seu ex-companheiro, de um horizonte, enfim, pelo qual anelaria todos os polos co-pertencentes ao seu ideal. Ora, “a *construção* do outro não está dependente de mais ou menos informação. Mas é só a negatividade da retração do outro que o gera em sua alteridade atópica. Ela lhe concede um nível de ser superior, para além da ‘idealização’ ou da ‘sobrevalorização’” (Han, 2018, p. 68).

Bernardo e Maria, em seus cenários, correspondiam a um ideal simbiótico de relação, presente na narrativa mitológica e no ideário romântico, cujas determinações procuravam concretizar um modo de amar por ocupação. O *horizonte* deste modo de amar é a supressão da distância originária entre duas alteridades. A intimidade, dessa forma, sofre um empobrecimento existencial, na medida em que, na ocupação do outro, procuravam eles, em seus modos específicos de ser-com, torná-los conhecidos, usuais, a fim de que o trânsito na relação lhes fosse mais seguro e controlado. É bom que se diga, porém, que percebo que a coerção, em suas especificidades em cada narrativa recolhida, é também traço fundamental dos modos de amar anunciados pelos colaboradores, de modo que a mim se impõe como evidência a interior relação entre a desconstrução de tais modos de ser-com quando do rompimento e o sofrimento existencial. Ora, como visto, todos os modos de coerção e violências identitárias em geral prejudicam a experiência amorosa, pois impedem que o outro seja re-conhecido em sua assimetria, ao passo que o desloca para um lugar objetificante, utilitário.

Dito isto, encontrando neste momento do texto uma oportunidade valiosa, gostaria de acentuar a minha compreensão da *crise* da experiência amorosa contemporânea como sendo um *tensão* entre o familiar, preconizado pelos modos normativos de amar herdados pela tradição, e o ser-outro do amor, no qual se desvela, o amor, como um modo de abertura ao ser. Abertura que sustém, ademais, a distância originária entre duas alteridades no esplendor de um poder-ser próprio. Esta *tensão* é precisamente fruto da imposição da existência em sua indeterminação originária perante ao já esperado, prescrito sedutora e normativamente na tradição, enquanto modo de amar. Ora, a existência é, como já bem nos disse Heidegger (2012c), mera possibilidade de ser. Nessa medida, existir é a todo instante ser-possível, ainda que a tradição absorva o existir em modos encurtadores e inautênticos de ser. Existir é ser transitório, finito, em todas as nossas possibilidades de ser e, portanto, de amar. Corresponder a esta condição de modo próprio, no caminho singularizador e angustiante do existente ante a

sua finitude, é, dessa forma, corresponder ao apelo de uma possibilidade para amar sustentada na abertura. Nesse sentido, posso dizer que a possibilidade da experiência de sofrimento atrelada ao rompimento de um par amoroso se mostra fundamentalmente quando esta condição é violentada no acolhimento irrefletido do casal aos modos ditos naturais de amar.

É bom que se diga que esta tensão não se afirma como um produto da vontade do *Dasein*, mas como fruto de um corresponder ao que o seu poder-ser lhe solicita. Dito de outro modo, é preciso considerar, antes de mais nada, que o caráter estrutural da existência é corresponsivo, ou seja, o ente humano é respondedor de uma conjuntura hermenêutico-referencial que o solicita e que lhe é precisamente campo mesmo de sua manifestabilidade. Isto implica dizer que ele não tem domínio sobre o que lhe vem ao encontro, ao passo em que é, a todo instante, convocado a uma decisão existencial cuja a tarefa é desde sempre cuidar de ser-finito, de ser-em-transição. Sendo assim, no cenário dessa tensão, que se aclara na experiência hermenêutica tal como Gadamer (2015) a explicita, é possível que o ente humano vislumbre privações e restrições no en-caminhamento do seu poder-ser: eis um possível delineamento do desvelar e da acontecência do sofrimento dos(as) colaboradores(as) em questão.

O rompimento da relação, irrompendo como alteridade do novo e arrebatamento do ser-amante do seu familiar e habitual, é o acontecimento que parece situar-lhe na hermenêutica de uma *passagem*, própria ou impropriamente, e onde as ressonâncias desta impensada tradição se mostram na restrição e privação de suas possibilidades de ser. A lembrança de Figueiredo (1994), transluzindo uma possível compreensão do *acontecimento* e indicando-o como uma cisão que “destroça mundo e funda mundo” (p. 152), aponta para um *horizonte* de reemergência de sentidos nascidos da própria ruptura amorosa. A cisão apresenta o estranho, remetendo o ser que sofre a sua estrangeiridade originária. A *perspectiva* nessa cisão na experiência dos meus colaboradores(as) me parece conduzi-los e apresentá-los à memória, isto é, a um modo de ser-com, quer seja por ocupação ou por solicitude ao *inteiramente outro*. Memória que é posicionada existencialmente pelos afetos do ente que sofre, seja pela gratidão e reverência, como em Bernardo e Maria; seja enquanto revolta e perenidade, como no caso de Rosa; ou seja como ressentimento como em Joana. Os finais são, como se pôde ver, também modos específicos de ser-com, de os seres sofredores se relacionarem com os entes que já não lhes compartilham de uma convivência. O sofrimento, desse modo, se apresenta como hermenêutica da perda na qual a solicitude reverenciadora ou a ocupação cristalizada do outro ou de um projeto de mundo lhes são possibilidades existenciais.

Nessa direção, sendo a experiência do *coração partido* uma *passagem* determinada pela situação hermenêutica e, portanto, situada em um contexto histórico específico, conduziria ele para algum *lugar* existencial? Não me parece, diante do estudado neste caminho, plausível esta compreensão, visto que esta relação específica com a perda, em sendo compreendida como *passagem*, transição, abre a possibilidade de interpretá-lo como fluidez, continuidade do ser, pelo qual um modo específico de estar-disposto do ente que sofre se anuncia e a memória aberta pelas próprias estruturas prévias da compreensão é possível.

Sendo assim, a relação com a perda do par amoroso constituída pelo ser que sofre se descobre como possibilidade, erigida na cisão existencial, de uma *passagem* na qual o ser que sofre faz a hermenêutica do que foi e do que poderia ter sido junto-a uma sempre atualização aberta compreensivamente no campo de sentido que determina a cada vez as suas possibilidades de ser-si-mesmo e ser-com-o-outro que já não há em sua convivência. O espaço de fenomenologização da perda, espaço este onde o existente caminha a sua passagem, é lugar dessa experiência, aberta pela memória, com o caráter essencialmente transitório que desde sempre o constitui. Este espaço é onde o existente é solicitado a uma experiência com as possibilidades desde sempre finitas de ser-com aquele ou aquela que já não há mais e que ao mesmo tempo permanecem abertas a cada vez pela memória como elo fundamental entre o ser-sido do fim, que é experiência espaço-tempo-corporal da ruptura, e o que estar-a-ser e importa a recordação.

Dito de outro modo, faz o ser sofrente a hermenêutica da sua compreensão prévia e idealizada do amor, conduzido pelo sofrimento a um horizonte existencial de uma relação com o ser amado na memória. E em sendo a memória em seu modo de ser existencialmente *lugar* inesgotável de possibilidades, se voltar-para a presença de uma ausência encontra no contexto estudado uma compreensão possível do *coração partido* como um modo de ser possível, restritivo e privativo, sem a partilha do convívio com o ser amado, bem como um modo de ser grato, reverenciador e solícito, pelo que foi. E que nunca se esgotam, mas que se apresentam e estão sempre em jogo nos modos de organização espaço-tempo-corporais do ser que sofre em seu horizonte finito de possibilidades.

Amar pressupõe e conclama, assim, uma abertura ao ser que não suporta quaisquer formas de cuidado por coerção do outro e, portanto, da relação. Amar acontece num espaço de trânsito, fluído, originado num modo de estar disposto que leve em consideração existencialmente a comunidade e a coerção e as violências identitárias insurgentes do romantismo que perpassam a experiência amorosa no contemporâneo privatizam este trânsito. Amar, enfim, não cabe no romance. No romance, parece não haver espaço para a

disponibilidade à radical experiência do amor, pois o romance tem, de um modo geral, uma lógica já pré-estabelecida e consolidada. Por isso vai dizer Han (2018, p. 6) que “o Eros arranca o sujeito de si mesmo e direciona-o ao outro”. A possibilidade existencial de amar, dessa forma, requer a observância e uma decisão existencial do par amoroso em direção ao aspecto ético-político-estético do amor.

É importante ressaltar, conforme descrito no capítulo metodológico desta dissertação, que as experiências recolhidas podem ter tomado certos rumos enviesados, talvez por serem a descrição e resultado de uma apropriação existencial já experimentada, porquanto foram narradas por pacientes que já estavam a um tempo em acompanhamento terapêutico. Os casos de Bernardo e Maria falam bem disto, ao narrarem os seus sofrimentos como a transição para um não-sofrer. Assim, importa dizer que o poder-sofrer não é encarado aqui como estágio pelo qual se vislumbra desde sempre um não-sofrer, uma terra prometida emocional, como também explicitado nos capítulos teóricos das meditações que compõem esta pesquisa. O sofrimento aqui é compreendido como possibilidade existencial, na qual o ser sofredor está sempre em jogo em sua condição transitória, finita. Sendo assim, como puderam Bernardo e Maria rumar para um *horizonte* de gratidão e de reverência solícita ao que foi, como pôde Rosa, do lastro de sua revolta, encontrar sentido para um *guardar*, para um “pra sempre”, poderiam eles estar imersos e cristalizados em sofrimentos atravessados por tonalidades afetivas que restringem, privam ou fragmentam os seus modos de organização espaço-tempo-corporal. Em suma, é a experiência determinada pela situação hermenêutica o pressuposto fundamental para aclarar os afetos que advêm na relação da existência com as perdas em geral e, no caso aqui, com as separações dos pares amorosos e não o pressuposto previamente estabelecido e correlato às sedimentações que procuram engendrar o sofrimento existencial em certas particularidades essencialistas, conforme visto no diálogo introdutório desta pesquisa com as teorias vigentes acerca do fenômeno conceituado como *luto*.

8 DESTECENDO OS FIOS: breves possibilidades para a clínica psicológica

Do caminho esperançado, cujo horizonte delineava-se de um caminhar que conduziria despreziosamente a sinais de um novo paradigma para o pensamento psicológico e da possibilidade de dar voz aos silenciamentos e visibilidade aos processos de invisibilização que atravessam a dor humana, aporto neste capítulo da jornada. As experiências a mim narradas possibilitaram-me destecer esses fios que socialmente deslegitimam sofreres e, por conseguinte, também me possibilitaram reter outros, a partir de um estudo da situação hermenêutica, que me ofereceram caminhos para poder pensar a clínica psicológica.

Diante dos resultados desta pesquisa, é possível ser considerado o horizonte de uma clínica que interpele e seja, a um só tempo, interpelada pela condição humana do paciente, tal como ela se mostra na narrativa do seu sofrimento. Uma clínica em virtude da qual o clínico, ao sustentar uma disponibilidade radical à relação, acompanhe o desvelar da situação hermenêutica do(a) paciente como possibilidade de desenrijecimento dos impositivos da tradição que por ele são acolhidos e que, portanto, determinam os seus modos de ser e de sofrer. Uma clínica, no contexto do *coração partido*, como possibilidade de um diálogo cujo horizonte é a dessubstancialização dos modos possíveis de ser-com, desde a transformação do amor-expectativa no verbo amar, que denuncia a resistência à cooptação da experiência amorosa pelo poder normatizante e tranquilizador do horizonte histórico sedimentado que nos acolhe, até a transformação do *enlutamento*, no bojo das suas categorizações tradicionais, em relação específica com a condição de ser em-*transição* do existente e com a finitude de todas as suas possibilidades de ser. Portanto, não uma clínica previamente postulada especificamente para as situações de *luto*, mas uma clínica que, nascendo das condições de emergência do encontro terapêutico, se desvele no caminho mesmo que dele emana. Afinal, o *luto*, compreendido como modo específico de ser-com e, por isso mesmo, como modo de ser possível do ente humano, não é apenas, como vimos neste caminho, a sedimentação de um sofrimento marcado pela disfunção à realidade objetiva, que aponta para a necessidade de uma *readaptação à normalidade* ou uma *elaboração psíquica*. O *luto*, enquanto hermenêutica da perda, é uma possibilidade intimamente articulada à condição transitória da existência. Por isso requer, no cenário das situações clínicas, da perspectiva do caminho do pensamento aqui proposto, um modo outro de diálogo terapêutico que encontra possibilidade de constituição a partir da compreensão da situação hermenêutica, desde as elaborações do jovem Heidegger no

informe Natorp (Natorp Berich), aos seus avanços hermenêuticos-filosóficos na órbita da Ontologia Fundamental, a obra *Ser e Tempo*.

Nessa direção, vão propor Andrade e Barreto (2020), no horizonte de uma extensão metaontológica da fenomenologia da existência fáctica, a clínica como situação hermenêutica, pela qual se encaminhem, psicoterapeuta/psicólogo(a) e paciente, as possibilidades de sentido originadas na condição dialógica da experiência humana. Uma clínica, por isso mesmo, que leve em conta o tempo da existência na lida com os sofrimentos que se relacionem a perdas significativas, de modo que possamos, como psicólogos(as) e psicoterapeutas em nossas práticas, possibilitar a desarticulação de uma lógica que patologiza o sofrimento, estabelecendo determinados marcos temporais para a constituição das diagnoses que os correspondem em manuais como o DSM-V e o CID-10. As sedimentações em torno destes sofrimentos, como visto neste caminho, se apresentam na órbita desta lógica, encobrando o que de mais próprio ou singular deles se anuncia. Esta pesquisa, portanto, procurando interrogar a todo momento o identitarismo que perpassa os sofreres relacionados a perda desde o advento do projeto tecnocientífico da modernidade, buscou restituir à compreensão destes o seu caráter mais originário, a partir das experiências dos(as) colaboradores(as) e do diálogo com as teorias vigentes que vêm ao meu encontro em nosso horizonte histórico, qual seja o de radical poder-ser sempre em jogo no existir.

Propõem Andrade e Barreto (2020), então, um salto em direção ao mais originário, do qual bebo da fonte para encaminhar-me como psicólogo e psicoterapeuta. Entretanto, “esse salto na direção do mais originário não se dá nostalgicamente, todavia, pela acuidade desconstrutiva de aquele primeiro caminho (metafísico-tecnológico) e no sentido de uma preparação da possibilidade do novo” (Borges-Duarte, 2021, p. 25). Este salto, como um salto do pensamento, como um “passo atrás”, visa à recondução do ente ao ser, tal como assinala Heidegger (2012d) à reflexão do caráter metódico do método fenomenológico. Ouçamos o que diz Heidegger (2015), citado por Borges-Duarte (2021), da natureza deste salto:

O que o passo atrás tem de pre-cursor [*Vor-läufig*] traz consigo um outro modo do pensar pre-visor [*Vor-sicht*] e cuidadoso [*Sorgfalt*]. E, acima de tudo, esse pensar não é um pensar a favor do homem e da sua organização no sentido do mundo metafísico - isto é, agora, técnico -, mas sim um pensar que pense, solitário [*ein-sam*], o uno do único [que é] o Ser. (Heidegger, 2015, pp. 163-164)

E diria mais: torna-se imprescindível tal salto à prática do psicólogo que deseje abandonar um modo de pensar a psicologia que se constitui na modernidade hegemonicamente para, desse modo, “pensar a ação clínica como um modo de estar com o

outro/cliente, que poderá manter-nos despertos, no aguardar, silencioso e atento, o pensamento que medita (Barreto, 2013, p. 49). Um modo de estar-com o outro desvelado no caminho e que possibilite um modo de olhar os sofrimentos irmanados aos contextos históricos que os produzem, às tonalidades afetivas fundamentais e derivadas neles inscritas como possibilidades de apropriação do ser-si-mesmo-sendo, e que prescindia, dessa forma, dos termos categoriais que constituem o manancial dos modos de pensar tradicionais acerca da clínica. Enfim, um modo de pensar a-teórico, que parta de indicações formais e procure sustentar o mistério da existência que não se explica, mas que compreendemos desde sempre.

Com efeito, um modo outro de pensar não objetiva, em seu caráter heideggeriano-desconstrutor, deslegitimar as compreensões vigentes sobre a clínica psicológica em geral e, no caso aqui, sobre a *clínica do luto* em específico. Almeja, antes e sobretudo, alargar horizontes compreensivos para que o pensar em torno da clínica não obedeça à determinada universalidade e esqueça daquilo que Heidegger (1969a) chama de Simples. Mas no que consiste este Simples no caminho até agora percorrido?

Das possibilidades compreensivas desveladas nesta pesquisa, penso que este Simples, no que diz respeito à prática clínica do(a) psicólogo(a), repousa na compreensão da dor como condição humana e do poder-sofrer como situação para a qual não podemos, como profissionais de psicologia e de saúde em geral, visar interventivamente a *superação* por parte do paciente, mas tão somente a *apropriação* desta possibilidade a cada vez possível na sua existência.

Ser conduzido pela perspectiva da superação, ao que parece, pode levar o paciente a procurar estágios perpassados por atmosferas existenciais traduzidas em sensações de cura que, não raras as vezes, retornarão mais adiante. Mas em sendo a dor e o sofrimento contingências humanas e pertencentes à constituição existencial originária do Dasein, como fora visto brevemente neste caminho de pesquisa, é possível como psicólogos(as) falarmos em curas? Existiria, em específico, uma cura para o *coração partido*?

Honestamente, pergunto-me constantemente em minha prática sobre a possibilidade de uma afirmativa para esta questão, o que me leva, a cada passo, a um horizonte para a clínica que se funda na escuta solícita das narrativas que se movem nos sofrimentos dos meus pacientes. Sem certezas e, desse modo, procurando sustentar a minha prática clínica nas incertezas e mistérios que dela emanam, continuo a caminhar em direção a um sempre horizonte compreensivo possível.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2008). *O que resta de Auschwitz o arquivo e a testemunha: homo sacer III*. São Paulo: Boitempo.
- Agamben, G. (2009). *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó-SC: Argos.
- Agamben, G. (2018). *A aventura*. Trad. de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Alberoni, F. (1988). *Enamoramento e amor*. Tradução de Ary Gonzalez Galvão (8. ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Alberoni, F. (1996). *Amo-te*. Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra (8. ed.). Venda Nova: Bertrand Editora.
- Alves, R. (2015). *Do universo à jabuticaba*. 3 ed. São Paulo: Planeta.
- Andrade, A. C., Barreto, C. L. B. T. (2020). A situação hermenêutica e a clínica psicológica: caminhos possíveis. *Estudos e pesquisas em psicologia*. Vol. 20. p. 1191 – 1211.
- Apuleio (2019). *O asno de ouro*. São Paulo: Editora 34.
- Arendt, H. (2002). *A vida do espírito*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Aun, H. A. (2005). *Trágico avesso do mundo: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo]. São Paulo: USP.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
- Barreto, C. L. B. T. (2013). Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger: da ontologia fundamental à questão da técnica. In: Barreto, C. L. B. T.; Morato, H. T. P. ; Caldas, M. T. (orgs). *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica*. Curitiba: Juruá. p. 27 – 50.
- Benjamin, W. (2012). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política – Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, W. (2012a). Experiência e pobreza. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política – Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.
- Bíblia, A. T. (2018). Gênesis. In: *Bíblia Leitura Perfeita NVI*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, p. 16.
- Borges-Duarte, I. (2019). *Arte e técnica em Heidegger* (1. ed.). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Borges-Duarte, I. (2021). Pensar como resposta ao desafio tecnológico?: a escola heideggeriana. *Trans/Form/Ação – Revista de Filosofia [online]*. Vol. 44. p. 17 – 40.

- Boss, M. (1997). Solidão e comunidade. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse* - nº 1, 2 e 4.
- Botton, A. de. (2017). *O curso do amor*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca.
- Bowlby, J. (2004). Apego e perda: perda - tristeza e depressão. Vol. 3. São Paulo: Martins Fontes.
- Brecht, B. (1982). *Antologia poética*. Versão e prefácio de Edmundo Moniz (2. ed.). Rio de Janeiro: Elo Editora, 1982.
- Bürgi, D., Längle, A. (2021). *O cultivo da vida: crise e sofrimento como desafio existencial*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Calcanhotto, A. (2019). *Era pra ser*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P5wXAaH5URo> Acesso em 10 de dezembro de 2021.
- Cabral, A. (2021). *Compaixão e revolta*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Casanova, M. A. (2019). Pontes sobre o nada: narrativas do sofrimento e transformação existencial. *Revista natureza humana*. Vol. 2, pp. 130-149.
- Casanova, M. A. (2021). *Existência e transitoriedade: gênese, compreensão e terapia dos transtornos existenciais*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Chohfi, L. M. S. (2021). *A permanência estudantil na Universidade de São Paulo: um estudo da situação hermenêutica*. [Tese de doutorado em Psicologia, Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo]. São Paulo: USP.
- Correia, S. (2017). *Homem em sua solidão superpovoada*. Disponível em: <https://pin.it/77FTuPi> Acesso em 27 de outubro de 2021.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Coutinho, A. (org.) (1968). *Vinícius de Moraes - obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora.
- Critelli, D. (2019). Método: revelação e ocultamento. *Práticas em pesquisa e pesquisa como prática: experimentações em psicologia* (1. ed.). Curitiba: CRV.
- Duarte, A. M. (2010). "Heidegger, filósofo da essência da técnica moderna." In: Reis, R.R. dos., Fagion, A. (Org.). *Um filósofo e a multiplicidade de dizeres*. Homenagem aos 70 anos de vida e 40 de Brasil de Zeljko Loparic. Campinas: Unicamp/CLE, Vol. 57, pp. 53-86.
- Dutra, E., Frota, A. M. M. C. (2021). Proposições para um método fenomenológico hermenêutico para a pesquisa de campo. *Revista Subjetividades*. Vol. 21. (Especial 1).
- Espanca, F. (2010). *Poesia de Florbela Espanca*. Prefácio de Laury Maciel. Porto Alegre: L&PM.
- Feijoo, A. M. L. C. de. (2019). Dor, sofrimento e escuta clínica. *Arquivos IPUB*. Vol. 1, n. 1, pp. 22-34. Jan./abr.

- Figueiredo, L. C. M. (1993). Sob o signo da multiplicidade, *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo, 1, 89-95.
- Figueiredo, L. C. (1994). *Escutar, recordar, dizer: Encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. São Paulo: Educ/Escuta.
- Figueiredo, L. C. (2018). Os saberes psi em questão: sobre o conhecimento em psicologia e psicanálise. Petrópolis: Editora Vozes.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Joice Elias Costa (3. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes*. Trad. Magda Lopes. Porto Alegre: Penso.
- Foucault, M. (1957[2011]). A pesquisa científica e a psicologia. *Ditos e escritos: Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. São Paulo: Editora Forense Universitária.
- Franco, M. H. P. (2021). *Luto no século XXI: uma compreensão abrangente do fenômeno*. Prefácio de Colin Murray Parkes. São Paulo: Summus Editorial.
- Freitas, J. de L. (2013). Luto e Fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica: phenomenological studies*. ed. 19, pp. 97-105. Goiânia.
- Freitas, J. de L. (2018). Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. *Psicologia USP*. Vol. 29, n. 1, pp. 50-57. São Paulo.
- Freud, S. (1915[1917]). Luto e Melancolia. *Edição Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915b). Sobre a transitoriedade. *Edição Standard Brasileiras das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gadamer, H.-G. (2015). *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. de Flávio Paulo Meurer (15. ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Gómez-Díaz, J. A. (2011). Fenomenologia del divorcio (o la esencia de la separación) en mujeres. *Psicología & Sociedad*. Vol. 23, pp. 391-397. Porto Alegre.
- Han, B.-C. (2009). *O aroma do tempo: Um ensaio filosófico sobre a arte da demora*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Han, B.-C. (2017). *Agonia do eros*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Han, B.-C. (2021). *Do desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente*. Tradução de Alberto Ciria. Barcelona: Herder Editorial.
- Han, B.-C. (2021a). *Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

- Han, B.-C. (2021b). *Sociedade Paliativa: a dor hoje*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Heidegger, M. (1969). *Da experiência do pensar*. Trad. de Maria do Carmo Tavares de Miranda. Porto Alegre: Editora Globo.
- Heidegger, M. (1969a). *Sobre o problema do ser – O caminho do campo*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- Heidegger, M. (1998). “Pra que poetas?”. *Caminhos de floresta*. Trad. de Bernhard Sylla e Vitor Moura. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.
- Heidegger, M. (2009). *Introdução à filosofia*. Tradução de Marco Antonio Casanova (2. ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Heidegger, M. (2012). A coisa. *Ensaaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback (8. ed.). Petrópolis-RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (2012a). A questão da técnica. *Ensaaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback (8. ed.). Petrópolis-RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (2012b). O que quer dizer pensar?. *Ensaaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback (8. ed.). Petrópolis-RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (2012c). *Ser e tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas-SP: Editora da Unicamp; Petrópolis-RJ: Editora Vozes.
- Heidegger, M. (2012d). *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Editora Vozes.
- Heidegger, M. (2014). *Interpretaciones fenomenológicas sobre Aristóteles: indicación de la situación hermenêutica*. (J. A. Escudero, trad.). Madrid: Editorial Trotta.
- Heidegger, M. (2015). A essência da linguagem. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Bragança Paulista, SP/Petropolis, RJ: Editora Universitária São Francisco/Editora Vozes.
- Heidegger, M. (2017). *Seminários de Zollikon*. Trad. de Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado (3. ed.). São Paulo: Escuta.
- Henriques, F. (2001). Maria Zambrano e as metáforas do coração. *Lusosofia: Biblioteca on line de filosofia e cultura*. Lisboa: Portugal.
- Hilst, H. (2017). *Da poesia*. Rio de Janeiro: Cia das Letras.
- Instituto Rubem Alves (org.) (2015). *Rubem Alves essencial: 300 pílulas de sabedoria* (1. ed.). São Paulo: Editora Planeta.
- Kierkegaard, S. (2010). *O desespero humano: doença até a morte*. Trad. Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Editora Unesp.
- Kierkegaard, S. (2017). *Ou-ou: um fragmento de vida*. Trad. Elisabete M. de Souza. Lisboa:

Relógio D`água.

- Kreps, B. (1992). *Paixões eternas, ilusões passageiras: uma análise do mito do amor romântico*. Tradução de Elizabeth Larrabure Costa Correa (1. ed.). São Paulo: Saraiva.
- Kübler-Ross, E. (2017). *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. São Paulo: Martins Fontes.
- Leão, E. (1970 [2019]). A temporalidade na convivência amorosa. *Arquivos do IPUB*, Vol. 1 – n. 1, pp. 3-21, jan./abril.
- Lewgoy, A. M^a. B., Arruda, M. P. (2004). Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: a experimentação do diário digital. *Revista Texto & Contextos*. EDIPUCRS. Porto Alegre.
- Lins, R. N. (2007). *A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências*. Rio de Janeiro: BestSeller.
- Lispector, C. (1998). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (2020). *A descoberta do mundo*. (1. ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Londero, S. M. (2006). *Tecendo vias pelas quais o amor se fala: Cartografias dos discursos amorosos na atualidade*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista (Unesp)]. Recife: Unesp.
- Lopes, R. L. M., Menezes, T. M. de O. Significados do vivido pela pessoa idosa longa no processo de morte/morrer e luto. *Ciência & Saúde Coletiva*. pp. 3309-3316. Salvador.
- Ludz, U. (Org.) (2000). Hannah Arendt/Martin Heidegger – Correspondência 1925-1975. Rio de Janeiro: Redume-Dumará Editora.
- Luft, L. (2005). *Pra não dizer adeus*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Mattar, C. M., De Sá, R. N. (2007). Os sentidos de "análise" e "analítica" no pensamento de Heidegger e suas implicações para a psicoterapia. In: *Estudos e pesquisas em psicologia*. Rio de Janeiro, ano 8, Vol. 1, n. 2, pp. 191-203.
- Mattar, C. M. (2020). *Clínica e conjugalidade: contribuições kierkegaardianas*. Curso organizado pelo Núcleo de Clínica Ampliada Fenomenológica Existencial (Nucafe). Apostila do curso. Rio de Janeiro: Nucafe.
- Meireles, C. (1972). *Flor e poemas* (2. ed.). São Paulo: Biblioteca Manancial.
- Mignard, P. (1694). *Chronos, o deus do tempo, cortando as asas do cupido*. Disponível em: <https://pin.it/6znITHV> Acesso em 27 de outubro de 2021.
- Moraes, V. (1957). *Livro de Sonetos*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- Neumann, E. (2017). *Eros e Psiquê*. Amor, alma e individuação no desenvolvimento do feminino (2. ed.). São Paulo: Cultrix.
- Nogueira, R. (2020). *Por que amamos?: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. Rio de Janeiro: Harper Collins.

- Nunes, B. (2010). *Somos um Diálogo. Ensaios Filosóficos*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Parkes, C. M. (1995). Guidelines for conducting ethical bereavement research. *Death Studies*. Vol.19. pp. 171-181. Filadélfia.
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus.
- Pessanha, J. A. M. (2009). Platão: as várias faces do amor. *Os sentidos da paixão*. Novaes, A. (org.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Platão. *Banquete, Fédon, Sofista e Político*. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. [Coleção Os pensadores]. São Paulo: Nova Cultural.
- Prado, A. (2017). *Bagagem*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Prado, R. A. de A. (2013). *A linguagem poética na clínica fenomenológica existencial*. [Tese de doutorado em psicologia, Universidade Católica de Pernambuco]. Recife: Unicap.
- Ravagnoli, N. C. da S. R. (2018). A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada. *The Specialist*. n. 3, ed. 39. São Paulo.
- Reis, J. (2005). O tempo em Heidegger. *Revista filosófica de Coimbra*. n. 28. pp. 369-414.
- Ricoeur, P. (2019). El sufrimiento no es el dolor. *Isegoría*, 60, 93-102.
- Rilke, R. M. (2007). *Cartas do poeta sobre a vida: a sabedoria de Rilke*. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Martins Fontes (Coleção Prosa).
- Rougemont, D. (2003). *A história do amor no ocidente*. Tradução de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz (2. ed. reformada). São Paulo: Ediouro.
- Sá, R. N. de., Mattar, C. M., & Rodrigues, J. T. (2006). Solidão e relações afetivas na era da técnica. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, Vol. 18 - n. 2, pp. 111-124, jul./dez.
- Sales, C. A., Santos, E. M. dos. Familiares enlutados: compreensão fenomenológica existencial de suas vivências. *Texto contexto enferm*. Vol. 20. pp. 214-222. Florianópolis.
- Sena, S. (2019). Nostalgia como Grundbefindlichkeit: para um estudo heideggeriano sobre a existencialidade da velhice. *Studia Heideggeriana*. Vol. 8, pp. 25-49.
- Somé, S. (2007). O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. Trad. Deborah Weinberg (2. ed.). São Paulo: Odysseus.
- Sontag, S. (2003). *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Stendhal. (2011). *Do amor*. Tradução Herculano Villas-Boas. Porto Alegre: L&PM.
- Santos, S. E. de B. (2016). *"Olha!... Arru(a)ção!?!..." A ação clínica no viver cotidiano: conversa com a fenomenologia existencial*. [Tese de doutorado em psicologia clínica, Universidade Católica de Pernambuco]. Recife: Unicap.
- Volz, F. (2019). Walter Benjamin: memória e conhecimento do presente. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*. Vol. 10, n. 3, pp. 150-168. Santa Maria.

- Worden, J. W. (2013). *Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais de saúde mental*. Trad. Adriana Zilberman, Letícia Bertuzzi, Susie Smidt (4. ed.). São Paulo: Roca.
- Zambrano, M. (2000). *A metáfora do coração e outros escritos* (2. ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.

APÊNDICE A – ENTREVISTAS INDIVIDUAIS
ENTREVISTA INDIVIDUAL COM JOANA

Túlio:_ ...então, iniciando aqui a entrevista com a participante Joana. Então, Joana, como tem sido pra você a experiência do fim do seu relacionamento?

Joana:_ Tem sido muito difícil, tá sendo um processo muito doloroso, pelo fato de, assim... eu nunca ter passado por esse processo antes e por estar sendo em decorrência do fim de um relacionamento muito longo. Então, são duas coisas juntas, né? É o fato de nunca ter passado pelo término de um relacionamento e estar passando por esse processo de luto de um relacionamento muito longo, onde existiam muitos planos, muitos sonhos... Então, havia um planejamento de vida que foi por água abaixo. É muito difícil desapegar e se desligar de tudo o que foi construído ao lado de quase oito anos...

Túlio:_ Você consegue descrever um pouco mais dessa dor? Como é essa experiência, assim... como é o fim desse projeto?

Joana:_ É muito difícil... Assim, não sei se eu consigo descrever... mas é um sentimento de luto, mesmo, como a psicologia denomina do término de um relacionamento. É um luto mesmo, porque é a desconstrução, é a morte de planos de vida, de sonhos, de toda uma construção que eu tinha feito ao lado daquela pessoa. Então, quando eu entrei nesse relacionamento, entrei com 21 anos, agora estou com 29. E ele foi construído, acho que por ambas as partes, para seguir uma forma que não acabasse, que levasse a um caminho de construção, de concretização de coisas maiores, no sentido de chegar a um casamento, à construção de uma família... Enfim... E aí, foram sonhos que foram construídos aos poucos no começo de uma vida de universidade, de juventude e agora esse processo de desfazimento de tudo isso que foi feito. Então é um processo de luto no sentido literal e, ao mesmo tempo, assim, o refazimento, no sentido de buscar se reconstruir e se imaginar vivendo esses planos ao lado de uma outra pessoa que possa vir a fazer parte da minha vida e também dar continuidade aos que dependem somente de mim. Então, é uma dor que eu não tenho como descrever, porque eu nunca passei por isso antes... Ela é muito grande pelo fato de não ter sido um relacionamento, assim, superficial, não ter sido um relacionamento que, assim, não havia maiores pretensões, digamos assim... E também nesse sentido de construção de uma nova realidade, que agora eu vou estar sozinha e nos últimos anos eu não estava, nos últimos quase oito anos eu não estive... Então é todo um processo de autoconhecimento, de redescobrimto e de várias outras coisas... Eu fico um pouco nervosa justamente pelo fato de estar numa entrevista, de estar sendo gravada. Então, talvez se eu estivesse com você numa sessão de terapia ou então numa conversa informal, talvez as coisas estivessem fluindo mais naturalmente, mas só o fato de saber que está sendo gravado, eu fico um pouco mais nervosa: não sei se estou sendo muito prolixa, se estou

enrolando muito, enchendo linguiça, mas eu vou tentar melhorar ao longo da entrevista...

Túlio:_ você pode ficar, assim, bem à vontade, tá certo? Essa pesquisa é algo que vai auxiliar não só a mim, mas também a muitas outras pessoas que, porventura, estejam passando pela mesma situação. Obviamente que guardadas as devidas singularidades de cada processo, de cada enlutamento, de cada situação, tá certo? Então você pode ficar tranquila, está sendo muito bom poder lhe ouvir, tá bom? Então, assim, pelo que você está falando, eu percebo que existia, assim, um desejo de eternidade, um desejo de "para sempre" nessa relação e, de repente, isso se desfez. Seria isso?

Joana:_ uhum... Sim, seria isso! Existia esse desejo que foi construído ao longo de quase oito anos. Então, existiam muitos planos. Como eu disse, foi uma história que começou na época da faculdade, que passou por aquele processo de, assim, falta de... de poucos recursos, digamos assim... Falta de... como é que eu posso dizer... De... a gente precisava construir, né? A gente tava na fase da Universidade, na vida acadêmica em que a gente ainda tava naquela fase de dependência dos pais, de não poder fazer planos concretos... e o que a gente almejava tava um pouco distante. Tudo isso foi construído ao longo dos anos, no sentido de, por exemplo: "quando a gente fizer isso, a gente vai conquistar isso. Primeiro a gente vai fazer isso, depois aquilo". Tudo justamente fazendo esse percurso no sentido de levar a algo que realmente fosse eterno como você falou aí. Então, havia esse desejo, sim, ao longo de todo esse processo e hoje é muito difícil lidar com isso. Acho que também potencializado pelo fato de estarmos vivendo uma pandemia. Então, no meu caso em particular, obviamente nós tínhamos problemas no relacionamento. Problemas que envolviam principalmente a família dele... mas.. e, assim, nós conseguíamos lidar com isso e apesar desses problemas, nós trouxemos o relacionamento até aqui durante quase oito anos. Mas por causa especificamente da pandemia o nosso relacionamento se esfacelou. Se esfacelou por quê? Porque nós tínhamos concepções diferentes em relação à realidade que estava sendo vivenciada. Então, assim, como eu tô falando pra você, ao longo do nosso relacionamento, nós vivíamos uma realidade diferente tanto no aspecto social como no aspecto do casal em si. Então era uma fase de construção de planos de eternidade. Então... nós fizemos faculdade de Direito e nos conhecemos no estágio. Lá a gente se conheceu e passamos pela fase de preparação para o exame da ordem dos advogados e depois o preparo... o estudo pra concursos públicos, e tudo isso nós passamos juntos. Então, em 2019 ele foi aprovado em um concurso aqui no nosso estado, em casa, porque é um sonho pra quem estuda pra concurso público... E aí havia esse plano que a gente veio construindo ao longo de todo esse tempo de quando passasse num concurso, a gente se casaria. Nós não tínhamos dinheiro suficiente porque só estudávamos e éramos dependentes dos pais, mas com esse plano de, havendo a aprovação no concurso, haveria o casamento, haveria de alçada a coisas maiores... E aí aconteceu de, justamente, de vir a pandemia, então ele tomou posse do concurso dele final de 2019 e em 2020, março de 2020 veio a pandemia. Então, isso distanciou a gente... Havia planos de com isso haver um noivado, haver um casamento, haver a construção de um lar, mas aí tivemos

concepções diferentes em relação à pandemia. Ele não aceitava... Eu desenvolvi um medo muito grande em relação à pandemia, porque eu tenho histórico de asma e, assim, eu fiquei com muito medo... Isso distanciou o nosso relacionamento. Em contrapartida, ele tinha uma concepção diferente, apesar de ele ter um sobrepeso, ter histórico de hipertensão, ele não tinha medo. E a família dele também não adotou grandes medidas em relação a cautelas, em relação à pandemia. Então nós vivenciamos realidades diferentes no contexto da pandemia. Então, isso distanciou a gente. Em contrapartida, também existia, não só nessa questão do comportamento da pandemia, a postura do governo federal também foi uma coisa que voltou à tona um problema que nós tivemos no relacionamento em 2018, que foi a questão das eleições. Então, se de um lado eu tava "metendo o pau" em Bolsonaro e, assim, "soltando as cachorras", como se diz, do outro lado ele vem de uma família burguesa, digamos assim, uma família burguesa que tem a concepção totalmente diferente da minha. Então, isso daí, o fato de nós estarmos distantes, num momento de pandemia, e ainda haver essa questão da discordância em relação à política, em relação às questões sociais, isso nos distanciou demais... Nós passamos meses sem nos vermos, quando havia os encontros não havia contato físico justamente porque eu tinha muito medo. Eu tava vendo os números de morte, de pessoas adoecendo independentemente de idade, de religião, de classe social, de profissão... Eu tava vendo os números crescendo, então eu tinha muito medo. E aí ele não aceitava esse cuidado que eu estava tendo, ao mesmo tempo que a gente tava vivendo uma realidade que permitia que o nosso status de relacionamento mudasse, mas ele não mostrou iniciativa em relação a isso. Então, por exemplo: "_tudo bem, você tá com medo de um lado, eu tô com saudade de você de outro, então vamos dar um jeito de ficarmos juntos num canto protegidos, mas juntos, para a gente realizar o que a gente pretendia". Não ocorreu isso. E aí as discordâncias, a distância, isso fazia com que aumentassem as brigas... Em janeiro deste ano ele acabou o namoro. E acabou por rede social, no caso, ele acabou por WhatsApp. A última vez que a gente se viu foi 25 de dezembro, que ele veio aqui na minha casa me dar um presente, que ele tinha comprado de Natal, e eu dar um presente a ele que eu também tinha comprado. Foi a última vez que a gente se viu e dia 10 de janeiro por causa de uma discussão - a gente vinha tendo discussões consecutivas - e nesse dia, por causa de uma briga, ele disse que era infeliz comigo e acabou o namoro por WhatsApp. Então, assim, apesar de já estar havendo uma crise que se arrastava desde o ano passado, existia por trás um relacionamento muito antigo, com planos muito grandes, mas que ele não foi capaz de sustentar nem de mudar a perspectiva nem de olhar de uma forma mais ampla, de trazer sugestões de adequações pra que nós continuássemos juntos. E aí aconteceu isso. Eu não tava fazendo terapia e comecei a fazer depois desse término. E tem sido muito difícil, não tem sido fácil, porque, como eu tô dizendo, são planos que eu fiz com essa pessoa ao longo de oito anos. Eu tenho o perfil de ser uma pessoa quieta, digamos assim. Então, quando eu tava namorando com ele eu não tava pensando em ninguém: paqueras de reserva, nem olhava pra outros homens. Eu tava com aquela pessoa, pensava naquela pessoa, planejava com aquela pessoa... E partir do momento que acabou, todo aquele castelo de areia que eu fui construindo, grãozinho por grãozinho, foi por água abaixo. E agora com quem eu vou fazer meus planos? Porque eu

imaginava aquela pessoa como sendo pai dos meus filhos. Aquela rotina de quando a gente tinha o final de semana juntos, ou, então, assim, quando tava em uma viagem, aquela rotina com aquela pessoa. Então, meus planos eram com ele... E como é que eu vou viver isso tudo agora? E... assim... desfazer de todos aqueles planos que pareciam estar próximos de se concretizar, tá entendendo? E ao mesmo tempo, não ter a oportunidade de, vivendo esse luto, conhecer outras pessoas, sabe? Então, eu tô em casa desde janeiro... fico em casa, não conheci pessoas novas, não consigo tirar o foco em relação a isso. Até consigo tirar o foco, mas não tive a oportunidade de conhecer pessoas novas que pudessem me abrir a mente, de que ainda existem pessoas legais, que eu posso me refazer e reconstruir os meus planos com outras pessoas. Então, é mais ou menos isso aí que eu tô vivendo.

Túlio:_ Então, seria a dissolução dos planos, não é? Essa construção foi muito intensa, muito forte, muito significativa pra você. E aí de repente você vê isso tudo se dissolvendo... é como se fosse um castelo, como você mesmo falou, fazendo analogia, que foi desabando... Foi pouco a pouco ou aconteceu de repente?

Joana:_ Como eu disse, tínhamos problemas... antes da pandemia existiam problemas em nosso relacionamento, mas isso não impedia que a gente... éhhh... continuasse fazendo esses planos de construir uma família, de ter um casamento. Porém, com a pandemia, tudo se potencializou, principalmente pela distância. E aí... Eu menos do que ele, eu acho que ele excedeu a esse esfacelamento muito mais do que eu tava percebendo, porque eu achava que por causa do tempo que a gente tinha não iria acontecer isso. Os desejos de construção de uma família e casamento seriam maiores, porém pra ele esse processo já tava evoluindo muito rápido, tá entendendo? Então, não aconteceu de supetão. O momento que ele me comunicou que foi um momento de supetão, foi um impacto... Porém, já havia se arrastando essa crise, que foi potencializada por causa da pandemia e foi muito mais potencializada do lado dele do que no meu, porque, apesar de estarmos vivendo problemas, de estamos distantes, eu pensava: "isso vai passar e nós continuaremos juntos, porque nossos planos são maiores". Mas pra ele já estava se arrastando desde o ano passado de uma forma muito mais rápida, o castelo já estava sendo destruído de uma forma muito mais rápida... E pra mim estava acontecendo de grãozinho em grãozinho, digamos assim. Não sei se tô sendo clara... você pode perguntar de novo se você não entendeu... Enfim...

Túlio:_ Não... Está perfeito... Estou compreendo. Então, a pandemia ocupou um lugar primordial pra essa dissolução, tanto pra o término em si quanto pra experiência que você vem tendo pós-término...

Joana:_ Sim... com certeza. Eu acho que, assim... Talvez... não sei se as outras situações que você tá pegando na sua pesquisa de entrevistas trazem essa particularidade que eu trago, que, assim, acho que a pandemia foi determinante. Apesar de já existirem problemas antes, a pandemia foi determinante para o que eu estou vivendo... não só em relação em relação à experiência do término, como também pra minha experiência de

pós-termino. Não só em relação ao meu ex, mas também em relação a minha vida pessoal também. Porque não só o ocorreu o término por causa da pandemia, como também eu não estou vivendo o luto da forma como a nossa sociedade vivenciava esse luto de relacionamento antes da pandemia. Porque as pessoas terminavam e o que era orientado a elas? Era: "vá fazer coisas que você gosta, vá sair com seus amigos, vá aprender coisas novas, vá conhecer, tipo, existem outras pessoas legais no mundo, que você pode se reconstruir..." Mas eu não me dando a oportunidade de fazer essas outras coisas, então o processo de luto está sendo muito mais potencializado por esses fatores, porque... Apesar de hoje, já quase oito meses depois... apesar de hoje eu já ter uma visão mais ampla de que existem pessoas legais, apesar de eu estar mais aberta a conhecer pessoas, a conversar com pessoas, a me interessar por pessoas... eu estou mais aberta... Por outro lado, eu não tenho onde conhecer essas pessoas, eu não tenho pra onde ir, tá entendendo... Eu não tenho... Não tenho como conhecer... Então, meio que eu fico limitada àquilo dali... Então, de certa forma, tá muito potencializado esse luto...

Túlio:_ No caso, esse isolamento, essa experiência do isolamento em si é que tem potencializado esse sofrimento...

Joana:_ Sim. Com certeza. Felizmente, eu tenho Luiza Paula, que me acompanha, que tá me ajudando muito nesse processo, que tá tornando muito menos doloroso do que se eu estivesse sozinha enfrentando ele... Mas, assim, tá sendo bem lento... Tanto que hoje... hoje, não... que estamos com quase 7 meses, 8 meses, nem sei, de término... E, assim, ainda tá sendo muito difícil, justamente pelo fato de eu não tá saindo de casa. Felizmente, como eu ainda estudo pra concurso e ele não mais. Desde o término, eu não saía pra canto nenhum depois do término. Só que, mês passado, em Junho, eu fui selecionada pra uma prova de residência jurídica no Ministério Público do Rio Grande do Norte. Então, eu trabalho juntamente a uma promotora, é como se fosse um estágio de pós-graduação, mas, assim, minha função é quase que uma assessora da promotora... E aí felizmente eu tinha feito essa seleção e fui convocada e agora estou trabalhando... Eu vou duas vezes para a sede do Ministério Público... o trabalho é presencial e os outros dias eu fico em casa.... Então, felizmente agora eu tô dando uma saidinha, porém não tem nada a ver com lazer... éhhh... eu fico dentro de uma sala, no meu trabalho só existem mulheres... Então eu não tenho a oportunidade de conhecer outras pessoas, de interagir. Então, a situação continua sendo difícil. Agora eu acho que tá menos complicada pelo fato de eu tá tendo, digamos assim, essa responsabilidade que tira um pouco o foco, que se torna uma preocupação, uma demanda a mais, porém, não no sentido de tá me, assim, no aspecto amoroso não tá me ajudando muito nesse sentido.

Túlio:_ então, essa solidão, esse momento de solidão, a forma como você não está tendo a oportunidade de experimentar esse luto é que de um certo modo te coloca nessa sofrimento, é o que torna tudo ainda um pouco mais difícil. Talvez, se as coisas

estivessem normalizadas, se não houvesse o contexto da pandemia mais, você acha que você poderia tá vivendo de uma forma diferente... seria isso?

Joana:_ sim. Acho que sim. Acho que sim, porque, inicialmente, como eu tô lhe dizendo... éhhh... antes quando eu no meu relacionamento que eu via que as orientações pra quem tava vivendo um luto amoroso eram justamente essas que eu listei pra você aí. E agora que eu tô vivendo, as circunstâncias que eu estou vivendo não me permitem fazer aquilo que era orientado anteriormente pras pessoas que estavam vivendo um término de namoro e um relacionamento de uma forma geral. Então, éhhh... tá sendo... não tô podendo colocar em prática, não... Então, tá sendo muito mais limitador nesse sentido....

Túlio:_ Então, tudo isso aprendido previamente... tudo o que você olhou na Internet e aprendeu sobre o fim dos relacionamentos, isso não têm servido tanto...

Joana:_ É, não tem, não tem... pelo contexto que nós todos iniciamos na pandemia... Inicialmente, eu estava fechada pra possibilidade de conhecer pessoas novas porque eu tava... era aquela pessoa que estava ocupando aquele lugar na minha vida e que eu acreditava que seria eterno, como você bem falou no início da entrevista. Então, inicialmente eu não tinha... não vislumbrava ninguém ocupando o lugar dele logo depois do término. Mas agora, passados alguns meses, eu já vislumbro, já me mostro mais aberta pra conhecer pessoas, porém as circunstâncias não me permitem isso daí...

Túlio:_ Como era essa experiência de não vislumbrar uma pessoa que fosse chegar? Como era isso?

Joana:_ Eu acho que tá muito relacionado com a questão... não, você pode repetir a pergunta?

Túlio:_ Então, deixa eu fazer a pergunta melhor. Você tinha logo após o término, e naturalmente antes, a ideia de que ele seria o único...

Joana:_ Sim...

Túlio:_ Que ele seria insubstituível. Então, como foi, logo após o término, você continuar tendo esse pensamento? Tu consegue falar um pouco sobre isso?

Joana:_ Sim... Pera aí só um minuto, Túlio, porque o meu cachorrinho vai precisar entrar aqui no quarto de novo e eu vou desligar a câmera só um minuto, tá certo?

Túlio:_ Ok.

Joana:_ Podemos...

Túlio:_ Pronto. Então, eu vou repetir a pergunta. Você falou que tinha essa sensação de que ele seria insubstituível, né?

Joana:_ Sim. Com certeza.

Túlio:_ Como foi isso? Essa sensação... no que ela se transformou, de repente, após o término?

Joana:_ Eu vou contar pra você desde o começo. Eu acho que essa situação de colocar ele nesse pedestal, de colocar ele como insubstituível tem uma raiz muito mais profunda. Tem a ver com a questão da minha história, com a questão da autoestima, com a questão até familiar, com a visão mais ampla, com a questão familiar que eu ainda nem cheguei... Assim, trabalhei só superficialmente na terapia... mas sem encontrar o miolo mesmo da questão. Então, eu acredito que o fato de ele ter ficado nesse pedestal que eu coloquei, como alguém insubstituível, tem raiz mais profunda, relacionada desde a minha formação familiar, que repercutiu na minha autoestima e foi como um efeito dominó. Acredito que isso tudo tenha a ver. Mas também pelo fato de... acho que tem a ver também com a questão da monogamia... digamos assim... porque, por exemplo, foi um relacionamento que foi construído ao logo de quase oito anos em que eu pensava que eu iria casar com aquela pessoa. Então, acabou que eu não tinha olhares pra outras pessoas, não tinha perspectivas de me relacionar com outros homens. Então, acabou que eu... tipo... era ele... e não tinha como, assim, questionar, nem pensar em outra pessoa. Ao mesmo tempo, a minha rede de apoio era muito pequena. Então ele exercia um papel muito importante nessa questão da rede de apoio... Ele... eu acho que a nossa relação, o papel que ele ocupava na minha vida era muito mais que um relacionamento amoroso, que um... somente essa questão amorosa. Tinha essa questão também que ele me servia de suporte e segurança em muitas questões da minha vida, justamente pelo fato de essa minha rede de apoio ser pequena... somando ao fato também de que - quando eu falo da autoestima - ele foi meu primeiro namorado, meu primeiro tudo. Então, com ele eu vivi as primeiras experiências da minha vida... Então eu achava que ia ser aquele... o primeiro e o único... tá entendendo? Então, tudo isso contribuiu pra colocar... E também acho que tem a ver com a visão muito sonhadora minha também que eu tenho... que eu sou muito romântica, sou muito sonhadora, e que justamente pelo fato de ter sido meu primeiro namorado, meu primeiro tudo, ter sido também... ter esse papel que vai além de um relacionamento amoroso, eu acho que isso... como eu lhe disse, a minha personalidade de ser muito sonhadora... tudo isso contribuiu pra essa colocação dele nesse lugar que eu coloquei, nesse pedestal. E a retirada dele foi muito... desse lugar foi muito difícil, assim como está sendo ainda...

Túlio:_ você fala que era muito sonhadora... O que isso quer dizer?

Joana:_ sonhadora que falo é no sentido de eu ser pra mim... Assim, apesar de... eu dei meu primeiro beijo com 19 anos e isso é muito tarde para os parâmetros da nossa sociedade, e meu primeiro namorado foi com 21, que foi justamente ele. E, assim, eu sempre fui muito quieta, apesar de eu ser muito comunicativa... Muito... muito comunicativa

realmente... eu... sou muito fechada em determinados aspectos... e eu sempre fui muito quieta... parece até paradoxal, mas é isso mesmo. Se de um aspecto eu pareço muito comunicativa, eu interajo, tenho facilidade de me comunicar em público, pra certas questões eu sou muito quieta. Então, isso reflete na questão da minha... do meu relacionamento... como estou falando pra você, que eu dei o meu primeiro beijo com 19, meu primeiro relacionamento foi com 21. Minhas amigas começaram a... tipo, deram o primeiro beijo com 14, 15 anos, com 17 já estavam namorando... Enfim... Comigo o processo foi mais lento. Então eu acho que tem a ver com essa questão da minha personalidade e no sentido de que sempre, desde sempre, desde que me entendo por gente, eu sempre achei lindo tudo o que é romântico, tudo o que é de amor. Acho lindo casais que são unidos, acho lindo casais que são parceiros independentemente de questão física e estética. Pra mim, um relacionamento vai muito além da questão superficial que existe na nossa sociedade, de uma pelo à beleza, de um apelo estético muito grande. Eu sempre achei lindo casais que tenham uma sintonia, que tenham planos, que olham além, que planejam, que... enfim... a sintonia vai muito além da questão física... é uma sintonia, uma conexão mental. Então, isso daí sempre, desde que eu me entendo por gente, eu achei lindo tudo o que era romântico, tudo o que envolve relações em que existe parceria, em que existe cumplicidade, em que existe respeito. Então, eu sempre sonhei com isso, eu sempre sonhei em viver isso daí. E aí aconteceu de refletir no meu relacionamento... no meu único relacionamento que foi o que eu tive e que agora acabou. Então, desde que eu me entendo por gente que existe essa concepção internalizada em mim. Talvez, eu digo que tem a ver com a minha personalidade, mas quem disse que não tem a ver com a socialização feminina na nossa sociedade, que cria as meninas de uma forma diferente, justamente diferente de como ocorre a criação dos homens. Se de um lado as meninas são feitas pra relacionamentos amorosos, pra estarem dentro de uma relação e construírem família, os homens são criados de uma perspectiva diferente. Então, eu falo que isso tá inerente a mim, mas talvez esteja tão inerente a nossa sociedade, à socialização feminina, a essa criação feminina, que eu não consigo diferenciar do que é meu e do que é educado pra gente... não sei se estou sendo clara...

Túlio: _ entendo. Você fala como se, em certa medida, durante muito tempo, você depositou nessa pessoa muitas expectativas, até pelo fato de a sua rede de apoio ser um pouco restrita, né? Você fala um pouco dessa restrição pelo de você ser um pouco quieta, embora seja muito comunicativa. De modo que, assim, você tinha nele como se fosse um escape, né, você recorria muito a ele, depositou nele muitas esperanças e de repente isso se dissolve...

Joana: _ Sim...

Túlio: _ Talvez o sofrimento emerja daí. Você consegue ver assim?

Joana: _ Sim, com certeza. Com certeza! Eu coloquei muitas expectativas... Ele era uma segurança na minha vida, como eu tô dizendo a você e aí...

Túlio: _ Que tipo de segurança?

Joana: _ tudo foi por água abaixo... Segurança de, por exemplo, de logística, digamos assim, no sentido... não só de logística, mas também segurança no sentido de uma pessoa pra conversar comigo, pra desabafar, no sentido de que muitas vezes eu precisava me deslocar pra algum canto e eu não tinha como e ele me buscava, ele me deixava, ele me esperava com paciência. Segurança muitas vezes até financeira no sentido de que muitas... ele... assim... como eu falei pra você, em determinados... nós vivemos desde a época da faculdade até a aprovação no concurso dele. Eu não fui aprovada no concurso, mas esse ano eu comecei a trabalhar no programa da residência do Ministério Público... Agora eu recebo uma bolsa... Eu sou advogada... Antes de tudo, porque pra você poder se situar... Eu sou advogada, porém eu não exerci a minha profissão por causa da preparação pro concurso público. E aí, durante essa trajetória... Nós nos conhecemos na faculdade e passamos pra essa trajetória de concurso, de estudo pra concurso público juntos... Então em determinados momentos minha família passou por crises financeiras... eu não estava com dinheiro disponível porque apesar de eu ser advogada eu não exercia a minha profissão e quando eu exercia eram processos da minha família... então eu não recebia honorário, não recebia pagamento... Era sustentada pelos meus pais... Então eu não tinha renda... Não sei se tá dando pra entender... E, assim, pelo fato de eu estudar, eu não me focava em atrair clientes, em fazer propaganda procurando clientes. Mesmo eu sendo advogada eu não exercia e nem tinha propaganda e nem tinha procura que não fosse da minha família... E aí eu não recebia honorários, minha família passou por crises financeiras durante esse período... E em muitos momentos aconteceu de no final de semana, por exemplo, a gente sair ou então a gente ter vontade de fazer alguma coisa... E aí ele arcava com todas as despesas, tá entendendo? Pelo fato de a família dele ter um poder aquisitivo diferente da minha família. Então, em determinados momentos ele... a gente, por exemplo, a gente queria passar um final de semana juntos em algum lugar... e aí muitas vezes ele arcava inteiramente ou então ele arcava com a maior parte das despesas... Ou então a vontade de ir pra um restaurante mais caro e ele arcava com a maior parte das despesas em relação a isso, tá entendendo? Então, acredito que a segurança... é... não sei... espero que eu esteja me fazendo entender no sentido de que não era uma questão de interesse econômico em relação a isso. Não é! Pelo contrário! Quando nós nos conhecemos, eu era estagiária, ele também, os dois universitários... Foi no período que nós estávamos estudando pra concurso que minha família passou por crise financeira, e aí emergiu essa questão da segurança nesse aspecto também... Então ele era, assim como eu disse a você, era uma segurança que era além do relacionamento amoroso. Então era um apoio, na questão de ter com quem conversar, de ter com quem me abrir, de ter com quem... de ter, assim... quem me defendesse, digamos assim... por causa justamente dessa minha rede de apoio... eu me sentia meio que protegida quando eu estava com ele... Era uma segurança no sentido de que, tipo, com essa pessoa eu vou construir minha família, com essa pessoa vai dar certo, com essa pessoa eu vou ser feliz. Tinha essa questão financeira, tinha a questão de, assim, eu acho que era muito

amplo de que o lugar que eu coloquei ele, no sentido na posição que eu coloquei ele na minha vida.

Túlio:_ Então, assim, seria uma segurança emocional?

Joana:_ Com certeza!

Túlio:_ Uma segurança econômica, mas percebo que seja uma segurança emocional, tanto é que a desarticulação dessa percepção de segurança, dessa sensação de segurança, ela aparece ainda hoje, mesmo depois de alguns meses aí que esse término se estabeleceu.

Joana:_ Sim, com certeza! É tanto que hoje eu já... durante o nosso relacionamento eu me questionava quando eu lia na internet, eu me questionava eu via algumas publicações de psicólogos eu me questionava. Eu pensava: será que eu sou dependente emocional dele? E aí eu me questionava em relação a isso. Durante o processo da terapia isso nunca veio à tona, ao foco explicitamente, abertamente com essa denominação: independência emocional. Mas, hoje mesmo, enquanto eu estava fazendo algumas coisas me veio esse pensamento novamente. Será que eu sou dependente emocional dele? Será que existe pelo fato de existir algo além da questão amorosa, será que não é justamente uma dependência emocional, pelo sentido de ser uma segurança tão ampla a que eu tinha nele na minha vida?

Túlio:_ Então isso seria para além do amor, para além do sentimento que você sentia por ele?

Joana:_ Sim, não digo que... por exemplo, éhhh... não é além do sentimento, porque, acho que acredito que está dentro do sentimento mas não somente o sentimento amoroso, mas o sentimento de admiração naquela posição diferente, porque não era só um relacionamento, não era só um sentimento amoroso no sentido sexual, digamos assim, era muito além disso daí. Então é um sentimento, mas não é um sentimento unicamente amoroso, é um sentimento, digamos assim, que vai além, não sei dizer... Me corrija se eu não tiver falando certo, se eu não tiver falando direito, mas é porque é como se você visse para além do sentimento, mas não é além do sentimento, é dentro do sentimento. Pra mim é dentro do sentimento, éhhh... só que é um sentimento diferente enquanto muitas pessoas se relacionam, éhhh... somente com relação a essa questão de conexão amorosa, conexão sexual, nesse sentido apenas, pra mim, minha relação com ele ia muito além apenas disso. O que eu vejo nas minhas amigas é que elas se relacionam apenas por exemplo, cada um tem a sua vida, cada um tem suas rotinas e se encontram naquele momento pela questão amorosa, pela questão sexual, mas, no meu caso, não era somente aquilo. Da minha parte, a minha relação com ele era muito mais ampla do que aquilo dali. Eu não sei se eu tô me fazendo entender, porque como é um único momento, eu não consigo dizer pra você tudo que foi a história, destrinchar toda a história de quase oito anos. Então, talvez pra você possa parecer que eu estou falando besteira.

Túlio:_ Não,, o que é isso? De forma alguma! É muito pelo contrário tá certo? Não pense isso não. É, e tá sendo assim, tá sendo interessante ouvir, né? Uma perspectiva bem bacana, né, eh... e que tá sendo muito bacana muito significativo pra mim tá podendo compartilhar um pouco da sua experiência, tá certo? Mas eu fiquei curioso, eu fiquei curioso aqui, porque me parece que essa relação como você a vivenciava era algo que, como você falou, não tinha apenas uma conotação sexual, uma conotação física, material, tinha algo além, mas que constituía mesmo assim o teu sentimento, o teu sentimento era isso, era esse além. Seria... a ruptura dessa... seria a pancada nesse sentimento aí que talvez tenha te possibilitado a experiência desse sofrimento, desse luto?

Joana:_ Eu não sei se eu não entendi muito bem a sua pergunta, mas eu me lembrei agora, enquanto você falava, de uma coisa que eu falei já na minha sessão com a psicóloga, que é justamente pra tentar traduzir pra você o que ele representava na minha vida, que era além dessa questão sexual e amorosa, era que ele cuidava de mim, digamos assim, eu não sei se isso vai fazer com que você entenda melhor a questão, mas ele cuidava de mim. Então, apenas a gente não se encontrava apenas pra conversar besteira, pra comer uma comida gostosa, pra ir pro cinema, ou então pra se beijar ou coisa do tipo. Ele cuidava de mim. Então, eu sabia que se eu precisasse, por exemplo, que ele fosse me pegar, me deixar num canto, éhh... ele iria; sabia que, por exemplo, se a gente quisesse fazer alguma coisa e eu não tivesse dinheiro, ele pagaria pra gente ter aquele momento feliz. Éhh... sabia que, por exemplo, se eu tivesse algum problema, que eu precisasse desabafar, alguma coisa assim, eu sabia que ele iria me ouvir e que muitas vezes ele iria me defender de outras pessoas. Então, ele cuidava de mim. Então, era uma coisa muito além de um relacionamento amoroso, digamos assim, mais superficial ou mais focado na questão sexual, digamos assim. Ele cuidava de mim. Talvez eu tenha errado justamente por isso sabe? Às vezes eu penso se eu não coloquei ele numa posição paternal em relação a mim. Mas... não sei.

Túlio:_ Então assim, esse cuidar era como se fosse algo muito, é como você falou, paternal né, e aí o modo como você estabeleceu esse vínculo com ele, de repente foi paternal também.

Joana:_ Sim, talvez... também né, não somente nisso, mas talvez paternal, sim. No sentido de saber que tinha uma pessoa que cuidava de mim, que... é bem por aí mesmo. Até pelo fato de, como eu já falei pra você, dessa questão que eu acho que tudo isso tem raiz na questão familiar, na questão da minha relação familiar, então talvez faça sentido realmente isso.

Túlio:_ Entendo. Então, a partir do momento que você se viu sem ele, é como se você tivesse frente a frente com a sua fragilidade?

Joana:_ Exatamente. Exatamente! É saber que em determinadas situações que durante todos esses anos eu vivi com ele eu não vou contar mais. É justamente me colocar frente a

frente com minha fragilidade e saber que não é uma coisa passageira, digamos assim, que não é porque a gente brigou e eu não vou poder contar com ele, ou, então, não, é porque ele tá viajando que eu não vou poder contar com ele, ah, é porque ele tá ocupado, eu não vou poder contar com ele. Não é. É muito difícil lidar com essa minha fragilidade depois de tantos anos contando com aquela pessoa e agora está sozinha realmente.

Túlio: _ Então...

Joana: _ E principalmente, eu acho, pelo fato de ter uma rede de apoio pequena que faz com que aumente essa minha fragilidade.

Túlio: _ Então, é como se essa percepção de que não vai haver mais essa pessoa à qual você poderia recorrer nos momentos de fragilidade emocional, enfim... é isso que de algum modo te... descreve um pouco essa dor?

Joana: _ Sim, com certeza! Descreve! Associado também à questão dos planos que eu fiz com aquela pessoa né? Então, éhh... por exemplo, as pessoas pelo tempo de namoro que a gente tinha, quase oito anos, as pessoas pensavam: “_ah, quando é que vocês vão casar?” E aí, tipo: _quando passar num concurso! E aí as pessoas falavam, e... Pelo tempo, ele já se autodenominava meu noivo, não existia, eu não usava essa terminologia não. Mas, por exemplo, a gente fez uma... participou de uma rifa pra uma pessoa que tava precisando de dinheiro e tava ao mesmo tempo em tratamento de câncer, e aí pra se identificar, pra essa pessoa saber quem tinha feito a doação, que no caso era ele, ele botou que era noivo de Joana. E, assim, ele se colocava nessa posição, e só pelo término... Só pelo término, não. Ele se colocava nessa posição só pelo fato de termos um relacionamento longo, como também pela intenção de construir uma família, de casamento, então ele já denominava dessa forma. E aí a intenção... existia realmente essa intenção, que se concretizaria com a aprovação no concurso, existia um plano. Por exemplo, até pela questão da idade, muitas pessoas já vieram falar pra gente, por exemplo, que eu tava já na época de ter filhos, por causa da questão da minha idade biológica, que eu já tinha 29 anos, que já tava na época de ter filhos e tal, que o instinto materno, sei lá, não sei quê, iria aflorar e tava bom de acelerar esse processo, que já tava na época da gente casar e ter filhos... Então, tudo isso refletiu, tudo isso foi uma coisa que foi acumulada, que foi até postergada dizendo: não, o tempo tá passando, mas você tá com essa pessoa, mas vai dar certo, a gente vai fazer assim, vai fazer assado, tá entendendo? Então, existia até planos no sentido de vamos casar... Ele tinha dito, no ano passado, quando já estávamos na pandemia e já estava em processo de crise, digamos assim, ele já tinha falado pra o pai que ele ia casar comigo até o final deste ano, ele já tinha falado que, tipo, não ia esperar condições perfeitas pra que a gente se casasse justamente que ele iria querer casar até o final do ano, então que a gente até daqui a dois anos já estaria tendo filhos, justamente por essa questão da cobrança em relação à fertilidade, minha questão da idade, porque eu já tenho 29, vou fazer 30... Então, tudo isso era uma coisa que: “_ estamos vivendo tempos difíceis, mas

estaremos juntos, estamos fazendo planos pra concretizar, sem um termo final pra gente concretizar as coisas”. Então eu me vi sem nada disso. Então, eu tô vivendo uma pandemia, quando é que eu vou conhecer uma pessoa ? Quando é que eu vou conhecer uma pessoa que vai dar certo? Que vai haver a sintonia? Quando é que, havendo essa sintonia, a gente vai se casar? E quando é que eu vou... me casando, quando é que eu vou começar esse processo de construção da família? Então, quanto isso vai me custar? Então, tudo isso pesou e pesa muito, é uma coisa que até eu tenho evitado pensar muito. Tô mexendo, tô revirando isso agora aqui com você, que é muito delicado, realmente. É tanto que tenho... não, não... antes que eu pensava em ter filhos, que eu faria planos de ter filhos, de datas pra ter filhos, de questão justamente de eu ter 29, quase 30 anos e tal, hoje em dia nem penso nisso. É uma das coisas que eu falo nas minhas sessões de terapia, que eu não me dou o direito de pensar numa coisa que é tão incerta, tão improvável, que só vai me trazer tristeza pensar nisso, então eu acabo que nem penso muito.

Túlio: _ Éhhh... esses ideais né de felicidade, o casamento, a constituição da família, tudo isso eu percebo que tem atravessado teu discurso, né, e que de algum modo, né, faziam parte dessa relação, isso tava bem significativo e bem amadurecido, inclusive, né?

Joana: _ Sim.

Túlio: _ E, de repente, você se vê sem isso.

Joana: _ Sim. Acho que, assim, a pessoa começando a namorar, é natural que não haja, não ocorram esses planos de imediato. Então, numa primeira fase de um relacionamento, você ainda vai tá conhecendo aquela pessoa, ainda vai tá havendo o processo de justamente conhecer, ver até onde vai a sintonia, a comunhão de planos, de ideais de vida. No momento inicial, éhhh... você não tá pensando nisso. Assim como quando eu conheci ele, no momento inicial eu não tava pensando nisso, mas o tempo passou e quase oito anos é natural que você já tenha esse planejamento em relação à família, a casamento, a filhos, né? Por isso que aconteceu, então, obviamente que no início não acontece, mas com oito anos é natural que ocorresse, não é verdade? Então, isso faz parte, sim, do meu discurso, isso faz parte das minhas feridas, isso faz parte de tudo.

Túlio: _ É um conjunto, né, é um conjunto de coisas, né? A gente... a gente, obviamente, que a gente não pode definir um sofrimento a partir de uma perspectiva apenas, né, são um conjunto de perspectivas que vão se adensando... Desculpa! Tá escutando um barulho? É a vizinha aqui, que eu tô no apartamento, mas é a vizinha, desculpa.

Joana: _ Criança, né?

Túlio: _ é, criança [risos]. Então, assim, é um conjunto, né, é um conjunto de fatores, um conjunto de perspectivas, assim, que vão se adensando e que, de algum modo, falam desse sofrimento seu. Mas, para além dessa questão dos planos que vocês faziam que é

perceptível o quanto isso era... éhhh... é, assim, marcante na tua vida com ele, né? Você consegue falar de algo mais que foi marcante, né? Eu percebo que você depositou muitas esperanças nele.

Joana: _ Sim, sim, total, total, total. Éhhh... acho que, assim, eu não tenho como dizer o que existe além de marcante. Eu acho que, assim, tudo que eu falei fala por si, a questão do tempo de relacionamento, dos planos, dos sonhos, de ter colocado ele nessa posição, de achar que... durante muito tempo ter achado que, tipo, não ia precisar mais conhecer outras pessoas, não precisaria mais passar pelo processo de conhecer alguém, paquerar com alguém, de não sei o quê. Então, acho que não tem algo marcante, mais marcante do que os planos que nós tivemos ao longo de quase oito anos de relacionamento. Então... de viagens, de arrumar a casa, de como seria a nossa casa, das viagens que a gente faria, de tudo, assim. Então os planos... éhhh... justamente, hoje em dia pra mim é muito difícil de lidar justamente com a não concretização dos planos que nós fizemos juntos, e, assim, o tempo que eu demandei, o tempo de energia que eu demandei em prol desse relacionamento. Hoje em dia eu me culpo muito no sentido de que eu queria ter tido alguma intuição, ter tido alguma informaçãozinha lá no passado que me mostrasse que a gente chegaria aqui e que tudo andaria pra trás. Eu queria ter tomado conhecimento disso em algum momento da minha vida, pra que eu não tivesse passando por esse momento que eu tô passando hoje. Se eu tivesse tido oportunidade de ter conhecimento de que a gente não chegaria onde a gente planejou, eu não teria levado adiante esse relacionamento. Eu já falei isso na minha sessão de terapia, eu falo isso pra minha mãe, eu falo isso pra minha irmã. Se eu soubesse que seria assim eu não teria vindo até aqui, porque me demandou muita energia, me demandou muita coisa, me valeu muita coisa, me valeu muitas lágrimas também, porque como eu disse pra você no início, eu não sei se você lembra, mas, assim, nós tínhamos problemas em relação à família dele. Então, ele vem de uma dinâmica familiar que não é muito saudável. Então, éhhh... apesar dele ter a mesma idade que eu, inclusive amanhã é o aniversário dele, então eu tô um pouco mexida também em relação a isso, éhhhh... então apesar dele ter, vai fazer 29 anos amanhã, eu sou 4 meses mais velha do que ele, que apesar disso a dinâmica familiar dele não jogou ele pro mundo, digamos assim. Ele, apesar de ter essa idade biológica, ele não é um homem no sentido literal da palavra, no sentido de tão um adulto, tá entendendo? Então, na questão de... os pais, a família dele não soltou ele pro mundo, então ele é muito apegado. Então eu acredito, eu responsabilizo muito os problemas que nós tivemos pela criação, isso já foi, inclusive, debate nas sessões de terapia justamente pela dinâmica familiar não saudável que ele tá inserido. Então, a família dele vê ele como uma criança, e ele tá muito preso àquilo. Então, acho que isso até dificultou ele a tomar decisões mais maduras no nosso relacionamento. Então, eu tenho amigas que, por causa da pandemia, em relacionamentos longos, elas utilizaram esse momento de pandemia com seus namorados, noivos e companheiros, a favor. Então, fizeram do limão uma limonada. Foi a oportunidade que, tipo: já que temos relacionamentos longos, vamos morar juntos de qualquer jeito. Vai ser, tipo, pode começar sem estrutura, mas o importante é estarmos juntos, já que a situação exige distanciamento. Então, vamos se juntar. E ele

em nenhum momento pensou nisso daí. Então, eu responsabilizo muito a família dele por causa disso. Porque eu conheço, tenho propriedade pra falar... Isso se fortaleceu com as reflexões que eu fiz nas sessões de terapia. Então eu responsabilizo muito a família dele por tudo que... assim... eu estou vivendo também... Então existe mágoa... eu tenho mágoa da família dele, porque eu acho que a dinâmica lá não é saudável nem preparou ele pra ir como um adulto, como um homem... então existem muitas falhas nisso daí também...

Túlio:_ então, assim, se você tivesse percebido há um tempo atrás, especificamente no início, que não seria pra sempre, você não teria ido adiante?

Joana:_ não. Não teria, não teria, por tudo o que tô passando... Sabe, Túlio? Eu me responsabilizo muito pelo que eu tô vivendo, como estou lhe dizendo. Inicialmente, eu estava totalmente fechada pra conhecer pessoas novas, eu não vislumbrava nada, nada, nada... tipo, não tinha interesse em ninguém, era um lixo. E aí, hoje em dia, eu já me coloco mais aberta pra conhecer pessoas... para, tipo, pensar: "não, existem pessoas interessantes no mundo, existem pessoas legais no mundo, eu tenho que estar aberta a conhecer, tal, vai dar certo..." E, enfim, hoje eu já tenho essa percepção, inicialmente eu não tinha. Mas, por tudo o que eu já passei eu não posso negar, mesmo eu estando hoje numa... num momento mais aberto, digamos assim, eu não deixo de me culpar pelo fato de ter passado oito anos e ter chegado onde eu cheguei sem ter concretizado esses planos que são tão importantes pra mim, tá entendendo? Que é justamente essa questão de construir uma família, de ter filhos, de realizar sonhos... Então, eu me culpo muito. Se eu tivesse realmente conhecimento de que não daria certo, que não iria me levar a lugares maiores, no sentido de... lugares que eu falo, não materiais, mas no aspecto planos, de realização de sonhos, de concretização de planos, mesmo, não materiais... Se eu tivesse conhecimento eu não teria levado adiante, porque eu me culpo pelo fato de ter 29 anos, de tá caminhando pros 30, de ver minhas amigas estarem nos seus relacionamentos sólidos, avançando, noivando, casando, morando junto, e eu ainda estar pra... voltar pra estaca zero, eu tô voltando pra quando eu tinha 21 anos, tá entendendo? E numa situação muito diferente, porque quando eu tinha 21 anos que eu conhecia ele, eu podia sair, eu podia conhecer pessoas, e agora eu não posso, eu tô dentro de casa, é uma situação totalmente diferente... Eu me culpo muito... Se eu soubesse que ia ser assim, eu não teria chegado aonde eu cheguei com o peso de ter 29 anos, numa sobrecarga que a sociedade coloca na gente... E, assim, o peso do sofrimento também, de ter construído planos com uma pessoa e ter sido descartada, porque a forma como ele acabou também foi muito difícil... foi pelo WhatsApp... Então é muito complicada...

Túlio:_ Entendo... Assim... São várias coisas, a gente poderia passar, de fato, horas conversando. Mas eu penso que a título de entrevista, a título desse momento, desse recorte da tua vida, acho que a gente pode parar por aqui... Eu me dou por satisfeito nesse momento, a não ser que você queira falar alguma coisa que seja importante pra você. Enfim, eu reafirmo meu agradecimento, mais uma vez pra você. Foi um prazer

imenso tá aqui... É muito importante essa pesquisa... E eu ouvi um pouco da sua história com muito respeito, com muito apreço, com muito zelo, então pode ter certeza que um pedacinho da sua história vai ser tratado nas minhas reflexões com muito respeito, com muito apreço, com muito zelo... E estou desejoso pra que a sua travessia se dê de maneira cada vez mais construtiva, de maneira cada vez mais... que você possa encontrar vida, cada vez mais vida nesse seu caminho, tá certo? Que do sofrimento você possa extrair sentidos novos pra sua vida...

Joana:_ Tá certo. Eu agradeço também a oportunidade de falar com você. Espero ter contribuído. No começo eu fiquei um pouco nervosa, assim, digamos... Porque eu acho que eu tava muito preocupada com a gravação. Então, acho que, de certa forma, eu queria ser formal, mas acho que a situação não exige, não permite formalidades, porque a gente tá falando de sentimentos... Quando a gente fala de sentimentos a gente precisa respeitar o que tá dentro e a forma como sai, então... acho que ao longo das perguntas foi fluindo com mais naturalidade... E realmente bastante naturalidade, porque eu fui conversando com você como se eu tivesse conversando com um amigo... ou então mesmo como se eu estivesse numa sessão de terapia com meu psicólogo que me acompanha já desde sempre, já me conhece... Então foi uma coisa que fluiu realmente e eu pude falar... Infelizmente, assim, foi apenas um recorte porque não é possível eu contar todos os detalhes do começo, a minha história, também o começo do namoro. Então, foram pequenos recortes que foram feitos, mas eu espero ter podido ajudar, ter contribuído pra sua pesquisa... Me coloco à disposição para outras entrevistas que sejam necessárias pra falar mais... E é isso aí... estou à disposição e pode contar comigo.

Túlio:_ Maravilha, eu fico muito feliz de ter tido essa oportunidade. Obrigado pela sua receptividade, tá certo, pela sua disponibilidade... Realmente não é fácil de si mesmo, falar de um momento tão... marcante... na sua vida... Me sinto honrado de tá podendo ouvir e dividir um pouco com você. E aí, eu vou mandar pra você, pro seu e-mail o TCLE. Se você puder fazer aquilo por mim...

Joana:_ tá, de imprimir e assinar, é isso, e mandar pra você?

Túlio:_ isso, imprimir, assinar, escanear e mandar pra mim, se for possível. Não tem tanta pressa, não...

Joana:_ tem prazo?

Túlio:_ não tem tanta pressa, não, que eu não vou depositar agora. Quando você puder fazer, com calma, você faz, né? Porque, infelizmente, a gente não pôde realizar a pesquisa presencialmente, né?

Joana:_ é. E talvez se você tivesse realizado presencialmente, talvez eu não tivesse participado, porque eu tô falando daqui de Natal, né? Então, talvez eu não tivesse tido a oportunidade de participar.

Túlio:_ pois é. Mas, enfim, deu tudo certo, como deveria ter dado.

Joana:_ é verdade.

Túlio:_ então, obrigado. Muito obrigado. E, assim, não se preocupe, né, você... eu percebi que você formalizou, né... Deixa eu só parar aqui a gravação, rapidinho...

Joana:_ sim...

Fim da Entrevista.

ENTREVISTA INDIVIDUAL COM MARIA

Túlio: ...então, vamos dar agora início à entrevista propriamente dita. Então, Maria, como tem sido pra você a experiência do fim do seu relacionamento?

Maria: _então... éhh... bom, a gente já vinha falando um pouco disso, mesmo antes de terminar eu já vinha falando com ela sobre algumas questões que eu tinha no meu antigo relacionamento. E aí eu tô entendendo e acolhendo esses sentimentos, tipo, não tentando ignorar. Mas, no início é meio desesperador, sabe? E eu já passei por outras relações, já namorei 4 anos uma pessoa e terminei e fiquei, tipo, 2 anos de luto. Foi, assim, um dos piores lutos que eu tive e aí eu namorei com Clarice 2 anos e 8 meses, e aí a gente terminou agora recentemente, tá com um mês, eu acho. E aí, a princípio foi aquilo, né, choro, choro, choro, desespero, tentando ligar, tipo... eu ligava pra ela, ela atendia, às vezes, não, às vezes, sim. Mas eu também entendo... a última vez que a gente se falou tá com 4 dias e aí ela pediu pra eu respeitar o espaço, sabe, que ela precisava, e aí, a partir do momento que ela falou que eu não tô respeitando... ela não falou, mas quando ela pediu que precisava de um espaço, eu entendi que eu não estava respeitando. Então, acho que isso pra mim foi uma virada de chave pra parar de entrar em contato, sabe? Por mais que eu ainda a ame, ainda sinta muito fresco na minha memória e tudo o mais, a gente tinha uma rotina e durante a pandemia... uma rotina, mesmo, de casal e tudo o mais, às vezes ela vinha na minha casa, muito pouco eu ia na dela, porque a mãe dela contra, tipo, a minha família é mais receptiva, eles sabem de mim e tudo o mais... Eles sabem e, tipo, aceita... assim, né, aceita em termos, por partes, mas nunca trataram ela mal e tudo o mais, a minha tia fica perguntando dela – eu moro com a minha tia – e minha tia pergunta: “_E Clarice, e aí?” Teve um dia que eu cheguei pra minha tia e falei e fui sincera, tipo: “tia, não quero mais que você pergunte sobre Clarice, porque a gente terminou. E tá tudo bem, só não me pergunte mais dela, porque eu não quero comentar sobre ela, sabe?” E quando eu falo... eu tô falando dela pros meus amigos, tudo, tipo, eles perguntam ou eu comento alguma coisa, e Clarice é muito *low profile*, sabe, então, tipo, eu não tenho como saber da vida dela, porque ela não posta nada, o que ela tem é um perfil profissional no LinkedIn, sabe? Ela é psicóloga também. E isso éhh... Acho ela muito profissional, assim, sabe, tipo, eu não tenho que falar mal dela, porque enquanto a gente namorava, ela sempre me tratou muito bem, foi, tipo, uma das relações mais saudáveis que eu tive, eu acho, e ainda assim foi problemática, mas acho que toda relação tem seu problema, sei lá. E, assim, falar dela agora dá vontade de ligar pra ela, sabe? Mas... é aquilo, tipo, eu preciso respeitar o espaço dela.

Túlio: _tu falou assim de uma espécie de desespero. Tu conseguiria falar melhor, descrever melhor esse sentimento?

Maria: _ eu acho que é quando você tem uma rotina e ela é cortada, sabe? É tipo, sei lá, parece que alguém vai morrer, sei lá. A perspectiva do olhar pra essa relação é diferente, parece, tipo, eu preciso falar pra ela todo dia que eu amo ela, que eu tenho

medo de acontecer alguma coisa com ela, mas acaba sendo que é mais desespero por conta que a gente para de dar bom dia, a gente para de dar, sei lá, boa noite, a gente para de saber como é que tá o dia a dia dela. Então, esse desespero é, tipo, o que é que ela tá fazendo, sabe? Com quem ela tá, se tá saindo com outras pessoas, e se ela tá melhor que eu também, se é uma questão de... eu acho meio errado, sabe, mas também é inevitável, então eu só deixo meio que acontecer. Não tô me... não tô me cobrando também, mas isso já é uma questão de terapia, tipo... já é de sessões, então... Eu acho que já fui muito cobrada por mim mesmo, sabe, de... não sei.. de me sentir errada na relação, porque a gente já tinha terminado uma vez e meio que a culpa foi minha, sabe, de eu ter flertado com outra pessoa e ter machucado ela pela primeira vez, e dessa vez a gente ter terminado por... na por terceiros, sabe, foi apenas uma vez, eu acho que desgastou. Eu acho que a pandemia machucou a gente também, atravessou a gente também de várias formas, sabe? Eu perdi pessoas queridas, ela perdeu pessoas próximas também. Então a gente tava atravessando isso e eu até cheguei a comentar com Débora que a única coisa que tava funcionando na minha vida era o meu relacionamento. Até que duas sessões depois eu, tipo, não tava mais, sabe? Débora falou, tipo: “_você lembra quando você me falou aquilo”? Eu só respirei e comecei a rir, porque é muito... muito frágil, tipo, você acha que tá no controle e não tá, sabe? Tipo, eu, ah, mas... eu não tenho certeza se eu queria voltar com ela agora, sabe? E eu tô saindo com outras pessoas, então, tipo, tem muitas coisas na minha cabeça agora, sabe? Eu não sei se seria saudável... assim, eu tenho certeza que não seria porque se ela soubesse que eu tô saindo com outras pessoas, ela ia sumir mais ainda, sabe? Eu já não sei nada sobre a vida dela há 4 meses, eu saberia menos. E eu tenho todo esse cuidado, uma responsabilidade emocional comigo, com ela, não apareço em locais públicos com ninguém, até porque a gente ainda tá na pandemia e, tipo, nessa questão eu me cuido bastante, sabe? Então, eu não vou em bares, não vou... eu não saio, a não ser meus amigos, que eu vejo todo dia, que trabalho com meus amigos, eu sou arquiteta, a gente é sócio. Eu sou sócia de mais dois amigos homens. Então, tipo, é nós três e cada um com seus namorados, então, tipo, é uma roda de amigos que a gente vê quase todo dia. Agora, bar, restaurante, essas coisas, a gente não vai. Então acho que vai ser difícil a gente se esbarrar, eu e ela, eventualmente, apesar que Rio Branco é pequeno, mas, como a gente tá em pandemia e ela e eu nos cuidamos, sabe, então eu acho que a gente não vai se esbarrar por aí tão rápido assim. A cidade é pequena e as pessoas falam muito, sabe, então, eventualmente alguma hora ela vai saber. E eu também da vida dela, então... eu tô só esperando a porrada que ela vai... só na sei quando.

Túlio:_ entendo. Você falou, assim, da interrupção, né, de uma rotina, e você caracterizou seu desespero, descreveu seu desespero como tendo sido muito por conta dessa interrupção, né? O que, necessariamente, significa, qual o sentido que você dá a interrupção da rotina? Como é essa interrupção? O que foi que, assim, aconteceu?

Maria:_ eu acho que é, tipo... eu não sei, acho que é como você tá viciado em alguma coisa, sabe, e você parar aquela coisa de uma vez. Eu já tive experiências assim com drogas e, tipo, eu parei de uma vez e eu sofri, sabe, uns tempos. Então, não sei, é como se

fosse um vício, mesmo, e aí você corta esse vício aí, tipo, no outro dia tava tudo bem. E aí já no outro dia não tava, sabe, tipo... eu comecei a sentir falta, parecia que tava faltando algo e tava faltando algo, porque durante quase 3 anos a gente tinha costume de acordar, já ter mensagem, dormir, já ter mensagem. Éhh... sei lá, ela tá minha casa no final de semana, almoçando com minha família, então essa falta, esse desespero é muito pela memória, sabe, do que a gente teve ehh... não sei se acabou 100%, mas é um desespero de interrupção de rotina, mesmo, e da necessidade acho que momentânea de... às vezes eu pego meu celular e vejo... eu já apaguei nossos [inaudível 10:04], as nossas conversas, mas eu pego meu celular, digito o nome dela, só pra ver se ela tá on-line, e, tipo... só isso, sabe? Se ela tiver on-line, eu já me sinto melhor, de saber que ela tá viva, sabe, alguma coisa assim do tipo. Mas, fim de relacionamento é sempre ruim, mas acho que esse não é o meu pior fim de relacionamento, não tá sendo, mas... cada um, cada um. Eu espero que isso passe, que eu consiga estar preparada quando eu ver ela com outra pessoa também e que eu não machuque ela mais, sabe? Eu tenho muito cuidado, porque Clarice é muito... Clarice é muito responsável, eu acho. E eu acho que eu não fui com ela, sabe? Eu acho que eu já machuquei muito ela, então, o que eu puder evitar pra não acontecer isso, eu vou fazer, sabe?

Túlio: _ estou percebendo uma multidão de afetos na sua fala. Você fala de uma falta, que falta algo pra você hoje e depois você fala de uma culpa. Tu consegue falar um pouco mais desses... desses afetos?

Maria: _ é, como foi, tipo... a gente terminou uma vez e foi porque eu comecei a me interessar por outra menina, no início do nosso namoro, sabe? E aí a gente acabou interrompendo, eu fiquei com essa menina durante 3 meses, e aí depois eu comecei a sentir falta... durante eu também já sentia falta de Clarice, sabe, do jeito dela. Ela era muito cuidadosa comigo desde sempre, sabe, então, tipo, a forma como ela me tratava me fazia falta, então... eu tratei isso na terapia também, de, tipo, uma necessidade de segurança que não sei muito bem de onde vem, não sei se é só do ser humano, sabe, mas eu sinto muita falta dos cuidados e da atenção que ela, de, tipo, eu dava um oi e no mesmo minuto ela me respondia. E aí, depois que ela terminou, esse desespero veio também porque, eu mandava mensagem, ela não me respondia, eu ligava e ela não atendia... Tipo, é diferente, sabe? E você fica: meu Deus! É mais real, tudo é mais concreto, tipo, tudo terminou mesmo. E a apesar de ter terminado mesmo, só que aí as coisas vão se tornando mais reais, eu acho, com o tempo. Tipo, agora, apesar de tá sentindo falta dela, eu sei que eu não vou ligar, não vou pegar meu celular e discar o número dela, porque... não sei, vai perdendo um pouco de sentido, também, com o tempo, sabe? O desespero vai ficando menos, a rotina já tá mudando, já tá mudada, na verdade, então eu tento não ser evasiva com ela, sabe? Apesar de sentir falta, apesar de sentir saudade, de abraçar ela e conversar besteira pelo [inaudível 13:33] ou assistir uma série juntas que a gente gostava, mas a rotina já mudou, sabe, então eu tô tentando não sentir falta, eu acho, mas isso já foi mais... como é que eu posso falar... Eu já forcei mais, agora tá menos, já tá ficando meio que normal. Não normal, normal, mas já tá ficando outra rotina sem eu me esforçar tanto. Acho que a partir de algum momento eu

só vou acordar e vai, tipo, tá tudo bem, sabe? Eu boto muita fé nisso, inclusive, tô torcendo por esse momento. E ainda dói, e eu ainda sinto falta. Se ela aparecer agora na minha porta, eu vou... minha cabeça vai, tipo... dar tilte. Mas eu sei também que tem outras questões e que não é só saudade, porque eu não quero mais machucar ela e que eu não sei se eu sou a melhor pessoa pra tá com ela agora, essas coisas. Então, assim, tipo, é uma forma de cuidar dela também, eu acho, eu estando longe, sabe? Tanto que ela me pediu pra... tipo... ela pediu pra eu tá bem. Ela falou, tipo: “_eu preciso que você fique bem e eu preciso que você me respeite um pouco nesse nosso término, porque eu tô precisando ficar um pouco só”. E aí, sabe, tipo... ok, sabe? Eu entendo. A minha necessidade humana não entende, porque quer tá com ela, sabendo dela e eu me sinto um pouco egoísta, tipo, querendo ligar pra ela, sabe, porque eu sei que eu não vou tá respeitando o espaço dela. Mas, ao mesmo tempo tá, tipo... amenizando, então acho que é só questão de tempo, mesmo. Eu acho que vai amenizar mais, vai ser tudo bem, sabe, encontrar ela e... é uma pessoa que eu amo, eu não vou deixar de amar ela e nem ter carinho nem nada, porque eu tenho certeza de que isso é pra sempre, sabe? Mas que... acho que a necessidade de estar juntas como casal e namoradas vai amenizando com o tempo.

Túlio:_então você presente que esse sentimento que talvez hoje seja de um desespero, ele vai se transmutar?

Maria:_ sim, total! Né, tipo... como eu te falei, eu já passei por um luto de 2 anos. Esse foi pesado. Se você me pegasse nessa época, aí você ia ter uma dissertação boa, aí. Mas eu acho que a... como essa pancada já foi tão forte a primeira vez que eu terminei com essa outra pessoa, e era o meu primeiro relacionamento sério, sabe, durou 4 anos. Eu acho que... também tem a questão da idade também, eu era muito nova, então eu sofri mais dramaticamente, eu acho. E hoje eu tô sofrendo mais racionalmente, sabe? Apesar de ter o desespero, eu me sinto no controle nesse momento. Mas não é sempre. É tanto que eu ligava pra ela quando batia esse desespero. Então, é, tipo... eu ficava o dia inteiro pensando: eu não vou ligar, não vou ligar, não vou ligar. Eu chegava do trabalho na minha casa, deitava na minha cama e aí, tipo, eu nem pensava, eu só pegava o meu celular e ligava. E aí aconteceu de ela não me atender mais. E aí, tipo... ok, sabe? Eu só sentia o desespero e lidava com ele.

Túlio:_ me chamou a atenção uma expressão que você utilizou, falou que: ‘hoje sofre racionalmente’. Como seria isso?

Maria:_eu acho é, tipo... porque da outra vez eu era descontrolada, tipo, eu ia... a outra pessoa se chamava Cecília. Eu ia na casa de Cecília sem ela querer que eu estivesse lá, eu ia na faculdade atrás de Cecília, ia nos lugares onde Cecília estava pra falar com ela, pra tentar uma conversa e, tipo, dessa vez... eu trabalho quase do lado do trabalho da Clarice e apesar de passar pela minha cabeça de, tipo: poxa, eu podia passar lá, ver ela, nem que seja de longe. Eu não vou, não vou fazer isso, sabe, porque eu sei que ela não quer tá comigo agora, não quer conversar comigo agora. Então eu acho que é uma

questão de amadurecimento também, de... como pessoa, né, e terapia, porque haja terapia! Tipo... e vivências também, então, é uma coisa que eu acho que a gente começa a entender melhor. Eu não sei se isso é pra todo mundo e eu não sei se a intensidade das pessoas é diferente também, mas da minha experiência é, tipo, bate o desespero, eu sei onde ela mora, eu sei onde achar ela, eu sei o horário que ela tá no trabalho, eu usei o horário que eu poderia falar com ela, mas eu não vou. Eu não vou porque eu sei que ela não quer. Então, é, tipo... eu acho que eu tô respeitando, sabe, da forma que eu posso. Então, pra mim isso é ser racional, sabe, ou é só [inaudível 19:17]

Túlio: _você fala... me parece que essa experiência de enlutamento que você atravessou anteriormente te possibilitou uma maturação e aí você consegue se relacionar de uma forma diferente com a perda, com essa perda nova. Seria isso?

Maria: _acho que sim. Acho que, tipo, não tem como anular as nossas vivências, né? É, tipo, se já aconteceu alguma coisa e aquela coisa foi tão ruim... e, tipo, eu não privava meus sentimentos com a Clarice, de, tipo, de amar intensamente, de viver intensamente naquele momento e pra mim, tipo... achava que a gente ia casar, sabe? E eu não tô com ninguém, eu não estaria com ninguém pensando: ah, quando terminar, vai ser de tal jeito. Eu não consigo ser assim também. Então, tipo, eu tava com ela achando que a gente ia casar e tudo bem. E a partir do momento que eu perco esse controle, sabe disso tudo, bate o desespero e é, tipo, essa certeza [inaudível 20:36] e aí já é outro aprendizado, tipo, cara, não é assim. Eu não tô no controle de nada, de absolutamente nada. E as mínimas coisas que eu posso controlar, talvez, é, tipo, não desrespeitando mais ela. Se ela pediu que eu ficasse... que eu a respeitasse, pra mim o maior problema é ser invasiva com qualquer pessoa, sabe, eu não gosto. Então, ia fazer muitos dias que eu não falava tanto dela com uma pessoa... tá escutando?

Túlio: _ tô escutando.

Maria: _e aí... é isso! Tipo, não sei, acho que é amadurecimento, mesmo, de vivências, de... eu vou fazer 30 anos, então, tipo, eu sinto falta, eu me desespero, às vezes, eu choro. Eu não costumo beber, tipo, mas nesses tempos eu tenho bebido um pouco e qualquer bebidinha me deixa bêbada [21:44], qualquer copo de cerveja que eu bebo, então... eu tenho bebido um pouco, eu acho... o meu luto tá sendo... a princípio foi muito começar a fazer exercício físico, tipo, de manhã, antes de ir pro trabalho e quando chegava do trabalho. Eu tô mantendo isso, tipo, não acho ruim, mas eu parti logo pra fazer alguma coisa pra gastar energia, pra... sei lá, sabe, escapar da minha cabeça, porque [inaudível 22:16], então, eu acho que é... a minha primeira reação foi, tipo, eu preciso fazer alguma coisa pra sair daqui, tipo... E, aí, logo que a gente terminou, eu fiz... durante uma semana só, várias coisas que eu tava procrastinando, sabe, durante 2 anos, 1 ano. Então, tipo, assim que a gente terminou, sei lá, eu fui comprar roupa, eu fiquei mais com [inaudível 22:44], eu comecei a malhar de um jeito que, tipo, eu não sabia nem que eu conseguia andar tanto de bicicleta, que, tipo, eu tenho bicicleta, eu gosto de andar de bicicleta, mas eu tenho andado mais quilômetros, sabe? Éhh... sei lá, eu fiz

uma depilação que eu nunca tinha feito, que eu tinha vergonha; eu comprei uma passagem pra visitar... porque eu sou de Londrina, mas eu vim pra morar no Acre muito cedo, então, tipo, eu já comprei uma passagem pra visitar meus familiares de Londrina. Eu fiz várias coisas, sabe, e eu não sei se isso foi pra preencher o meu desespero ou se foi coisas que eu queria mesmo e, tipo, eu deixava em segundo plano, sabe? Mas nesse momento tá me fazendo muito bem os exercícios físicos, ontem eu tava com outra pessoa, porque eu voltei a sair com Cecília, que é essa menina dos 4 anos que eu namorei e que eu fiquei 2 anos sofrendo, e aí eu voltei a sair com Cecília, agora, e eu tava com ela e foi, tipo, maravilhoso, mas às vezes eu pensava em Clarice, sabe? E acho que isso vai ser normal até um tempo. Eu tô achando que seja problemática agora, até porque foi um término recente, mas às vezes eu penso... eu tô com alguém, eu penso nela e acho que pra mim tá tudo bem, sabe, por enquanto. Não sei se isso agora vai me interferir em alguma coisa, mas, por enquanto eu tô... eu acho...

Túlio:_ Maria? Maria? Desculpa... eu acho que...

Continuação...

Túlio:_ então... a gente teve uma intercorrência, uma pequena intercorrência. A gente vai tentar continuar. Você falou que você tinha um plano de se casar com ela, você tinha, naturalmente, vários planos e aí, de repente, a possibilidade desses planos desaba, né, desmorona?

Maria:_ sim.

Túlio:_ e como foi isso? Ter tudo no controle, né, aparentemente, e, de repente isso, tudo desabar...

Maria:_ pois, tipo, foi meio tudo que... acho que quando tudo deixa de ser um sonho, sabe, tipo, a partir do momento que você sonha com algo e aí isso escapa da sua mão, acho que você meio que volta pra uma realidade mais real. Não sei se é entendível isso, mas, tipo, as coisas ficam mais reais, sabe? Então, tipo... é você entender, tipo... acabou isso, eu não tenho mais isso que era o casamento e uma casa junto com ela, sabe? A gente juntava dinheiro pra comprar as coisas juntas, então, ok, sabe? É tipo dá pra organizar a cabeça e colocar as coisas no lugar e começar a partir dali, sabe? Mas até começar a partir dali de forma racional, é esse o desespero, sabe? É tipo: meu Deus! Meu deus! Acabou! E aí gritar, sabe, pra... não sei... Eu acho que é basicamente isso, é tipo deixar de sonhar e voltar pra realidade, sabe? Uma realidade onde essa pessoa não vai mais participar de sua vida, não como antes, sabe, diariamente e nem como sua parceira de vida. Então, é outro momento, já, de seguir outro rumo, sabe?

Túlio:_ você falou, assim, que ela não vai mais participar como antes. Ela participaria de algum outra forma gora?

Maria:_ acho que na minha memória, basicamente. Ela participaria de coisas que me lembrariam ela, sabe? Tipo, eu ver alguma coisa que eu sei que ela gostava muito e eu acho que isso é um tipo de participação, sabe, a memória. E eu respeito muito a nossa história e, tipo, eu não... eu jamais falaria mal dela pra alguém ou escutaria alguém falar mal dela pra mim, porque não dá, sabe? Clarice é muito... é tipo, além dessa história de nós duas. E eu... aí pega, tipo, porque... sabe... de tá com alguém e você sentir orgulho da pessoa, sabe, tipo, e eu sinto muito orgulho dela. Não deixou de existir, sabe? E eu não deixei de amar, de parar de ter orgulho dela como pessoa. Então, seria impossível alguém chegar pra mim e falar mal dela, eu não ia deixar. Então, acho que a participação dela agora na minha vida é a lembrança, sabe, do que foi, do que já aconteceu, essas coisas.

Túlio:_ entendo. Então, isso, de alguma forma, né, o que poderia ter sido, o que foi, né? Me parece que sempre vai ser real, né, sempre vai ter um lugar na tua existência.

Maria:_ sim. É, tipo, não sei se é um problema, mas eu... é óbvio que ela vai ter sempre um lugar na minha vida. A gente compartilhou uma vida 3 anos juntas, então, eu não sou dessas pessoas... eu não sou um HD, sabe, que eu consigo deletar alguma coisa, apagar da lixeira, assim, então, tipo, aconteceu coisas e vai, tipo, aquela coisa, sabe, existia uma Maria antes, uma durante e agora eu tô descobrindo uma depois. E eu acho que tá tudo bem, realmente. Tá tudo bem. As coisas mudam e é constante. Eu acho que a mudança é constante, então é só esperar a nova versão agora e eu tô ansiosa, tipo, tô gostando também. Eu poderia tá gostando junto com ela, queria tá junto, mas não tá, então tá tudo bem. Eu tô tentando seguir a vida.

Túlio:_ assim, existe um impositivo pra que a gente possa seguir, né. A vida, de fato, ela vai chamando a gente pra poder corresponder a ela de alguma outra forma. Você falou muito e isso me chamou muito a atenção, é o fato de você pensar que tava no controle da situação, e ainda hoje, de uma certa forma, você às vezes pensa, né, que tá no controle, mas uma realidade acontece e você vê que não tá no controle. E aí você pensava que tinha o controle desses planos, desses sonhos. Então, seria esse teu desespero?

Maria:_ sim!

Túlio:_ vê que você não tá no controle...

Maria:_ sim, sim, porque eu acho que, tipo, eu sou uma pessoa ansiosa, sabe? Eu entrei na terapia por conta de ansiedade e não por conta de relacionamento. E como a vida mudando e tudo mais, as coisas vão mudando. Então, ter o controle das coisas é meio que um ciclo vicioso na mente do ansioso, eu acho. Então, pra mim, é, tipo, quando isso saiu do controle, e quando eu perdi alguém que me cuidava tanto: emocionalmente, ela tinha cuidados da minha saúde, também, mental, sabe. Eu comecei a fazer terapia, a princípio, também, por conta, do tipo, conversas que a gente

tinha. Tem coisas aqui na minha frente que são dela, sabe, que eu preciso devolver. Então, acho que é isso, quando você perde o controle de qualquer coisa, você se desespera um pouco. Então, agora, como tá passando, tem... eu tô saindo com outras pessoas, tô fazendo [inaudível 07:39], tô tentando... tô tentando, sabe, parar de estar desesperada. Eu acho que, tipo, eu já tô conseguindo mais do que no início. Acho que a tendência é melhorar, espero.

Túlio:_ éhhh, mas melhorar... você espera chegar em que estágio, né? Porque você fala que precisa melhorar, né, desse sofrimento. Então, você imagina que vai ser como, quando você melhorar?

Maria:_ eu acho que vai ser quando eu conseguir ver ela e não doer, sabe? Quando eu conseguir saber que ela tá com outra pessoa e isso não me machucar. E eu sei que isso leva um tempo, sabe? Eu sei que, tipo, por mais que eu mentalize na minha cabeça que quando eu a ver com outra pessoa, eu preciso ficar bem, eu sei que eu vou ficar mal. Então, é uma coisa muito da vida, lances da vida [risos]. Mas acho que acontece, também, então, tipo, da mesma forma que eu tenho visto outras pessoas, possivelmente ela tá vendo outras pessoas, então, é só esperar acalmar isso. E eu espero melhorar dessa forma, de, tipo, não sofrer mais com alguma coisa, do tipo, se eu ver ela com alguém, se eu ver que ela, sei lá, vai mudar de cidade, eu espero que isso me atravessasse como se fosse no início.

Túlio:_ e como se você esperasse que essa experiência, ela deixasse de ser um sofrimento pra ser alguma outra coisa, pra ser alguma... pra encontrar uma resposta diferente na tua vida.

Maria:_ com certeza! Tipo, eu não espero sofrer sempre, eu não espero me machucar sempre com o fim desse término. E eu sei que não vai ser sempre, por questões do tipo, eu posso me apaixonar amanhã por outra pessoa e ver ela... e ver, tipo, Clarice como uma coisa boa, que já aconteceu. Mas, nesse momento, ainda tá acontecendo, sabe? Tipo, então, ela ainda é uma coisa boa que tá acontecendo, mesmo que a gente tenha terminado. Ainda tá muito fresco na minha memória, então... eu acho que com o tempo vai amenizando e eu não desejo nada além do melhor pra mim. Tipo, eu sei que uma hora vai passar, então eu tô só aguardando esse momento, sabe? O momento que as coisas abaxem, que dá aquela calma e aí você sabe que tem essa pessoa que você ama muito, que essa pessoa tá com outra pessoa e que tuuudo bem, sabe? Pelo menos pra mim, sim, tipo, eu só ficar em paz e ficar bem, tipo... não é que eu não me sinta em paz, mas eu sei que se eu ver ela hoje com alguém, eu vou me despedaçar, sabe? E aí, isso me dá um pouco de desespero ainda. Então, eu tenho evitado saber... até porque na é difícil, eu te falei que ela é, tipo, 100% off, então é difícil chegar algum coisa, alguma notícia dela pra mim. Então eu evito... eu conheço... meus amigos trabalham com ela, alguns, eu não pergunto. E eles também têm esse entendimento de chegar pra mim e não falar também. Então, acho que eu tô seguindo o que eu consigo seguir nesse momento pra mim, eu tô trabalhando com o meu melhor nesse momento.

Túlio: _tu fala que se ver ela com outra pessoa, tu vai se despedaçar. Como é que... o que necessariamente você tá querendo dizer com isso? Como seria isso?

Maria: _ vai doer! É, tipo, vai doer! É tipo, [inaudível 12:02] que doeu ou que não doeu, mas é muito de você... aquele sentimento de possessão, sabe? Tipo: nossa, era eu ali alguns meses atrás! E é diferente! Eu acho que vai ser diferente. Vai ser estranho, vai ser dolorido, mas acho que também é normal. Eu acho que tudo bem eu me sentir despedaçada naquele momento. E se por ventura acontecer, sabe? Eu nem tenho certeza. Então, tipo, é mais uma vez eu mexendo no ansioso, de, tipo, às vezes eu me maltrato sem acontecer, sabe? Geralmente, isso é bem normal...

Túlio: _ seria essa a parte que falta?

Maria: _o quê?

Túlio: _esse olhar, né, eventualmente, ela com outra pessoa. No caso, você vai ter uma consciência, você vai ter uma real percepção dessa parte. Você falou dessa parte que falta, né, que tá faltando alguma coisa. E aí eu tô tentando compreender um pouco, né, que seria parte...

Maria: _eu costumo falar aos meus amigos, que, tipo, a gente tem algumas fases depois do fim de um relacionamento. É, tipo, a gente terminou. Eu e ela terminamos bem. É, tipo, a gente precisa terminar, porque, ah, é tipo... o nosso sexo já não tava mais o mesmo, o nosso beijo já não tava mais o mesmo, eu tava sendo ignorante em algumas coisinhas, os detalhes, você vai parando de prestar atenção nos detalhes e aí isso acaba a relação, sabe? E aí, quando a gente sentou pra conversar sobre nosso término, a gente falou, tipo, dessas coisas, sabe? Tipo: “da última vez que a gente transou, a gente não se olhou, da última vez que a gente foi pra tal canto, você me tratou dessa forma e eu não gostei”. E aí, tipo, as coisinhas vão se juntando, sabe, e aí você entende que naquele momento você precisa se afastar daquela pessoa, sabe, terminar. E aí as fases, tipo, você termina, sofre e aí sofre essa vez e aí depois, tipo, você vê essa pessoa com outra pessoa. Então, tipo, são duas vezes que você sofre bastante: é quando você termina e quando você vê ela com outra pessoa. Aí depois e só, tipo, ladeira pra cima, sabe? Então, tipo, eu acho que se depois se eu ver ela com alguém, eu acho que esse luto vai deixar de ser um luto, sabe? Vai ser muito de, tipo, éhhh... respirar, entender as coisas, o que tá acontecendo naquele momento, o que vai vir a acontecer e, tipo, tá tudo bem, eu não posso obrigar ninguém a tá comigo.

Túlio: _ e como se ver ela com outra pessoa fosse um marco zero, né, pra que...

Maria: _ sim!

Túlio:_ ... esse luto, ele não fosse mais um sofrimento, se transformasse em alguma outra coisa, que talvez você não saiba dizer, mas, necessariamente, que é agora, né isso?

Maria:_ sim, sim! Eu acho que eu não tô torcendo pra ver ela com ninguém, eu ainda penso nela como namorada, tipo, então, não gostaria de ver ela com ninguém, assim como eu sei que ela não gostaria de me ver com ninguém, mas, se, por ventura, vir a acontecer, vai ser outra história, tipo: vamo lá, sabe? Vai doer? Vai, mas ninguém morre de amor, né, dizem. Mas vamo ver como é que vai ser. Não estou ansiosa por esse momento, mas vamo ver como é que ai ser [risos], acho que vai acontecer.

Túlio:_ pois é, naturalmente, o fluxo das coisas, elas vão dando a possibilidade de experimentar coisas novas, né?

Maria:_ sim.

Túlio:_e aí, me parece que é o que você mais deseja, experimentar coisas novas, experiências novas...momentos novos, assim, não só apenas com outras pessoas, mas...

Maria:_ sim!

Túlio:_ ...momentos novos, assim, não só apenas com outras pessoas, mas consigo mesma. Seria isso?

Maria:_eu acho que isso era meio que uma acomodação minha, sabe? Tudo o que eu tô fazendo agora eu poderia muito bem tá fazendo com ela. Só que, tipo, não era prioridade. Eu não sei por que não era prioridade. Mas depois que terminou, eu vi a necessidade de tá... de fazer aquilo, tipo, de fazer exercício físico, apesar de que é uma necessidade pra todo mundo, mas eu fui atrás, sabe, tipo, eu tô lá. Mesmo que eu acorde não querendo levantar da minha cama, eu vou levantar, eu sei que eu preciso levantar. Então, é tipo isso. Eu sei que se eu ver ela com outra pessoa, eu sei que eu vou sofrer, mas sei que eu preciso seguir, sabe? Eu não tenho outra opção de não seguir, não tem como. Inclusive, às vezes eu tô racional, às vezes, não. Então, às vezes eu tô, tipo, ah, foda-se! Foda-se! Às vezes eu tô com raiva dela, sabe, e ela não fez nada. E aí eu sinto raiva, porque, tipo, tem duas coisinhas também que ela vacilou, sabe? E aí eu fico me culpando pelo fim do relacionamento, mas já deixou de ser uma culpa, sabe? Já passou a ser uma coisa natural mais. E aí, às vezes eu tô com raiva, às vezes eu tô triste ou em paz, de certa forma, às vezes eu não penso. Então, eu acho que pra um fim de um relacionamento, de zero a dez, eu tô em seis e meio, me analisando, assim, de fora, porque eu ainda mandava mensagem, eu ainda ligava. Eu ainda, de certa forma, até hoje... eu acho que talvez, talvez, muito talvez a gente volte. Então, não sei, sabe? Mas a ideia de voltar com ela tá ficando mais distante, porque eu tô me aproximando de outra pessoa. E, tipo, ontem foi legal, sabe? Foi bem legal. E aí, acho que a vida vai seguindo. Não sei como é que tá pra ela agora, mas pra mim tá ok, sabe? Não tá bom, mas não tá ruim.

Túlio: _é como se fosse um paradoxo, né? Você, assim, esses inúmeros sentimentos, né, esses inúmeros afetos que você tá me comunicando agora, eles se sobrepõem, uns sobre os outros, se misturam e aí é como se você quisesse, mas, ao mesmo tempo não queresse...

Maria: _sim, sim, sim.. ah, esse tipo... esse pensamento rola muito, de, tipo, eu quero, mas eu me sinto um pouco egoísta, sabe? Tipo, eu quero tá com ela, mas eu não quero que ela esteja com outras pessoas, mas, ao mesmo tempo, eu quero ter essa liberdade de fazer minhas coisas só, quando me der na telha, sabe? E aí chegou o momento, tipo, mais pro final, agora, que ela já tinha deixado de sair um pouco comigo e meus amigos. Mas ela também começou a fazer coisas que ela não fazia, tipo, ela começou a ver mais os amigos dela, porque, tipo, a gente terminou, mas a gente conversava dia, sim, dia, não, por exemplo. Pouco, mas conversava, sabe? “_E aí, como é que você tá? O que você tá fazendo? Como é que foi ontem?” E aí, o pouco que eu sei ainda é que ela viu mais os amigos dela esses tempos e só. Não sei mais de nada, desde quando a gente terminou, sabe? Então, eu acho que quanto menos eu souber, melhor pra mim também. Então, assim, eu não vou atrás, é, tipo, eu chuto o balde... Eu já fui atrás, porque eu ligava pra ela, mas... eu tô tentando, sabe, é o que eu tô falando, tipo, eu tô tentando trabalhar com o que eu tenho agora, sabe? Então, é isso que eu tô fazendo, basicamente.

Túlio: _ você caminha... assim, eu queria entender um pouco mais. Você tá caminhando pra um momento novo. Você acha que esse... o fato de você ver um dia essa pessoa com outra e estar tudo bem, como você fala, usa essa expressão. O que é que vai ser esse momento? Porque me parece que você caminha rumo a esse momento, de que o luto não seja mais um luto, né, você disse isso, se transforme em alguma outra coisa e que talvez não tenha nome pra você. Mas, tu consegue, embora isso não esteja tão bem elaborado, mas tu consegue falar um pouco desse momento, dessa experiência, de como é que tu imagina isso.

Maria: _eu consigo falar, tipo, eu imagino, mesmo, porque, tipo... eu imagino que é isso, tipo, se a partir do momento que eu a ver com alguém vai doer, que talvez eu vá até, se for pessoalmente, eu chegue até ela e fale... tipo... que eu exija alguma coisa dela, sabe, que eu não posso, eu espero que eu não faça isso... por favor, Maria, tipo, não faça isso... Mas... eu espero que eu não faça isso, mas acho que o sentimento vai ser disso, sabe, tipo: me dá alguma explicação do que tá acontecendo! Eu acho que o meu sentimento vai ser esse, mas o que eu vou fazer com isso, aí eu não sei ainda. Eu não sei se eu vou falar com ela, se eu vou cumprimentar, se eu vou chorar, se eu vou sair do canto, de onde ela estiver. Mas é muito característico meu, tipo, se eu a ver com alguém, possivelmente eu não querer mais estar naquele ambiente, tipo... se eu estiver num restaurante e ele estiver com alguém, provavelmente eu vá sair, sabe, sem olhar pra trás, literalmente. Mas que quando eu chegar em casa eu vá chorar e vá doer e que no outro dia eu vou tentar ficar bem, é isso o que eu imagino. Agora, o que vai ser eu não. Mas o que eu imagino, eu imagino dessa forma.

Túlio:_ talvez essa pergunta seja muito pretensiosa da minha parte, né, você imaginar como vai ser, e talvez eu não tenha elaborado ela bem...

Maria:_ sim!

Túlio:_ então, assim, deixa ver se eu consigo te elaborar melhor a pergunta... porque parece que você tem um desejo que esse momento, esse sofrimento, ele um dia se converta em alguma outra coisa, não é? Talvez, numa percepção mais aclarada de que essa pessoa já não faz mais parte da tua vida. Mas, ao mesmo tempo, em outra parte da entrevista, você fala que essa pessoa, de uma certa forma, ela sempre vai fazer parte da tua vida. Então, é como se fosse um paradoxo, né?

Maria:_ sim!

Túlio:_pode falar!

Maria:_ sim, eu entendo... Éhhh... entendo, é tipo, como eu falei, eu não vou deixar de amar ela, sabe? Então, independente de 1 mês ou 10 anos, eu sei que eu vou ter ela na minha cabeça. Então, é complicado eu falar que ela não vai mais participar da minha vida. Ela não vai mais participar fisicamente, mas na minha cabeça eu sei que ela vai tá. E, tipo, em algum momento, eu, sei lá, lá da Itália, eu vou lembrar dela de alguma forma, sabe? Se eu ver alguma coisinha aqui, que me lembrava ela, sei lá. Então eu acho que o participar não é estar na relação com ela e tocar nela fisicamente, sabe, mas ela vai participar de alguma forma na minha memória. Então, acho que... tipo, ah, tudo bem, se ela participar da minha memória e não me machucar, sabe? E tá tudo bem ela me machucar agora como memória, porque eu sei que tá recente, então... eu tô só não me cobrando, sabe, pra estar bem, eu não finjo estar bem pra ninguém, eu não saio desesperada na rede social, postando que eu tô solteira, sabe, porque, quando você... tipo, eu sou ativa nas redes sociais, sabe, tipo de estar postando stories, vou no Twitter, eu gosto de Instagram, eu gosto de Pinterest e tudo o mais. Então, eu acho que quando um recém-solteiro, ele é muito visível nas redes sociais. Quando ela emana um caso, assim, de, tipo, me notem, estou solteira e tudo mais, e aí eu tô evitando isso máximo, sabe? Então, tipo, ao invés de extrapolar isso, eu meio que parei de postar as coisas, sabe? Então, eu tô muito na minha, porque as coisas que eu demonstro, tipo, se eu tô infeliz, se eu tô feliz, e pessoalmente, com meus amigos, sabe? Então, pra eles eu não faço questão de dizer que eu: ah, putz, eu chorei; ah, hoje eu tô mal. Então, pras pessoas que eu sei que me conhecem, eu mostro, sabe, minha vulnerabilidade, agora pras demais pessoas, tipo, pra esse mundo da internet, eu parei, tipo, não tô, tipo, nessa vibe de, tipo, postar, postar, postar e, tipo, ai, meu Deus eu tô solteira. Essa não é minha vibe, mas... Interessante, antes mesmo da gente terminar, algumas pessoas, quando eu contei, falaram: “_nossa, eu imaginei que tivesse alguma coisa errada, porque tu parou de postar foto com ela”. E, realmente, tipo... postava stories com ela, sabem, mesmo que ela não tivesse rede social, mas ela tava nas minhas redes sociais. E

aí eu tinha parado de postar foto com ela, eu tinha parado de gravar ela, que eu gostava de gravar. Mas foi uma coisa que aconteceu, sabe? E não foi intencionalmente, mas foi acabando a relação de um certa forma, acho que foi isso, aí, acabou.

Túlio:_ vai acabando... foi acabando pouco a pouco, né?

Maria:_isso, eu...

Túlio:_mas é como se fosse de repente...

Maria:_sim!

Túlio:_ quando acaba, não é?

Maria:_ Éhh... mas eu acho que, tipo, dessa vez não foi tão de repente, sabe? Como eu te falei, quando a gente parou pra conversar e terminar, cada uma pontuou as coisinhas, sabe? E a gente tentou muito não machucar uma a outra com palavras, sabe, tipo: você deixou de fazer aquilo, você deixou de fazer isso. Foi muito, tipo: sabe aquele dia? Não foi legal. E aí foi somatizando outras coisas, e aí foi somatizando pra ela, e a gente tem... Em outro momento, a gente se encontrou pessoalmente, depois de terminar, conversamos de novo sobre isso, e aí ela entendeu outras coisas que eu não tinha entendido ainda sobre como eu estava, porque, aí, tipo, eu acho que as coisas começaram a desandar depois que morreu uma pessoa muito querida pra mim, sabe, na pandemia, de, tipo, eu não conseguir me reconectar com ninguém. Então... isso faz uns seis meses, cinco meses, mais ou menos, por aí, e aí eu fiquei mal, tipo, e, aparentemente, não tinha nada a ver com ela, mas era minha cabeça, sabe? Eu comecei a... eu tomo remédio pra depressão e ansiedade, então, tipo, as coisas pioraram um pouco, sabe? E esse luto foi maior, eu acho, começou... as coisas ficaram meio superficiais pra mim, eu acho, de, tipo... ah, eu fiquei mais estressada com facilidade, sabe? Então... coisas bobas me afetavam mais, então, acho que foi tudo somatizando, mesmo, e aí terminou, sabe? E é tanto que quando a gente terminou eu falei: dessa vez não é por terceira pessoa, é nós duas. A gente tá terminando por nós duas. E naquele momento a gente concordou que era melhor pra nós duas, sabe? Então, tipo, o melhor era a gente ficar solteira naquele momento e a gente ainda permanece. Então, eu acho que nesse momento a gente tá trabalhando pro nosso melhor, ambas as partes também.

Túlio:_ então, éhh... vocês... você, no caso, consegue respeitar esse momento, trabalhando com o seu melhor, dando o seu melhor...

Maria:_ sim!

Túlio:_ então, isso é uma forma de respeitar o sofrimento, acolher esse sofrimento, né, que existe?

Maria: _ sim, mas já me senti perdida, tipo, uma duas semanas atrás eu fiquei completamente perdida, assim. Chegou num momento que eu... tem um bar aqui na cidade que você só entra se tiver carteirinha de vacinação. Então, tipo, eu fui pra esse local, né, e aí chegou lá e tinha umas quatro meninas que eu tava conversando, sabe, e aí chegou o momento que, tipo, eu me vi cercada por elas, e aí: meu Deus, o que é que tô fazendo da minha vida? E ai, eu parei... aí parei de conversar com qualquer pessoa, sabe? Eu meio que sumi, foquei no trabalho, terminei uns projetos que eu tava, tipo, eu tava botando a culpa no meu luto por não ter terminado esses projetos... Projetos que eu falo é projeto, mesmo, de arquitetura. E aí, eu peguei pra outro rumo, sabe, tipo: partiu, fazer exercício físico e trabalhar e focar em outras coisas. E aí, agora, tipo, eu me sinto tranquila, sabe? Mas naquele momento minha cabeça ficou muito cheia, ficou muito pesada, eu acordava mal, e aí batia o desespero de ligar pra Clarice, porque eu sabia que era uma pessoa que eu sei que é uma pessoa, de certa forma, que é muito mais racional, sabe, assim, do que as pessoas que tavam ao meu redor naquele momento, porque acho dela... é isso, eu tenho orgulho dela, é uma pessoa que tem o seu melhor, que coloca as palavras corretas, que sabe se posicionar, e que é uma pessoa que me conhece também, e que às vezes já me viu perdida e me acolhia. Então, naquele momento que eu me senti perdida, eu queria correr pra ela, sabe? Só que é aquilo, tipo, ela... eu não quero que outra pessoa me reconstrua, sabe? E aí, eu sabia que eu não tinha mais ela, eu fui atrás de fazer sozinha. E acho que consegui, sabe, tô conseguindo. Hoje eu tô mais calma.

Túlio: _pouco a pouco, né?

Maria: _ pouco a pouco, com certeza! Tipo, eu não consigo... é tipo isso, as pessoas esperam, acho que... da gente... Por exemplo, eu tô conversando com Cecília, tô saindo com Cecília e Cecília os meus amigos já conheciam, Cecília é uma pessoa também muito boa comigo, muito carinhosa e tudo o mais, mas as pessoas esperam que eu esqueça da Clarice de uma noite pro dia, sabe? E eu não consigo esquecer assim. E, tipo, eu deixo bem claro pros meus amigos e pra Cecília que, tipo, eu tô num término, eu tô passando por alguma coisa, então não espere que esteja aqui 100% ainda, porque eu não tô, eu tô me recuperando.

Túlio: _ ok, acho que a gente chega aqui no final da nossa entrevista. Foi muito bom tá aqui com você...

Maria: _aham...

Túlio: _vou dar uma pausa aqui, tá, na gravação...

Fim da Entrevista.

ENTREVISTA INDIVIDUAL COM BERNARDO

Túlio:_ mais uma vez bom dia, Bernardo. Estamos começando aqui na entrevista. Então, como tem sido pra você a experiência do fim do seu relacionamento?

Bernardo:_ atualmente, éhhh... não é mais uma experiência dolorosa, né? Já faz um certo tempo que o relacionamento terminou, mas teve um fato interessante e esse relacionamento terminou no curso de uma pandemia. Foi ainda no ano passado, mais ou menos, e aí eu acho que, de certa forma, tanto foi mais intenso como mais difícil de encerrá-lo. Porque, com a experiência do confinamento, muita coisa terminou ganhando uma proporção muito maior com relação aos afetos, com relação ao fim. E por essa razão eu entendi que foi um fim de relacionamento mais doloroso do que me acostumei experimentar.

Túlio:_ mas em quê tu acha que esse... que a pandemia contribuiu para que esse fim fosse mais doloroso?

Bernardo:_ Eu acho que pela questão do confinamento, pela impossibilidade, da deslocamento... éhhh... disso de alguma forma contribuir para o afastamento das pessoas. Ehhh... eu acredito que, juntamente a isso, essa impossibilidade... essa comunicação a distância, está também a solidão, né, que a gente passa a experimentar também com mais intensidade num momento como esse. Porque eu acho que quando rompe um relacionamento cada um tende a experimentar um pouco mais isoladamente todas suas emoções, desvinculado desse outro parceiro, ex parceira. E a própria solidão termina sendo um sentimento muito presente. E nesse caso, eu diria, inflamado pela pandemia, com o isolamento, né?

Túlio:_ Você consegue, Bernardo, falar um pouco mais dessa solidão?

Bernardo:_ Eu diria que a solidão passou a ser um sentimento, talvez, mais frequente, mais presente com a questão do isolamento, nesses últimos dias, mas solidão, de alguma maneira, todo mundo sente, a gente sempre sente sozinho ou com o outro. A gente tem a nossa intimidade, a gente não é 100% conectado ao outro ou a gente não se relaciona de maneira... há sempre um muro que nos preserva na intimidade. Mas eu acho que quando a gente passa por uma experiência de um fim de relacionamento num período de isolamento, isso tende a ser mais especificado.

Túlio:_ entendo. Então, você percebe que o que intensificou esse sofrimento, o que de alguma forma desdobrou esse sofrimento pra você foi esse sentimento de solidão que até aquele momento não estava sendo bem compreendido. Foi isso?

Bernardo:_ Eu acho que o fim do relacionamento terminou sendo mais difícil do que outras experiências que eu tive já na vida devido à questão de... da pandemia nos impedir de

retomar a vida de uma forma mais natural. Exigir o sujeito no isolamento. Enfim, eu acho que foi uma experiência diferenciada nesse sentido. Porque a gente não... habitualmente, a gente sai de uma relação e passa por um período solitário, enfim, até desfazer daquela relação. Mas, ao mesmo tempo, você vai se direcionamento na vida, ao mesmo tempo você toca sua vida, ao mesmo tempo você se permite conhecer outras pessoas, se permite conhecer outros ambientes. E com a questão do impedimento ao deslocamento, tudo isso fez com que fosse mais intenso esse fim de relacionamento e que essa sensação de solidão se fizesse presente de uma forma mais intensa. Então, eu não acho que, de certa forma, a solidão causou o fim do relacionamento, sabe? Mas, com o fim do relacionamento, eu acho que isso ganhou lugar de uma forma diferenciada, digamos assim, haja vista a atualidade do momento... do nosso momento.

Túlio: _ Tu consegue me dizer, éhh... então, assim, como que essa solidão foi ganhando lugar? Eu sei que existe a questão do isolamento, que é natural dentro do contexto da pandemia. Essa impossibilidade de encontrar, de sair, pra dar curso a sua vida... Mas, como é que a solidão foi ganhando lugar na sua vida para além desse contexto do isolamento, que é normal no contexto da pandemia? Tu conseguiria me dizer? Eu fui claro com a pergunta?

Bernardo: _ ahhh... eu acho que... Voltando ao tema da pandemia, do isolamento, se tornou um... estou com medo de ser redundante, de ficar me repetindo, mas aí você me diz alguma coisa...

Túlio: _ pode ficar à vontade...

Bernardo: _ Eu acho que a pandemia ou o isolamento, tudo isso, deu lugar com mais intensidade a coisas que a gente já tinha com a gente, já vivia, para melhor ou para pior. Então, eu diria que ganhou lugar uma solidão no meu caso, com relação ao fim do relacionamento, nunca experimentada antes. Mas aí eu tenho o recurso da análise, eu faço terapia, essa coisas todas, vai me dando o tratamento... Mas eu acho que é interessante essa pergunta, de pensando nessa questão a nível de uma pesquisa, porque quantas pessoas tiveram oportunidade de tratar o seu fim do seu relacionamento durante uma pandemia? Então, assim, eu acho que tudo isso que a gente no contexto do isolamento, ele ganha uma proporção muito maior... mas... Eu não saberia te dizer de outra forma. Eu acho que a solidão que experimentei com o fim do relacionamento tá contextualizada com esse período, porque de outras experiências que eu tive me recordo de ser mais fácil, de alguma forma tocar a vida, voltar a fazer novos laços, a partir da circulação social. Uma vez impossibilitada, torna mais difícil... Foi um relacionamento de pouco tempo, dois anos, mas um ano eu vivi morando com a pessoa, então isso redimensiona, eu acho, a experiência, o relacionamento se torna mais intenso, torna até mesmo uma coisa mais séria. Mas, com o fim acho que foi sofrido por isso. Eu diria a você que foi mais sofrido por isso. Justamente por eu não poder tocar a vida de uma forma... como eu sabia fazer antes. Tive que me virar entre quatro paredes de uma casa, digamos assim...

Túlio:_ Então foi nesse momento que você foi entrando em contato com essas questões que talvez estivessem mal resolvidas pra você e essa experiência de solidão te possibilitou encontrar com essas questões que foram naturalmente se desdobrando. Foi isso?

Bernardo:_ Exatamente! Exatamente! É algo mais nesse sentido, mesmo. Tornou-se uma experiência de aprendizado, crescimento, também inédita pra mim. Porque eu falo pra você... eu acho que hoje está perto de fazer um ano que o relacionamento acabou. Então, nesse período de um ano, onde eu vivi de um tudo de sentimento, eu tive a oportunidade de avançar em questões para além do fim do relacionamento. Eu tive a oportunidade de me conhecer melhor. E de dar um tratamento aos impasses que faziam parte do meu relacionamento, como uma oportunidade de crescimento. Ao mesmo tempo que foi sofrido demais, eu diria que me fez avançar demais sobre algumas questões, porque não tinha muita chance de você fugir de você, não teve muita chance de eu fugir de mim mesmo com a questão da circulação social comprometida, impossibilitada... Me foi levado a encarar certas coisas que de outra forma poderiam ser evitadas... Sei lá, um fim de relacionamento que você prefere não falar sobre porque você vai tocar sua vida, conhecer outras pessoas, vai, enfim, levar as suas atividades normais... Eu acho que quando é possível você fazer isso, torna-se uma forma de você se defender dessas questões. E como eu não tinha esses recursos de socializar, de deixar pra lá, então eu tive que encarar todas as questões, todas as perdas e isso me fez avançar consideravelmente. De maneira que tanto foi ruim quanto foi bom... Tanto foi ruim a experiência do fim do relacionamento dentro de uma pandemia como foi bom, porque me fez encarar coisas que... ou eu encarava eu parava, sabe? Então, eu falo pra você hoje de condição muito apaziguada com relação a isso, porque já teve dia que eu tava muito mal. Mas eu já falo de um lugar... tanto é que eu tomei fazer a pesquisa, porque eu falo de um momento meu subjetivo muito apaziguado com relação a esse passado com essa pessoa por quem eu tenho um enorme carinho... porque foi bastante doloroso. Mas hoje, no período de um ano, eu digo a você que eu tenho dei a volta... dei voltas e voltas por cima dessa história toda de maneira a falar com muita tranquilidade. E isso eu acho muito interessante, porque eu acho que só foi possível eu avançar tanto porque eu não tive escapatória. Foi preciso encarar essa dor, a dor do fim, a dor da solidão, a dor do isolamento, de tudo junto. Foi o que me fez de maneira acelerada, eu diria, evoluir no processo de luto, eu diria.

Túlio:_ Você consegue falar sobre esse crescimento? No que necessariamente você acha que... compreende que cresceu?

Bernardo:_ Eu acho que foi uma possibilidade... foi uma oportunidade de se conhecer melhor... Entender os espaços de cada um dentro de um relacionamento amoroso, mas também não só dentro de um relacionamento amoroso... Foi uma experiência de autoconhecimento que eu acho que experimentei, que alcancei, através desse luto, inédita pra mim. Porque acho que me faltou antes desse relacionamento essa noção de individualidade, de respeitar a individualidade também de si e do outro.

Relacionamentos são muitos simbióticos, são relacionamentos complicados... E eu acho, eu vou falar mais uma vez no tema da pandemia, porque eu vivi o relacionamento também no interior da pandemia. Então, assim, eu passei basicamente um ano com a pessoa dentro da casa dela, vivendo a vida como todo mundo tava vivendo, adaptado ao momento. Sem se deslocar, sem ter esses momentos individuais com muita frequência. Então, com o fim do relacionamento, eu pude perceber também até que ponto eu tava por dentro... respeitando a minha individualidade, mesmo no interior do relacionamento. Até que ponto eu estava desrespeitando a minha individualidade, não vivendo a minha individualidade, dividindo tudo... Não sabendo respeitar os limites... Então, o crescimento se deu por eu não reconhecer... ou amadurecer e a gente se relaciona com uma pessoa dentro de casa, dentro de uma vida... a gente vive junto... mas a gente vai ter sempre a nossa individualidade pra ser mantida, as nossas atividades, a atividade do outro... Enfim... coisas desse tipo que que acho que pra mim foram bem significativas... um amadurecimento, mesmo, assim, sabe?

Túlio: _ É como se você vivesse um relacionamento que você, em alguns momentos, não se reconhecia enquanto ser individual? Você, sei lá, né, se desmanchava, se desmanchou... de modo que você... talvez, assim, né, ficou procurando o seu lugar, o lugar da sua individualidade, que, de algum modo, foi se perdendo nesse percurso... Foi isso?

Bernardo: _ Eu diria que sim... foi bem por aí como você está falando... Porque eu acho que... quando a gente tem a nossa rotina, digamos, normal: todo mundo trabalha, todo mundo tem casa, todo mundo tem hora de sair e tem hora de chegar... Então, inevitavelmente, você vai viver momentos de individualidade, você vai ter sua vida particular, você vai ter sua vida sem o outro, vai ter suas atividades sem o outro, seja no trabalho seja fora do trabalho. Mas em um contexto social onde isso passa a não existir, você tem mais a presença do outro, seja trabalhando, seja não trabalhando, porque você tá numa casa, porque você não pode sair, porque não tem mais aquela rotina... Então, acho que de certa forma isso pressiona o convívio para que as pessoas estejam muito mais próximas uma da outra do que habitualmente seria... Digamos, em termos de uma vida normal, sem pandemia, sabe? Então, eu acho que causou um certo embaraço na minha situação, nesse relacionamento porque o convívio foi intensificado. Então... se já havia qualquer dificuldade antes ou então qualquer imaturidade antes com relação a isso, então a coisa foi acrescida pela pandemia... Se já antes as pessoas não soubessem, ou eu mesmo preservar um tanto a individualidade, tornou-se um pouco mais difícil com a questão do isolamento. Mas foi a partir dessas experiências que eu pude retomar esse ponto e trabalhar de uma forma também inédita, de dizer: “_ não, a gente precisa ter os nossos espaços, seja com o outro, seja sem o outro, a gente precisa saber delimitar as individualidades, para que a gente possa conviver bem, para que a gente possa ter um convívio, inclusive, saudável”. Mas eu acho que essa questão foi, assim, uma experiência talvez comum na pandemia... não sei... eu não tenho contato com muita gente que perdeu relacionamentos amorosos... eu não sei... eu

não saberia mensurar nesse sentido... Mas eu fico pensando: trouxe inúmeras dificuldades essa questão do isolamento, a mim ficou muito nesse campo da individualidade que se perdeu mesmo com a questão do isolamento, mas que, ao mesmo tempo, me permitiu conhecer e avançar regiões que eu não sei se avançaria sem... sem esse contexto... não sei...

Túlio: _ Então, essa perda você denomina esse relacionamento como tendo sido simbiótico, né, e talvez problemático, né, na sua fala, por conta disso. Quando acontece esse rompimento, e aí você perde... Quando você perdeu essa sua individualidade, ao longo, do relacionamento, né? Quando aconteceu essa perda, no sentido dessa simbiose, qual foi o sentido disso, né? Porque, quando a gente tá num relacionamento simbiótico, né, a gente, como você mesmo falou, vai perdendo a sua individualidade e aí a gente se confunde com o outro, talvez. E aí, quando acontece a perda, como é que tu conseguiu enxergar isso, em termos de experiências, mesmo, em termos de travessia, em termos de redescoberta de si? Como é que tu percebeu?

Bernardo: _ Primeiramente, que queria te dizer que foi uma experiência de relacionamento parcial... não foi nos termos literais, simbióticos... de eu não ter realmente sequer meus momentos sozinhos... ou não saber viver sozinho ou não saber prosseguir sozinho... não foi exatamente nesses termos... Mas houve algo do tipo... E quando o relacionamento terminou, e não foi de vez, foi processual, foi doloroso, foi difícil, porque foi uma retomada da vida sozinho, sem fronteiras... E aí, como eu te disse, foi processual... E eu tive uma... Teve um momento que eu fiquei pensando muito, eu cheguei a ler a respeito do luto... Mas pra mim foi uma experiência que me ensinou bastante. Porque eu cheguei a um momento de chorar pelo fim da relação... Assim, muito depois da relação ter terminado... E até em um momento meio que eu não esperava. Foi nesse momento de choro, foi nesse momento de botar pra fora mesmo, que eu percebi que eu tava saindo da relação, que eu estava deixando pra trás aquele sofrimento, que já não era mais a pessoa com quem eu iria tocar a vida mesmo, que, de fato, a coisa tinha terminado... Quer dizer, assim, levou um tempo pra eu assimilar de alguma forma a aceitação desse fim e foi bastante curioso pra mim, foi bastante interessante, porque foi no meu momento mesmo, num momento meu independente de tempo, independente de data, independente da outra pessoa... Foi na minha solidão, mesmo, que eu descobri... o ponto que eu cheguei a dizer assim: posso chorar, posso lamentar e seguir minha vida. Então, foi bastante curioso pra mim, porque no meu relacionamento anterior a esse eu não tive essa experiência. Foi um fim de relacionamento com mais convicção, eu não queria, de fato, mais viver com a pessoa, já tinha dado o que tinha de dar, aquela menina já não tinha mais nada a oferecer... Foi muito sofrido também, né? Mas, digamos, foi mais circunscrito na época do relacionamento, entendeu, foi mais objetivo. E dessa vez, o relacionamento terminou e eu neguei um pouco mais o fim do relacionamento do que o anterior, foi mais difícil encerrar o relacionamento do que o anterior. E quando aconteceu de eu decidir ou de eu aceitar o fim desse relacionamento, foi num momento que eu nem esperava... Sei lá, eu tava tomando um café e pensei na pessoa... Chorei o que tinha que chorar, depois

aquilo foi se atenuando de uma forma bem significativa. Mas, foi processual, Túlio, essa questão do desligamento da relação, foi processual... e foi, assim, por etapas... Não foi, assim, de uma hora pra outra que o relacionamento terminou, de uma hora pra outra que eu aceitei, de uma hora pra outra que eu me vi sem a outra pessoa, sabem perdido, ou qualquer coisa do tipo, não. Foi uma coisa que foi acontecendo paulatinamente e nesse sentido também foi bastante doloroso, mas eu acho que foi muito interessante porque me trouxe a maturidade que mesmo num relacionamento amoroso, mesmo, sei lá, num casamento, fora que dentro de uma pandemia, é necessário que haja fronteiras, e que sejam respeitadas... muito!

Túlio: _ éhh... entendo. Bernardo, tu pode falar um pouco desse processo de aceitação? Tu caracteriza como um processo... Tu caracteriza também essa travessia como tendo sido vivida por etapas... como se você estivesse descobrindo, digamos assim, esse novo lugar que essa pessoa iria ocupar na sua vida. Tu consegue falar um pouco sobre isso?

Bernardo: _ Eu diria que nesse ponto a gente tem uma novidade que é o mundo virtual. Hoje você pode se deslocar, você pode se afastar fisicamente de alguém, mas o mundo virtual, a internet, de alguma forma, pode fazê-la presente em inúmeros momentos. De maneira que às vezes é até difícil você deixar de ter contato com quem você não quer. Porque tem uma rede social, porque você se relaciona com o mundo numa rede social e as pessoas estão nessa rede social e tal. E isso sempre me fez com que eu, digamos, mesmo com o fim da relação instalado, voltasse a sofrer cada vez que eu via a pessoa na internet ou a gente se falava e tal... Mas, ao mesmo tempo que isso acontecia de uma maneira sofrida, eu acho que foi aquilo que foi desligando, porque cada vez que eu a via e não estava com a pessoa, ia se afirmando, ia se configurando uma nova etapa da minha subjetividade, da minha intimidade sem aquela pessoa... Então, foi processual por quê? Porque, de uma hora pra outra, eu não deixei de ver aquela pessoa, mas eu passei a ver pela internet, pela questão das redes sociais... E sempre que eu via, tanto eu sofria pela perda da relação, quanto de alguma maneira eu ia indo em frente, ia entendendo que foi o fim, entendendo que tinha acabado. Até que chegou um dia que eu vi uma foto da pessoa e eu lamentei profundamente... Eu me emocionei até... E não mais voltei a chorar, não mais voltei a sofrer, não mais voltei a lamentar o fim da relação... Fui de alguma maneira caminhando mais leve... Sendo que até chegar a esse ponto foi por etapas, foi por momentos... E considero que a internet nesse sentido tanto foi um fator... foi um fator dificultoso, difícil, mas, pelo fato de eu ter essa consciência de que a gente pode se cuidar subjetivamente, que a gente se ajuda quando a gente se cuida, que a gente tem sempre o que tratar e o que falar, que a análise, a terapia vem nesse sentido, de nos fazer avançar pontes que a gente, inclusive, não conhece, muitas vezes, a respeito de si mesmo. Então, foi uma coisa que não ficou só no registrador, foi possível trabalhar isso positivamente. Mas quantas pessoas podem fazer isso? Quantas pessoas têm a consciência de que precisam ter cuidado consigo mesmo? Que pra você superar o luto precisa falar, que você precisa tem que tá comprometido com a sua dor, pra poder ver a pessoa e deixar de sofrer, né? Eu não sei se as pessoas... se isso é comum no mundo de hoje... Fiquei pensando nesse sentido... A Internet... a frequência

de ver a pessoa pelo campo virtual foi doloroso pra mim nesse relacionamento, mas chegou um ponto onde eu pude mais olhar pra isso sem sofrer, sabe? E foi graças a um trabalho pessoal, eu diria a você, foi graças à análise, não foi porque a internet ajudou a nada nesse sentido, não, foi porque a análise, o cuidado consigo, foi me fortalecendo pra isso deixar de ser sofrimento e se converter em outra coisa. Então, foi assim, foi por etapas... Fiquei pensando nisso e achei bem interessante analisar esse ponto de vista contemporâneo, assim, de como os relacionamentos terminam hoje em dia, como essa questão da internet... isso me fez pensar muito.

Túlio:_ E no que esse sofrimento se transformou? Tu consegue nomear?

Bernardo:_ Consigo. Eu não sou amigo da pessoa porque a gente não tem mais relação de amizade, não, mas foi uma pessoa que me ajudou muito a amadurecer. Então, foi um relacionamento que me fez descobrir coisas novas em mim, foi uma relação que despertou coisas novas em mim para além de sentimentos relacionados à pessoa, me fez me conhecer diferente, me conhecer melhor.... E se transformou em um afeto amistoso, Túlio, algo apaziguado, sem dor e até mesmo com uma certa gratidão pela experiência do relacionamento, por ter conhecido essa pessoa nesse momento da minha vida, sabe? E eu acho que é isso... é um sentimento amistoso, é inclusive um desejo de ser amigo dela, se for o caso, não sei, porque a gente mora em cidades diferentes... Mas eu gostaria de manter um laço amistoso, uma amizade com essa pessoa, porque é uma pessoa porque quem eu tenho um enorme carinho, que eu admiro muito, uma mulher aguerrida, enfim, uma pessoa cheia de qualidades. E eu teria condição de ser amigo dela hoje, sabe? E eu acho isso bonito, porque admitir isso, cara, depois de um relacionamento intenso, depois de um relacionamento onde eu dividi a vida com a outra pessoa, a casa... eu não me imaginava capaz de dizer isso, não [risos]... não me imaginava, mas cheguei a esse ponto. A gente chega a esse ponto quando a gente encara a dor, a vida, né? A gente muda, a gente é capaz de se transformar, recomeçar, enfim...

Túlio:_ Então, pelo que você tá dizendo, os laços que você tinha com essa pessoa foram desfeitos?

Bernardo:_ Isso. Foram desfeitos. Houve o desligamento, né, objetivo e subjetivo. Claro, porque se não, eu não estaria falando hoje de uma experiência que eu vivi, eu estaria vivendo ainda. Então, houve o afastamento físico, cada um vai pro seu lado, terminou, acabou, e de uma maneira mais lenta o afastamento emocional foi se configurando ao longo do tempo, ao longo de um trabalho que eu tive, de uma decisão também de querer se cuidar, de querer melhorar... Esse desligamento foi mais lento. Mas eu considero que o momento onde eu chorei, o momento onde eu me peguei finalizando a relação, na minha cena solitário que eu acabei de descrever, foi o que me possibilitou perceber a pessoa de outra forma na minha vida, poder perceber de outra forma na minha vida... Poder inclusive, sei lá, quem sabe, poder ser amigo dessa pessoa... Houve um momento muito significativo pra mim, que foi um ponto final que eu dei

emocionalmente a essa relação, que hoje me permite dizer, assim, que seria possível ter novos laços com essa pessoa, no entanto, na forma de uma amizade, entendeu? Sem qualquer expectativa com relação ao que passou, porque o que passou não faz mais sentido, não faria mais sentido dividir a vida com essa pessoa como eu vivi antes. Mas seria possível, sim, o religamento em outros termos seria possível, em outra configuração, outra forma de relação, hoje seria possível.

Túlio: _ok, Bernardo, a gente vai se encaminhando, então, pra o fim da entrevista. Agradeço a sua participação. Te darei, né, o retorno sobre o resultado, as minhas compreensões, tá certo?

Bernardo: _ tá certo.

Túlio: _ e a gente marca, né, futuramente, sobre esse retorno, entendeu? Gostaria de agradecer a disponibilidade, mais uma vez, foi um momento, assim, bem bacana, tá?

Fim da Entrevista.

ENTREVISTA INDIVIDUAL COM ROSA

Túlio: _Rosa, como tem sido pra você a experiência do fim do seu relacionamento?

Rosa: _então, tem sido um momento de muita reflexão pra mim, assim, de questionamentos internos, porque eu já tive outros relacionamentos, mas esse último, ele despertou em mim uma sensação, assim, de olhar pra mim, não terminar o relacionamento e ficar pensando no relacionamento, de... o que foi que faltou, o que foi que aconteceu, o que não deu certo. Não. Dessa vez eu fiquei olhando muito pra mim, onde eu errei, onde eu... eu fui fazer essa descoberta, essa pergunta muito direcionada a mim. Então, tem sido um processo que eu tô mais leve. Já faz um tempo, eu já tô um pouco mais tranquila, digamos assim, mais no processo de aceitação do tempo e que as coisas vão acontecendo, minha vida vai voltando ao normal, eu vou seguindo, né, então, o processo de tristeza, choro, eu acho que já chorei tudo o que eu tinha pra chorar, já vivi esse luto e eu me permiti viver esse luto mesmo e foi um luto onde eu me castiguei muito, eu me puni muito, porque eu acho que eu perdi parte de mim nessa relação. Assim, a tristeza vinha muito de eu ter me esquecido, de eu ter me deixado de lado. Então, acho que no fim do relacionamento, eu me dei conta disso, assim, de que não estava sendo mais a mesma e aí eu chorei por isso também. Não só pelo afeto que eu tinha por ele, o carinho que eu tinha por ele, o amor que eu sentia por ele, mas de perceber o que eu tava me tornando, assim, onde eu estava, o que eu tava esquecida, sabe? Acho que foi um processo muito, de muita autorreflexão e, por isso, assim, foi... Quando você perguntou, né, falou da: “ah, precisa estar em acompanhamento”. Pra mim foi essencial eu tá em acompanhamento, ter ali esse meu momento de autoanálise, de ter consulta na minha psicóloga. Inclusive, aumentei as sessões, pra poder ter esse espaço de viver o luto, sabe? Eu me permiti, eu determinei, assim: não, eu vou chorar, eu vou fazer tudo e me dei um tempo pra isso. Eu disse: não, uma hora eu vou ter que levantar disso aqui, mas agora eu vou pro fim do poço, eu vou chorar, eu vou me afundar, mesmo. Eu sou meio assim, eu vou pro fundo do poço e eu cavo o poço um pouquinho mais, mas também eu dou um tempo pra isso. Tem uma hora que eu digo: não, já deu, já chorei, já sofri, a vida tem que continuar. E eu tava, né... tô fazendo mestrado, tô trabalhando, então eu tinha que dar atenção pra outras coisas. Então, não foi um processo fácil, mas eu senti que foi muito necessário, assim, eu me autorizar viver isso, sabe?

Túlio: _você falou duas coisas interessantes, que me chamaram bastante atenção. Você falou como se tivesse pensando que essa experiência do luto foi algo que você superou, né, e você também falou sobre que... durante esse tempo que você passou com essa pessoa, você esqueceu de você. Tu poderia descrever um pouco mais desses acontecimentos?

Rosa: _certo. Vou, então, pela última pergunta, né, isso de... como que eu esqueci de mim. Éhh... então, no relacionamento, quando eu... vou voltar um pouquinho no tempo, assim, explicar um pouco mais, aproximar um pouco mais, só pra contextualizar, mesmo, ne? Então, quando eu o conheci, eu estava muito segura da minha vida, estava

tudo indo muito bem. Eu nem estava com cabeça em achar alguém e viver um relacionamento. Eu tava realmente muito bem, com a cabeça noutras coisas. E aí, eu o conheci de uma forma muito inesperada. Acho que com... quase na maioria dos relacionamentos, né? Eu tinha... as nossas famílias se conhecem, eu fui passar um tempo, uma temporada na casa dele, mas eu não o conhecia, conhecia a irmã dele. E as circunstâncias, assim, os contextos, a gente começou, né, a sentir uma paixão, ter ali uma conexão, e com eu tava no período muito bem, e nem tava pensando na possibilidade e um relacionamento, eu tava vivendo aquela vivência, comecei a curtir, mas aí eu fui me apaixonando e a gente foi entrando numa relação sem perceber, assim. Quando viu, a gente já estava no namoro. E, diferente de mim, ele tinha acabado de terminar um relacionamento e ele estava... a vida dele estava um caos. Então, logo quando a gente se encontrou, a gente notou essa diferença, sendo que eu estava muito bem e que ele não estava nada bem. Eu estava muito pronta pra uma relação e ele estava muito machucado, vindo de uma relação, e que a vida dele tava um caos. Assim, ele tem um filho, né, dessa relação e a mãe ainda, né, muito presente, querendo, de alguma forma, retornar aquela relação de família e ele muito certo de que não a queria e que já estava comigo. Nisso, eu fui entrando um pouco no caos da vida dele, eu fui percebendo como tinham outras demandas que puxavam ele, o sofrimento dele em relação ao ex-relacionamento, ao filho. O filho dele tem uma deficiência auditiva, então tudo o que ele faz é pro filho, ele se, né... trabalha demais, se esforça demais e eu fui percebendo que ele tava muito carregado. E eu tentava... eu sempre fui uma pessoa de me doar muito, de ajudar muito e eu queria fazer tudo pra que ele se sentisse o mais leve possível. Eu ficava com o filho dele pra diminuir a carga dele, eu resolvia alguma coisa de trabalho pra ele, eu ajudava, e ele sempre muito parceiro também. Só que eu comecei a sentir que eu tava fazendo muito e ele pensando muito no quanto ele não estava sendo suficiente pra mim. E eu... é como se eu tivesse, assim, eu ajudei ele a se encontrar e olhar pra si, porque ele tava muito machucado, ele tava muito se anulando pra vida, até pra ser feliz, viver experiências felizes, e nessa tentativa de lembrá-lo de trazer alegria pra vida dele, eu comecei a me sentir mal. Eu comecei a parar de fazer as coisas que eu gostava de fazer, a dedicar muito mais atenção pra ele, e aí eu fui esquecendo de mim. Uma coisa, até, que ele falou pra mim, quando a gente terminou foi que a Rosa que ele conhecia, radiante, brilhante, ele tinha estragado, ele tinha traumatizado, e que ele passava os dias pensando em como me fazer feliz e que ele não era capaz, de que não dava pra ir pra frente, porque tava muito machucado. E aí foi um pouco isso, assim, foi... eu cheguei muito pronta, achei que ele correspondia meu sentimento e que ele ia aprender comigo a ser feliz, a encontrar felicidade nele... Eu até falava pra ele: não... Ele sempre se preocupou muito em me fazer feliz. Eu dizia: não, eu estou feliz. Você se preocupe na sua felicidade, você tá bem. E eu sempre tinha muito esse cuidado com ele, né? Mas ele não tava bem, tava levando o relacionamento de uma forma muito... assim, sem... teve uma hora que a gente tava muito como amigos, sabe, e não realmente como... pensando num amor, em algo maior. E aí, realmente, ele disse: “_não, eu preciso do meu tempo, preciso tratar minhas mágoas, cuidar de mim, e se for pra gente voltar, a gente volta”. Ele falou, inclusive, isso: “se for pra voltar, a gente volta. Você volta pra mim”. Mas eu disse: não. Não é o que eu

quero. Assim, uma coisa que... eu sempre tinha na minha cabeça, ah, é destino, se for pra ser, vai ser, ele volta, a gente, né? A gente tem uma relação até hoje muito boa e tal, a gente não terminou brigado, a gente não terminou... não terminou de uma forma ruim. Terminamos de uma forma boa. Apesar de que os dois sofrendo, né, porque a gente tava vendo que a gente não tava bem, eu não estava feliz, porque ele não estava feliz, e ele não estava feliz por conta da vida dele em vários outros aspectos. E aí, eu me determinei. Eu fiz: não, eu vou viver esse luto e eu vou entender que, assim como eu tive esse relacionamento e não deu certo, podem ter outros, porque até então eu tava muito descrente, inclusive, de relacionamentos. Eu tava ali, foco muito no meu amor próprio e, não, não preciso de ninguém, e aí, encontrei ele dessa forma e quando terminou eu disse, não, eu vou agora deixar as coisas acontecerem, sabe, e aí eu me permiti realmente viver um fim, entender que foi uma história, entender que foi uma experiência rica, que ele me trouxe muita contribuição e eu contribuí na vida dele, e eu vivi. Acho que, assim, diferentes de outros relacionamentos, eu hoje tenho na cabeça de que a gente pode viver vários amores, sabe, que ele não vai ser o último. Inclusive, ele mesmo pode voltar, né, não sei, a vida surpreende, mas eu entendi isso, de que eu aprendi tanto a me sentir bem, feliz comigo mesma, que eu vou viver esse luto, eu vou ficar triste, mas eu vou voltar. Eu vou voltar pra minha vida, as coisas vão seguir. Então, assim, de certa forma, é um processo que foi superado. Eu acho que... eu não diria a palavra superada, mas, assim, eu aprendi o que eu tinha pra aprender e eu tô caminhando pra frente, sabe? É uma história que fez parte da minha vida, me ensinou e eu agora quero me reerguer e caminha pra frente. Eu não sei se está superado, eu não sei se as histórias têm esse começo, meio e fim determinado, né? É uma pessoa que, assim como meus outros relacionamentos, eu guardo no meu coração com carinho imenso, eu tenho muito... eu amei, eu senti amor por essas pessoas, isso pra mim, não morre. Não é uma coisa de... não foi uma paixão, sabe, foi uma pessoa que conviveu comigo, uma pessoa que construiu laços comigo, então, não é alguém que eu descarte da minha vida e acabou. Fez parte do meu crescimento, fez parte da minha vida. Então eu tenho carinho e quero guardar essa lembrança boa. Mas eu, nesse processo, preciso agora dar atenção pra mim. Acho que superar é... voltar essa atenção pra mim. Se no meio do caminho eu me esqueci de mim, agora eu preciso lembrar. Lembrar quem eu sou, lembrar o que eu gosto, lembrar o que me faz feliz, o que me faz bem, o que eu mereço, o que eu não mereço. Que eu acho que eu me doei demais, e aí eu preciso agora me doar pra mim mesmo, né? É um pouco isso, assim, que eu diria.

Túlio: _ é como se essa parte autêntica tua tivesse desaparecido, né, no curso da relação e tivesse te custado, assim, uma experiência, né, de sofrimento...

Rosa: _ uhum...

Túlio: _ ... que, assim, talvez, tenha, digamos assim, tenha tido como pano de fundo esse resgate, né, esse modo de ser próprio, essa tua... a tua singularidade, mesmo.

Rosa: _uhum... é, que acho que, assim, não só o meu modo de ser esqueci um pouco, né, essa coisa de uma alegria, de uma leveza que eu tinha e eu começava a ficar muito preocupada com as coisas dele, eu ficava muito tensa. É como se assim... fazendo uma metáfora, é como se ele tivesse com uma mochila muito pesada e eu, ao invés de ajudá-lo a carregar, eu simplesmente peguei a mochila pra mim, sabe? Tanto é que quando a gente terminou, ele tava muito bem, como se ele tivesse dizendo assim: “eu encontrei agora como me fazer bem, com me sentir bem, eu preciso desse momento comigo, né, e eu sentindo, assim: tá, e o que foi que eu fiz até agora, assim? Eu tava aqui, te ajudando, e tu, sabe, e agora que tá bem não quer mais. Uma sensação assim que eu tive. Então, é como se eu... eu estendi o braço, eu me doeí pra uma pessoa, essa pessoa se reergueu e ela foi embora, viu que não precisava de mim. Então, é nesse sentido que eu acho que eu me esqueci. Eu sou uma pessoa que eu confio demais, eu me entrego demais. Então, eu não me doo pela metade, eu me doo por inteira. Então, eu acho que nesse processo eu deveria ter cuidado de mim, porque eu acabei saindo devastada. Como se tivesse uma base ali, eu entreguei pra ele, pra ajudá-lo, e aí ele foi embora, “não quero”, e eu fiquei sem estrutura e aí eu sofri, e aí eu fui pro fundo do poço, e aí eu tive que relembrar das minhas forças. Por isso foi muito importante que eu tenha acompanhamento e eu tenho essa consciência, porque eu dizia assim: não, eu tô aqui, tô devastada e tô no fundo do poço e daqui eu não vou sair. Eu tinha essa sensação. Então eu me... eu disse: não, eu vou viver e eu vou dar um tempo pra sair desse fundo do poço, mas eu conheço quem eu sou e eu sei que assim como eu caio, eu levanto. Então, é como se eu precisasse fazer esse resgate da Rosa que tem essas características e essas forças, mas eu acho que eu... Nessa relação eu vejo muito isso, é como se eu tivesse entregado minhas forças, minha energia, tudo, pra uma pessoa, pra reabastecer uma pessoa e eu fiquei sem nada.

Túlio: _como foi esse fundo do poço?

Rosa: _foi... muito choro, muitas noites sem dormir, minhas crises de ansiedade, né, em termos de como é que era a sensação, assim, mas eu... o fundo do poço pra mim é uma sensação, assim... eu costumo olhar pra mim como duas... como se fossem duas Rosas, assim. Na minha vida, eu tenho um histórico, assim, de muitos momentos que eu tinha muita força, muita garra, muito poder, assim, uma luz divina, uma vitalidade. Em outros momentos, vinha ali... eu já tive na depressão, quadro depressivo, lugar de me anular, de me boicotar, de ser aquela Rosa realmente mais pra baixo. Algumas situações na minha vida, como essa do final do relacionamento... o relacionamento, ele começou e me colocou lá em cima. Então, eu era... ele me tratava como princesa, a gente tava vivendo aquele amor, aquela paixão, e eu tava com muita alegria, né? E eu fui... não é que eu fui descendo, de uma alegria eu fui indo pra tristeza, foi brusca isso, sabe? Eu não me percebi e já tava no fim. Não foi uma coisa tão progressiva. E aí, quando ele falou pra mim: “_olha, eu quero terminar”, eu meio que fui pega de surpresa. E eu me vi sem... sem ter o que fazer, não era uma coisa de... eu não sou de ir atrás, de ficar tentando, convencendo, eu aceito a escolha do outro. Se ele falou pra mim: “eu não quero!”, tá bom. Só que aí, ao invés de culpá-lo, eu vou começar a me

culpar, vou começar a tentar entender por que que ele desistiu de mim, por que que ele não me quer. E nessa tentativa de me culpar, o meu fundo do poço eu mesmo construo. Então, assim... ele, inclusive, me estendia muito a mão: “_você quer chorar? Você quer desabafar? Fala comigo!” E, não, eu não queria, eu queria chorar, eu queria me castigar, eu queria me punir, porque eu sentia assim: a culpa é minha. Eu não fui suficiente, alguma coisa eu fiz que não sustentou ele, que tinha algo ali na relação que eu falhei. E aí eu fui minha pior inimiga. Eu não queria fazer nada, queria viver essas emoções tristes. Que não eram tristes por simplesmente chorar, eram tristes de me martirizar, mesmo, de ser minha pior inimiga, de ficar achando defeito em mim, de ficar achando problemas em mim, culpa e mim, de mais motivo pra chorar e fui cavando meu fundo do poço. E aí, eu cheguei lá embaixo, né, tava muito triste, muito mal e eu percebi e eu tive medo de: será que eu não vou me reerguer? Será que daqui eu vou pra uma depressão, sabe? Será que eu vou... e aí, o que é que vai acontecer? Eu fiquei com muito medo, porque é visitar um lugar de tristeza e de depressão que eu já estive. E o luto, a tristeza, ele tava ali já durante semanas, e eu, né, o que é que eu vou...? Eu não me mexia, não tava saindo daquilo, tava piorando, então me assustou. Mas, aos pouquinhos, eu fui: não, eu consigo, eu já conheço esse lugar, esse fundo do poço de algumas outras vezes e eu já saí. Eu vou sair de novo. E aí, aos pouquinhos, chorando um pouco mais, mas eu fui lembrando e reestruturando, mas esse fundo do poço é um fundo do poço que eu já conheço, de muitas outras coisas na minha vida e não só de relacionamento, mas é um lugar de tristeza, de me punir. Acho que é muito voltado pra mim, sabe, eu me coloco nessa posição, eu me coloco, não é as circunstâncias da vida somente. E eu tenho esse movimento de me punir. Na minha história de vida, assim.

Túlio:_ assim, a partir do que estás falando, tem várias coisas, naturalmente, que vão me chamando a atenção, sabe? E eu queria que, se fosse possível, que você falasse dessa queda. Você falou que no início vocês... você viveu uma intensa alegria, um torpor e isso tudo desabou, né?

Rosa:_sim.

Túlio:_... rapidamente. Eu queria que você falasse disso, se fosse possível, e também falasse um pouco mais, né, desse processo do fundo do poço, porque me parece que você se culpabilizou bastante e essa culpa tá atravessada por uma percepção de insuficiência para com ele. Tu poderia falar?

Rosa:_essa questão da queda, né? Então... a gente... as circunstâncias de como a gente começou o relacionamento, tudo tava muito propício, mesmo, assim, muito leve, muito tranquilo, da minha parte principalmente, né? Da dele tava... acho que tava uma coisa, assim, de tentar algo novo, já que ele tinha saído de um relacionamento que em nada tinha trazido felicidade, ele se anulou por completo, a única felicidade foi o filho dele, ele se mantinha muito na relação por causa do filho. No meu era tudo diferente, assim, então, tinha uma vontade dele de fazer dar certo, uma coisa, assim, de vamos juntos, a

gente viveu um amor muito intenso, muito grande, assim, que eu acho que poucas pessoas na vida têm e eu já vivi duas vezes, assim. Em dois relacionamentos, nesse último e no meu primeiro, eu vivi contos de fada. Eu vivi relacionamentos incríveis... incríveis, assim, existia respeito, existia companheirismo, parceria. Não o conto de fadas aquela coisa que a gente imagina de... do final feliz, mas o conto de fadas de que cada dia era maravilhoso, acho que tinha muito isso. E com ele não tava sendo muito diferente. Com ele, todos os dias a gente fazia coisas juntos, a gente tinha ali uma parceria muito grande, um companheirismo muito grande. E apesar do caos da vida, ele trabalha muito, tinha que cuidar do filho e a ex dele atormentava a vida da gente, e as famílias... Apesar das nossas famílias serem amigas, teve muitas coisas, assim, que... pela forma como a gente começou o relacionamento muito rápido, as famílias ficaram meio preocupadas, assim, então existia uma certa tensão no ar, né, durante a nossa relação, e a gente viveu, assim... foram dias incríveis, dias maravilhosos. Pra mim, eu sentia sempre que eu tava fazendo ele cada vez mais feliz, eu tava feliz também. Era a sensação que eu tinha. E aí, no dia dos pais, a ex dele mandou um presente belíssimo pra ele, com as fotos do filho, enfim, e ele teve um... eu não sei explicar, assim, acho que uma coisa da consciência dele, ele caiu em si naquele momento e ele olhou pra vida dele, olhou pros últimos anos, pro filho, pras fotos do filho, chegou pra mim e falou: “_preciso parar por aqui, porque eu não estou disposto a passar por mais um relacionamento de cinco anos”, que tinha sido o anterior, “e eu preciso tá bem e eu não tô bem”. Então, assim como foi rápido o encantamento dele, o apaixonamento, o amor da gente, a nossa união, foi muito rápido desfazer também, sabe? Então, ele simplesmente falou: “_a gente tem que parar por aqui”. Assim! E eu: como assim? Eu não tava entendendo. Eu tava feliz, eu achava que ele tava feliz, eu achava que as coisas que a gente tava construindo juntos, né, a gente já tava vendo apartamento pra morar, a gente... ele ia tentar a guarda do filho, pra ficar morando com a gente, várias coisas, assim, e aí, de repente, ele: “_não, cheguei no meu limite, aqui eu não consigo mais”. Então, eu me vi ali sem opção. Eu tinha que respeitar a escolha dele, não ia ficar forçando, porque eu sei que ele não tava com a cabeça boa, e aí eu disse: não, eu preciso... se aqui é o que ele quer, se é o que ele quer, eu tenho que seguir minha vida. Então o relacionamento foi muito isso, intenso, a gente viveu coisas muito maravilhosas, e de uma outra pra outra, sabe? Não foi uma traição, não foi um desgaste. Foi um momento em que ele se deu conta da vida dele, olhou pra trás, ele viu que emendou um relacionamento com outro, né, ele começou a namorar comigo um mês depois de ter terminado o relacionamento dele. Então, ele falou isso pra mim: “_atopelei meus sentimentos, entrei em outra relação muito rápido e eu não tava vem”. E eu achava que, assim, aquela coisa, não vamo junto que você uma hora vai ficar bem. Só que quando ele ficou bem, não quis ficar comigo. Quando ele ficou bem, ele quis ficar solteiro. Então, isso pra mim foi muito impactante. Essa é a primeira pergunta.

Túlio: _ você se sentiu usada?

Rosa: _ eu não me senti usada, eu me senti enganada, eu acho, assim. Eu não sei se usada... eu acho que um pouco de... não sei. Não sei se a palavra seria essa, assim. Eu acho que eu me permiti, eu me coloquei nessa situação, né? Ele, inclusive, quando a gente terminou, falou assim: “_ a culpa é minha”. E eu falei: não, a culpa é dos dois, porque eu me permiti também. Se alguém foi usada, eu me permiti ser usada, sabe? Então eu não sei se eu fui usada no sentido de que ele fez algo sem eu perceber. Não. Talvez eu tenha sido usada e eu tenha me deixado, ser, né? Tenha me deixado ser enganada. Eu apostei as minhas fichas, eu me entreguei, eu tentei. Então, não era algo que eu tava cego. Ele falava pra mim, ele foi muito honesto pra mim: “eu não sei como te fazer feliz, eu não sou suficiente pra você, você merece algo melhor do que eu, a minha vida tá um caos...” Sempre. Ele sempre me falou tudo. Então... mas eu insistia, né, de vamos tentar, vamos continuar. Só que aí chegou o momento que ele falou: “_ não, quero parar”. E ali eu acatei. Mas tinha outra pergunta que você fez além dessa, foi do...

Túlio: _ da questão...

Rosa: _ do fundo do poço, né?

Túlio: _ do sentimento de culpa, né?

Rosa: _ do sentimento de culpa, isso...

Túlio: _ que era, assim, a percepção que eu tenho é porque tudo era atravessado por uma certa insuficiência, né?

Rosa: _ isso! Então, aí... eu não tenho problema nenhum em falar, tá, eu falo muito, inclusive. Mas aí eu acho que vai pra um lugar da minha história de vida. O que que acontece? Eu não sei se isso são dados pra contribuir com a tua pergunta, mas, assim, ajuda pra tu entender minha história de vida e me entender como que eu me sinto nesse fundo do poço. Então eu acho importante falar. Eu sou a segunda filha dos meus pais, né e existiu todo um desejo da minha mãe em me ter numa época em que ela e meu pai estavam em processo de separação. Então, assim, eu vim com um propósito da minha mãe, digamos assim, de resgatar o casamento dela. E toda a minha vida, o meu irmão tinha uma relação comigo muito de: “_ eu não pedi pra você nascer, eu não queria”. Aquelas intrigas de irmão pequeno, ele tem dois anos mais velho que eu. E eu sempre cresci escutando muito e me sentindo muito a filha que não deveria fazer parte da família. A irmão que meu irmão não queria, a filha que meu pai não queria e eu vim com o desejo da minha mãe de somente resgatar meu pai, sabe? Eu cresci com essa... num lar onde em muitos momentos eu não me sentia suficiente, de cumprir a minha missão, sabe? De não resgatar meu pai de volta, alguma coisa assim, de não suprir essa vontade da minha mãe. Isso me acompanhou... vem me acompanhando em todos os aspectos da minha vida. Então, assim, essa síndrome da impostora, digamos assim, né? Então, eu tenho, profissionalmente, de muitas vezes não me achar capaz, de não me achar profissional suficiente, de não achar que eu vou ser amada, de achar que meu

amigo não quer ser meu amigo. Em vários aspectos eu tenho essa sensação. Em sempre quero ser a heroína, salvadora, sabe? E isso foi algo do meu relacionamento muito forte. Ele falava muito pra mim: “_ você não pode querer salvar o mundo, você não é a minha cura, isso não existe. Você não vai me salvar”. E eu tinha essa sensação de que eu ia salvar ele, de que: ah, tua vida tá um caos, me dá aqui tua mão que eu vou te tirar desse caos. Então, eu não me senti suficiente, porque eu posso até ter ajudado ele, né, a sair do caos, mas eu não fui suficiente pra ele querer estar comigo. Eu acho que esse sentimento de não suficiência, de alguém que não é merecedora sempre me acompanhou na minha vida, sempre, né, desde quando eu nasci. Então, nos meus relacionamentos isso vem com uma outra força, vem, né, uma coisa de... éhh... não dar certo, eu achar que a culpa é minha, porque eu não mereço, eu não fui suficiente e aí eu me puno, me castigo porque eu acho que eu preciso viver o sofrimento, sou merecedora do sofrimento. É bem complexo isso, mas é uma coisa que eu sinto como se eu merecesse. Eu merecesse sofrer e esse é comportamento de... não é que eu goste do sofrimento, ninguém gosta, mas eu aceito como se eu fosse merecedora. E aí eu mesma me provoque esse sofrimento, eu mesma me culpo, eu mesma me... sou minha pior inimiga, como eu falei. Então, quando eu vou pra o fundo do poço... é até forte falar isso, mas é como se eu me sentisse em casa. Eu conheço esse lugar, sabe? Eu conheço esse fundo do poço. Como se... e aí eu entro naquela zona de conforto, de querer ficar nesse fundo do poço e aí eu vou pra uma depressão. Eu vou pra um lugar muito ruim. Então, por isso eu tenho medo. Quando eu vou pro fundo do poço, eu tenho medo de não sair de lá, mas eu sempre saio e eu acho que eu tenho me lembrado muito disso. Só que eu me lembrei tanto disso e foi tão... criei tantas forças pra não ir pro fundo do poço, muitos anos de terapia, muitas coisas foram trabalhadas em mim, que quando eu entrei nesse relacionamento, o relacionamento me fez... é como se fosse, assim, esquecer tudo, todas as forças que eu tinha. Eu me senti tão forte, assim, por me sentir amada, sentir um parceiro, uma companhia, e eu... nesse processo de paixão eu me entreguei e eu me senti vulnerável. E aí eu não fui racional nem nada e eu simplesmente sofri. Se vai ser levado um pouco mais racional, mas eu fui muito na emoção, eu me permiti viver. Então, eu me permiti me entregar, entregar todos os meus sentimentos pra ele, entregar quem eu era e minhas fragilidades e aí foi muito fácil ir pro fundo do poço. É como se... eu não deixei nem uma basezinha, uma reserva ali, pra me sustentar. Não. Eu fui de cabeça, mergulhei de cabeça. E aí eu, nesse mergulho de cabeça na relação, eu, do mesmo jeito, fui pro fundo do poço.

Túlio: _é como se não existisse mais a Rosa, só existisse ele na relação, um movimento que havia uma preocupação essencial pra realização dele, essencialmente.

Rosa: _ sim.

Túlio: _ então, essa distância entre vocês, né...

Rosa: _sim, houve uma anulação minha, eu me anulei. Eu me anulei a ponto de que, talvez, até isso tenha feito com que ele não me admirasse mais, porque ele conheceu uma Rosa

e durante o decorrer da relação essa Rosa, ela foi se anulando e aí o que ele tava olhando na minha direção no primeiro momento, eu comecei a empurrar pra ele olhar pra si mesmo e aí ele começou a olhar só pra si e não tinha mais eu ali, não tinha mais uma Rosa pra ele olhar, tinha uma Rosa totalmente focada em fazer ele se sentir bem. Sim, teve uma anulação.

Túlio: _eu entendo. Essa questão do fundo do poço, enquanto lugar comum da tua vida, é bem... parece ser bastante significativo, né, forte, pra você?

Rosa: _ sim.

Túlio: _ e essa familiaridade que você tem com esse lugar me chama também a atenção. Mas só que você falou um coisa, assim, que é... eu percebi uma certa mobilização, quando você se referiu a isso, a essa familiaridade que você tem. Tu acha que isso tem a ver com esse modo que você experimentou nessa separação? Como é que isso tem a ver? Porque, assim, você falou um pouco da sua vida, da sua biografia familiar, né?

Rosa: _ sim...

Túlio: _ pra descrever esse sofrimento, você recorreu a isso, a essa biografia. E aí, eu não sei se eu tô me fazendo entender, mas eu queria saber se tu vê alguma ponte... como é que tu consegue ver a ponte entre o fim dessa relação e esse modo de ser que é... que é se dar conta nesses momentos de sua fragilidade, dessa vulnerabilidade e dessa necessidade mesmo de ser amada, como você falou? Tu consegue ver?

Rosa: _ sim. Eu acho que eu entendi. Se eu não tiver entendido, tu pode tentar me explicar de novo, mas, assim, tem uma ponte, sim, entre as minhas relações amorosas e a minha história de vida familiar. Eu acho que, assim, eu tenho duas referências muito fortes de casamento: dos meus avós maternos e os meus pais. Eu tenho... meus avós vão fazer, acho que... no próximo ano, 59 ou é 60 anos de casados. Meus pais têm 35 anos de casados. Eu posso tá um pouquinho errada, mas eu sei que é assim, é bastante, né? E eu sempre tive esse sonho, esse romantismo do casamento amoroso, né, do amor romântico, essa ideia, assim, de um parceiro pra vida toda, de alguém que vai me suprir. Eu sempre tive essa construção na minha cabeça. Sempre busquei muito alguém que suprisse também um certo... um certo amor materno, sabe, assim... como que eu posso explicar... Além desse ideal do amor romântico, construído, né, de ver meus pais passarem por advertências da vida e continuarem juntos e meus avós também, eu sempre me senti muito de imaginar, assim, poxa, um dia eu não vou ter mais meu pai, não vou ter mais minha mãe. Eu quero construir um amor que sustente isso, que, de alguma forma, quando meus pais forem embora, eu tenha um elo, eu tenham um alguém, eu tenha um suporte, eu tenha um amor e que com esse amor me dê frutos, eu tenha uma família, eu vou ter filhos. Então, assim... eu acho que eu me perdi um pouco na linha do que eu ia falar [risos], mas, assim, sempre quando eu tô num relacionamento e me sinto muito amada, eu vou pra um lugar de um sentimento, de

uma plenitude, de uma sensação, assim, muito confortável de vida, como se preenchesse o meu propósito de vida. Eu acho que tem... eu não sei se eu tô sabendo explicar...

Continuação...

Túlio:_ ...mas, assim, você tava falando dessa...

Rosa:_ é que eu acho que eu me perdi um pouco no que tinha falado dessa ponte, e aí eu pensei o que eu ia falar, mas acho que eu me perdi um pouco na linha de raciocínio, mas eu vejo, sim, uma ponto. Eu vejo um sofrimento que me remete a um sofrimento de família, da minha infância, dessa coisa de não me sentir pertencente, de achar que não devia ter vindo ao mundo, do meu irmão e da minha mãe, de um sofrimento que é muito conhecido, é muito familiar. Mas a pergunta, como você falou, do fundo ser um lugar que eu conheço. É essa sensação. Eu acho que a minha referência de amor, ela vem muito dos meus pais, então, esse amor que eu encontro e esse sofrimento, ele também me remete a uma sensação de que eu conheço. O que eu conheço como amor é o amor dos meus pais, é o amor dos meus avós.

Túlio:_ seria, assim, é como se esse sofrimento, ele te, entre aspas, te obrigasse a desarticular essas noções, né, que você já tem sobre o amor...

Rosa:_ é, é um pouco. Eu, assim, eu me sinto muitas vezes um peixe fora d'água, sabe? Porque são construções, é uma visão do amor, do relacionamento, que eu... que não cabe na minha geração, muitas vezes. Então, assim, essa ideia que eu tenho de um amor que tudo passa, que tudo suporta, que é construído no dia a dia, que vai passar pelas dificuldades como eu vi na minha vida, eu não encontro. Então, eu tenho uma imaginação, tenho uma expectativa e como essa expectativa não é suprida, eu sofro. E eu tô tentando reaprender isso, tô tentando... e por isso eu digo que as relações que eu vivi eu amei. Eu vivi coisas boas e foram experiências boas. O que eu tô tentando entender... isso, que não é uma coisa que é porque não foi pra ser, que não foi amor, que não foi verdadeiro. Eu tinha a ideia de que amor tinha que ser esse que dura pra sempre, que vai ter filhos, vai tá junto, que é aquela coisa bem romântica, eu sou muito muito romântica. Mas eu tô vendo que não, que as minhas relações e essa última mais ainda, não significa que não deu certo, não significa que eu não fui amada, não significa que a gente não construiu. A gente construiu. Então, eu tô tentando me desvincular um pouco, sim, de tudo o que eu fui apresentada na minha vida, de tudo o que eu conheço e idealizo como relacionamento amoroso.

Túlio:_ então, isso, necessariamente, parece que você tá sofrendo com isso...

Rosa:_ éhhh... não é um sofrimento... é trabalhoso, é desafiador, mas eu tô muito mais compreensiva de que eu preciso entender, preciso... não tem muito o que eu possa fazer, então...

Túlio:_ você precisa aceitar o que, necessariamente?

Rosa:_ eu acho que, assim, aceitar que... aceitar que eu posso viver um relacionamento, que eu vou ser amada e que porque ele chegou ao fim não significa que não deu certo. Aceitar, que, assim, não é porque ele terminou comigo que ele não me amou, que eu não fui amada, que eu não fui suficiente, que eu não fui merecedora. Eu preciso aceitar, que sim, e que terminou não foi por minha culpa, porque eu não fui suficiente, que é tanto isso que eu me culpo, né, que quando eu terminei me culpava, é pensando tanto assim. Mas, preciso aceitar isso, de que nem tudo é por minha culpa, nem tudo é por insuficiência minha, e que eu tenho que aceitar que a vida às vezes é uma coisa do outro, é uma circunstância dele, é um contexto da vida, não significa que é por minha culpa, sabe? Acho que aceitar isso, aceitar que eu mereço, sim, que eu fui amada, sim, que eu fui suficiente, sim. Aceitar essas qualidades, essas características, aceitar que assim como aconteceu, eu vou viver outras relações e que talvez as outras vão ser melhores ou... não sei. Posso até começar a pensar totalmente diferente, se tiver uma nova relação. Acho que seria isso, aceitar que meus pensamentos sou mesma quem tô me punindo, né? Aceitar essa punição de outra forma, aceitar que eu também... não sei, acho que eu me confundi muito, mas é isso, deu pra entender? [risos]

Túlio:_ sim, sim. E aí, assim, você tava falando anteriormente que, inclusive, já tinha até procurado apartamento com ele.

Rosa:_ sim.

Túlio:_ pensava em se casar, então?

Rosa:_ sim. A gente não falava muito em casamento no sentido...

Túlio:_ matrimonial...

Rosa:_ é, cerimônia, tal, até porque nunca... não passava na minha cabeça, não era uma coisa de... Ah, preciso terminar meus estudos, tem outros gastos, enfim, mas a gente tem... tem uma peculiaridade no nosso relacionamento que, assim, a gente viveu um relacionamento a distância. Então, a gente se via a cada... às vezes era semanalmente, às vezes era quinzenalmente. Então a gente tinha muito essa coisa de precisamos morar juntos, porque essa vai, volta não tava funcionando. Assim, não era nossa pretensão permanecer por tanto tempo, e muito por conta do filho dele. Então, eu queria muito dar esse suporte, porque ele não tem a guarda do filho e ele não consegue passar mais tempo com o filho porque ele não tem quem o ajude. Ele tem que trabalhar e tal e eu trabalho de casa. E eu tô fazendo tudo de casa. E eu amo criança, amo o filho dele, a gente se dava superbem. E eu dizia: não, se eu for... se a gente for morar junto, eu pego teu filho na escola, a gente consegue se virar. Então, tinha muito essa pretensão da gente dividir os custos, né? A gente tinha o meu carro e o dele, então a gente já tava

pensando em vender um carro, ficar com um carro só, já tinha um plano, assim, pra um passo além da relação, a gente já tinha essa coisa das contas já tarem divididas, o filho dele já me chamava de mãe. Então isso pra mim é um ponto muito difícil porque um dos grandes sonhos da minha vida é ser mãe e eu criei uma relação. Quando eu comecei a namorar com ele, ele falava muito isso: “nossa, eu não imaginava ser possível um relacionamento tendo o meu filho. Pensava que só dava pra ter relacionamento com a mãe dele. Eu não imaginava, achava que mulher nenhuma ia me querer, porque eu tenho meu filho”. E pra mim isso foi o oposto. Quando eu o conheci, eu conheci, né, já sabia que ele tinha filho, as achava que ele tinha um relacionamento. Não sabia que ele tinha terminado. E a minha primeira conexão foi com o filho dele. A gente tava na chácara da família dele e eu passei o dia brincando com o filho dele. Então, nem tinha ideia de que ele tava solteiro e que a gente ia se relacionar. Quando ele falou pra mim, eu falei: ah, pra mim foi um combo. Me apaixonei pelo pai e ainda ganhei um filho maravilhoso. E na relação, assim, eu comecei a tomar conta dele, então eu vi esse meu lado materno também. E ele me chamar de mãe, né, Tiago, que é eu meu ex-namorado, ele olhava pra nós dois e ele sentia muito, assim, de: “_poxa, é isso o que eu quero, tá dando certo, ela se dá bem com meu filho”, eu me dou bem com a família dele, minha família também, nossas famílias são amigas. Então a gente fez muito essas planos, de morar junto, a gente tinha muitos sonhos. Eu tenho ainda meus sonhos, independente dele, mas a gente passou muito por pensar nesses planejamentos de um passo maior no nosso relacionamento, de algo que a gente pudesse ter essa parceria pra vida, então chegamos, sim, a pensar, pensamos em... na guarda do filho, no apartamento, várias coisas, assim, a gente tinha. Desde o começo a gente nunca pensou, assim, em vamos namorar só por namorar. A gente pensou vamos namorar, ficar junto e acabou. Tanto é que a gente começou a namorar dias depois que a gente se conheceu. Então, foi assim, a ideia da gente não era se curtir, deixando a vida levar. Tamo junto? Tamo junto. Então, os planos da gente era esse: vamo morar junto? Vamo! Vamo vender alguma coisa, então... a gente sempre teve esse pensamento muito de planos e sonhos juntos, sabe?

Túlio: _e aí, de repente, né, tudo isso foi... se tornou uma impossibilidade, né, pra você...

Rosa: _ sim. Foi, assim, eu não consigo explicar o que que passou... até hoje... a gente saiu pra jantar, depois, pra conversar sobre isso, pra ele tentar me explicar, mas eu não entendo como que, numa noite, a gente vai dormir, eu te amo, não sei o que, a gente olhava os móveis, enfim, e no outro, parou por aqui. Eu não consigo entender o que entrou na cabeça dele, o que fez... e foi no dia dos pais, ele fala muito disso, de quando ele olhou essas fotos, que quando relembrou a vida dele, quando ele olhou pro filho dele, ele teve esse lapso de consciência de que ele não conseguiria viver, porque ele passou 5 anos com ela e ele imaginava que ele ia passar 5 anos comigo e não ia dar certo de novo e ele ia pular pra outra... Eu não entendo muito, mas aí... foi assim, uma ideia na cabeça dele e parou. Parou ali, sabe? Então eu não consigo explicar o que motivou ele exatamente, o que que se deu ali que ele resolveu parar, né? Então, isso que me assustou, isso que me pegou de surpresa, porque não teve uma briga, não teve uma

traição, não teve nada. Não teve desgaste. Foi simplesmente: “_ não é isso mais que eu quero” e parou, sabe? Então, de uma hora pra outra o que a gente tava construindo ele não queria mais construir e assim foi.

Túlio:_ você sentiu como se tivesse sido traída, né? Objetivamente, não com outra pessoa, mas traída... éhh... no que vocês tinham planejado...

Rosa:_sim, eu sempre falo isso, assim... Inclusive, minha terapeuta ela falou muito isso comigo, minha psicóloga, que eu parava pra pensar nesse processo de luto, de me culpar e tudo, eu ficava, assim: meu Deus! Será que eu viajei na maionese? Será que eu tava vivendo um relacionamento só na minha cabeça, que só eu tava amando, que só eu não sei o quê? E ela falou: “_ não, Rosa, ele construiu com você. Se você tava delirando, ele tava delirando junto, porque ele te apresentava móvel, te apresentava apartamento, vocês iam fazer jantares com as famílias”. Tipo assim, então eu não tava da minha cabeça, ele alimentou em mim isso, sabe? Então não foi uma coisa de eu criar uma expectativa, de eu imaginar que a gente iria viver junto. Não! Ele falava pra mim, né? Era uma coisa dele tá delirando junto comigo, dele tá imaginando as coisas comigo. Então, eu ache que sim, eu fui traída nesse sentido, de que ele não teve esse cuidado de: “ eu tô sonhando aqui com ela, esse é um sonho dela e eu simplesmente vou parar”. Eu acho que se fosse pra ser assim, eu preferia que ele não tivesse sonhado, se ele não tivesse me dito tantas vezes eu te amo, que ele não tivesse me colocado na vida dele e eu colocado ele na minha, porque... eu não entendo. Até hoje é uma coisa que eu não consigo entender, o que que mudou. E aí o que ele me fala, assim, né, nas últimas conversas? Que ele sabe que ele pode tá perdendo uma mulher que ele sabe que é uma pessoa que fazia bem pra ele, pro filho dele e pra toda a família, que as nossas famílias têm um elo, então, assim, ele sabe de tudo isso e fala muito assim: “se for pra ser, depois você volta”. E pra mim isso... isso me machuca, sabe? Eu não consigo pensar assim: não, para, vamo dar um pause, um parênteses, depois continua. Não. No momento em que ele me deu um pause eu me devastei. Então, mesmo que eu volte, eu não volte a mesma. Eu não volto a mesma Rosa. Então, são coisas, são perguntas que eu não... eu não consigo entender por que foi assim. Acho que do mesmo jeito que a gente se apaixonou intensamente, a gente foi muito rápido, começou o relacionamento muito rápido, de uma hora pra outra isso terminou.

Túlio:_é como se fosse outra agora.

Rosa:_eu não sou mais a mesma. Não sou uma outra, totalmente diferente, mas eu não sou mais a mesma, com certeza. Eu até falo, assim, que eu... isso que eu disse, eu ter vivido dois relacionamentos que foi conto de fadas. Eu tinha uma visão muito do mundo cor de rosa, de eu confio... ainda tenho, eu sou meio boba nesse sentido. Mas depois dele eu não mergulho mais de cabeça. As outras relações todas eu mergulhava de cabeça. Essa agora, que eu mergulhei de cabeça, eu me entreguei, eu não mergulho, eu não mergulho mais, porque eu não... ele até fala que me traumatizou. Não sei se me traumatizou, mas eu, agora, essa doação eu não posso fazer de novo, porque, se eu me

doar e a pessoa terminar, errar comigo, eu já sei onde eu vou, eu vou pro fundo do poço e eu não quero. Então, eu não vou mais mergulhar de cabeça. Eu prefiro ser mais cautelosa, mais cuidadosa e viver menos emoções, talvez, mas manter essa segurança que eu não mantive nessa relação. Eu não deixei nada ali, nem uma moleta pra mim, fui de cabeça.

Túlio:_ racionalizar, né?

Rosa:_é, racionalizar, não ser tão emoção, não ser tão impulsiva, não ser tão entregue. Eu acho que eu saio diferente nesse sentido. Eu agora saio mais madura, né, com outros aprendizados, mas o principal é esse, eu não mergulho mais de cabeça.

Túlio:_ interessante que você, para além da percepção, autopercepção de sim, você diz que ainda é meio boba, né?

Rosa:_ sim [risos]...

Túlio:_ em relação a ideais, né, que vocês construíram...

Rosa:_ uhum... é novamente essa visão, assim, de olhar os meus defeitos, a olhar o que em mim ainda tem a ser melhorado, o que em mim... eu nunca culpo o outro. É muito louco isso, assim, de... eu é quem só [17:56], eu é que...

Túlio:_ não, eu falo mais... deixa eu só te interromper, assim, talvez eu não tenha me feito entender. Porque você fala que hoje, né, essa outra pessoa tende a racionalizar mais essa entrega, essa disponibilidade ao outro, mas, ao mesmo tempo, você... esse ser boba, né, pelo que eu entendi, se refere muito ainda àquela ideia de ser mãe, de ter um casamento e que uma pessoa pode vir a te preencher...

Rosa:_ ah, entendi. Quando eu me referi à boba, é não nesse sentido de ter um... essa imaginação do amor romântico e... meio infantilizada. Não. É um ser boba no sentido, assim, eu confio no outro, entende? Foi boba, assim, de... não essa ingenuidade da inocência, do... né? Realmente do infantil. É um bobo no sentido de sempre dou a chance, eu sempre sou a que dá crédito, sabe? Eu nunca vou desconfiada pra nada na minha vida. Eu confio, confio, e por isso muita gente já pisou em mim, muita gente já me enganou, muita gente já me machucou e dessa vez eu saio dessa relação com a sensação, assim, de eu preciso confiar menos. Não é que agora eu vou deixar... agora vou ser desconfiada ou vou ser fria, mas agora eu não vou acreditar. Não é porque... como aconteceu, né, dele chegar a dizer eu te amo e eu quero isso, vamo pro apartamento e vamo construir a vida da nossa família junto, não sei o que, que eu vou: ah, é isso, então, tá bem. Não. Eu vou começar: será? Não é? E aí, sabe, me fazer esses questionamentos, porque antes eu não fazia. Eu simplesmente ia, eu simplesmente acreditava. Então é boba nesse sentido.

Túlio:_ a vontade que isso tudo fosse real era maior...

Rosa:_é, porque eu me coloco no que... nessa sensação de que o outro vai ser como eu sou. Se eu falo pra você é porque é o que eu sinto, é o que eu quero. Então, eu espero de você que o que você me fala é o que você quer também. Então, sabe, essa visão... eu tenho muito, esperar dos outros a atitude que eu teria, o comportamento que eu teria. Acho que todo mundo tem um pouco disso. Então, no relacionamento eu também tenho. Então, se você tá me dizendo que você quer isso, que você tá construindo isso, eu vou acreditar, porque... se fosse eu, né? Mas, às vezes, eu vejo que não. Eu aprendi nessa relação que nem sempre o que a pessoa fala vai se concretizar em ação. Eu agora não vou dar todo o crédito, não vou dar todas as pistas, né? Eu era aquela que apostava. Agora mudou, agora alguma ficha tem que ficar pra mim. Então, eu vou com os pezinhos no chão vou mais cautelosa, vou com mais segurança, porque, senão, eu saio totalmente quebrada, né? Esse aprendizado que eu tive. Eu entro na relação, vou ser intensa, vou ter emoção, porque essa sou eu, mas eu não posso ser 100% isso. Eu preciso ser mais racional, eu preciso ter mais cautela, preciso não confiar em tudo o que me é dito. Acho que é boba nesse sentido, sabe?

Túlio:_mesmo que, talvez, você... como você mesma falou, né, você preserva em si o seu modo de ser próprio.

Rosa:_isso.

Túlio:_ que tem essa história, que acolhe essa história, isso tudo que determina de algum modo, né?

Rosa:_ uhum...

Túlio:_ na existência.

Rosa:_ sim, eu tenho muito forte isso em mim, de não deixar de ser quem eu sou. Eu posso melhorar, eu posso me poupar de certas coisas, me proteger um pouco mais, mas eu não vou mudar quem eu sou porque a vida, as circunstâncias simplesmente me impeçam. Então, assim, não é porque um carinha me machucou, me traiu, que eu vou ser a que não acredita mais no relacionamento, que acha que todos homens isso ou aquilo. Não. Eu continuo acreditando nas minhas coisas, acreditando no que eu sinto, na minha verdade, eu não sinto que eu tenho que mudar, eu não quero mudar meu jeito de ser.

Túlio:_ que verdade é essa?

Rosa:_ ah, as minhas crenças de que sim, que existe amor, que existe... verdade no sentido de... o que eu acredito que existe, assim, sabe, eu acredito... não sei, acho que é isso.

Não sei se é... a verdade é uma verdade no sentido de algo que eu acredito, sabe, e que eu acho que se eu acredito... não tenho muito como explicar, eu simplesmente acredito.

Túlio:_ok. A gente, assim, eu tô me dando por satisfeito. Vou encerrar nesse momento a gravação, a segunda parte, na verdade, da gravação...

Rosa:_ já foi longa [risos]...

Túlio:_ eu acho que foi o tempo que precisava ser.

Rosa:_sim, é verdade. Eu sou uma pessoa que eu falo muito. Assim, eu acho que eu me comunico bem, dá pra entender o que eu falo, mas eu sou muito prolixa. Então, eu vou falando, dando exemplo, mas acho que deu pra entender, né, assim...

Túlio:_não, mas foi ótimo. Eu me sinto até lisonjeado, inclusive, de você ter confiado em mim, de ter aberto uma parte pequenininha da sua vida, né, pra que a gente pudesse dialogar, pensar juntos...

Rosa:_ sim.

Túlio:_ e contribuir com a minha pesquisa. Estou encerrando nesse momento a gravação.

Rosa:_ certo.

Fim da Entrevista.

APÊNDICE B – DIÁRIOS DE BORDO

DIÁRIO DA ENTREVISTA COM JOANA

Neste dia acordei disposto. A janela estava aberta e ver o céu em tom cinza foi um dos meus primeiros lances. Como eu gosto dos dias cinzas!

A oportunidade de ouvir Joana se dá depois de algumas tentativas frustradas. Tanto que esta entrevista só acontece depois de quase dois meses de hiato em relação àquela que a antecedeu, que foi a de Bernardo. Sinto de cara a sua receptividade. Parece-me que ela aguardava ansiosamente o dia que nos encontraríamos. Diferentemente da ocasião da entrevista anterior, já não estava nervoso ou receoso com o que pudesse acontecer. Eu, de alguma forma, já sabia que ocorreria tudo bem. Realmente, como se tratava de uma entrevista sincrônica on-line, as preocupações com relação à viabilização do encontro se faziam bastante presentes. E se a internet “caísse” e não voltasse mais? Tudo bem que poderíamos marcar outro momento, mas não deixaria de ser, digamos, frustrante.

Esse primeiro contato aconteceu meio que como um ritual: agradei o aceite do convite, falei genericamente da pesquisa, li o TCLE, e em seguida, diante das suas concordâncias, proferi a pergunta direcionadora. Inquietava-me essa sensação de um procedimento ritualizado, mas reconhecia que, em verdade, o que estava fazendo era nada menos que tentar ser acolhedor. Às vezes, me espanto com essa minha capacidade de problematizar as coisas.

De pronto, logo percebi que Joana ainda estava muito fragilizada perante a sua perda. Ela repetia, talvez por vício de linguagem, constantemente a expressão “tá entendendo?”, como se precisasse a cada vez se sentir compreendida em sua dor. Joana fala da desconstrução do seu castelo, do castelo de amor, que era justamente os planos que nutria. A sua dor me convocava a sentar ao seu lado nas ruínas daquele castelo. Foi, precisamente, como eu me senti: envolvido. Estranhamente, tenho uma determinada capacidade de me teletransportar para lugares evocados por metáforas e imagens. Estive ali com Joana, observando algumas flores que cresciam entre as ruínas, mas não pude deixar também de perceber que a sua fala estava carregada de ressentimento.

Durante a entrevista me dei conta do quanto é possível criar realidades, caminhos, vislumbrar sentidos, no silêncio atento. O silêncio é fazedor de caminhos. Meu silêncio me ajudava a receber os ideais de Joana com o seu ex-companheiro, o seu castelo tornado cinza e pó, mas, ao mesmo tempo, o bom combate que ela travava para pô-lo de novo em pé.

Diante do sofrimento de Joana, começo a pensar que a morte de um ideal não começa propriamente a partir da sua dissolução. O ideal morre precisamente a partir da sua insurgência. Não pelo fato de que o traço fundamental da existência seja a transitoriedade das coisas, mas muito mais pelo fato de ser o ideal um lugar transcendental, que não tem lugar na vida concreta. O ideal é como um mesmo, parece nascer ele já condenado, visto a existência em si, imprevisível, repelir toda e qualquer sedimentação que procure engendrá-la num destino. O ideal iguala e não respeita o inteiramente outro, em torno do qual se constitui a transitoriedade da existência. Tudo é sempre outro, porque todo instante é único. Tudo é transitório. Recordo agora um dos belos aforismos de Fernando Pessoa que um dia tive a sorte de ler: “Tudo quanto vive, vive porque muda; muda porque passa; e, porque passa, morre. Tudo quanto vive perpetuamente se torna outra coisa, constantemente se nega, se furta à vida”.

Ainda em mim se inscrevem aquelas palavras. E em mim não permanecem. Nem poderiam, aliás. Ao mesmo tempo em que eu fui profundamente afetado por certa compaixão pelo o que ouvia, me tomava um secreto júbilo: meu espírito acabou de receber uma dádiva.

Termino a entrevista com Joana com um sentimento estranho de sobriedade. É como se ouvir aquela narrativa me colocasse definitivamente no lugar de pesquisador e, assim, no lugar ético-político que o ato de pesquisar suscita. É talvez hoje um marco zero, uma linha demarcatória que anuncia a apropriação do meu modo de ser pesquisador e, em última instância, do meu modo de ser psicólogo. Fora afetado em diversos momentos da entrevista com essa estranheza, na medida em que a minha colaboradora misturava os seus afetos as suas lágrimas. Ouvi-la em seu desespero foi revisitar a minha condição temporal, espacial e corporal de ser. Foi como se o tempo não passasse, mesmo que já estivéssemos em quase uma hora de entrevista; foi como se não houvesse a distância entre as nossas presenças, separadas geograficamente de um estado a outro; e como se as batidas do meu coração acolhessem tudo o que ia se revelando em suas palavras e em minhas compreensões; e como se isso tudo me desse a conhecer de novo, como um dia foi primeira vez, aquele cinza no céu como uma graça. Aliás, penso que seja esta uma das marcas da pesquisa fenomenológica: poder ser recebedor dos mistérios erigidos nas coisas, nos sentidos, nos afetos...

DIÁRIO DA ENTREVISTA COM MARIA

Tínhamos remarcado o nosso encontro, já que, por força das circunstâncias, o que fora previamente acordado não tinha sido possível. Depois remarcamos de novo. Até que,

mesmo remarcando, fizemos uma experiência com o acaso e, numa troca de mensagens, o encontro, que tinha sido marcado para uma hora específica, acabou acontecendo antes. Foi realmente bem complicado, em princípio, acertar uma data e um horário próprio para a execução da entrevista, afinal, Maria é de Rio Branco, no Acre, e o fuso horário lá é diferente. Quis o universo, ainda assim, que nos encontrássemos e eu pudesse acompanhá-la naquele momento histórico da sua passagem.

Depois de muito tempo, ouvi a palavra desespero em meu fazer como psicólogo. Hoje, como pesquisador, inapartado do meu olhar clínico, vem essa palavra ao meu encontro e eu sinceramente não sei como a escuto, não sei o que possibilita em mim a escuta dessa palavra, de modo a não encontrar palavras para narrá-la neste momento. Fiz a passagem, então, sem a pretensão de encontrar palavras para tecer os meus registros. Estar com ela era a minha palavra e também o meu silêncio, sendo o silêncio um modo específico de dizer uma palavra essencial. Eu podia dizer-me palavras essenciais ao ouvi-la silenciosamente. Palavras que procuravam compreendê-la em sua situação hermenêutica, as vozes na sua tradição que anunciavam que determinam a sua experiência.

Como nas outras duas entrevistas, chegava extasiado a seu fim. Cansado também, mas satisfeito. Nem feliz nem triste: eu apenas me despedia reafirmando em mim mesmo uma velha sensação de que já não seria o mesmo. O universo estava conspirando a meu favor? Enquanto não dou conta de responder a esta questão, contemplo o não-saber. E nessa solidão, entre ruídos de uma pesquisa confinada e meditações, rumo para outra paragem...

DIÁRIO DA ENTREVISTA COM BERNARDO

É de manhã. Fiz os últimos ajustes com a internet e, tão logo eram anunciadas no relógio as 8h, Bernardo me chama via mensagem eletrônica. Devido a estes ajustes, me atrasei para a criação da sala no Google Meet, que intermediaria o nosso encontro. Enviei o link com certa apreensão, afinal, era a minha primeira vez como pesquisador fazendo acontecer a pesquisa de fato. Bernardo tinha sido muito solícito e bastante flexível em sua disponibilidade a ser colaborador. Esperei na sala de conferência, bastante nervoso, e não demorou muito para que ele adentrasse ao ambiente. Conversamos um pouco, antes de tudo, sobre a importância da pesquisa e tudo o que a envolvia. Aos poucos me senti à vontade. O curioso é que a própria companhia do meu colaborador, seu tom de voz, o modo como articulava as suas palavras iniciais contribuíram para isso. Leio para ele o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Terminando de ler, Bernardo assente, de início, silenciosamente os termos propostos

e em seguida afirma que estava tudo bem. Leio para ele a pergunta direcionadora como uma decisão, lembrando despretensiosamente de uma frase do filósofo Byung-Chul Han: “com a dor começa a narrativa”.

A entrevista transcorreu no mesmo tom, quase silenciosa. Bernardo falava de uma condição mais “apaziguada” em relação a sua dor. No entanto, a perplexidade, de algum modo, acompanhou a minha escuta, em face ao período pandêmico o qual estamos inseridos ter aparecido de forma bastante significativa em sua fala. Fiquei a refletir sobre as repercussões do isolamento da quarentena no coração humano.

Estar-junto dessa pessoa, ouvi-la em sua singularidade, foi como transitar entre aquilo que pré-compreensivamente me dava certa segurança no campo de manifestação da pesquisa, do lugar em que caminho, e a estranheza no encontro com o radicalmente inaugural em sua fala. Penso que, de algum modo, essa entrevista também tenha me sido uma passagem. Fazia eu, no contexto da situação hermenêutica que me torna possível, a passagem na qual sou tocado pelas palavras reveladoras de afetos invisíveis, como toda dor humana, mas que se tornavam visíveis nos olhos e nos ouvidos que humildemente oferecia a Bernardo.

Esta entrevista, talvez por ter sido ela a primeira, me mobilizou de um certo frescor de aventura, de modo que eu pude transitar em mim mesmo, entre o que eu conhecia de mim e de tudo o que envolve a perda e o luto na minha vida, e o mistério que acompanhava o que eu ouvia. É como se, de algum modo, eu fosse me apropriando cada vez mais desse lugar de pesquisador, do lugar de uma pessoa que está possibilitando visibilidade à invisibilidade de uma dor, escuta às vozes inaudíveis do luto no cotidiano. Foi também mobilizador identificar na fala do meu colaborador o quanto a experiência clínica é fundamental para que a hermenêutica da perda, do *coração partido*, possa ser acolhida em suas possibilidades de sentido.

Para além de algumas intempéries, tanto físicas quanto de logística, mesmo, eu penso que esta entrevista ocorreu bem. Não digo como esperado, visto eu ter me aberto à possibilidade de não esperar nada, de apenas caminhar-junto no diálogo. Digo que me possibilitou, ao menos naquele momento, abrir-me radicalmente ao que se desvelava no dizer do entrevistando. E ainda que eu já estivesse, como psicólogo, mais familiarizado com as entrevistas on-line, a convicção de que nada era igual fora potencializada de um modo que eu não consigo ainda conceber. Não sei. Enquanto ele falava e me dava a honra de ouvir e ser afetado por uma pequena parte de sua vida, algo na minha vida se modificava de certa forma. E estou convicto de que esta visão é muito menos romântica do que se imagina.

Intrigante para mim também o momento o qual Bernardo me revela que só aceitou dar essa entrevista por já poder falar de um lugar mais “apaziguado”. Isto só realça a importância dos cuidados éticos com os enlutados. Afinal, esta pesquisa tornava visível a sua dor, ainda por demais marginalizada no contexto da masculinidade. O homem com o *coração partido* é tido como fraco em nossa sociedade. Uma dissolução amorosa para o homem, nesse sentido, precisava ser encarada de modo que a sua fragilidade fosse apagada.

Após me despedir de Bernardo, ao final da entrevista, uma sensação estranha me invade. Acontecia como se estivesse faltando algo, como se precisasse ter explorado mais alguns afetos que se espalharam em sua narração. Todavia, deixo para mais tarde esta inquietação. De fato, tenho dessas brigas com as minhas insuficiências e confesso o quanto tem sido difícil para mim conviver com elas. A impressão que dá é que, nesta pesquisa, tenho a oportunidade de ser recolhedor de vazios. O ponto é que quando os contornos dos horizontes nesses vazios me tocam, ficam eles insustentáveis. Eu precisava aprender a padecer...

São fios que vão se tecendo, que vão se en-caminhando neste momento histórico que é o meu enquanto pesquisador do luto. Fios intermináveis, visto que não visio chegar a algum lugar e, de algum modo, antes de começar a entrevista, me dei conta disso. Mas eu penso que esta pesquisa é um caminho existencial possível pelo qual me dou a oportunidade de destinar-me ao mistério, a uma experiência desalojadora no desconhecido, no sentido do que sempre vai ser inapreensível, ainda que ressoe em mim uma possibilidade compreensiva. Naturalmente, portanto, consigo reconhecer que este lugar não é necessariamente um lugar, mas um modo de estar-no-mundo, de ser-com-os-outros, enfim, um modo de ser-pesquisador, de se aventurar pelo tecido e pelo destecido que constrói e desconstrói o que re-colho, escuto, e compreendo, interpretando no movimento irrealizável da atitude fenomenológica em pesquisa. Atitude que busca pensar o impensado no simples da existência, como um dia propôs Heidegger, e que só se torna pensável na medida em que se mostra e foi se mostrando, em específico, ao longo dessa narrativa.

Bernardo me ofereceu pegadas. Saberei eu torná-las caminhos?

DIÁRIO DA ENTREVISTA COM ROSA

Os dias em que eu vou a campo são dias diferentes. Não no sentido de serem raros, mas uma coisa flutua no ar e eu sinceramente não posso discernir agora. Talvez o fato de que a entrevista com Rosa foi feita presencialmente está tornando esse dia no campo ainda mais

diferente. Não sei, não consigo saber. Mas posso dizer que transcorreu com tranquilidade o combinado para o encontro. Sugeri meu consultório, entretanto, Rosa tão logo pediu que fôssemos para um lugar mais informal. Optamos por um café em um bairro do Recife, portanto. Na ocasião em que decidimos, recordo de os meus pensamentos terem me levado para as aulas na especialização e do início do mestrado, quando refletimos sobre a necessidade de os profissionais e as profissionais de psicologia transporem as barreiras do consultório. Lembrei do ensinamento da professora Carmem Barreto sobre a ação clínica. Tudo isso contribuía, inclusive, para que aquela minha sensação de que estaria metodologizando esse momento de pesquisa fosse desarticulada e rearticulada em um novo horizonte compreensivo.

Chegada a hora, rumo para o local marcado. O trânsito estava tranquilo, por mais incrível que pareça no Recife. Chego primeiro ao lugar e logo tento me dirigir para uma mesa mais reservada. A mesa que fora possível conseguir não era lá das melhores. O lugar é extremamente agradável. Parece que a natureza me abriga em seu vir-a-ser. Peço um café e aguardo, também, por incrível que pareça, de modo sereno. Já não estou tão nervoso o quanto estivera antes por ocasião das outras entrevistas... Curioso, parece que estou reaprendendo a ver tudo o que vem ao meu encontro. De fato, a fenomenologia me ajudou a repensar muita coisa, a olhar a minha vida com mais serenidade. Serenidade esta que me ajuda a re-posicionar o meu olhar em direção ao que estou investigando, a minha profissão, ao que procuro existencialmente... Quanto ao que procuro, por exemplo, hoje aceito sem ressalvas, mas com profunda inquietação que não procuro nada de mais profundo nas coisas, que não o que delas puder ter a graça de ter olhos para ver... Deixo-me simplesmente ser tocado pelo curso das coisas, pelas memórias, pelo lugar de minhas próprias possibilidades... irrompe em meu pensamento um conceber: eu, definitivamente, deixava-me ser surpreendido, renunciava ao que me reivindicava como existente, mas, ao mesmo tempo, confesso, me inquietava fazer uma experiência com o desconhecido.

A entrevista transcorreu como um vislumbre. De repente, me via com Rosa em seu fundo do poço. A sua fala alcançava profundidades em mim que até então eu não conhecia. Fiquei pensando justamente como seria estar, literalmente, no fundo de um poço, tentando escalá-lo e imediatamente escorregando pelas suas extremidades lodosas. Essa metáfora utilizada por Rosa para descrever realidades no seu sofrimento que, talvez, nem mil palavras poderiam descrever, mobilizava em mim o que em mim também se apresentava como estrangeiro. Era como se, de fato, apenas um pedaço do céu distante pudesse acolher a invisibilidade daquele sofrimento... Enfim, aquela fala despertava em mim certa sensação de

impotência ante ao seu sofrimento, mas, ao mesmo tempo, me informava da necessidade de um pesquisador do luto saber padecer e angustiar-se na voz do sofrimento do outro. Olhava para os seus olhos e via as suas marcas. Talvez, nem precisasse Rosa dizê-las com palavras, visto que tudo o que lhe escapava me dizia.

Uma certa imortalidade incorporamos, quando deixamos as coisas serem elas mesmas. Na verdade, nos tornamos um pouco de tudo o quanto deixamos ser diante dos nossos olhos. Rosa fazia essa experiência com a sua perda, com aquela ausência e, desde então, parecia ser ela uma luz que não iluminaria, de todo, os mistérios que a envolviam, mas apontaria um caminho nela mesma, pelo qual poderia se lançar a um horizonte de sentido outro em seu coração. E é justamente este o caminho mais difícil de se fazer.

Desvelavam-se doces inconclusões e, confesso, eu nitidamente transitava entre uma busca por definições e a sustentação, corajosa até, do que era impassível de apreensão. Mas não me defendia deste modo de estar com a minha colaboradora. O caminho fenomenológico, como o entendo, nos ajuda a chegar a certas conclusões. Todavia, não se encerra aí. As conclusões, em verdade, são novas perguntas, perguntas conduzidas pela pesquisa em si, nos pontos de tensão entre a minha experiência e a experiência do outro.

Naturalmente, mil outras impressões se desvelavam nos meus pensamentos debaixo de mil asas que, ao mesmo tempo, as levavam para longe. Longe sempre um horizonte. Tal qual descrevo agora, como impressão ligeira da experiência amorosa de Rosa, dos seus limites, distâncias e profundidades...

Gosto de crer que o amor não começa na troca de olhares nem na construção da convivência. O amor entre duas pessoas, ao que me parece, não tem origem. O amor não começa, ao menos, num ponto localizado na história, não é um acontecimento que situa o amor e o determina nas existências. O amor começa quando as pessoas não esperam um começo. É algo como abrigar a incontornabilidade mesma do amor.

Tal como não começa em determinado ponto, quer dizer, tal como o seu começo parece se perder no infinito, posso dizer que o amor não acaba, ainda que não haja mais razão ou motivo. Aliás, de que motivos ou razões o amor precisa? A razão do amor é justamente não ter razão, pois em meio às razões o amor perde a razão de ser. E observo que essa presciência é fundamental para que a experiência do amor se desvele sem as marcas do destino e das outras tantas sedimentações que o substancializam. O amor começa, enfim, não começando. O amor começa muito antes de se saber que é amor e da decisão de unir. O "nós" seria apenas a consagração de uma destinação, na qual se constitui o ser humano desde antes. O amor começa muito antes, na escuta, como disse um dia Rubem Alves. Não na

escuta dos apelos do outro, mas na escuta de um chamado em nós mesmos, inlocalizável, que nos fala da urgência para a construção de pontes que ligam a experiência amorosa à eternidade. Eternidades que não se consumam em certos pontos de chegada, remissões a pontos outros e imaginários de partida. Eternidades que simplesmente revelam o eterno tal como se mostra a cada instante no existir. Eternidades sem eternidades, não-suspensas, mas integradas ao que da vida manifesta e chama: o amor como um partejado que não vem necessariamente à luminosidade, mas que é reconduzido às sombras do caminho, onde não são possíveis as ilusões, as expectativas, os ideais que acrisolam. O amor, em suma, como uma entrega à pura e sempre renovada possibilidade de amar. Imortalidade sem o estigma do sem fim, isto é, imortalidade enquanto imortalidades possíveis no horizonte do tempo.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título: QUANDO O AMOR ACABA: compreensão fenomenológica hermenêutica da experiência do luto

Pesquisador: Túlio Luiz Santos Pereira Henriques

Orientadora: Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

O Sr.(a) está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa: **QUANDO O AMOR ACABA: compreensão fenomenológica hermenêutica da experiência do luto.**

A sua participação não é obrigatória e o Sr.(a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento a qualquer tempo da pesquisa sem prejuízos para com o pesquisador. O objetivo da pesquisa é compreender a sua experiência de rompimento com o seu par amoroso.

A participação do Sr.(a) acontecerá através de uma entrevista sobre a temática, em local programado e reservado a seu critério. A entrevista será gravada com a sua autorização. As gravações seguirão os critérios de sigilo da pesquisa, ou seja, seu nome ou qualquer outra identificação que esteja ligada ao Sr.(a) serão protegidos.

No momento da entrevista, caso apresente algum desconforto, receio ou medo de responder às questões propostas, estará aberta a possibilidade de interrompê-la, ao que poderá dispor do suporte necessário através do acolhimento por parte do pesquisador, que tomará as medidas cabíveis a fim de reduzir quaisquer danos que possam lhe trazer impactos negativos.

Os benefícios relacionados a sua participação estão ligados ao aprofundamento dos estudos sobre o luto na comunidade científica. Com isso, estima-se que a compreensão da experiência do enlutado no âmbito dessa pesquisa possibilite a reflexão sobre a prática do psicólogo, bem como ofereça um canal de escuta onde essas experiências, não raras as vezes invisíveis em nossa sociedade, possam ser narradas e acolhidas.

Ao participar da entrevista o Sr.(a) estará contribuindo para que pessoas enlutadas sintam-se reconhecidas em seus pesares, em nome de uma sociedade mais solidária à dor humana.

Em qualquer momento, o Sr.(a) poderá pedir esclarecimentos ao pesquisador responsável e/ou ao Comitê de Ética da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), sobre todas as etapas da pesquisa e quaisquer outras dúvidas que eventualmente surgirem.

A narrativa recolhida neste espaço será discutida com os atores sociais participantes da pesquisa, objetivando propiciar compreensões e possibilidades de posicionamento ético-político frente às questões das perdas que afetam o existir desde sempre.

As informações coletadas durante a pesquisa serão tratadas com rigoroso sigilo, sendo os resultados encontrados divulgados publicamente, sem a exposição da identidade, garantindo o anonimato do participante. O pesquisador ainda se responsabiliza pela guarda do material da pesquisa, desde o processo de seu recolhimento até a publicação dos resultados.

O Sr.(a) receberá uma via deste termo onde constam o telefone e o endereço do pesquisador, em que pese a garantia do esclarecimento de suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pelo seguinte número de telefone (81) 9.9742-7400 ou através do e-mail tlsantos17@gmail.com o pesquisador estará disponível.

APÊNDICE D – DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Nome: Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Assinatura: _____

Endereço completo: Rua do Príncipe, 526, Boa Vista, Recife- PE, CEP: 50050-900.

Telefone: (081) 21194326

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na RUA DO PRÍNCIPE, 526 – BOA VISTA – BLOCO C – 3º ANDAR, SALA 306 – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE: (81)2119-4041 ou 2119-4376 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: cep_unicap@unicap.br

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

Recife, ____ de _____ de ____

Sujeito da pesquisa

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP SRTV 702, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-000 - BRASÍLIA-DF .

NOTAS

CAPÍTULO 4: OS FIOS QUE TECEM O AMOR: interrogando o enlaço da finitude aos modos de amar no horizonte histórico da técnica

- [1] TRISTÃO E ISOLDA: Estamos na época em que, conta a lenda, o rei Arthur e seus cavaleiros se sentavam em torno da Távora Redonda, em Camelot. Tristão, nosso herói, é órfão. O irmão de sua mãe, o rei Marcos da Cornualha, leva-o para viver em seu castelo, em Tintagel. Quando chega à idade de se tornar cavaleiro, Tristão mata Morholt, o gigante irlandês que vem pra cobrar seu tributo de donzelas e jovens da Cornualha. Ferido mortalmente pela zarabatana envenenada de Morholt, Tristão sua espada e sua harpa e implora para ser lançado à deriva em um barco sem vela nem remo. O barco aporta na Irlanda, cuja rainha é a única pessoa que conhece o segredo do veneno que está matando Tristão. Infelizmente, ela é a irmã de Morholt. Portanto, Tristão não revela seu nome nem como foi ferido, enquanto Isolda, a filha da rainha, cuida dele e o traz de volta à vida. Ele retorna a Tintagel. Alguns anos depois, Tristão é enviado numa expedição de busca. O rei Marcos quer que ele encontre a mulher a quem pertence um fio de cabelo loiro como ouro, trazido por um pássaro, porque ele está determinado a casar com ela. Uma tempestade faz com que Tristão volte a aportar na Irlanda e, mais uma vez, ele encontra Isolda. O fio de cabelo é dela. Eles partem para a Cornualha para que ela se torne rainha, mas não antes de ela tentar matar Tristão ao saber sua identidade. Durante a viagem eles bebem, por engano, uma poção do amor preparada pela mãe da jovem e que se destinava a Isolda e ao seu tio Marcos. De súbito, eles se apaixonam loucamente e caem nos braços um do outro. Contudo, Tristão, ainda movido pelo dever, leva Isolda para o rei. Ela o desposa. Ajudada por um artifício engenhoso, a criada de Isolda (que dera à jovem e a Tristão a porção por engano) expia sua culpa, tomando o lugar de Isolda no leito nupcial, na noite do casamento. Uma série de trapaças de outros cavaleiros dessa Corte do rei Marcos acabam por persuadir o rei (apesar de esplêndidos contra-ataques de Tristão) de que a rainha e Tristão são amantes (e eles são). Isolda é entregue a cem leprosos, e Tristão é condenado à fogueira. Através de uma proeza fantástica, Tristão consegue fugir à execução e salva Isolda dos leprosos. Os amantes se escondem na floresta de Morrois. Uma dia, na floresta, o rei Marcos os encontra por acaso quando estão dormindo. Tristão havia colocado sua espada desembainhada entre ele e Isolda, o rei supõe que isso signifique que são inocentes da acusação de adultério. Ele vai embora sem acordá-los, deixando sua própria espada no lugar da de Tristão. Os amantes permanecem na floresta, onde vivem uma vida "rude e difícil". Ao final de três anos a poção do amor se esgota. Imediatamente, Tristão se arrepende de ter traído o rei, e Isolda gostaria de ser rainha outra vez. Com a ajuda do eremita Ogrin, Tristão propõe paz ao rei e diz que entregará Isolda. O rei Marcos promete perdôá-los, e os amantes retornam a Tintagel, onde se separam, não de Isolda jurar que se reencontrará com Tristão se ele fizer um sinal, pois "nem torre nem parede nem fortaleza" poderão impedir que ela faça o que ele quiser. Eles têm vários encontros secretos. Novas aventuras levam Tristão para longe de Isolda, e ele acaba por acreditar que ela não o ama mais. Por causa disso, ele se casa com outra Isolda, "por seu nome" e também como dizem, só no nome, porque ele ainda suspira pela bela Isolda. Tristão está mais uma vez à beira da morte com um ferimento envenenado. Ele manda buscar a rainha de Cornualha, a única que pode salvá-lo. Quando o navio dela se aproxima, Isolda içava uma vela branca, que significa esperança. Mas a mulher de Tristão, atormentada pelo ciúme, diz a ele que a vela é preta. Tristão se desespera e morre. Pouco tempo depois, Isolda chega. Vendo-o morto, ela se deita a seu lado e o abraça, morrendo também. (Kreps, 1992, p. 68-69-70)

CAPÍTULO 6: OS FIOS QUE TECEM O CORAÇÃO PARTIDO: compreensão fenomenológica hermenêutica da experiência de sofrimento em-situação de rompimento do par amoroso

6.3 Coração-Bernardo: da expulsão do paraíso à experiência do exílio

- [1] ADÃO E EVA (Transcrição feita no livro de Renato Noguera “Por que amamos?: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor”).

Depois de criar o homem à sua imagem e semelhança, Deus fez com que Adão caísse em um sono profundo e arrancou-lhe uma costela. Dela, Deus criou a mulher. Ao encontrá-la, Adão disse a ela: “Esta, sim, é osso dos meus ossos, e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porquanto do homem foi extraída”. E ali, no paraíso, Deus ordenou que se tornassem ambos uma mesma carne. Os dois estavam nus e não se envergonharam. Deus havia feito apenas uma única restrição ao casal. Poderiam se aproveitar de tudo no Éden, menos do fruto de uma única árvore, ou então morreriam. Certo dia, uma serpente apareceu e convenceu Eva a experimentar da maçã proibida, que ela também ofereceu ao seu marido. Imediatamente, seus olhos se abriram, e, notando que estavam nus, ambos se cobriram com folhas. Ao descobrir, Deus expulsou Adão e Eva do paraíso, mas não sem antes amaldiçoar a ambos e disseminar a discórdia entre o homem e a mulher*.

- [2] EROS E PSIQUÊ (Transcrição feita no livro de Renato Noguera “Por que amamos?: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor”).

Era uma vez um rei e uma rainha. Eles tinham três lindas filhas. A mais bonita de todas era a caçula, Psiquê, cuja beleza era comparada à de Afrodite, a deusa do amor. Diante da semelhança, muitos passaram a cultuar a princesa, deixando o templo da deusa largado às moscas. Enciumada, Afrodite resolveu mandar seu filho, Cupido, castigar Psiquê, fazendo com que ela se apaixonasse por um terrível monstro. Naquela época, o rei e a rainha buscavam um marido à altura da filha, mas os homens se sentiam intimidados com tanta beleza e ninguém ousava desposá-la. Sem saber mais o que fazer, os reis decidiram, então, visitar um oráculo, que os aconselhou a levar Psiquê a um rochedo, pois, do contrário, ela acabaria se casando com uma horrível criatura. Quando a princesa Psiquê chegou à beira do precipício, Cupido apareceu para cumprir sua missão. Ele precisava flechá-la e convocar um ser abissal para satisfazer o desejo de sua mãe. Porém, ao pegar uma de suas flechas, ele se feriu justamente quando Psiquê o viu. Apaixonado, Cupido decidiu levá-la para viver com ele, pedindo que Zéfiro, o vento, conduzisse sua amada para um castelo de ouro no céu. Ao chegar lá, Psiquê ouviu uma voz misteriosa anunciando que seu novo amante chegaria à noite e que ela deveria esperá-lo no escuro, sem ousar tentar ver seu rosto. Quando Cupido retornou, os dois dormiram juntos. Com o passar do tempo, Psiquê sentiu saudades da família e pediu para vê-la ao menos mais uma vez. Depois de muita insistência, Cupido permitiu que as irmãs da princesa visitassem o castelo. As irmãs também estavam curiosas para conhecer Cupido, que nas palavras de Psiquê parecia perfeito: cheiroso, de hálito fresco, voz aconchegante e máscara e braços fortes, além de lhe satisfazer todos os desejos. Quando chegaram ao castelo e viram a vida suntuosa e feliz de Psiquê, as irmãs sentiram muita inveja. Em razão disso, as irmãs acabaram por semear o fruto da discórdia entre o casal, insinuando que Psiquê não deveria confiar em quem não mostra o rosto. Então, um belo dia, ela disse a Cupido que gostaria de vê-lo, mas ele insistiu em não permitir. Envenenada pelas irmãs, Psiquê se utilizou de uma artimanha e, no meio da noite, acendeu uma lamparina. Quando viu o

rosto do amado, Psiquê se desequilibrou diante do esplendor de sua beleza e se feriu com uma de suas flechas, derrubando óleo em Cupido. No instante em que ele gritou de dor, ela se apaixonou novamente por ele. Cupido, entretanto, ficou extremamente magoado com a traição da amante e foi embora, dizendo a Psiquê que nunca mais o veria. Aos prantos, ela implorou para que o deus do amor não a abandonasse. Sem ter mais o que fazer, Psiquê foi ao templo de Deméter, a deusa da agricultura, para se distrair com a colheita. Ao ver a jovem tão abatida, Deméter sugeriu que Psiquê fosse até o templo de Afrodite com humildade para tentar aplacar sua fúria. Diante do apelo humilde da princesa, Afrodite decidiu que a ajudaria, mas somente se Psiquê cumprisse uma série de tarefas. A primeira delas era separar, em uma única noite, os grãos de milho dos de cevada, papoula, ervilha, lentilha e feijão de toda a colheita. Psiquê começou a se dedicar à missão que sabia ser impossível, mas acabou dormindo no meio da noite. No entanto, graças a Deméter, formigas apareceram durante a noite e concluíram o desafio por ela. Espantada com o sucesso da menina, na manhã seguinte, Afrodite mandou que Psiquê lhe trouxesse lã dourada de carneiros ferozes. Mais uma vez, era muito difícil cumprir a tarefa determinada pela deusa do amor. Porém, de novo, Psiquê recebeu ajuda divina. O deus Aqueloo, um deus-rio, instruiu a jovem a subir numa árvore próxima do local onde os animais costumavam beber água, pois ela continha pedaços de lã presos em seus galhos. De novo espantada com o sucesso da princesa, Afrodite ordenou-lhe que trouxesse água da nascente do rio Estige. Dessa vez, Psiquê estava certa de que não iria conseguir, pois a montanha da qual o rio brotava era tão grande que os olhos humanos não conseguiam ver seu topo. Contudo, Zeus, o rei do Olimpo, mandou sua águia pegar um pouco da água e entregá-la a Psiquê. Ciente de que a jovem estava recebendo ajuda de outros deuses, Afrodite deu-lhe uma última tarefa, que deveria realizar sozinha: ir até Hades, deus do mundo dos mortos, e pedir a Perséfone – a sobrinha sequestrada de Hades e deusa das ervas, flores e perfumes – um pouco de beleza. Psiquê, entretanto, não poderia, de forma alguma, olhar dentro da caixa que lhe seria entregue. O problema era que um mortal só poderia entrar no mundo de Hades se morresse. Então, Psiquê chegou à conclusão de que deveria se matar. Mas, quando seus pés estavam na beira do precipício, uma voz sussurrou em seu ouvido uma alternativa: bastava pagar duas moedas para Caronte, o barqueiro de Hades, na ida e levar pão de cevada com mel para Cérbero, o cão infernal de três cabeças. Mais uma vez, Psiquê conseguiu cumprir a tarefa. Porém, antes de entregar a caixa a Afrodite, ela fica curiosa com o que poderia ter ali dentro. Então, pensando que se conseguisse pegar um pouco de beleza a mais para si seria capaz de reconquistar seu amado, Psiquê resolveu abrir e olhar o interior da caixa. Mas, ao fazer isso, ela foi envolvida por uma névoa e desfaleceu. De longe, Cupido observava os esforços de sua amada e, por meio do seu poder restaurador, conseguiu recolocar a névoa de volta na caixa, e a ressurreição de Psiquê foi comemorada com um beijo. Cupido, então, resolveu ir até Zeus para que ele o ajudasse a lidar com sua mãe. Em troca, Zeus exigiu que Cupido flechasse belas mulheres escolhidas por ele. Depois do acerto, Zeus acalmou Afrodite e os dois amantes se casaram. Do matrimônio, tiveram uma filha, Volúpia, o prazer e a alegria do amor.